

Ligado na Galera

Juventude, Violência e Cidadania na Cidade de Fortaleza

.....

César Barreira (Coord.)

Domingos Abreu • Geovani Jacó • Rosemary Almeida

Leonardo Sá • Diocleide Ferreira • Janaina Zaranza • Rosângela Pimenta

Miriam Abramovay • Glória Diógenes • Júlio Jacobo Waiselfisz



Ligado na Galera

**Juventude, Violência e Cidadania
na cidade de Fortaleza**

Edições UNESCO Brasil

Conselho Editorial

Jorge Werthein
Maria Dulce Borges
Célio da Cunha

**Comitê para a Área de Ciências Sociais e
Desenvolvimento Social**

Julio Jacobo Waiselfisz
Carlos Alberto Vieira
Maria das Graças Rua
Stelio Dias

Assistente Editorial

Rachel Dias Azevedo



Representação no Brasil
SAS – Quadra 5 – Bloco H – Lote 6
Ed. CNPq/IBICT/UNESCO – 9º andar
70070-914 – Brasília – DF – Brasil
Tel: (55 61) 321-3525
Fax: (55 61) 322 4261

E-mail: UHBRZ@unesco.org

César Barreira (coord.)

Domingos Sávio Abreu, Geovani Jacó de Freitas, Rosemary de Oliveira Almeida, Diocleide Lima Ferreira, Janaina Sampaio Zaranza, Leonardo Damasceno de Sá, Rosângela Duarte Pimenta

Supervisor Técnico: Júlio Jacobo Waiselfiz

Consultoras: Miriam Abramovay, Glória Diógenes

*Equipe de Estatística: Anna Luzia Maria Pontes Moreira Gosson,
Maria Zélia Maia Honlanda.*

Ligado na Galera

Juventude, Violência e Cidadania na cidade de Fortaleza

Copyright © 1999, Edições UNESCO Brasil

Revisão: Vianney Campos de Mesquita

Capa: Edson Fogaça

Ligado na galera, juventude, violência e cidadania na cidade de fortaleza / coordenação de César Barreira et al. - Brasília: UNESCO, 1999. (Edições UNESCO).

Inclui referências bibliográficas

1. Juventude - Fortaleza - Conduta
2. Violência 3. Cidadania I. Barreira, César, coord. I. UNESCO II. Série

Todos os direitos reservados. A reprodução desta publicação, é permitida desde que citada a fonte

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	007
INTRODUÇÃO	009
OBJETO DA PESQUISA	009
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	016
CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	022
GLOSSÁRIO	027
CAPÍTULO I	031
CIDADE: REPRESENTAÇÕES E DELIMITAÇÕES DO ESPAÇO	031
FORTALEZA NA PERCEPÇÃO DOS JOVENS	031
ESPAÇOS DIFERENCIADOS E CLASSIFICAÇÕES ESTEREOTIPADAS	037
OS ESPAÇOS DA CIDADE E A ESTIGMATIZAÇÃO	041
FORTALEZA: DIVERSÃO E SEUS TAGONISTAS	043
TURMAS: ESPAÇOS NEGADOS	046
CAPÍTULO II	051
ESPAÇOS INSTITUCIONAIS DE SOCIALIZAÇÃO: A FAMÍLIA ..	051
FAMÍLIA E CLASSES SOCIAIS	053
GÊNERO: ESPAÇOS DIF ERENCIADOS	054
DIÁLOGO E VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA	056
RELAÇÕES COM O PAI: A AUSÊNCIA DE DIÁLOGO	058
MÃE: CONSELHEIRA E AMIGA	062
A VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA	065
A FAMÍLIA COMO LUGAR DE SEGURANÇA E DE DIÁLOGO ..	072
A FAMÍLIA E A DIVISÃO DE PAPÉIS: REGRAS PARA RAPAZES E MOÇAS	074
CAPÍTULO III	083
ESPAÇOS INSTITUCIONAIS DE SOCIALIZAÇÃO: A ESCOLA ..	083
A ESCOLA E SEU TRABALHO DISCIPLINADOR	084
VISÕES DE ESCOLA: UM NOVO LAR	086

A VALORIZAÇÃO POSITIVA DA ESCOLA	091
EXPECTATIVAS SOBRE A ESCOLA E A PROFISSIONALIZAÇÃO	097
A LÓGICA INFORMAL DA ESCOLA	105
ESCOLA: ESPAÇO DE VIOLÊNCIA?	109
CAPÍTULO IV	119
JUVENTUDE E CAMPO SOCIAL DA VIOLÊNCIA	119
JOVENS: VÍTIMAS PREFERENCIAIS	120
JUVENTUDE E POLÍCIA	149
CAPÍTULO V	155
O ESTILO JOVEM FAZENDO A DIFERENÇA: VALORES	155
VISÕES E VALORES	158
CAPÍTULO VI	173
O ESTILO JOVEM FAZENDO A DIFERENÇA: CIDADANIA E EXPECTATIVAS	173
SINAIS E CÓDIGOS: EXPRESSÕES DE CIDADANIA	191
VISLUMBRANDO HORIZONTES	217
FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL	220
AMPLIAÇÃO E CRIAÇÃO DE ESPAÇOS DE LAZER	220
EDUCAÇÃO E CIDADANIA	221
ADEQUAÇÃO E MELHORIA DO SISTEMA EDUCACIONAL ...	221
JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA	222
JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS	222
BIBLIOGRAFIA	223

APRESENTAÇÃO

Entre os problemas sociais que assumem, neste final de milênio, proporções preocupantes, a problemática da juventude e da violência ganha cada vez mais visibilidade, com forte apelo social. A juventude, na condição de vítima ou agressora, cobrindo diferentes segmentos sociais, ocupa, de uma forma marcante, as páginas da imprensa escrita e os noticiários televisivos.

A UNESCO, com o firme propósito de colaborar na compreensão desta problemática, traz a público mais um produto de pesquisa. Foram publicados anteriormente os livros “Juventude, Violência e Cidadania”, como resultado da pesquisa em Brasília e “Fala Galera” como fruto da pesquisa no Rio de Janeiro. Desta vez ganha o formato de livro a pesquisa realizada em Fortaleza.

Para esta pesquisa foi importante o apoio do Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da Universidade Federal do Ceará na coordenação e realização dos trabalhos. A pesquisa em Fortaleza contou com a colaboração de oito pesquisadores, que foram os responsáveis pela supervisão dos trabalhos de campo e da redação final do estudo. O trabalho de pesquisa em Fortaleza teve a consultoria das sociólogas Glória Diógenes e Miriam Abramovay e com a supervisão técnica de Júlio Jacobo Waiselfisz. A elaboração da amostra, como também toda parte concernente à estatística ficou sob a responsabilidade de Annuzia Maria Grosson e Maria Zélia Holanda. A participação competente dos profissionais citados foi fundamental para o resultado final, bem como para manter a unidade com as pesquisas dos outros Estados.

A pesquisa de campo teve a participação de quarenta estudantes da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará que aplicaram 900 questionários com jovens de 14 a 20 anos e 400 questionários com profissionais do ensino médio. Esta aplicação foi realizada nos meses de novembro e dezembro de 1998. Foram entrevistados aproximadamente 400 jovens, nessa mesma faixa etária, pelo método do Grupo Focal, em um total de 36 grupos, formados por um diversificado espectro: artistas, estudantes de colégios públicos e privados, infratores, skatistas, pixadores etc.

Para a concretização desta pesquisa, dentro de um esforço conjunto, é oportuno a colaboração do Governo do Estado do Ceará, do Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP), do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e da Universidade Federal do Ceará (UFC). Os estudos de Brasília, do Rio de Janeiro e de Fortaleza traçam um diversificado e complexo quadro da juventude no Brasil. A pesquisa em Fortaleza revela os anseios, as dúvidas,

as inquietações, os sonhos da juventude, mostrando uma realidade dramática e ao mesmo tempo carregada de esperanças. Revisar Fortaleza supõe um conhecimento crítico de sua população mais jovem inserida em uma realidade complexa que deve ser enfrentada não só pelos setores públicos, mas também pela sociedade em seus diversos segmentos. A riqueza de informação sobre a juventude de Fortaleza, dentro de um quadro diversificado e não homogêneo, representa um desafio pra futuras políticas públicas voltadas para este segmento social.

Estamos seguros de que a publicação e divulgação desta pesquisa, colocando à disposição dos estudiosos do tema e dos formuladores e executores de políticas sociais, resultados de investigação sobre o que pensam os jovens, representa mais uma contribuição à luta para edificar no Brasil políticas que conduzam a uma efetiva valorização da juventude.

Jorge Werthein
Representante da UNESCO Brasil

Viviane Senna
Presidente do Instituto Ayrton Senna

INTRODUÇÃO

O OBJETO DA PESQUISA

A temática da violência emerge na atualidade como um problema social de forte apelo emocional. No Estado do Ceará, principalmente em Fortaleza, as estatísticas da violência vêm se evidenciando, nos últimos anos, com maior força e em escala ascendente. Evidentemente, não é uma especificidade local, se relacionada às demais metrópoles brasileiras. No entanto, os dados sobre o crescimento da escalada das práticas de violência e seus impactos locais têm aumentado a cada ano. Esses índices têm contribuído para a produção de um “medo social” generalizado porque vem atingindo a todos, embora de forma diferenciada, sob vários aspectos. Esta pesquisa nos revela uma cartografia local da violência cujos fatos e representações sociais vão variar em grau e intensidade, dependendo do lugar e dos atores sociais relacionados.

Os dados oficiais revelam que o aumento da violência no Estado, em 1998, foi de 11% em relação a 1997, em se tratando de crimes de homicídios - aqueles considerados como “causa de violência externa”, somaram 3.100 corpos contra os 2.790 em 1997. Vale salientar que, desses, 44 vítimas foram crianças e adolescentes, o que representa 6,75% do total dos homicídios¹. Em se tratando da juventude, percebe-se que esta vem sendo diretamente implicada no fenômeno da violência atual, seja como vítima, seja quando considerada como agente “responsável” pelo fenômeno. Os mesmos dados acima revelam que 12 é o número de casos, no ano de 1998, em que os acusados são adolescentes. As relações sociais em que crianças e jovens estão inseridos os expõem e os tornam produtos sociais diretos das estruturas calcadas no desequilíbrio e nas desigualdades socioculturais .

Sob esta perspectiva, Fortaleza revela-se como um espaço marcado por fortes contrastes que se expressam em significativas desigualdades sociais, com rebatimentos no modo de representar a cidade e as práticas de seus habitantes. Embora a Cidade tenha alcançado elevado índice de crescimento nos últimos 20 anos², a concentração de renda da sua população aumenta

¹ Os números são da Divisão de Investigação Criminal (DIC), setor vinculado à Delegacia Especializada da Polícia Civil, divulgados em O POVO, 03/01/99.

² Segundo dados do IBGE, na década de 70/80, a população da Cidade cresceu 69,5%; entre 80/90, o crescimento populacional foi de 53,26% . Também é significativa a expansão da indústria do turismo na cidade, fato que põe Fortaleza, na atualidade, no terceiro pólo turístico do Nordeste (Cf. Barreira, I, 1998).

significativamente, de modo que os 10% mais pobres ganham, em média, 0,76% do salário mínimo, enquanto os 10% mais ricos ganham 45,7 salários mínimos.

Estes desequilíbrios têm se refletido em várias frentes de expansão da miséria social e da violência, através da segregação dos espaços da Cidade. Dados de 1995 revelam um contingente de 720 mil favelados, o que corresponde a 36% da população de Fortaleza (Barreira, I, 1998:14). Os impactos sociais, portanto, se refletem numa urbe dividida. Conforme será analisado no capítulo I, Fortaleza carrega o signo dos contrastes, cingida pela divisão espacial Leste/Oeste, ou Centro/Periferia: a cidade dos serviços e do comércio de melhor qualidade, inclusive de infraestrutura urbana e do turismo, e a cidade dos pobres, cujos serviços, no geral, são muito precários. Estes aspectos vão estar o tempo todo presentes nas imagens e representações sociais dos segmentos entrevistados, principalmente da juventude, contribuindo assim à consolidação das diversas interpretações do significado da violência, de seus agentes e do *locus* de sua realização.

Os níveis de desemprego e subemprego têm contribuído para que mães e filhos se projetem no mercado informal em busca de sobrevivência, o que vem impulsionando, de um certo modo, mudanças na organização estrutural familiar. A etapa relativa ao ser jovem e a experiência de aprendizado tornam-se comprimidas por pressões relativas ao ingresso do jovem no mercado de trabalho.

Este aspecto agrava-se à medida que ocorre o envolvimento ou o aumento da vulnerabilidade dos jovens, desde as fases fundamentais de sua socialização, ao mundo da droga, da prostituição e das várias práticas de violência, tanto material quanto simbólica. Dados da Secretaria do Trabalho e Ação Social do Estado do Ceará (SAS) apontam, já em 1993, a existência de 6.146 crianças e adolescentes nas ruas, em Fortaleza, dos quais 184 já não mantinham laços com a família, estando vinculados ao mundo da contravenção. Este levantamento ainda nos revela que, desse total, 47,3% procuravam, na rua, trabalho, 15,72% faziam mendicância, 7,33% tinham como finalidade furtar e roubar, enquanto apenas 1,24% participavam de gangues, entre outras finalidades.³

A disseminação de práticas consideradas como violentas não é mais um “privilégio” dos grandes centros urbanos do sudeste brasileiro ou do nordeste agrário (seqüestros, assaltos, roubos, estupros, pistolagem etc.). Ou seja, alastrou-se a idéia da violência que se torna difusa e cada vez mais diluída nas relações de “um mundo cão”, constituído por uma legião de “perigosos e bandidos”.

Paralelamente a isso, cresce cada vez mais a visão daquele que, como diz Zaluar, deve ser reprimido: o “pobre, criminoso, perigoso”. Para a autora,

³ Idem, idem: pág. 19.

uma das formas de dominação em nossa sociedade é a construção de uma “identidade do dominado pelo dominador”, assim pode-se estigmatizar com mais facilidade aquele que se quer reprimir (op. cit.: 33). Dito de outra maneira, estamos diante de processos de construção de valorizações classificatórias do que é violência e de quem são seus agentes.

Assim, o epíteto de “violento” não tem lugar numa interpretação sociológica que mostre como os diversos lugares sociais são construídos, como usam classificações que tendem a desclassificar os outros (como “violentos”, por exemplo) e como nomeiam o mundo social a partir das visões sociais constituídas e impostas como verdadeiras ao conjunto da sociedade. Neste trabalho, portanto, não buscamos uma definição acabada da violência mas, procuramos elementos que possibilitem uma melhor e mais complexa qualificação do conceito. Como referido por Barreira:

Uma definição sociológica de violência supõe a negação de classificações apriorísticas. A violência é gerada e reproduzida dentro de um contexto social. A tentativa de alcançar a complexidade do problema inclui também a necessidade de superar oposições clássicas como: bem-mal, legal-ilegal e liberdade-opressão (1998: 16).

É sobre essa relação de produção de sentidos da Cidade que realizamos esta pesquisa, numa tentativa de compreender os discursos dos jovens de Fortaleza acerca da violência e da cidadania, privilegiando entender a percepção dos jovens sobre estas temáticas.

Buscamos também apreender como a própria juventude classifica seu comportamento, o que é aceito e o que é negado. Nesta classificação, a operação principal foi o seu entendimento sobre o que é violência. Perguntou-se ainda sobre seus dilemas e desafios frente à criação dos espaços materiais e simbólicos, como eles são criados e o modo como esses jovens têm intercambiado valores e acumulado “capital cultural” (Bourdieu: 1989).

Veremos ao longo dos capítulos aspectos das representações sociais relacionados à cidade, à família, à escola, aos valores políticos da cidadania e da participação e as relações dessa juventude com o campo social da violência - violência crescente que tem perpassado todos os espaços, não só o da rua, como os espaços privados da casa e sobretudo da escola. Como vamos analisar neste trabalho, as relações de violência vão se dando difusamente sob vários aspectos e recrudescendo mimeticamente no espaço da escola, hoje vivido como espaço não só de socialização de valores construtores de cidadania e de identidade, mas também profundamente marcado pelas relações de violência, onde os jovens reproduzem as relações de sociabilidade extensivas à rua e seus variados significados quase sempre fora do controle dos educadores. A escola

se revela, assim, como uma caixa de ressonância das contradições e dos perigos da rua.

Sob estes aspectos, nos chamam a atenção fatos de violência recentes que têm aumentado cada vez mais esta relação entre violência juvenil e escola. Como vamos observar no capítulos 4 e 5, torna-se recorrente o uso de armas entre os jovens estudantes, levando os conflitos da rua e da lógica de sua territorialidade para o interior das escolas. Chamou-nos a atenção um recente artigo assinado por um coordenador de escola situada na periferia da Cidade, publicado no jornal *O POVO*, onde o articulista fazia um apelo às autoridades, ao mesmo tempo que um reclamo pelo não atendimento de seus requerimentos em relação à segurança em um conjunto de escolas situadas em uma mesma quadra. Segundo o artigo, foram 67 assaltos cometidos em Fortaleza apenas na primeira semana do mês de março, e nas escolas citadas, a média é de 3 a 4 assaltos a jovens estudantes, por dia⁴. Até o dia 17 de março de 1999, já havia ocorrido 21 assaltos aos alunos de sua escola, isto nas imediações da própria sede, fato agravado com a morte de um assaltante, crime perpetrado pelo vigia da escola⁵.

Está cada vez mais comum nos grandes meios de comunicação de Fortaleza a veiculação de fatos considerados como violentos atribuídos diretamente aos jovens. O significante “gangues” parece encerrar em si o que de mais atual se tem criado em torno do que é expressão da violência que se generaliza nas periferias da cidade e a todos atemoriza. Manchetes como *Confronto entre gangues fere duas crianças a bala (O Povo, 12/01/99)*, *Brigas de gangues deixa um morto (O Povo, 12/01/99)*, *Soldado mata integrante de Gangue (O Povo, 11/01/99)*, passam a ser os fatos corriqueiramente mais explorados pela imprensa. Em todos os casos, é indicada a participação dos jovens, e geralmente, com explicações controversas entre policiais, jovens e pessoas da família. Isto muito se aproxima da produção dos “fantasmas” e dos “medos” criados pelo exagero das idéias consensuais apontadas por Wiewiorka, que culminam com a “diabolização” do outro (1997: 9).

Pesquisa recente publicada pelo CEDECA⁶ sobre os crimes de assassinatos de crianças e adolescentes na Grande Fortaleza, em 1993⁷, revela que, embora haja a participação de policiais nas mortes e violências cometidas contra crianças e adolescentes em Fortaleza, naquele ano, é a falta de ação da

⁴ Não foi por acaso que um dos estudantes aplicadores desta pesquisa quase foi assaltado no momento em que ele estava aplicando questionário numa escola, quando esta foi assaltada por um homem armado com revólver.

⁵ Edivar Ramos Barros (coordenador escolar). Jornal *O POVO*, Caderno do Leitor, pág. 5, 18/04/99.

⁶ Centro de Defesa da Criança e do Adolescente de Fortaleza.

⁷ Cf. Barreira, César et alli. *À Espera da Justiça: assassinatos de crianças e adolescentes na Grande Fortaleza*. CEDECA-CE. Fortaleza: Expressão, 1999.

Justiça do Estado que tem provocado um total descrédito da população pobre dos aparelhos de justiça. Isto tem favorecido um aumento nas práticas violentas e mobilizadas pelo apelo de “justiça pelas próprias mãos”, como também um aumento nos casos nos quais os próprios jovens se eliminam, sem que a Justiça intervenha conforme seu suposto papel de mediadora dos conflitos interpessoais.

As ciências sociais ensinam que nenhum discurso é capaz de abranger a totalidade de um problema humano, apesar da existência de discursos que reivindicam tal realização. Assim posto, o discurso que uma sociedade constrói para erigir em problema social um fenômeno qualquer é sempre insuficiente para nos fornecer a inteligibilidade mais ampla do problema. Isto quer dizer que devemos enfatizar o discurso sobre a violência como algo a ser analisado. O fenômeno da violência não pode ser interpretado sem que levemos em conta que aquilo já definido por nós como violência na sociedade também é uma interpretação social.

As imagens e os discursos sociais sobre a violência não revelam exatamente o que os fatos são: indicam a possibilidade de que grupos sociais possam dizer uma verdade sobre os fatos e, ao fazê-lo, disputem “capital simbólico” (Bourdieu:1989) que se transforma em mais poder social, de modo a tornar verdadeiro o que digam.

Nossas inquietações com esta pesquisa nascem, portanto, no âmbito dos problemas mais gerais em torno dos fenômenos da violência como temática desafiadora da atualidade e seus principais significados e representações. Em primeiro lugar, tentaremos compreender a percepção e a definição dos jovens sobre suas vidas e como tem-na relacionado com a violência; em segundo, quais são as formas, manifestações e situações de violência consideradas como mais comuns; em terceiro lugar, em quais esferas e lugares a violência é tida como normal ou freqüente; em quarto, quais as categorias de jovens representadas como mais expostas à violência, e, por último, quais os significados que estão sendo arquitetados como opostos à violência, e, neste sentido, estamos trazendo as principais propostas enunciadas pelos próprios segmentos pesquisados.

Conforme poderemos perceber ao longo do livro, estamos falando não de homogeneidade mas de diferenças de classes sociais, de grupos de referência e de variadas trajetórias coletivas e individuais. Neste aspecto, temos como ponto de partida o fato de que a juventude não é uma essência, não algo que existe desde sempre de modo imutável. Muito pelo contrário, a juventude é um mundo de experiências e um grande e diversificado campo de produção de significações sociais.

Nosso pressuposto é que as representações sociais dos jovens da cidade não podem deixar de ser lidas sem alguns recortes. Elegemos para nossa análise os recortes de classe e de gênero.

Sociedades divididas em classes, como a nossa, têm suas instituições atravessadas por significações diferenciadas em função de sentidos socialmente construídos, nos diversos lugares ocupados na estrutura hierárquica das classes. Os jovens vão, pois, adquirir predisposições e maneiras diferenciadas de perceber, de julgar e de agir no mundo social, em função das posições ocupadas nesta estrutura de classe.

Quando falamos de classe, estamos pensando sobretudo nos estudos de Pierre Bourdieu e da aplicação prática que ele atribuiu a este conceito. Para o autor, se por um lado o “debate sobre classe social” seja uma das disputas da luta de classes, por outro, uma análise sociológica não se deve deixar aprisionar pela rigidez do conceito e muito menos cair na “tentação teológica” da distinção entre “estratificação” e “classe social”⁸. Além disso, os diversos capitais que são monopolizados pelos diferentes agentes não se resumem, nesta análise, apenas ao “capital econômico”, mas abrangem, ainda, um estudo dos “capitais” “simbólico” e “cultural” necessários para apreendermos os diferentes “conflitos históricos” surgidos nas sociedades contemporâneas (Bourdieu, 1984: 53 - 55).

Se nas ciências sociais a categoria classe social mantém um olhar privilegiado, de modo contraditório, é sobre este ponto que a maioria das opiniões divergem. No plano concreto da pesquisa, as dificuldades metodológicas aumentam pois trata-se não apenas de definir o que se entende por classe, mas tornar a definição operacional. Emerge ainda outra complexidade no caso da pesquisa sobre os jovens, nem sempre facilmente enquadráveis em categorias analíticas, sobretudo se lançarmos o olhar para os valores e normas de comportamento comuns que caracterizam adolescentes de classes sociais diferentes. Nesta pesquisa resolvemos enfrentar o desafio de pensar a categoria classe social considerando a dimensão heterogênea que caracteriza suas divisões internas. Abdicamos, portanto, do conceito marxista clássico de classe para pensá-las sob uma perspectiva de estratificação social.

Partindo desta reflexão, construímos classificações sociais capazes de pôr em destaque conflitos entre os agentes e grupos sociais que ocupam posições dominantes e dominadas em nossa própria sociedade.⁹ Utilizamos neste trabalho

⁸ Bourdieu explica que tentou “ultrapassar o que se tratou como uma oposição *teológica* entre as teorias das classes sociais e as teorias da estratificação social, oposição que se faz muito bem em sala de aula (...) mas, existem casos onde o purismo teórico é um álibi da ignorância ou da demissão prática” (1984: 54).

⁹ Bourdieu utiliza os índices de classificação sócio-profissional do INSEE (Institut National de Statistique et des Études Économique) associados aos títulos escolares dos entrevistados e constrói a estrutura de classes sociais que vai permitir sua análise da sociedade, que ele segmenta em classes dominantes, médias e dominadas (para um maior aprofundamento da questão e da metodologia anunciada, ver Bourdieu 1979 e 1984).

a seguinte classificação de acordo com os critérios da ABA-ABIPEME¹⁰: classe A corresponde à classe alta, classe B está referida como classe média alta, classe C como classe média; classe D corresponde à classe média baixa e a classe E refere-se à classe baixa. No caso específico deste estudo, a aproximação entre os diversos estratos e as classes sociais se fez agrupando os estratos A e B (que chamamos classes altas); a mesma lógica orientou o agrupamento dos estratos D e E (que chamamos classes baixas).

Um outro recorte importante da nossa análise está em uma interpretação dos dados empíricos segundo a relação de gênero. Sabemos que crianças e jovens têm sido alvo de preocupação tanto dos movimentos sociais quanto de políticas públicas, embora ainda de forma incipiente, quando se trata das situações de risco e das vulnerabilidades às várias formas de violência. Particularmente, some-se a esse grupo as mulheres, inseridas em um sistema cultural bastante marcado pela discriminação e pela classificação de pertencerem aos grupos fracos ou discriminados (Zaluar, 1994).

Embora não tenha sido construído a priori esquemas de coleta de dados que apontassem para diferentes modos de percepção da realidade a partir da ótica de gênero, a definição prévia da amostra já apontava para um recorte paritário entre os informantes a partir do viés do sexo, de modo que homens e mulheres estivessem contemplados equitativamente.

As diferenças entre sexo no que se relacionam à percepção e ao modo de vivenciarem as situações consideradas como violentas aparecem em toda a análise, a partir da comparação das informações cotejadas entre rapazes e moças. Embora sejam marcantes as idéias comuns que estes demonstram ter sobre determinados valores que moldam seus modelos de comportamentos atuais, as diferenças apontadas revelam-se relevantes à compreensão da temática em destaque, e servem para demarcar o que Zaluar refere-se aos valores entendidos socialmente como parte do “imaginário feminino”. Este como imaginário característico do mundo da mulher - isto posto sob a ótica de um pensamento conservador, baseado primeiramente no estreito e imediato mundo doméstico (Zaluar, idem:165).

É a partir desta ótica que afirmamos que homens e mulheres não foram, em nossa sociedade, socializados de maneira idêntica. Seus mundos são os mesmos, no entanto têm particularidades específicas ligadas à forma como é construído o mundo social de maneira diferenciada para homens e mulheres, produzindo identidades, papéis e posições sociais que não são homogêneos e tão pouco isentos de desigualdades. Nossa visão de mundo e nossas

¹⁰ Associação Brasileira de Anunciantes – Associação brasileira de Instituições de Pesquisa de Mercado.

pre disposições a agir neste universo de sentido em que vivemos não está alforriada da maneira como foram - arbitrariamente - elaborados os lugares sociais de rapazes e moças.

A análise dos dados aqui apresentados, em consonância com as reflexões produzidas pelas ciências sociais e pela agenda política dos movimentos sociais que primam pela questão de gênero, nos faz perceber uma das mais radicais formas de dominação existentes: as relações sociais de gênero. Tais relações de dominação percebidas têm se engendrado entre nós de forma tão elaboradas que homens e mulheres colaboram de maneira vigorosa para reproduzi-las, no seio da família, a cada geração, usando, entre outros artifícios, sua dissimulação, e por aí mesmo contribuindo para que ela se mantenha¹¹.

Este estudo integra, assim, tanto uma leitura do ponto de vista das relações de gênero como das relações de classe. Esta leitura aparece de maneira desigual ao longo do texto, com mais intensidade em certos tópicos, tais como o que aborda as regras familiares, a violência no lar ou na rua, bem como quando tratamos dos valores de construção da cidadania.

Podemos finalmente dizer que os comportamentos e opiniões juvenis que apresentamos vão, às vezes, oscilar do ponto de vista de classe, mantendo-se relativamente homogêneos quando lidos sob a ótica do gênero. Às vezes, pudemos encontrar a situação inversa, com a variação dando-se sobretudo no eixo do gênero e sua estabilidade fixando-se no eixo das classes. Há ainda casos onde as representações e práticas sociais variam sob os dois aspectos.

Insistimos neste dois aspectos (classe e gênero), pois eles nos pareceram fulcrais na construção e análise dos dados qualitativos e quantitativos deste livro e vão permear e balizar os comentários sobre as relações sociais tecidas pelos jovens.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizamos a pesquisa em Fortaleza a partir de duas orientações metodológicas. Uma, de base mais extensiva, voltada à constituição de um campo de dados quantitativo, simultaneamente a uma abordagem qualitativa, buscando assim configurar um perfil socioeconômico e cultural da juventude da Cidade e suas principais representações acerca da violência e da cidadania.

¹¹ Para o aprofundamento da crítica feminista sobre a ausência da percepção das relações de gênero no entendimento sociológico das relações sociais, consultar, entre outras publicações: *Uma questão de gênero*, coletânea organizada por Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruschini. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, 1992. Um trabalho ainda mais recente traz por título *Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas* organizado por Rachel Soihet. São Paulo, Educ, 1997.

Para a construção da base de dados quantitativos, nos utilizamos da aplicação de questionários direcionados aos jovens e aos educadores da cidade de Fortaleza. Na investigação qualitativa, recorremos ao emprego da técnica de *grupos focais*, através dos quais obtivemos informações num contexto dialógico dos pesquisados. Estas duas abordagens constituíram os caminhos da nossa investigação, realizada no período compreendido entre novembro de 1998 a março de 1999.¹²

O procedimento amostral utilizado nesta pesquisa, a exemplo do que foi adotado em semelhante pesquisa no Distrito Federal (Pesquisa sobre Juventude, Violência e Cidadania. UNESCO, 1998)¹³, elegeu como referência empírica três categorias sociais: jovens residentes em Fortaleza, profissionais de ensino das redes particular, estadual e municipal, e pais de alunos. Em relação ao universo considerado para aplicação dos questionários, consideramos como público entrevistado apenas os profissionais de ensino e os jovens, ao passo que, através dos *Grupos Focais*, abordamos os três segmentos, simultaneamente.

Efetuamos a aplicação de questionários tendo como parâmetro uma amostra de 900 jovens e 400 educadores. Como não dispúnhamos *a priori* de um cadastro relativo a estes dois universos, procedemos à construção dessas amostras seguindo duas etapas.

a) Escolha dos jovens entrevistados

Construímos o universo da amostra em duas etapas. Na primeira, procedemos à escolha dos bairros típicos representativos dos diversos níveis socioeconômicos da Cidade. Nesta perspectiva, elegemos como *locus* de aplicação dos questionários destinados aos jovens 9 bairros: Aldeota, Papicu, Parquelândia, Cidade dos Funcionários, Montese, Serrinha, Pirambu, Bom Jardim e Conjunto Palmeiras.

Na segunda etapa, selecionou-se 100 jovens em cada bairro, sendo 50 do sexo masculino e 50 do sexo feminino, através de procedimento sistemático, ou seja, definindo-se uma constante K^{14} de nº de residências, sorteando-se

¹² A pesquisa foi realizada sob a coordenação do LEV – Laboratório de Estudos da Violência, envolvendo uma equipe de pesquisa formada por um coordenador, três vice-coordenadores, quatro auxiliares de pesquisa e 36 estudantes de graduação dos cursos de Ciências Humanas (Sociologia, Letras, Psicologia, Serviço Social, Direito e História), das Universidades Federal do Ceará (UFC) e Estadual do Ceará (UECE)

¹³ Cf. Waiselfisz, J..J (Coord. Técnico). Juventude, Violência e Cidadania: os jovens de Brasília. 1998.

¹⁴ A definição da constante K referida operacionalizou-se da seguinte forma: procedeu-se o levantamento do número de quadras existentes em cada zona. Em seguida, o número de quarteirões (cada face) existentes nas quadras. A constante K refere-se ao nº total de quarteirões dividido por 10 (que se refere ao número de alunos previsto em cada zona).

inicialmente uma residência entre I e K e a partir desta, selecionando-se jovens de K em K residência. Em casos de não existência de jovens residindo em residência selecionada, visitou-se a casa à direita.

A totalidade dos jovens entrevistados, tanto pela aplicação dos questionários quanto pelo método dos Grupos Focais, está situada na faixa etária de 14 a 20 anos, sendo 50,3% correspondentes a jovens de sexo feminino, conforme podemos observar no quadro e gráfico seguintes:

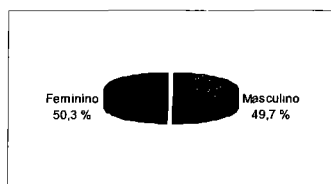
QUADRO 1
JOVENS SEGUNDO FAIXA ETÁRIA

Idade	Nº	Porcentagem (%)
14	136	15,3
15	140	15,7
16	146	16,4
17	147	16,5
18	123	13,8
19	111	12,5
20	86	9,7
Total de casos válidos	889	100,0 %
Não respondeu	7	
Total	896	

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

GRÁFICO 1

DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS ENTREVISTADOS CONFORME SEXO



Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

b) Escolha das escolas e dos educadores

Em primeiro lugar, procedemos à seleção das escolas para a posterior definição da amostra dos professores entrevistados. Consideramos as unidades de seleção da primeira etapa as escolas que ofereciam ensino de 1º grau maior

(da 5ª a 8ª séries) e de segundo grau, classificadas conforme a dependência administrativa (municipal, estadual e particular). Foram selecionadas 40 escolas, aleatoriamente, de um universo de 458 e em tamanho proporcional ao número de escolas existentes nos diversos estratos de dependência administrativa¹⁵. Desta forma, foram escolhidos 8 estabelecimentos municipais, 12 estaduais e 20 escolas particulares de Fortaleza.

Na segunda etapa, procedemos ao levantamento do número de educadores¹⁶ de cada escola selecionada. Para a escolha dos profissionais entrevistados nessas escolas, adotamos o critério do sorteio, tomando a relação total dos profissionais de cada uma dessas, e sorteando 9 nomes, além do diretor da unidade, totalizando, assim, 10 profissionais entrevistados por escola.

Do ponto de vista da concepção teórico-metodológica geral que norteou toda esta pesquisa, desde a formulação dos procedimentos de campo à interpretação final dos dados, buscamos uma aproximação razoável entre uma abordagem quantitativa e uma abordagem qualitativa, cujo caminho fizesse emergir o comportamento dos indivíduos construído no seu cotidiano de produção de valores, ou melhor, na complexa rede de significados que empresta sentido às representações sociais dos pesquisados.

Neste sentido, vai estar permanentemente em diálogo, nos capítulos que constituem este livro, uma interpretação da violência, da juventude e do valor da cidadania sob a óptica dos entrevistados. Levamos em consideração tanto as coerções da ação das estruturas sociais sobre os indivíduos, como também uma abordagem do fenômeno em seus aspectos conseqüentes da lógica dos comportamentos desses indivíduos implicados nos fenômenos analisados. Uma abordagem nesse campo individual não colide com uma interpretação estrutural. Consideramos até como análises complementares e pertinentes num tipo de pesquisa como esta, necessárias como postura metodológica, como demonstrado por Boudon e Bourricaud (1993:291).

Sob esta óptica, não diremos que o emprego de procedimentos qualitativos como o método dos Grupos Focais tenha sido apenas complementar ou secundário ao procedimento extensivo da construção dos dados desta pesquisa. A própria experiência no trato com o método nos revelou sua importância, à medida que se constituía em espaço de reflexão e revelação dos agentes sociais considerados. Em todo o processo da pesquisa, os *grupos focais* se prestaram ao lugar, por excelência, da fala, da troca de informações e do diálogo entre os próprios componentes e, como um momento de “formação”,

¹⁵ Este universo considerado refere-se apenas às escolas contando mais de 10 profissionais.

¹⁶ Referimo-nos aos professores, coordenadores ou supervisores.

“um evento,” como assinalaram muitos, levando-nos a supor e a refletir acerca do modo como se tem revelado e se constituído, no cotidiano dessas pessoas, os espaços de trocas e de reflexões voltados à formação de opiniões individuais e coletivas.

O resultado dos Grupos Focais estão presentes em toda a trajetória da interpretação contida neste texto. Ao longo da construção interpretativa do fenômeno da violência juvenil em Fortaleza, os dados por eles trazidos à luz da análise se revelam com força própria, ou como instrumento de diálogo, confronto e troca, seja com os números estatisticamente construídos, seja com as opiniões dos especialistas das temáticas abordadas.

O método aqui referido, no entanto, apresenta seus limites, se confrontado com as exigências metodológicas de uma pesquisa etnográfica, pois trata-se de uma “abordagem rápida”. No nosso contexto, os *Grupos Focais* foram empregados como uma técnica de entrevista adequada a um processo de pesquisa relativamente rápido em que optamos por dar um lugar privilegiado à oralidade das pessoas pesquisadas, e com um objetivo principal de construir informações qualitativas sobre o fenômeno da violência.

Como técnica de entrevista, construímos o tempo de cada um *Grupo Focal*, de modo a vivenciar com o grupo a sua dinâmica e o seu tempo. A realização de cada entrevista levou de 1 a 3 horas, dependendo do perfil de cada grupo. Objetivávamos, sempre, configurar momentos de debates que caracterizassem uma entrevista coletiva em profundidade, a partir de um roteiro organizado e aplicado ao momento, sem que se constituísse, por seu turno, numa camisa de força aos entrevistados nem aos pesquisadores.

Os roteiros aplicados às entrevistas tiveram como referência questões centrais também contidas nos questionários, de acordo com os temas fundamentais da investigação. As questões voltadas aos grupos focais e geradoras dos debates foram generalizadas à totalidade dos grupos, ao mesmo tempo que as perguntas específicas adaptadas ao universo de cada grupo considerado. Assim posto, trabalhamos os seguintes temas centrais: *sociabilidade, escola, família, cidadania, violência e visão de futuro* (cf. modelo de questionário anexo).

Os grupos formados variaram no número de participantes. Realizamos entrevistas com um número mínimo de 6 participantes, embora tenhamos experimentado grupos com até 12 participantes. Ao todo, mobilizamos, através dos *Grupos Focais* em toda a pesquisa, 302 debatedores, distribuídos na totalidade dos grupos organizados.

Trabalhamos, assim, com 36 Grupos Focais, definidos pela própria equipe de coordenação da pesquisa. Tomamos por critério para a sua definição o que consideramos como os vários campos de produção de significados sociais

ligados direta ou indiretamente aos problemas da juventude na cidade de Fortaleza e seus atores representativos. Sob este prisma, de um extenso campo de representações, elegemos aqueles que nos pareceram mais adequados e relevantes à temática abordada, conforme demonstrado a seguir.

QUADRO 2

Grupos Focais	Quantidade
Jovens de Escolas Particulares	5
Jovens de Escolas Públicas	5
Jovens Dependentes de Drogas	1
Jovens Infratores	2
Jovens integrantes do Movimento Hip Hop ¹⁷	2
Jovens de Galera	2
Jovens de Movimento Estudantil	2
Jovens Cadetes da Polícia Militar	2
Jovens de Grupos Religiosos (carismáticos, evangélicos, CEB's)	3
Jovens de Torcida Organizada	2
Jovens Skatistas	1
Jovens Ligados a Arte	1
Jovens Homossexuais (masculino e feminino)	2
Educadores de Escolas Públicas	2
Educadores de OG's e ONG's	2
Pais de Alunos	2
Total	36

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

Em síntese, ao nos referir aos *Grupos Focais* como técnica de entrevista adequada aos nossos propósitos, tomamos por base os seguintes pressupostos: *Grupos Focais* como técnica de entrevista oral, que prima pela divergência de opiniões dos seus participantes, é direcionado a grupos com características de identidade homogêneas, podendo não ser um grupo espontâneo, embora possa ser trabalhado como um grupo de convivência cotidiana. Como técnica de entrevista, funda-se numa interação desigual de entrevistador e entrevistado (Barreira, 1998) sem, no entanto, ficar firmados entre as partes compromissos a serem cumpridos, principalmente do ponto de vista do entrevistador: que as informações ali construídas têm um caráter sigiloso e confidencial, que poderão

¹⁷ Grupo de jovens ligados à arte, que se denomina de movimento, cuja característica é o conhecimento e consciência da realidade social distinta em classes, e a conseqüente discussão e ação sobre essa realidade.

ser reveladas ou não as identidades das falas e que, necessariamente, as informações só serão utilizadas para fins acadêmicos.¹⁸

Dada a diversidade da amostra definida com os Grupos Focais, nossa vivência com cada um deles também foi experimentada da forma mais diversificada possível.

Em alguns momentos, éramos tratados com total adesão por parte dos entrevistados, o que nos permitiu maior fluidez no debate e no afloramento das questões subliminares, ora nos deparávamos com o processo de confiança a ser totalmente construído ou minimamente conquistado diante do grupo. As resistências se deram sobretudo entre aqueles cujo lugar na estrutura social está mais à margem, o que nos fez refletir com a idéia de que a eficácia desta técnica também está relacionada, fundamentalmente, com o grau de confiança e empatia que entrevistados e entrevistadores podem construir na relação, cuja força maior está no grau de confiabilidade possível entre os agentes envolvidos.

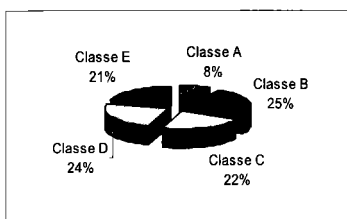
CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A pesquisa buscou apreender o universo diversificado dos jovens de Fortaleza, de modo que pudesse nos oferecer o maior número de informações e possibilidades de aproximação do perfil atual desses jovens.

Os dados obtidos nos revelam um perfil socioeconômico abrangente, contemplando jovens entre as classes de A a E. Do total dos jovens pesquisados, 8% pertencem à classe alta (A), 25% à classe média alta (B), 22% à classe média (C), 23,5% à classe média baixa (D) e 21,4% pertencem à classe baixa (E), como podemos observar no gráfico abaixo.

GRÁFICO 2

JOVENS ENTREVISTADOS CONFORME ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL



Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

¹⁸ Para um maior aprofundamento destes pressupostos, cf. Abramovay, M. e Andrade, C. de. Grupo Focal. (Resumo para discussão) mimeo. s/d.

Se fizermos um desdobramento destes dados em relação ao sexo, vamos perceber que as incidências aqui referidas também vão ficar em patamares aproximados, conforme poderemos observar no quadro a seguir, que nos permite uma visão geral do perfil dos jovens em relação ao sexo, pertença social e faixa etária.

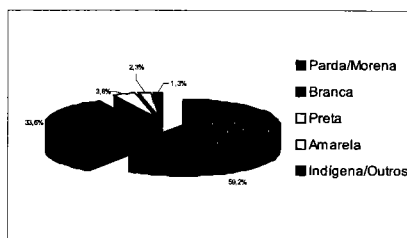
QUADRO 3
JOVENS ENTREVISTADOS CONFORME
ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL, FAIXA ETÁRIA E SEXO

Sexo			Faixa etária							
			14 a 15 anos		16 a 17 anos		18 a 20 anos		Total	
			Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Feminino	Classe Social	Classe A	7	22,6	11	35,5	13	41,9	31	100,0
		Classe B	43	41,3	34	32,7	27	26,0	104	100,0
		Classe C	30	29,4	35	34,3	37	36,3	102	100,0
		Classe D	34	35,1	32	33,0	31	32,0	97	100,0
		Classe E	28	32,6	25	29,1	33	38,4	86	100,0
	Total	142	33,8	137	32,6	141	33,6	420	100,0	
Masculino	Classe social	Classe A	12	33,3	7	19,4	17	47,2	36	100,0
		Classe B	21	20,4	42	40,8	40	38,8	103	100,0
		Classe C	22	26,8	27	32,9	33	38,8	98	100,0
		Classe D	22	22,4	38	38,8	38	38,8	98	100,0
		Classe E	35	38,5	35	27,5	31	34,1	91	100,0
	Total	112	27,3	139	33,9	159	38,8	410	100,0	

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

Em relação à cor dos jovens pesquisados, os dados obtidos vão demonstrar duas situações predominantes: a branca e a parda/morena. Salientamos, no entanto, que esta classificação étnica poderá não corresponder exatamente à condição de cada um, uma vez que reflete uma auto-representação dos entrevistados. Neste sentido, 59,7% dos entrevistados se consideram da cor parda/morena, enquanto 33,9% se declaram brancos. Apenas 0,5% do total dos jovens se declarou indígena, conforme podemos observar no gráfico seguinte:

GRÁFICO 3
JOVENS ENTREVISTADOS DE ACORDO COM A COR



Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

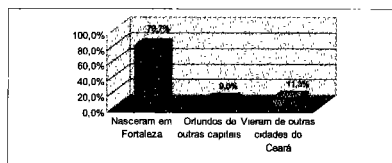
QUADRO 4
JOVENS ENTREVISTADOS SEGUNDO A COR

Cor	Porcentagem
Parda/Morena	59,2 %
Branca	33,6 %
Preta	3,6 %
Amarela	2,3 %
Outros	1,3 %
Total	100,0 %

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

Um componente que nos chamou a atenção no perfil dos jovens pesquisados refere-se à origem geográfica. Os dados obtidos nos revelam que quase 80% deles nasceram em Fortaleza, contra apenas 4,7% que nasceram noutras cidades do Estado e migraram para a Capital. Apenas uma parcela de 4,5% se declarou oriunda de outras capitais do Brasil, tais como Rio de Janeiro, Recife, Brasília, São Paulo, Natal e Curitiba. Estes aspectos estão mais bem analisados no capítulo sobre a Cidade.

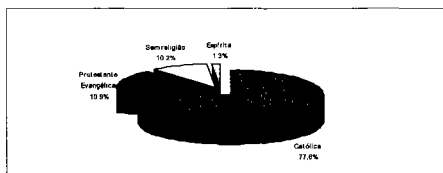
GRÁFICO 4
LOCAL DE ORIGEM DOS ENTREVISTADOS



Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

No perfil dos jovens pesquisados em Fortaleza, no tocante à religião, predominou a católica, correspondendo a 77,6% do total declarado, contra 10,9% que se assumiram como protestantes/evangélicos. Uma parcela de 10,2%, no entanto, declarou-se como sem religião.

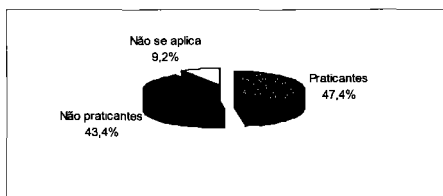
GRÁFICO 5
JOVENS ENTREVISTADOS SEGUNDO A FILIAÇÃO RELIGIOSA



Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

Por outro lado, quando confrontados estes dados sobre a opção religiosa com a percentagem de jovens que se declaram praticantes ou não praticantes de alguma religião, observamos que 47,4% do total desses jovens responderam que são praticantes, contra 43,3% que se assumem como não praticantes da religião declarada, o que significa que 388 jovens, de um universo de 896 considerados, não praticam nenhum tipo de religião.

GRÁFICO 6
PRATICANTES/NÃO PRATICANTES DE RELIGIÃO



Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

Outro aspecto a considerar no universo dos jovens pesquisados é o ambiente de escolarização, levando-se em conta o grau de instrução dos pais. Os índices obtidos nos revelam certo equilíbrio no nível de escolaridade, se comparados os dados entre os pais e as mães desses jovens. Podemos considerar que, em média, 8,5% dos pais e mães dos jovens entrevistados foram declarados

por estes como analfabetos. Ao agrupar os extratos dos pais que se situam com primário incompleto, 1º grau incompleto até o segundo grau incompleto, vamos obter uma cifra declarada, correspondente a 44,7%, contra 46,8% correspondentes às mães em igual estrato de escolarização. Já na situação de escolaridade relativa ao segundo grau completo, as mães estão em vantagem em relação aos pais, correspondendo a 25,8% e 21,9%, respectivamente, relação que se inverte ao compararmos a situação de escolaridade relativa à formação superior (incompleta ou completa), em que 22,6% correspondem aos pais, contra 18,4% que correspondem à situação das mães desses jovens, conforme podemos observar nos quadros a seguir:

QUADRO 5
GRAU DE ESCOLARIDADE PATERNA

Escolaridade	Nº	%	% de casos válidos
Analfabeto	69	7,7	8,8
Primário incompleto	141	15,7	8,8
Primário completo/1º grau incompleto	121	13,5	15,4
1º grau incompleto/2º incompleto	90	10,0	11,4
2º grau completo	172	19,2	21,9
Superior incompleto	21	2,3	2,7
Superior completo	157	17,5	19,9
Não se aplica	16	1,8	2,0
Total de casos válidos	787	87,8	100,0
Não respondeu	109	12,2	
Total	896	100,0	

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

QUADRO 6
GRAU DE ESCOLARIDADE MATERNA

Escolaridade	Nº	%	% de casos válidos
Analfabeto	70	7,8	8,3
Primário incompleto	144	16,1	17,0
Primário completo/1º grau incompleto	155	17,3	18,3
1º grau incompleto/2º incompleto	97	10,8	11,5
2º grau completo	218	24,3	25,8
Superior incompleto	25	2,8	3,0
Superior completo	130	14,5	15,4
Não se aplica	7	0,8	0,8
Total de casos válidos	846	94,4	100,0
Não respondeu	50	5,6	
Total	896	100,0	

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

Em relação à inserção dos pais no mercado de trabalho, declarada pelos próprios jovens, os dados nos revelam alguns aspectos relevantes a considerar. Quanto aos pais, há uma predominância de sua inserção profissional como empregado em empresas particulares, o que correspondeu a 19,1% dos casos declarados, contra 9,4% relativos às mães, e como autônomo, o que correspondeu a 17,8%, contra 8,4% relativos às mães.

QUADRO 7
MERCADO DE TRABALHO

Atividade principal	(%) Pai	(%) Mãe
Empregado em empresa particular	19,1	9,4
Funcionário público	14,3	14,0
Empresário, empregador	5,3	2,4
Autônomo	5,3	8,4
Profissional liberal	17,7	3,3
Dona de casa	3,9	39,9
Desempregado	-	1,0
Aposentado	3,4	5,0
Biscateiro/ambulante	9,4	1,1
Comerciante	6,3	6,9
Outros	8,5	8,8
Não se aplica	10,3	0,8
Total	100,0	

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/1999 - Fortaleza

Os dados nos revelam um equilíbrio de pais e de mães inseridos no mercado na condição de funcionários públicos, como demonstra o quadro acima, o que corresponde a 14,3% e 14,0%, respectivamente. No entanto, as mães continuam predominantes na condição de donas de casa, situação que corresponde a 38,9% dos casos válidos. Por outro lado, se apenas 1,1 das mães foram declaradas como biscateiras/ambulantes, 6,3% dos pais foram enquadrados como tais. A condição de desempregados atinge mais os pais do que as mães. De acordo com os dados declarados, apenas 1,0% das mães foi assim considerado contra 3,4% relativos aos pais.

GLOSSÁRIO

Andar nos panos: **andar bem vestido**

Arrochado: **valente**

Avacalhar: **Baldear/atrapalhar**
Acochos/amassos: **ficar com alguém**
Bacana: **pessoa de uma classe social mais alta**
Baco: **Surra da polícia.**
Baculejo: **vistoria feita pela polícia**
Back: **maconha**
Bagulho: **maconha**
Baranga: **mulher que se prostitui**
Berrado: **andar armado**
Berro: **arma de fogo**
Bôbo: **relógio**
Boca-de-fumo: **lugar onde vende drogas**
Boga: **bunda**
Boiola: **homossexual masculino**
Botar boneco: **fazer confusão ou reclamação**
Brown: **maconha/baseado**
Brilho: **Droga conhecida popularmente por crack**
Cabeça: **líder**
Cacete: **Brigar com pancadaria**
Cambão: **ônibus**
Camburão: **carro da polícia**
Cana: **policial**
Careta: **cigarro comum**
Chegar junto: **se aproximar**
Chinelar: **correr**
Comédia: **diversão**
Comer partido: **Alguém querer brigar e outro aceitar sem fazer nada.**
Curtir: **Ficar algumas vezes. Também significa aproveitar.**
Cu-de-cana: **Quem gosta de beber**
Chapa: **pessoa amiga/boa**
Dar em cima: **Comentar/ falar mal.**
Deixar rolar: **deixar acontecer**
Doidinho: **Designação a qualquer um que cometa alguma ação engraçada, desembaraçada ou até mesmo pesada.**
Entendido: **Homossexual**
É o bicho!: **legal, muito bom**
Escarrada: **Mal falada**
Esculacho: **repreensão**
Encher a cara: **Ingerir muita bebida alcóolica.**
Enxames: **Movimento/ chamar atenção/confusão/ fazer baderna**

Esquema: **Encontro entre duas pessoas para realização de ato sexual.**
Farofa: **designação pejorativa à classe baixa**
Federal: **coisa séria**
Filé: **bonito**
Frescar: **Fazer brincadeiras com alguém**
Gadinho: **turma rival**
Galera: **turma/grupo**
Gangueiro: **integrante de gang**
Incubado: **disfarçado**
Ir pro som: **ir a uma festa**
Light: **leve**
Look: **visual**
Loprar: **exagerar**
Maior limpeza: **Pessoas boas, sem problemas/ que não censuram.**
Maior mentira: **algo que não presta**
Maior Palha (Mó páia): **programa sem graça**
Mané: **pessoa fácil de ser enganada**
Mano: **amigo**
Massa: **coisa muito boa**
Meca: **maconha**
Meter a chibata: **bater**
Nas entocas: **às escondidas**
Otário: **quem é enganado**
Parada: **pode designar um lugar, mas também é muito usado como “fazer umas paradas”, ou seja fazer uma ação considerada ilegal**
Peia: **surra**
Pegar o beco: **Sair/ ir embora.**
Picárdia: **ação considerada ruim, que não é legal.**
Pipocar: **correr/ “se mandar”**
Programa de índio: **Diversão não muito boa.**
Quebra-pau: **briga/pancadaria**
Quebrar: **Dar porrada.**
Quebradas: **designação de lugar**
Quebrado: **Surrado.**
Queimado: **excluído/isolado ou morto**
Ralar: **trabalhar/lutar**
Rangar: **comer**
Relax: **tranquilo**
Rolo: **confusão**

Rolar um sentimento: **sentir desejo, atração por alguém**

Richa: **Ter algo contra alguém.**

Rocha: **drogas**

Safanar: **sair bem de alguma situação**

Se embolar: **Brigar rolando no chão.**

Se garantir: **ser capaz/conseguir**

Show: **muito bom**

Trampar: **trabalhar exaustivamente**

Treta: **situação esquisita**

Vacilar: **errar**

CAPÍTULO I

CIDADE: REPRESENTAÇÕES E DELIMITAÇÕES DO ESPAÇO

FORTALEZA NA PERCEPÇÃO DOS JOVENS

A visão que o menino tem do mundo é do pequeno mundo que ele está inserido. O resto é só fragmentos (educador de rua).

A cidade de Fortaleza é apreendida por seus jovens habitantes de várias maneiras. Essa diversidade explicita-se no fato dela aparecer para alguns como grande, complexa e misteriosa, para outros, pequena e limitada. Tais percepções decorrem de experiências construídas conforme o local de origem. Por um lado, jovens oriundos de cidades pequenas do Estado do Ceará e com experiências limitadas ao universo familiar e escolar percebem Fortaleza como uma cidade grande, tendo como marca o desconhecido, o incontrolável. Por outro, jovens egressos da Região Sul do País e com outras experiências fora do mundo familiar e escolar vêem Fortaleza como uma cidade provinciana. Nessa visão, a cidade aparece sem surpresas.

No que concerne à origem dos jovens de Fortaleza, quase 80% nasceram neste Município, como mostra o quadro 08. Este dado relativiza a afirmação de que a população de Fortaleza é originada do restante do Estado, sendo fruto de um grande êxodo rural, impulsionado pelas secas periódicas, características do meio rural.

QUADRO 08
LOCAL DE NASCIMENTO

Local de Nascimento	Número	%
Fortaleza	714	79,7
Interior Ceará	101	11,3
Outro Estado	81	9,0
Total	896	100,0

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Ademais, pode-se visualizar, neste quadro, que os jovens nascidos fora de Fortaleza se dividem quase igualmente entre originários do resto do Estado (11,3%) e precedentes de outros Estados (9,0%). Destes, quase 15% são naturais do Estado de São Paulo, o que pode apontar um processo migratório de retorno familiar, evocado nas palavras de um dos entrevistados: “Fortaleza pra gente é tudo, você pode andar mas volta pra esta quebrada.”

QUADRO 09
LOCAL DE NASCIMENTO SEGUNDO O SEXO

Local de Nascimento	Sexo					
	Feminino		Masculino		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Fortaleza	360	80,0	354	79,4	714	79,7
Restante do Estado	56	12,4	45	14,1	101	11,3
Outro Estado	34	7,6	47	10,5	81	9,0
Total	450	100,0	446	100,0	896	100,0

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Observando-se o local de nascimento segundo o sexo, verifica-se que não ocorre quase nenhuma diferença no percentual de jovens do sexo masculino (79,4%) e do sexo feminino (80,0%) que nasceram em Fortaleza (ver quadro 09). Existe, entretanto, uma pequena predominância de jovens do sexo masculino (10,5%) contra (7,6%) dos de sexo feminino que nasceram em outros Estados.

Fortaleza é conhecida pelo *slogan* “a bela desposada do sol”, aproveitando de um verso de célebre soneto de Paula Ney. Entre os jovens, esse pensamento é referendado por 96% dos entrevistados que apontaram a beleza da Cidade como principal característica de Fortaleza.

QUADRO 10
ASPECTOS DESTACADOS DE FORTALEZA

Gosta em Fortaleza	Número	%
Da beleza da Cidade	858	96,0
Dos <i>shoppings</i> e lojas	849	95,0
Da possibilidade de lazer	739	82,7
Da possibilidade de praticar esportes	707	79,1
Do jeito de ser do cearense	701	78,4
Das atividades culturais	657	73,5
Das praças	582	65,1
Dos serviços de transporte	489	54,7
Dos serviços de educação	477	53,4
Do sistema de água e esgoto	444	49,7
Da limpeza da Cidade	400	44,7
Dos serviços de saúde	370	41,4
Da oportunidade de empregos	213	23,8
Total	7.486	

Total de casos válidos igual a 894.

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Entre a beleza poética da cidade e os shoppings e lojas, característicos dos grandes centros urbanos, muitos jovens preferem a segunda opção, (95%), demarcando a mentalidade urbana e o ímpeto pelo consumo, demonstrando que a juventude está tipicamente socializada para os valores das grandes cidades. Entretanto, o item gostar “de lazer” aparece em terceiro lugar, (82,7%) no âmbito das preferências, apontando para a percepção de Fortaleza como cidade nitidamente voltada para a diversão. Assim, é importante destacar que os *shoppings* são percebidos pelos jovens tanto como lugar de consumo como também lugar de lazer.

O gostar de Fortaleza é igualmente partilhado por jovens do sexo feminino (96,9%) e masculino (94,6%). Na realidade, essa construção da cidade como espaço de beleza parece integrar o plano das representações sociais partilhadas por moradores de variadas categorias e segmentos sociais.

A beleza de Fortaleza é também destacada pelos jovens, segundo os profissionais de educação nos grupos focais: “Eu acho assim que... conversando com os meninos, nos bate-papos, nos desenhos, eles adoram morar em Fortaleza... porque é uma cidade bonita e a gente constata isso através dos desenhos. Eles sempre desenhavam Fortaleza muito bonita, muito colorida, muitas árvores, natureza...”

Contrapondo-se à imagem positiva da Cidade, destaca-se a falta de “oportunidade de empregos” para os jovens; na escala das preferências, este item recai em somente 23,8%. Este aspecto é mais fortemente ressaltado pelos profissionais, entrevistados, predominando entre eles uma visão pessimista da Cidade.

Fortaleza é uma cidade muito medíocre. Não tem oportunidade pra ninguém, imaginem para jovens carentes (Educador/ONG).

Sinceramente, sonhar no Ceará tem que ter muita capacidade de sono (Educador/ONG).

Outros aspectos positivos, fortemente mencionados entre os jovens, contemplam os itens “praias” (83,5%) e “título de cidade turística” (80,9%), avaliados com o conceito “bom”, conforme o quadro 11. Estes itens são corroborados nas entrevistas dos grupos focais, a exemplo da frase muitas vezes repetida de que *é fácil e é bom ser jovem em Fortaleza.*

QUADRO 11
ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA CIDADE

Aspectos	Avaliação									
	Bom		Regular		Ruim		Não respondeu		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
O clima	540	60,3	294	32,8	62	6,9	-	-	896	100,0
A aparência das pessoas	470	52,5	361	40,3	65	7,2	-	-	896	100,0
A facilidade em fazer amigos	674	75,2	180	20,1	2	4,7	-	-	896	100,0
A hospitalidade das pessoas	512	57,2	293	32,7	90	10,0	1	0,1	896	100,0
O sistema de trânsito	265	29,6	426	47,5	204	22,8	1	0,1	896	100,0
O cuidado com prédios/ moradia	289	32,3	440	49,1	164	18,3	3	0,3	896	100,0
Ação do planej. pelos governantes	151	16,9	363	40,5	376	42,0	6	0,6	896	100,0
O título de cidade turística	725	80,9	134	15,0	37	4,1	-	-	896	100,0
As praias	748	83,5	122	13,6	22	2,5	4	0,4	896	100,0

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Neste quadro, o item “facilidade em fazer amigos” é mencionado entre 75,2% dos jovens, como “bom”. Este aspecto é constantemente ressaltado nos *grupos focais* de jovens que consideram o fato de “ter amigo” como um dado positivo da Cidade. Inclusive para os jovens originários de outras cidades, a *facilidade de fazer amizade* em Fortaleza é apontada como um aspecto que facilita a boa integração da juventude. A amizade compensaria, nesse sentido, a segregação dos espaços sociais observada entre jovens de classes sociais diferentes.

Um “jovem de rua”, vítima da segregação social, revela a importância da amizade:

Pra mim Fortaleza é muito bom. Eu gosto muito de Fortaleza, cada rua de Fortaleza é bonita... tem muitos amigos, muitos colegas, muita amizade. Quando a gente chega num canto diferente, não conhece ninguém, aí manda uma pessoa ir pra lá com a gente...

A versão positiva da Cidade não impede uma percepção das diferenças sociais que demandariam uma atitude de intervenção por parte do governo. Nesse sentido, a ação de planejamento pelos governantes, conforme o quadro 11, recebeu a avaliação mais baixa. Somente 16,9% dos jovens atribuíram um conceito “bom” em oposição aos 42,0% que consideraram “ruim”. O que demonstra o lado crítico da juventude sobre a ação de planejamento dos

governantes. Em uma das entrevistas esse dado é também destacado: “Eu acho que Fortaleza é uma vergonha pro governo, é uma vergonha pra todo esse pessoal que fica aí no poder, que não liga pra periferia, só liga pro centro de Fortaleza” (jovem integrante do movimento hip hop).

No que concerne à crítica dos jovens em relação ao planejamento dos governantes, o quadro 12 apresenta uma classificação concisa que aponta para as visões dos jovens sobre os serviços públicos:

QUADRO 12
CLASSIFICAÇÃO DOS SERVIÇOS PÚBLICOS POR ORDEM DE PREFERÊNCIA

Aspecto	Avaliação									
	Bom		Regular		Ruim		Nunca usei		Não respondeu	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Escola Pública	265	29,6	264	29,5	192	21,4	174	19,4	1	0,1
Saúde pública	204	22,8	291	32,5	295	32,9	105	11,7	1	0,1
Segurança	139	15,5	368	41,1	374	41,7	15	1,7	-	-
Merenda escolar	154	17,2	246	27,5	282	31,5	213	23,8	1	0,1
Transp. Coletivo	340	37,9	351	39,2	187	20,9	18	2,0	-	-
Parques/praças	473	52,8	295	32,9	113	12,6	14	1,6	1	0,1
Rede de água	411	45,9	341	38,1	133	14,8	9	1,0	2	0,2
Coleta de lixo	463	51,7	305	34,0	123	13,7	4	0,4	1	0,1
Diversão e lazer	658	73,4	185	20,6	51	5,7	2	0,2	-	-
Rede elétrica	577	64,4	254	28,3	62	6,9	3	0,3	-	-
Telefone	692	77,2	155	17,3	43	4,8	6	0,7	-	-

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

A omissão e a fragilidade do governo aparecem ainda mais claras na avaliação da política de segurança pública, classificada por 41,7% dos jovens como “ruim” e somente 15,5% como “bom”.

A insegurança na Cidade é destacada entre todo o segmento jovem, principalmente aquele próximo às classes mais pobres. Para estas, a insegurança aparece acoplada aos aspectos do desrespeito e da discriminação por parte dos policiais. Quando os jovens dessa camada social falam do policiamento da Cidade desaparece de suas falas, por alguns instantes, o lado brincalhão e alegre, dando lugar ao ódio e a intranquilidade.

A violência em Fortaleza aparece como um aspecto preocupante entre os jovens, mesmo justificada pelo caráter espoliador e caótico das grandes metrópoles. Ressalta-se neste sentido a natureza ambígua das representações

dos jovens sobre a cidade: *eu acho excelente morar em Fortaleza, tem violência, mas toda cidade grande tem, ou esta, de um de escola pública: Fortaleza cresceu, ficou violenta.*

O reconhecimento da violência em Fortaleza é geralmente relativizado, sendo a Cidade classificada de “calma”, em comparação às demais:

Apesar de toda a violência que existe em Fortaleza é a melhor cidade que tem para se viver. Apesar de ser violenta mas não é como o Rio. O Rio pra onde você olha é violência, então aqui não existe tanta violência como lá (jovem, escola pública).

Fortaleza em relação a Recife, a Salvador, ao Rio e a São Paulo é tranqüila, nem se compara (jovem, escola pública).

Entre os “meninos de rua”, aparecem também as comparações entre Fortaleza e as demais cidades, sendo a classificação de cidade “calma” uma afirmação recorrente:

Aqui é um paraíso comparando com a Bahia. Porque na Bahia é cheia de marginal, cheira cola lá na rua, toda hora é policial dentro de ônibus, do lado de fora... porque é assim de assalto. E aqui eu vejo muito menino dormindo aqui na rua, a polícia, tudo calmo, deitado no chão, lá, numa boa. Tem nada a ver com a Bahia. É muito calmo aqui. Muito calmo mesmo (jovem dependente de drogas).

Nós aqui dorme na porta da igreja, dorme em qualquer canto. Às vezes acontece algum atrito, algum de nós leva uma furada, mas não como eles, que nem a chacina deles, foi pistolagem. Muitos morreram e só um escapou (fazendo referência à Chacina da Candelária no Rio). Pra mim eu acho que ainda é mais calmo do que o Rio de Janeiro (jovem infrator).

Entretanto, para alguns jovens, essa “calma” de Fortaleza é inquietante, havendo uma preocupação, principalmente entre os que pertencem aos segmentos sociais mais “abastados”, com o aumento da violência da Cidade.

É a mesma situação. Por essa questão de insegurança, é porque a gente vê isso na televisão todo dia, questão de São Paulo, Rio de Janeiro, a gente compara com aqui. Por isso que a gente acha que aqui é menos perigoso, é mais calmo. Porque a gente vê em relação às cidades mais perigosas (jovem, escola particular).

As percepções sobre a insegurança em Fortaleza restringem as possibilidades de lazer, sendo um perigo difuso que termina limitando as diversões. Dentro destes contornos, Fortaleza é construída por um presente lúdico e com um futuro de incertezas.

ESPAÇOS DIFERENCIADOS E CLASSIFICAÇÕES ESTEREOTIPADAS

Conta-se que determinada pessoa daqui do bairro foi fazer um crediário. Quando chegou na loja, a moça perguntou: “onde é que você mora? A pessoa respondeu: “no Vixe!” Aí a moça perguntou: “mas não tem outro nome? Tem que ter outro nome!” A pessoa então falou: Tem, sim. Pirambu!” A moça na mesma hora, disse: “Vixe! (educador de escola pública).

Fortaleza é dividida pelos jovens dentro de dois grandes espaços: centro e periferia. Esta divisão condensa todas as segregações, as grandes marcas e as classificações estereotipadas. São fronteiras traçadas que limitam a mobilidade entre os bairros e o conhecimento de espaços diferentes. Essa linha, em parte imaginária, dá contorno ao que é considerado conhecido, dominado e controlado. Fortaleza

é uma cidade onde existem muitas divergências. Você nota que existem locais na cidade totalmente diferentes. São dois lados diferentes da mesma moeda. Porque existe o lado rico da cidade e existe o lado bem pobre. E essa diferença é assim, numa rua, numa própria via, você de repente vê esses dois lados. Isso é bem nítido, é bem diferente uma coisa da outra (jovem de grupo religioso)

Os jovens consideram que o deslocamento de um ponto a outro da Cidade significa o adentrar num mundo desconhecido e perigoso. É uma incursão a um espaço com outras regras de conduta.

Eu acho que não é tão seguro você tá saindo¹⁹, você tem que tá policiando e prestando atenção. Dizendo: pra lá é mais perigoso, não sei o quê, por ali é assim... (jovem, escola particular).

Para os jovens do “centro”, pertencentes às classes média e alta, a incursão à periferia representa o caminhar com o medo de uma violência difusa, decorrente de assaltos e assassinatos. Os jovens da “periferia”, pertencentes às classes pobres e classe média baixa, consideram, por outro lado, que a saída do seu bairro representa enfrentar o perigo de disputa com outras “turmas” e a violência policial.

As origens sociais delimitam as mobilidades nos espaços urbanos que passam a dar os contornos das classificações do outro, do diferente, do não conhecido. Em princípio, nem todos podem ou devem frequentar todos os espaços. A não convivência social de jovens de classes sociais diferentes leva, naturalmente, à construção de visões preconceituosas, estigmatizadas e esquemáticas. Uns são considerados *playboys* e outros são classificados como

¹⁹ A expressão “tá saindo” significa o deslocamento para um outro bairro, ou mesmo pra uma outra rua.

“marginais”, reforçando uma nítida exclusão nos espaços construídos.

Os jovens da Aldeota (bairro classificado por eles como centro) *vêm os jovens da periferia que usam brincos e bonés como malandros, marginais* (jovem integrante do movimento hip hop).

Por outro lado, é interessante a visão de um jovem de “periferia” sobre uma “turma” de um bairro classificado como “centro” de classe média baixa: “lá só tem filho de ricão, com o cabelão grande, tudo rico, a maioria tem carro, mas são ladrão, não prestam. Eles passaram do nosso lado, aí eles disseram assim, *na Messejana só tem os favelados*” (jovem de gangue).

Se, por um lado, existem as classificações entre bairros violentos e bairros calmos, por outro lado, existem as construções idealizadas de seus lugares, os próprios espaços. Os bairros violentos são nomeados, pelos jovens, independentemente de suas origens sociais, dentro da mesma classificação dos órgãos de segurança. E, neste sentido, o Pirambu é mencionado nas entrevistas como o bairro mais violento.

Eu acho que o canto mais perigoso é o Pirambu... eu não conheço, mas eu vejo falar assim como é (jovem de gangue).

A idealização do próprio bairro é construída, em comparação a outros considerados, pela imprensa e pelos órgãos de segurança, como os mais “tranqüilos”.

Eu acho que aqui o ambiente aqui da Messejana é o melhor ambiente que tem, é o melhor canto que tem, porque eu já morei no centro (na Aldeota). Mas gostar mesmo, eu gosto daqui, é um canto assim calmo e não tem muito aquele perigo do assalto. Aquele pessoal que mora no centro, a gente vê as casas tudo gradeada, tudo trancada, aqui é mais fora da sociedade, é mais afastado (jovem de gangue).

Existe inclusive uma idealização por parte dos “meninos de rua” dos espaços que habitam e frequentam.

Da nossa parte não, mas em outras praças nenhum se dão bem, como ali na praça José de Alencar, praça da Estação, praça Coração de Jesus. Todos eles ali já foram daqui da nossa praça. E pra nós é assim, os que eram maior tratavam a gente que era menor, queriam casar e batizar em cima da gente... As violências e brigas que rola entre a gente, que é da nossa praça com outras praças. O que acontece é que ou mata ou morre... o meu colega disse que quando a gente era pequeno, eles(os grandes) faziam a gente roubar pra eles, batia na gente, quando a gente que vive no meio da rua, às vezes num rouba só pra usar droga, usa droga porque a gente é viciado. Roubam também porque precisa

de um prato de comida, um real pra merendar. Aí eles chegavam e tomavam o nosso dinheiro... na nossa praça, nós somos diferentes, nós não bota ninguém pra roubar. Qualquer pessoa da nossa praça aqui se vira como pode se virar. Ninguém não manda em ninguém, somos completamente diferentes das outras praças, nós somos unidos. Porque se um tem 10 reais, tem 10 pessoas com fome, o que tem os 10 reais chega ali na lanchonete, paga merenda ou almoço pra todo mundo. Nós aqui da nossa praça somos uma família (jovem infrator).

Os “meninos de rua” do centro da Cidade percebem o espaço físico de modo fortemente segmentado: o aqui e o lá.

Essa pessoa que vai escutar essa fita que ajude a gente que estamos na rua aqui. Tá certo que lá... Eu acho que lá não é tanto sofrimento (como) aqui. Porque não tem comparação. Porque lá quando é algum sofrimento assim, morre de vez. Mas lá, eu acho que eles passam bem... porque eles têm... todo dia e nós não. Tem dia que tem, tem dia que não tem, tem dia feliz, tem dia que tá ruim (jovem infrator).

As praças da Sé, do Coração de Jesus, da Estação e José de Alencar são os principais espaços dos “jovens de rua” que moram no centro da Cidade. Estas praças dão concretude à representação que os jovens da periferia e de outros bairros têm do “centro” como a área mais criticada do perímetro urbano. O centro é visto como o lugar de marginais, de desocupados e de “meninos sem família”. Estas classificações perpassam todas as camadas sociais, dando ao centro uma configuração de local em situação de decadência.

Para os jovens das classes média alta, os lugares mais “perigosos” do centro são os próximos às favelas. Em um grau de sofisticação e detalhamento, os bairros, as ruas, os clubes sociais e os bares vão sendo definidos como “calmos” ou “perigosos”. Para os jovens das classes altas, “a mistura”, representada pela presença de jovens da “periferia”, determina a possibilidade de “perigo” e de violência. Para os jovens de “periferia”, é a presença de gangues, de galeras e da polícia que possibilita ou provoca um clima violento.

As classificações construídas sobre a cidade de Fortaleza são marcadas, em grande parte, por estereótipos produzidos tanto por jovens como por adultos. Um clube social é chamado “Clube Recreativo da Desordem”. “Não é um clube recreativo, porque se fosse um clube recreativo, era de respeito. Lá só tem desordem.” Uma casa de *show* passa a ser vista como tendo somente “marginais”. Uma determinada rua, no interior de uma favela é chamada pelos próprios moradores por “rua do pecado”, ou rua onde só mora “desordeiros”. É importante destacar que essas denominações referem-se a espaços muito próximos às próprias residências, denotando que a capacidade de classificar

exime o classificador do estereótipo produzido.

O andar, o circular, o freqüentar estão, em grande parte, circunscritos a determinadas divisões espaciais: lugar de desordeiro, de marginal, de pixador, de maconheiro, de malandro. Existe mais uma denominação feita pelos jovens de classe média e classe alta que é o de ambiente “misturado”, no sentido de não adequação para ser freqüentado. Estes espaços têm como grande marca a violência, devendo, em princípio, ser evitados. Representam lugares rejeitados por serem freqüentados por categorias discriminadas socialmente e por reproduzirem situações em que as regras sociais não são conhecidas e controladas. Os bailes *funks* constituem um exemplo de ambigüidade entre violência e diversão. São considerados pelos jovens como lugares violentos, só de “adrenalina”, nos quais em princípio, só vai “rolar porrada”.

...muitos jovens da periferia fazem pra se divertir? Muitos deles vão pros Bailes Funks, no fins-de-semana, durante à noite, em pracinhas, em calçadões, nessas festas procurando confusão. Procurando não, por que a confusão pra eles é normal. É tiroteio, pichar, essas coisas assim... (*jovem ligado à arte*).

Baile Funk pra mim é uma coisa que gera mais violência, o baile funk. Esse negócio de lado A e lado B, é só porrada! (*jovem dependente de drogas*).

Nos bailes *funks* o perigo e a diversão se cruzam em todos os momentos; no entanto, seus participantes se dividem entre as galeras das torcidas organizadas, jovens envolvidos com gangues e galeras de alguns bairros de Fortaleza.

Na maioria das vezes, os bailes *funks* ocorrem nas periferias da Cidade. Os jovens se encontram em um local marcado, alguns deles pegam carona dentro de um caminhão mandado especialmente para fazer a condução das turmas e galeras. Este caminhão é fretado pelos promotores do baile. A emoção começa na trajetória ao local do baile, momento em que se iniciam as primeiras batidas policiais ao grupo. Dentro de um caminhão fechado, meninas e meninos desmaiam ou passam mal por causa do ar rarefeito no interior do veículo.

Ao chegarem ao local, os grupos ficam divididos entre turmas A e B, a partir das quais são delimitados os espaços de seus integrantes. A forma de dançar mais parece uma coreografia de preparação para o combate: joelhos, ombros, pernas e braços se encontram de forma a representar como se estivessem brigando. No momento que alguém de uma turma invade o espaço da outra, iniciam-se os enfrentamentos.

Na verdade, não é só no salão onde as brigas ocorrem. Todo o espaço interno e externo dos clubes, dos bairros e dos ônibus, locais demarcados

pelas turmas, são referências para o confronto.

Sob o signo da aventura, do gosto da adrenalina produzida pelo experimento dos limites do desafio e do medo, situam-se as representações construídas pelos jovens de grupos de pichadores, liminaridade que pouco se diferencia da experiência dos bailes *funks*, cujo ritual não se realiza no ato em si, mas a sua preparação já se constitui em momentos de perturbação dos padrões estabelecidos, como podemos abaixo observar:

A gente começava ir nas bodegas, roubava xampu, chinelo, essas coisas. Vendia, comprava spray, aí cada um ficava com uma lata para cinco, aí outra lata pra mais cinco, assim dava pra se acabar. Aí começávamos a pixar, pixava assim, a casa mais bonita que nós achava, ela assim toda de branco, aquela ali, pronto e pixava (jovem infrator).

Se a “rua” para os jovens da classe alta e da classe média alta, em princípio, é um lugar de perigo (de violência , de assalto e de assassinato), para os jovens da classe baixa e classe média baixa representa, principalmente, o espaço da desordem, da possibilidade de se “fazer o que não presta”, da disputa e da briga. Como diz um jovem: “nós acreditamos que um grupo ligado à arte é um incentivo para que muitos jovens esqueçam as ruas e comecem a praticar alguma atividade que ele goste ... (devemos) tirar os jovens das ruas, de uma coisa que não presta” (jovem do movimento *Hip Hop*). Um outro diz: *Eu acho que todo jovem deveria trabalhar. Eu acho que o jovem adolescente nessa época, ele deveria reservar um expediente para o trabalho. Porque assim era uma forma de afastar mas ele das ruas, da violência, da criminalidade (jovem do movimento Hip Hop).*

Vale destacar que nestas citações a arte e o trabalho aparecem como elementos de disciplinamento que possibilitam a retirada dos meninos da rua. A segmentação espacial recobre diferentes situações vividas no cotidiano da moradia, do trabalho e do lazer. Os espaços são construídos por fronteiras simbólicas que estão constantemente sendo classificados e estigmatizados.

OS ESPAÇOS DA CIDADE E A ESTIGMATIZAÇÃO

Estes processos de diferenciação espacial e social em Fortaleza são destacados pelos educadores, principalmente por aqueles que trabalham em escolas localizadas em áreas “marginais”. O estigma parece ter uma significação central no discurso desses educadores, e parece revelar, nos seus discursos, um cimento subjetivo que funda e justifica as diferenças espaciais e das pessoas a elas referidas em toda a cidade.

Os diversos espaços que caracterizam Fortaleza são vivenciados

simbolicamente pelos jovens e adultos como universos que se interpenetram, mas não se permitem uma articulação. Na verdade, são representados como “outro universo”, como “outra realidade”, de acordo com a menção de uma educadora.

A divisão abstrata da configuração espacial leste/oeste não é apenas um referencial da organização geo-administrativa da Cidade. Jovens e adultos têm recriado essa simbologia, atribuindo-lhe novas significações. O modo fragmentado de ver a Cidade está presente nos depoimentos dos profissionais de ensino. Para eles, é como se houvesse duas cidades. De uma professora de escola pública, do bairro do Pirambu, ouvimos a seguinte afirmação, ao relatar as discussões que desenvolve com seus alunos sobre a cidade de Fortaleza:

Ontem teve um debate muito gostoso, a gente falava sobre a apatia. Nós estávamos falando sobre os dois Brasis e chegamos em Fortaleza, exatamente dessa diferença, desse “apartheid” social, a gente estava comentando para eles o que era Fortaleza. Eles disseram: “professora, a gente se dividia ali na marinha, leste e oeste, da marinha para cá, e da marinha para lá vem o centro, aldeota”²⁰. A gente está discutindo e eu não sei se eles tem essa consciência, assim, antes.

Este tipo de estigmatização, decorrente da nítida demarcação espacial da Cidade, é constantemente apontada pelos educadores como uma das causas que tem contribuído para diminuir os níveis de auto-estima dos jovens da periferia. Para eles, tal processo se revela nos jovens através da discriminação cotidiana que os torna “estranhos” e os condena à condição de “eternos suspeitos”, principalmente aos olhos dos habitantes do outro lado da Cidade:

Eles falam muito da discriminação que eles sentem do lado de lá da cidade, ontem um aluno falou: “só porque eu sou preto eu vou ao centro aí o pessoal atravessa a rua quando me ver”. Então eles sentem. Outra aluna disse: “ora, quando eu venho com os meus colegas do outro lado da cidade o pessoal agarra a bolsa quando me vê”. Quer dizer a aparência, o povo que mora aqui tem um estigma, tem uma marca que é um apartheid, são duas Fortalezas (educador de escola municipal).

Esta representação que recai sobre os jovens pobres tem se alimentado pelo processo crescente de marginalização do outro, pela instituição do outro como o “diferente”. Ao que parece, é o medo, vivido de maneira difusa, que

²⁰ Esta menção refere-se ao quartel da Marinha que está localizado entre o centro e os bairros que se localizam a oeste da Cidade. Assim como esse quartel, a linha férrea ocupa um lugar simbólico que separa os bairros ricos dos bairros pobres, o centro da periferia.

toma forma e contornos nas figuras facilmente estigmatizadas, porque excluídas do sistema de trocas entre iguais. De acordo com a compreensão de um educador, esses jovens

são marginalizados e realmente causam temor do lado de lá, quando os meninos vão para lá na época do Fortal, as praias, por ali na Volta da Jurema, Iguatemi, eles não são bem recebidos... (educador de escola municipal).

Um aspecto importante salientado pelos educadores, sobretudo do bairro Pirambu, nos remete à apreensão dialética da realidade, com suas ambigüidades e polifonias. Estamos nos referindo aos processos de re-semantização dos símbolos sociais realizados pelos próprios sujeitos nas suas experiências cotidianas.

Nesta perspectiva, para alguns educadores, há dois significados sobre a representação espacial da Cidade. Se, de um lado, produz um sentimento de impotência e exclusão nos jovens, por outro, este mesmo processo tem significado de poder.

É o outro lado da moeda porque enquanto o pessoal de lá são entre aspas “os bonzinhos” o pessoal daqui são os bandidos, isso dá poder também, é assim: eu sou do Pirambu. Um aluno disse para mim: eu sou é do Pirambu, eu respondi: eu sou é do Aeroporto, e daí? Isso é porque ser do Pirambu é ser marginal, é está na escória da sociedade. Dizem assim: se vai para o Pirambu, cuidado. Se chega uma pessoa nova aqui: cuidado, você vai para o Pirambu? Cuidado! Você é doido? Cuidado com a bolsa, cuidado quando for sair, está entendendo? Então, ser do Pirambu é ter esse poder, é o outro lado (professor de escola pública).

As eventuais “misturas” que acontecem nos momentos de lazer produzem ordenamentos espaciais, como veremos a seguir.

FORTALEZA: DIVERSÃO E SEUS PROTAGONISTAS

Fortaleza tem como uma das principais características o dinamismo de suas atividades de lazer. Os jovens encontram diferentes opções de diversão, expressando todos os tipos de gostos e costumes, diversificando-se tanto pelos horários quanto ao público a que se destinam.

As formas de lazer, em sua variedade, se diferenciam de acordo com a especificidade dos grupos. O movimento entre estes se diferencia consoante o tipo de relação que tem com o espaço urbano e com a classe social a que os jovens pertencem.

Os jovens entrevistados relataram que as atividades de divertimento

ocorrem de “segunda a segunda”. Fortaleza, por estar situada numa região litorânea, é considerada uma referência na rota do turismo, setor que tem sido reforçado pela política dos últimos governos. Assim, o desenvolvimento de Fortaleza, nos últimos anos, está intimamente ligado às atrações turísticas. A Cidade é conhecida como a capital da “Terra do Sol”.

De acordo com a pesquisa, os jovens se divertem conversando, namorando, dançando, bebendo, e “aprontando/zoando”.

QUADRO 13
DIVERSÃO SEGUNDO O SEXO

	Sexo					
	Feminino		Masculino		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Dançar	380	84,6	303	68,1	683	76,4
Namorar/Paquerar/Ficar	363	80,8	393	88,3	756	84,6
Conversar	432	96,2	213	47,9	327	36,6
Beber	114	25,4	213	47,9	327	36,6
Aprontar/zoar/zonear	90	20,0	132	29,7	222	24,8
Usar drogas	7	1,6	37	8,3	44	4,9
Rezar/orar	226	50,3	186	41,8	412	46,1
Total	449	50,2	445	49,8	894	100,0

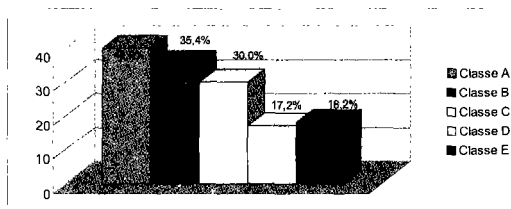
Percentuais baseados nos 894 casos válidos.

Observamos que a juventude tem o diálogo como um bom momento para a diversão, pois 96,2% das moças e 97,1% dos rapazes apontaram esse item como prática de diversão. Mais que namorar e dançar, característicos do lazer entre a juventude, a conversa traduz o desejo juvenil de se relacionar com o outro, fato este representado como divertido. Isso tem forte relação com a representação do “ter amigos” que observamos anteriormente, quando os jovens colocaram a importância da amizade como fator de integração da juventude.

Além das festas, que são muito citadas pelas classes média e alta, outra grande diversão dos jovens são as micaretas, mais conhecidas como pré-carnaval e o Fortal. O primeiro ocorre no mês de janeiro, e o segundo em julho. Bandas baianas tomam conta do espaço da beira-mar²¹ com seus conhecidos trios elétricos. As classes baixas também estão presentes a estes eventos, todavia a grande diferença é que as classes mais abastadas ficam dentro do cordão de isolamento e aquelas vão na “pipoca” (do lado de fora do mesmo, acompanhando o trio elétrico).

²¹ Espaço na orla marítima que acolhe os mais belos prédios, hotéis e restaurantes de Fortaleza, como também é um dos mais conhecidos como ponto turístico da Cidade.

GRÁFICO 7
PARTICIPAÇÃO NOS BLOCOS DO FORTAL SEGUNDO A CLASSE SOCIAL



Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

O gráfico demonstra que são as classes A, B e C que mais estão presentes nos blocos. Isto pode apontar para uma possível segregação social também no modo de diversão, demarcada pelas condições econômicas de consumo dos jovens. A participação nos blocos do Fortal exige um razoável poder aquisitivo.

Entre as classes baixas, um dos tipos de diversão é frequentar os clubes de forró, festinhas na casa de amigos, ir à praia e às pracinhas dos bairros.

Sempre no fim-de-semana, eu vou para a praia, quando eu vou para praia saio com um grupo de amigos, também vamos ver o forró e dançar, ir a pracinha, sabe. Mas a gente sempre procura voltar cedo para casa..”(jovem de escola pública).

Ir à praia é universal, andar, tomar água de coco. É pertencer a todas as tribos (jovem de escola particular).

A praia aparece como um espaço universal e democrático. Entretanto, é um espaço segmentado de acordo com as classes sociais que a frequentam. Existe uma segregação definida pelas barracas, locais e ambientes a serem frequentados. As classes altas apropriam-se de algumas barracas da Praia do Futuro, enquanto outras barracas são consideradas fora do padrão exigido por esses segmentos. As classes baixas encontram outros espaços da praia para frequentar, espaços estes estigmatizados seja porque estão próximos à periferia, seja por causa da poluição do mar. Assim são consideradas as praias Barra do Ceará e do Náutico²², como também algumas barracas da praia do Futuro.

Os grupos ligados à arte pesquisados se divertem de forma diferenciada dos comentados há pouco. Entre estes, a diversão está intimamente ligada ao

²² Nestas praias existem maiores facilidades de transporte coletivo, para onde converge grande quantidade de pessoas de vários locais de Fortaleza.

exercício do *break*²³, do grafite e da prática do *skate*. Valorizam-se, desta forma, as atividades de lazer ligadas a uma “arte alternativa”.

Através do Hip Hop que a gente conhece aqui, a gente se interessa pela arte do skate, pela arte do grafite (jovem artista).

A nossa forma de lazer, é aderir ao Hip Hop, curtir o Brake, né, o qual nós fazemos parte, dançando nos finais de semana, em praças públicas (jovem artista).

TURMAS: ESPAÇOS NEGADOS

Um aspecto relevante relacionado aos valores e às formas gregárias que estes têm construído como espaços de trocas simbólicas de sociabilidades, através dos quais criam valores de identidade de si, dos outros e da Cidade, referem-se ao perfil desses jovens através da diversidade das turmas das quais fazem parte.

Participar de turmas envolve mais do que simplesmente satisfazer um desejo gregário que seria típico da juventude. Nas turmas são desenvolvidas intensas trocas: trocas no interior de uma turma, entre as diversas turmas das quais participam parcelas da juventude e, finalmente, trocas entre os jovens que não participam de turmas formalmente estruturadas, que compõem um largo espectro de possibilidades para as inserções deles no mundo social. Os jovens passam a construir não apenas identidades pessoais, como pessoas pertencentes à sociedade em geral, a partir dos processos de identidade desenvolvidos no interior de grupos que chamamos de turmas. Todavia, nem todos os jovens se reconhecem como pertencendo às turmas. Aliás, a maioria dos jovens não se pensa como participando de turmas, conforme podemos observar nos dados abaixo a seguir, resultado dos questionários aplicados.

QUADRO 14
SOBRE A PARTICIPAÇÃO EM GRUPO OU TURMA

Classe Social	Sim	Não	Total
Classe A	52,2%	47,8%	100,0%
Classe B	47,6%	52,4%	100,0%
Classe C	37,6%	62,4%	100,0%
Classe D	28,1%	71,9%	100,0%
Classe E	32,2%	67,8%	100,0%
Total	37,9%	62,1%	100,0%

²³ Tipo de dança que mistura exercícios físicos e à arte das acrobacias no solo.

O quadro nos mostra que, da população pesquisada, 37,9% participam de algum grupo ou turma, contra 62,1% que responderam não participar de turmas. Parece-nos que a grande maioria dos jovens disse não participar de grupos ou turmas por ter associado ao termo “turma” o significado de “vagabundagem”, “marginalidade” ou participação em gangues e “galeras”. Mesmo sendo menor o número de jovens que se declaram não participantes de turmas, este fato não deve ser minimizado tendo em vista o destaque que o mesmo recebe nos grupos focais.

De um total de 836 jovens pesquisados, 317 se declararam participantes de algum tipo de turma ou grupo. Deste total declarado, podemos inferir as preferências desses jovens, conforme dados a seguir:

QUADRO 15
PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS SEGUNDO AS PREFERÊNCIAS DOS JOVENS

Nome do Grupo	Porcentagem
Grupo de Escola	47,3%
Grupo de bairro/condomínio	42,3%
Grupo jovem de igreja	39,1%
Blocos do Fortal	28,4%
Grupo de música	18,9%
Galera de dança	17,7%
Grupos de lutas marciais/capoeira	14,8%
Torcida organizada	13,9%
Grêmio/movimento estudantil	11,4%
Galeras ou gangues	7,6%
Grupo de pixadores	4,7%
Outros	9,1%
Total	100,0%

De acordo com o que o quadro nos mostra, os grupos ou turmas preferidos dos jovens inquiridos são, em ordem de colocação, grupos de escola, grupos de bairro/condomínio, e grupos de jovens de igreja como os primeiros colocados; blocos do Fortal, galeras de dança e grupos de música em segundo lugar; em terceiro lugar vêm grupos de lutas marciais/capoeira, torcida organizada e movimento estudantil; ficam em quarto e último lugar as turmas de gangues ou “galeras”, grupo de pixadores e outros, demonstrando, a princípio, uma inserção maior dos jovens nos grupos consensualmente permitidos e/ou considerados dentro da “ordem” dominante.

Os diversos grupos vão, pois, se classificar e classificar os grupos dos quais estão fora. Pareceu-nos existir uma clara definição social operada pelos

membros das diversas turmas, indicando como percebem a si mesmos e como percebem outros grupos.

Os grupos formados em torno dos ideais dominantes (grupos religiosos, grupos de colégio ou de vizinhança) estabelecem discursos segregacionistas em relação aos grupos que são percebidos socialmente como marginalizados ou desviantes em relação aos valores dominantes da sociedade (pixadores, gangueiros, skatistas).

Deste modo, o perfil das turmas e grupos que são experimentados pelos jovens vão se constituindo a partir de sua natureza específica não apenas em relação ao que fazem, mas também às valorações que vão receber e/ou ser atribuídas por eles mesmos e pela sociedade. O conjunto destas relações, no entanto, não está desvinculado de um complexo feixe de significações, inclusive da marca da classe a que pertencem. Ao avaliar os tipos de grupos sociais a que os jovens estão vinculados, podemos observar recorrências de certas turmas/grupos comuns às classes sociais abrangidas, embora certos grupos apareçam com maior evidência numa classe que noutra, conforme podemos avaliar no quadro seguinte:

QUADRO 16

PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS EM GRUPOS/TURMAS SEGUNDO A CLASSE SOCIAL

GRUPOS	Classe A		Classe B		Classe C		Classe D		Classe E		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
De escola	21	60,0	59	59,6	33	47,1	18	31,0	19	34,5	150	47,3
Bairro/Condomínio	14	40,0	48	48,5	22	31,4	26	44,8	24	43,6	134	42,3
Jovem de Igreja	11	31,4	27	27,3	42	60,0	23	39,7	21	38,2	124	39,1
Blocos do Fortal	14	40,0	35	35,4	21	30,0	10	17,2	10	18,2	90	28,4
Música	04	11,4	21	21,2	18	25,7	08	13,8	09	16,4	60	18,9
Galera de Dança	06	17,1	17	17,2	12	17,1	06	10,3	08	14,5	47	14,8
Lutas marciais capoeira	04	11,4	17	17,2	12	17,1	06	10,3	08	14,5	47	14,8
Torcida organizada	04	11,4	10	10,1	10	14,3	05	8,6	15	27,3	44	13,9
Grêmio/Mov. Estudan	03	8,6	11	11,1	15	21,4	03	5,2	04	7,3	36	11,4
Gangues/galeras	01	2,9	08	8,1	03	4,3	03	5,2	06	10,9	15	4,7
Pixadores	01	2,0	02	2,0	03	4,3	03	5,2	06	10,9	15	4,7
Outros	04	1,4	01	1,4	04	5,7	05	8,6	05	9,1	19	9,1
	0	1	1	1	0	5	0	0	0	0		
Total	35	11,0	99	31,2	70	22,1	58	18,3	55	17,4	317	100

N = quantidade de jovens entrevistados

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Vale a pena observar alguns aspectos relevantes nos dados apresentados pelo quadro acima. Conforme serão analisadas nos capítulos 2 e 3, a família e

a escola aparecem como os espaços fundamentais de socialização das crianças e dos jovens, o que vem se confirmar através dos índices aqui revelados, ou seja, do total dos jovens que se reconhecem participantes de grupos, 47,3% afirmam estar ligados ao grupo de escola. No entanto, o que nos chama a atenção é que esta vinculação apresenta uma escala descendente quando relacionada às classes sociais a que os jovens pertencem. Neste sentido, 60% dos jovens da classe alta estão agregados em grupos de escola, o que não se verifica nas declarações dos jovens das classes D e E, onde esse índice atinge apenas 31,0 e 34,5% do total dos jovens declarados.

Podemos observar, neste perfil, que os grupos denominados gangues e galeras estão no oposto da significação dos grupos de escola. Este também tem uma recorrência acentuadamente variável em relação às classes sociais, com sua maior incidência ligada aos jovens pertencentes às classes populares. Do total dos jovens que se declararam participar de grupos, conforme o quadro 16, 7,6% afirmam ser participantes de gangues ou galera. No entanto, enquanto apenas 2,9% desses jovens declarados estão situados na classe A, 12,7% correspondem aos jovens pertencentes à classe E. A participação de jovens em gangues e galeras é assim um fenômeno marcante em níveis específicos de sociabilidade juvenil e, ao que nos parece, emerge no cenário social sob o forte estigma de significação marginal.

Há, no entanto, aquelas formas de socialização que estão mais livres das avaliações estigmatizadoras e de cujos significados podemos inferir um sentido atribuído pelo padrões dominantes da sociedade. Estes podem ser identificados como os grupos religiosos, os grupos de música e mesmo os grupos de bairro e de condomínios. Estes dois últimos, embora tenham significados diferenciados, aparecem agregados no perfil dos jovens pesquisados sem grandes disparidades entre as classes sociais, conforme demonstrado no quadro.

Aqui está também visível o caráter de que se revestem os grupos relacionados aos Blocos do Fortal²⁴. Neste caso, as disparidades entre as classes sociais podem ser explicadas, a princípio, pelo poder aquisitivo de seus participantes. Mesmo assim, 28,4% do total dos jovens que se declararam ligados a grupos formais se reconhecem participantes dos blocos do Fortal. Esta participação, no entanto, se revela extremamente desigual, quando confrontadas as classes sociais. Do total dos jovens da classe A que se declararam participantes de grupos, 40% se dizem participantes dos blocos do Fortal, enquanto apenas 18,2% dos jovens da classe E se declararam participantes desses blocos. Perceberemos, deste modo, que os processos de agrupamento e

²⁴ Micareta (carnaval fora de época) realizada na Cidade, no mês de julho.

os valores que os sustentam podem variar e se revestir de significados diversificados, que vão desde os aspectos econômicos e religiosos, aos mais difusos, como as motivações de ordem cultural.

As turmas juvenis nos mostram que têm uma expressividade própria. Elas expõem todo um universo de experiências que as tornam um “agente social independente” (Damasceno, 1997), ou seja, um espaço criador do que hoje chamamos cultura jovem. Outros elementos também são fundantes para a constituição dessa nova cultura: uma ética de convivência social diferenciada, uma linguagem própria, um estilo de vestir diferenciado, sobretudo quando contraposto ao mundo adulto.

Abramo (1994) apresenta o período da vida que uma sociedade atribui à juventude como uma época de “moratória” social, quando o jovem tem sempre ocasião de recusar ou aceitar os valores do “mundo adulto” a ele proposto. Alguns o recusam (pelo menos temporariamente) e outros assimilam-se ao mundo e por ele são assimilados mais rapidamente do que outros. A possibilidade de vivências múltiplas e mútuas é a razão de existência das turmas. Cada turma cria os seus estímulos, o seu estilo, as suas regras, enfim, os seus valores que podem ser simples reproduções dos valores sociais gerais com outro linguajar, ou totalmente contrários a estes, assumindo uma posição considerada “desviante” pela sociedade.

E diante de várias representações sobre as turmas, referindo-nos a Maffesoli, dizemos que a turma representa “a superação do principium individuationis que era o nome de ouro de toda organização e teorias sociais” (1994:03). A turma reaviva o gosto pela vida regida numa esfera coletiva. É um grupo visto como instituído e instituinte de novos padrões e com cargas de sentido e significações intersticiais na sociedade contemporânea.

É fazendo parte dessa “cultura jovem” que trabalharemos o modo de ser da juventude e, em especial, as turmas, sendo estas parte de uma teia de relações onde se constrói uma diversidade de imagens do social, onde se estabelecem aspirações, possibilidades e limitações, os quais se traduzem em emblemas/símbolos de uma época.

Finalmente, precisamos observar que existem séries de classificações do mundo adulto e do mundo juvenil que produzem estigmas acerca dos jovens que participam de “turmas”. Obviamente, não de qualquer tipo de turma, mas de algumas turmas para as quais a sociedade dirige um olhar negativista, como as torcidas organizadas, as “galeras”, as “gângues” e os “pixadores”. Isto quer dizer que se criou um estigma social que associa com muita facilidade a participação dos jovens em turmas com elementos de socialização violenta e negativa.

CAPÍTULO II

ESPAÇOS INSTITUCIONAIS DE SOCIALIZAÇÃO

A FAMÍLIA

O discurso sobre família como célula central da sociedade – *celula-mater* -, átomo em torno do qual se agrupam as relações sociais dos grupos humanos é bem anterior às reflexões sociológicas e fizeram derramar suor e tinta por parte de teólogos, filósofos, literatos e outros pensadores, das épocas clássicas até nossa contemporaneidade, passando evidentemente pelas reflexões do homem comum em sua vida cotidiana. O discurso sobre família é, pois, sobredeterminado: quando pensamos sobre tal temática, o fazemos dentro de um campo de significados já estabelecidos.

Antes de prosseguir numa análise da família e da relação dos jovens com tal instituição não nos parece inútil lembrar que, como instituição universal - ou seja, encontrada em todas as épocas das quais fomos capazes de preservar um registro e em todos os povos de que se tem notícia - a família varia tanto no espaço quanto no tempo, assumindo formas que tanto historiadores quanto antropólogos descreveram e que nos surpreendem e rompem com a visão monolítica e dominante na sociedade brasileira: a família nuclear (pai/mãe/filhos), que aparece como representação dominante no espaço social entre nós está longe de prescindir de uma história social.

Somente o desconhecimento de tal história é capaz de naturalizar (ou seja, perceber como “normal” e “natural”) as relações de força que pouco a pouco foram impondo um modelo único: o nuclear (não como prática efetiva mas como símbolo dominante de “como deve ser” uma família), em contraposição às formas diversas que tem e teve tal instituição (poligâmica, matrifocal, monoparental etc.).

No entanto, uma história social da família ou uma sociologia histórica familiar, além de indicar a hegemonia simbólica do nuclear como forma “ideal” de parentesco não deve deixar de mostrar que entre nós as formas familiares são múltiplas e, malgrado não serem “como se deve ser”, outras formas existem e resistem no campo simbólico das formas familiares: famílias extensas, mães “chefes de família”, união/separação/união, “uniões livres”, mães criando filhas que se tornam mães sob o teto doméstico etc. Dentre os diversos entrevistados, apenas 55,4% têm uma família “como se deve”. O restante (ou seja, metade dos jovens) não se enquadra dentro da forma simbólica dominante em nossa sociedade.

QUADRO 17 - COM QUEM MORA

Com o pai e a mãe	Só com o pai	Só com a mãe	Com parentes	Com amigos colegas	Sozinho Companheiro(a)	Esposo(a)	Outros
55,4 %	2,5 %	20,4 %	13,3 %	1,4 %	1,1 %	3,0 %	1,7 %

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Tal sociologia deve ainda dar conta da família como espaço de socialização do indivíduo. A instituição familiar - em qualquer uma de suas formas - realiza a ação pedagógica primária, recebendo o indivíduo num mundo instituído. É na família que acontece a primeira inculcação do mundo, em função do mundo no qual vive a família do indivíduo em questão.

A cultura fabricada pelos homens, ou seja, suas efusões sobre o mundo material e imaterial (através de seus corpos e de sua consciência) é legada de uma geração à outra, pelo menos em um primeiro momento, no seio da família. Peter Berger (1985) explica que a atividade humana constrói o mundo; tal universo de sentido ganha vida concreta nas instituições que o homem cria; por seu turno, as consciências individuais são constituídas na interação do homem com as instituições sociais.

O primeiro diálogo do indivíduo com a sociedade dá-se na instituição que o próprio homem criou e que chamamos família (e, esquecendo-se disto, tende a naturalizar e perceber a instituição como única e imutável). Nela o homem é socializado: aprende normas e valores; constrói percepções sociais do belo, do justo do bom - e de seus opostos. A cultura começa a ser incorporada, ou seja, a fazer parte do próprio corpo.

O indivíduo, ao ser socializado nesta instância primeira da sociedade, sofre uma primeira violência: a imposição de uma maneira de ver, perceber e agir no mundo, que, como dissemos, é socialmente construída e frequentemente dissimulada e despercebida como tal.

Tal socialização os transforma em agentes sociais, ou seja, indivíduos que sofrem a ação da estrutura social e ao mesmo tempo capazes de agir sobre tal estrutura, pois conhecem os códigos que a fazem funcionar.

O mundo humano - ou seja, socialmente construído por nós - é apresentado ao indivíduo que nele chega como natural, como fazendo parte da natureza humana ou da "natureza das coisas": o mundo é assim "porque Deus quis", ou porque "sempre foi assim" etc. Os homens não inseridos em um sistema de signos comuns - são violentamente introduzidos em um universo de sentidos já estabelecidos. Seus corpos (não se deve esquecer de que a consciência faz parte do corpo) vão pouco a pouco se tornando harmoniosos com o mundo que os envolve: o mundo ganha as cores e as formas da cultura

do grupo e é percebido como real, pois apóia-se no sentido comum, arbitrariamente a ele atribuído pelo grupo do qual faz parte.

Neste grupo elementar, onde as interações são realizadas de maneira intensa, o indivíduo que chega sofre as primeiras violências simbólicas. É na família que ocorrem as primeiras imposições e inculcações de valores e normas, opiniões, percepções, representações do mundo social; é nesta instituição que o arbitrário cultural do mundo social é construído como natural e legítimo.

FAMÍLIA E CLASSES SOCIAIS

As sociedades divididas em classes, como a nossa, têm suas instituições permeadas por significações diferenciadas em função de sentidos socialmente construídos (de forma diferente) nas diversas posições ocupadas na estrutura hierárquica das classes. A família inserida no mundo social não deixa de ser atravessada pelas visões, percepções e representações produzidas de maneira diferenciada pelas diferentes posições de classes. As famílias das classes altas não percebem e não agem no mundo humano da mesma maneira que as famílias de classes baixas. Os jovens vão adquirir predisposições diferenciadas para o mundo em função da posição ocupada na estrutura de classe por suas famílias.

É importante sublinhar que a família não é a única instância socializadora; ela é, no entanto, a primeira a realizar tal ação pedagógica de construção do mundo social. Junto dela, as experiências dos jovens na escola, nas turmas e nas diversas instituições religiosas e seculares da qual fará pouco a pouco parte constituem a geradora dos esquemas de percepção, apreciação e ação que para o mundo social o predisporão; não de maneira mecânica, mas de maneira genética²⁵: não como uma gramática normativa, mas como uma gramática de possíveis, onde não se vive de regras mas de performances.

A experiência da família nuclear é ainda uma experiência significativa para todos os estratos sociais. A sociedade dividida em classes sociais, no entanto, possibilita experiências e eventos diferenciados para seus membros. Um bom exemplo do que estamos dizendo pode ser percebido quando lemos o quadro 18 através do filtro de classes. Podemos observar que, quanto mais ascendemos na hierarquia das classes, maior é a quantidade de jovens que residem com os pais (80,6% dos entrevistados da classe A e 61,8% da classe B dizem viver com pai e mãe). Quando analisamos os estratos inferiores,

²⁵ Bourdieu (1984) propõe que se detecte a estrutura de relações e posições do objeto estudado e que não nos contemos em descrever as atitudes e opiniões dos sujeitos, pois é no próprio sistema de relações e posições que se encontra parte da explicação das condutas, atitudes e opiniões.

percebemos que, embora predomine a convivência no modelo da família nuclear, passa a existir uma maior diversidade de experiências familiares. Por exemplo, 22,7% da classe E residem somente com a mãe contra 7,5% da classe A.

QUADRO 18

COM QUEM MORA SEGUNDO AS CLASSES									
Classe Social	Com o pai e a mãe	Só com o pai	Só com a mãe	Com parentes	Com amigos colegas	Sozinho	Esposo (a) Companheiro(a)	Outros	TOTAL
A	80,6%	4,5%	7,5%	6,0%	-	-	-	1,5%	100%
B	61,8	1,9%	19,3%	11,6%	1,4%	1,4%	1,4%	1,0%	100%
C	50,8%	2,7%	17,8%	19,3%	1,1%	2,7%	3,2%	2,2%	100%
D	50,3%	2,1%	26,2%	14,9%	2,6%	0,5%	3,1%	0,5%	100%
E	48,9%	2,8%	22,7%	15,9%	1,1%	-	5,7%	3,4%	100%
Total	55,4%	2,5%	20,4%	13,3%	1,4%	1,1%	3,0%	1,7%	100%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

GÊNERO: ESPAÇOS DIFERENCIADOS

A ação pedagógica no seio da família distingue os papéis sexuais de rapazes e moças, tanto no que diz respeito à reprodução sexual quanto na divisão do trabalho doméstico, passando pelas atribuições de cada um no mundo do senso comum: o mundo social é percebido por esquemas de percepção engendrados em função de uma socialização diferenciada, predispondo homens e mulheres a agir de modo não idêntico. As desigualdades e a dominação historicamente construídas vão pouco a pouco sendo corporificadas, ou seja, vão entrando nos corpos de rapazes e moças a ponto de fazê-los crer que as desigualdades sociais são frutos de uma “natureza humana”.

Muitas moças entrevistadas nos grupos focais descrevem o espaço doméstico como aquele que lhes é “de direito” atribuído, com seus trabalhos (cozinhar, costurar, lavar), funções (cuidar dos irmãos mais novos como uma mãe -, ceder certos privilégios aos homens etc.). Os rapazes também indicam como são construídos tais universos, mostrando como lhes são principalmente destinadas as tarefas físicas exteriores (comprar o gás butano, buscar o bujão de água etc.) e pesadas no interior da casa (serviços de manutenção da casa - pedreiro, bombeiro, mecânica etc. -, do carro - símbolo eminente do mundo exterior -, troca do gás e da água etc.). Pode-se distinguir um espaço doméstico,

construído em torno do feminino e um espaço público, construído em torno do masculino, “próprio” dos homens²⁶.

Duas falas, ditas em termos de desabafo por uma menina e depois por um menino, ilustram não apenas as diferenças de ocupação dos espaços públicos e privados como a construção social feita em volta do masculino (força física) e do feminino (trabalhos domésticos).

Menina: Apesar do modernismo em que a gente vive, a sociedade é um pouco machista. Apesar da revolução que tá tendo ainda fica aquela frasezinha que eu acho um horror: ‘segura as suas cabras, porque os meus bodes estão soltos!’ (risos). Eu olho essa frase, horrível e penso que a coisa continua: ‘o meu filho pode, mas a minha filha nem pensar!’; ‘meu filho pode chegar 11 horas mas a minha filha tem que chegar 9!’. Eu ainda vejo isso. Até mesmo em serviços de casa. Por exemplo: eu sou a irmã do fulano e tá eu e ele assistindo televisão; a mãe chega e diz: ‘vá lavar a louça’; ela diz comigo e não fala com ele. Outro exemplo: ‘deixa de ser relaxada menina! Lava tuas roupas, arruma tua cama!’ Enquanto isso a mãe tá lá, esfregando a camisa do filho, né, o filho da mesma idade; a do filho ela esfrega, porque o filho não pode sujar as mãos ou calejar. Porque o serviço não é digno. A filha pode, a filha tem o dever de fazer, de cumprir” (Jovem de movimento estudantil).

Menino: A minha mãe ela arruma a minha cama, lava as minhas roupas, a minha mãe ela faz tudo pra mim. A minha irmã, ela que lava os pratos, lave suas roupas, mas em compensação, o serviço pesado cai todo no homem. Se a mãe quer trocar uma estante ela diz: ‘meu filho pegue aquilo ali!’ Ela diz: ‘vá comprar o gás; vá na mercearia; vá buscar água’. Uma vez eu fiquei com raiva porque ela disse assim: ‘vá comprar pão na mercearia’; e eu: ‘porque eu?’ e falei ‘minha irmã passa o dia em casa, não faz nada; passa o dia assistindo televisão; porque você não manda ela ir na mercearia?’ e ela disse: ‘não, porque ela é mulher!’ Você vê, tem essa coisa também, né (Jovem de grupo religioso).

Chamamos a atenção para o fato de que os lugares sociais de ambos os gêneros são desenhados tanto pelo rapaz como pela moça, e a reclamação vai de encontro a uma socialização ainda em construção.

²⁶ Não nos parece inútil dizer que a grande maioria dos adultos de Fortaleza foram um dia socializados por situações que inculcaram delimitações de espaços dentro da própria casa (“lugar de homem não é na cozinha”), espaços dentro dos universos doméstico e público (menina “brinca de boneca”, de “mãe”, de “fazer comidinha” e menino “brinca de carrinho”, de “ser médico”, “engenheiro”, “soldado”, etc.).

Os estudos feitos sobre este assunto indicam que a dominação exercida no interior das classes tende a se atenuar nas sociedades complexas à medida nos aproximamos das classes altas, sobretudo nas frações de classe que mais acumularam anos e diplomas no sistema escolar (as mulheres que têm suas relações sociais e familiares no interior dos grupos intelectuais aparecem como as mais alforriadas desta dominação²⁷). As entrevistas feitas nos grupos focais comportaram tais afirmações: em Fortaleza, são as moças das classes altas que parecem ter menos conflito para romper com visões de mundo que lhes sobredeterminam o espaço doméstico (com suas funções e atividades), o que não impede que moças de classes populares também entrem em conflito para conseguir o próprio lugar no espaço público.

A multiplicidade de visões de mundo, de família, de indivíduo, varia, pois, de família para família e é função de diversos labirintos onde se destacam, particularmente na *prima* educação, a posição de classe e a condição de gênero.

Insistimos nestes dois aspectos (classe e gênero), pois eles nos pareceram fulcrais na construção e análise dos dados qualitativos e quantitativos deste trabalho e vão permear e balizar os comentários sobre as relações sociais tecidas pelos jovens.

DIÁLOGO E VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

A análise torna-se mais complexa quando nos interrogamos sobre as relações entre família, juventude e violência. Parece-nos importante dizer que a própria noção de violência está impregnada de pré-conceitos: ela situa-se em um campo de relações de força que tenta delimitar dentro de um grupo a classificação legítima do que é considerado como ato violento. Basta que pensemos, por exemplo, nos castigos físicos e privações impostos pelos pais no ato de educar os filhos e as diversas afirmações que vão sendo construídas em torno de tais ações: uns vão considerar certos atos - extremamente presentes na educação entre nós - como (por exemplo) a "palmada" que é dada no filho como um ato não violento e sim "educativo"; outros, pelo contrário, vão atribuir a tal ato um significado de violência que é necessário coibir. O mesmo pode ser dito

²⁷ Pierre Bourdieu descreve esta situação no artigo "Conferência do prêmio Goffman: A dominação masculina revisitada" in: *A dominação masculina revisitada*, livro organizado por Daniel Lins. Campinas, Papirus, 1998.

em relação às privações impostas como violentas ou não²⁸.

A escola como portadora legitimada dos saberes hegemônicos serve de caixa de ressonância destes saberes e tem uma influência na construção de esquemas de percepção da violência que, por sua vez, são reproduzidos dentro das famílias. Quando analisamos as famílias situadas numa posição social elevada percebemos que a probabilidade de seus membros terem passado por maiores períodos de formação escolar. Como também terem tido maior contato com o material de vulgarização científica que colabora para a definição dominante “do que é” e “do que não é ato violento”. O discurso de uma mãe ilustra esta situação:

Ontem eu vi na televisão um senhor falar sobre violência. Ele tinha feito uma pesquisa e nas casas onde havia mais violência era onde a família não se reunia nas horas das refeições. Ele disse que os jovens eram mais equilibrados quando sentavam com o pai, irmão, irmã, na hora das refeições e conversavam e debatiam os problemas familiares. Ele falou ainda que a família é a célula mãe. Eu acho que uma casa onde tem equilíbrio, é onde tem conversa, onde se conversa de tudo, onde o filho não tem medo de dirigir-se ao pai. Esse eu acho que não vai se revoltar nem entrar numa gangue.

O diálogo e a palavra foram construídos em nossa sociedade como contrário da violência. A verbalização dos atos cotidianos foi projetada como ideal a ser alcançado e existe uma economia das trocas e interações educativas que atribui valor positivo ao diálogo em detrimento das situações em que se faz uso da coação física.

A relação social dominante, mediada pelo uso da palavra, tem seu maior grau de uso quanto maior foi o tempo passado nas instâncias de legitimação (a escola sendo seu locus de excelência). É interessante notar ainda que nas classes baixas o uso da palavra pelos homens está por vezes associado ao malandro, aquele que “desdobra” (fala com ginga e convence o outro a fazer o que ele quer) que passa “queixo”, tem o “queixo grande²⁹.” Chefes de família de classes

²⁸ Em certos cantões suíços, os pais não têm direito de bater nos filhos; nem mesmo uma “simples” palmada é tolerada. Em certos grupos ameríndios, os rituais que marcam a passagem da infância para a adolescência seriam considerados em sociedades de capitalismo avançado como “extremamente” violentos (castigos físicos, marcas corporais feitas na carne através de incisões etc.). Durkheim apontava a *consciência coletiva* como parâmetro para a explicação dos comportamentos. Durkheim relativiza o próprio crime, pois, para ele, seu significado varia de sociedade para sociedade. Em sua análise, o crime é simplesmente um ato proibido pela *consciência coletiva* e num estudo sociológico ele só pode ser definido do exterior, levando em conta as representações coletivas da sociedade em questão que definem, o que é tolerável e o que não o é. Os interessados em aprofundar as questões da relatividade do crime podem consultar os capítulos que tratam do *direito repressivo* e do *direito repressivo*, no livro de E. Durkheim *De la Division du travail social*.

²⁹ Tem “queixo grande”, pois sua boca está sempre aberta, falando, ou seja, enganando.

baixas tendencialmente têm menos diálogo com seus filhos (sobretudo com seus filhos homens) que seus homólogos das classes baixas.

Assim, o uso diferenciado da palavra e da força física na educação dos filhos está em forte correlação estatística (por sua valoração negativa e positiva) com a pertença de classe e com o gênero. Embora a prescrição do diálogo, feita pela escola, divulgada pela mídia, enaltecida pelas igrejas e difundida por outras instituições sociais, e a proscricção da punição física realizada sobretudo através de sua caracterização criminosa feita pelas instituições legislativas e penais existam, elas não são homogêneas na sociedade.

RELAÇÕES COM O PAI: A AUSÊNCIA DE DIÁLOGO

Os agentes da socialização dentro da família vão desde os pais e irmãos até avós e tios, passando por outros agregados (parentes ou novas parcerias conjugais etc.), mesmo que, como dito, a forma simbólica dominante mostre as figuras de pai e mãe como os responsáveis pela educação do indivíduo.

A figura do pai é bastante presente apesar de apenas 57,9% viverem sob o mesmo teto que ele (55,4% com pai e mãe e 2,5% somente com o pai - ver quadro 18). Nas entrevistas realizadas nos grupos focais, o pai aparece como provedor das necessidades econômicas, responsável pela ordem do lar e como conselheiro no caso de questões mais graves. As interações cotidianas ficam em torno da figura materna.

Um terço dos entrevistados diz ter relação “muito boa” com o pai; metade indica “boa” relação.

QUADRO 19

RELAÇÃO COM O PAI, SEGUNDO A CLASSE					
Classe social	Muito boa	Boa	Ruim	Péssima	TOTAL
A	46,2 %	47,7 %	1,5 %	4,6 %	100 %
B	46,8 %	44,3 %	5,0 %	4,0 %	100 %
C	32,4 %	49,1 %	11,0 %	7,5 %	100 %
D	23,3 %	59,9 %	9,3 %	7,6 %	100 %
E	18,9 %	63,4 %	11,0 %	6,7 %	100 %
Total	32,3 %	53,1 %	8,2 %	6,1 %	100%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Isso é confirmado no quadro 20 sobre a frequência de conversas que rapazes e moças dizem ter com o pai, pois 25,3% dizem conversar “muito” com ele e 55,2% costumam conversar “às vezes”. Pareceu-nos revelador que

19,4% dizem que “nunca” conversam com o genitor. No entanto, malgrado o fato de apenas metade dos jovens morarem sob o mesmo teto que o pai, dois terços deles mantêm contato com ele. Descortinando os aspectos relativos do outro lado da moeda contido nos dados do quadro 20, percebe-se que, dos jovens que vivem com os pais, apenas metade diz conversar “muito” com ele.

QUADRO 20

FREQÜÊNCIA DA CONVERSA COM O PAI			
Classe social	Muito	Às vezes	Nunca
A	26,2 %	61,5 %	12,3 %
B	37,5 %	50,5 %	12,0 %
C	27,3 %	54,1 %	18,6 %
D	18,2 %	55,9 %	25,9 %
E	15,7 %	59,0 %	25,3 %
Total	25,3 %	55,2 %	19,4 %

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Quando perguntamos nos grupos focais sobre a relação com o pai, a primeira informação geralmente dada indica a excelência da relação (“ótima”, “muito legal” etc.). Aos poucos, no entanto, esta situação é relativizada e grande parte dos jovens apresentou a figura paterna como “muito calada”, “séria”, “distante”, “silenciosa”. Não é possível traçar um perfil exato através dos depoimentos. No entanto, pareceu-nos haver algumas figuras recorrentes desenhadas que podem ser lidas através do eixo classe e do eixo gênero: as moças entrevistadas nos grupos focais conversam mais com os pais que os rapazes. Tal situação, no entanto, aparece invertida nos questionários, conforme o quadro 22. Nas classes dominantes, os pais saem mais de seu “silêncio” que nas classes baixas. Os depoimentos destes rapazes ilustram os diálogos nas classes altas:

a gente conversa mais sobre profissão, o pai é mais trancado [do que a mãe], eu não tenho muita liberdade com ele, de tirar brincadeira com ele (rapaz, classe média).

com o pai a gente conversa assuntos sobre o futuro profissional, ele me orienta muito, ele é uma pessoa muito trancada e é muito difícil chegar e entrar num diálogo com ele (rapaz, classe média).

meu pai é meu amigo; falamos de futebol, política, brincamos; a gente fala de tudo (rapaz, classe alta).

Estes depoimentos expressam a figura do pai que dialoga na posição de conselheiro, “transmissor da verdade”. O lúdico gira em torno do futebol e dos esportes, quando o interlocutor é um filho homem. As moças conversam muito com o pai, apesar de sentirem um certo temor da figura paterna. Nas classes altas, o pai aparece também, como para os rapazes, no lugar de conselheiro, muito austero e mesmo severo.

QUADRO 21

RELAÇÃO COM O PAI, SEGUNDO CLASSE E GÊNERO				
Classe social	Muito boa (%)	Boa (%)	Ruim (%)	Péssima (%)
	Feminino			
A	58,6	34,5	3,4	3,4
B	43,6	43,6	6,9	5,9
C	28,1	47,9	16,7	7,3
D	21,1	62,2	8,9	7,8
E	17,7	68,4	6,3	7,6
Total	30,6	53,2	9,4	6,8
Masculino				
A	36,1	58,3	0	5,6
B	50,0	45,0	3,0	2,0
C	37,7	50,6	3,9	7,8
D	25,6	57,3	9,8	7,3
E	20,0	58,8	15,3	5,9
Total	34,2	53,2	7,1	5,5

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

As relações ditas como “muito boa” decrescem à medida que nos aproximamos das classes baixas e tendem para seu máximo à proporção que nos dirigimos para as classes altas. O inverso pode ser observado nas respostas dadas para os itens “ruim” e “péssima”, tanto entre os rapazes como entre as moças. Chamamos a atenção que a opção “boa” para as mulheres ocorre exatamente o inverso. Já para os homens, a opção “boa” se equipara nas pontas (classes A e E).

Uma tendência semelhante pode ser observada no que diz respeito à freqüência com que costumam conversar com o pai (ver quadro 22): nas classes A e B, situam-se os que mais dizem conversar “muito”, enquanto os que dizem “nunca” conversar situam-se sobretudo nas classes D e E. Neste caso, no entanto, as moças de classes baixas são proporcionalmente mais numerosas a indicar tal opção: elas são duas a três vezes mais numerosas que suas congêneres das classes altas a dizer que “nunca” falam com o pai (vale ainda lembrar que parte da explicação é dada pelo fato mesmo de metade dos jovens não morar com o pai).

QUADRO 22

FREQUÊNCIA DA CONVERSA COM O PAI			
Classe social	Muito	Às vezes	Nunca
	% Feminino		
A	27,6	58,6	13,8
B	33,7	51,5	14,9
C	19,8	56,3	24,0
D	22,2	43,3	34,4
E	13,8	60,0	26,3
Total	23,2	53,0	23,7
Classe Social	% Masculino		
A	25,0	63,9	11,1
B	41,4	49,5	9,1
C	36,8	51,3	11,8
D	13,8	70,0	16,3
E	17,4	58,1	24,4
Total	27,6	57,6	14,9

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Há uma tendência de que nas classes altas o diálogo consegue furar os limites impostos pelo silêncio do pai. Nas classes baixas, o pai não aparece como confidente das moças, limitando-se a aconselhar em casos raros sobre cuidados com drogas, gravidez e estudos, deixando, no entanto, na maioria das vezes, tal tarefa para as mães. Não foram raras respostas do tipo “tenho ódio do meu pai” ou “meu pai abandonou minha mãe e a gente não gosta dele”. Tais relações são bem expressas, em toda sua ambigüidade, neste depoimento sobre as relações entre pai e filha:

meu pai é ótimo; às vezes tenho discussões com ele, ele é imprevisível; ele é muito ignorante; eu não discuto com ele não” (moça, classe popular).

Nesta frase, existe uma síntese da dinâmica da relação do indivíduo e sociedade. O primeiro momento [“meu pai é ótimo”] traduz a necessidade de estar conforme a visão dominante que mostra as relações como “boa”, inculcadas tanto na socialização primária (realizada pela própria família - mesmo quando a família não é considerada “ótima”) quanto por socializações posteriores (na escola e na igreja, por exemplo). No segundo momento, a entrevistada revela um pouco mais do cotidiano [“ele é muito ignorante”] que, malgrado a visão dominante da excelência da relação familiar, tem seu discurso perpassado por experiências diárias contrárias à imagem dominante, na qual o pai-conselheiro é vivido muito mais como

silencioso e ausente (nos casos menos traumáticos) e mesmo ignorante ou agressivo (quando não “traidor” - pelo abandono da mãe e do lar).

Retornando mais uma vez ao questionário (Quadro 23) não custa lembrar que 23,7 % das moças e 14,9 % dos rapazes dizem “nunca” conversar com o pai. E no quadro 21, em torno de 15 % dos jovens (16,2 % das moças e 12,6 % dos rapazes somando os itens “ruim” e “péssima”), escolheram essas opções, o que representa uma relação difícil com o pai, indo de encontro à visão dominante da relação pai/descendência. As falas nos grupos focais tendem a relativizar a positividade de tais relações que, finalmente, aparecem marcadas pelo silêncio, pela distância e por atos violentos, quando não ditas como distintas de qualquer relação, seja ela boa ou ruim.

MÃE: CONSELHEIRA E AMIGA

Dentre os membros da família nuclear a mãe é aquela mais presente na vida cotidiana, pois a grande maioria dos jovens mora com ela (75,8%): seja quem mora com pai e mãe (55,4%), seja quem mora somente com a mãe (20,4%), conforme o quadro 17.

Sua figura nas relações de parentesco é central e foi citada de maneira recorrente por meninos e meninas de todas as classes sociais como a grande conselheira. Observemos no quadro 23 que aproximadamente 5% dos entrevistados dizem “nunca” conversar com a mãe, contra 61% das moças e 50% dos rapazes que dizem conversar “muito” e 34,2% das moças e 45% dos rapazes que dizem fazê-lo “às vezes”.

QUADRO 23
FREQÜÊNCIA DA CONVERSA COM A MÃE

Classe social	Muito	Às vezes	Nunca
	% Feminino		
A	71,0	22,6	6,5
B	72,1	26,0	1,9
C	57,8	36,3	5,9
D	59,6	36,2	4,3
E	48,8	44,0	7,1
Total	61,0	34,2	4,8
Classe social	% Masculino		
	Muito	Às vezes	Nunca
A	29,4	61,8	8,8
B	57,8	38,2	3,9
C	60,5	37,0	2,5
D	48,5	45,4	6,2
E	41,1	53,3	5,6
Total	50,0	45,0	5,0

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Durante as entrevistas abertas os rapazes e moças apontaram a mãe como pedra angular da instituição familiar, seja pelo fato mesmo de dar a vida, alimentá-la e educá-la, seja por apresentar-se como referencial nos momentos importantes (decisões sobre futuro, emprego, crises e problemas) com o qual os filhos podem contar.

Nas classes baixas, a mãe adverte contra as drogas e contra a violência do mundo, expressa no perigo das “más companhias” para rapazes (galeras e gangues) e da gravidez não desejada para as meninas. Nas classes altas, o “conselho” vem travestido em “diálogo” e pareceu-nos que os temas abordados são mais amplos. Insistir na palavra “diálogo” implica dizer que temos aqui um outro modelo de família: enquanto nas classes baixas a mãe aparece como conselheira, transmissora da vida e de um saber quase sagrado, atestado pelos “sacrifícios” que se impõem para garantir a manutenção da vida material dos filhos (“conselho de mãe é sagrado”), nas classes mais favorecidas a mãe é idealizada como “amiga”, com quem é possível “trocar idéias” sobre certos assuntos.

A grande diferença nas percepções que se tem nos dois pólos diz respeito sobretudo à interação dos filhos com a mãe. Enquanto nas classes baixas a mãe transmite um saber que é associado à “verdade do mundo” (que os jovens nem sempre aceitam e podem questionar em parte ou radicalmente - sem no entanto questionar o transmissor da verdade: a mãe), nas classes altas, o modelo de família e do papel da mãe nesta família sofreu uma série de investidas dos saberes das ciências humanas (sobretudo psicologia e sociologia) e seu lugar de “verdade sobre o mundo” foi em parte deslocado para um lugar de “reflexão” e diálogo sobre o mundo” com os filhos (que também nem sempre é aceito e pode ser recusado tanto em seu conteúdo - “reflexão” - quanto em sua forma transmissora - a própria mãe).

O modelo dominante das representações de rapazes e moças quanto ao papel da mãe no seio da família é bastante homogêneo no que concerne às idéias de dedicação, amor (materno e filial), educação, sacrifício e vários outros atributos socialmente positivos. Tal papel é diferenciado nas experiências de classe no que diz respeito à maneira como estes símbolos são vividos. Se membros de classes diferentes percebem a mãe como alguém que deve sacrificar-se por seus filhos, o tipo de sacrifício esperado e produzido é diferente segundo as classes.

Nas classes altas, os jovens de ambos os sexos têm na mãe a grande parceira para confidências, conselhos e diálogos e mesmo trocas de experiências (algumas mães entrevistadas dizem que aprendem com seus filhos). A família aparece como local de confrontos e de crescimento, de brigas e diálogos. A mãe é central neste processo, mediando conflitos entre irmãos ou entre pai e filhos, aconselhando, ouvindo etc.

Nas classes baixas, a mãe também aparece como motor central das relações familiares. Ela também escuta, aconselha e dialoga. Não é a intensidade da relação que diminui; é a forma da relação. Nos grupos focais ficou sugerido que nas classes altas as relações se dão mais pelo diálogo, e nas classes populares, elas assumem, sobretudo, a forma do conselho e estão mais marcadas pelo castigo físico. O diálogo apareceu também nos discursos dos jovens pertencentes às classes populares, entretanto, menos presente que o conselho. A punição moral e física é recorrente e mais aceita pelos filhos como elemento de formação.

No tocante às relações entre mãe e filhos e entre mãe e filhas, estas últimas tendem a estar tão próximas das mães quanto os rapazes: 1,9% dos rapazes entrevistados dizem ter relações “ruim” e “péssima” (somando esses itens) com a mãe e as moças são 4% a dar tais respostas, também somando os itens “ruim” e “péssima”.

QUADRO 24
QUALIDADE DA RELAÇÃO COM A MÃE

Classe social	Muito boa (%)	Boa (%)	Ruim (%)	Péssima (%)
	Feminino			
A	61,3	32,3	6,5	0,0
B	66,3	32,7	0,0	1,0
C	50,0	43,1	6,9	0,0
D	32,6	66,3	1,1	0,0
E	38,1	54,8	7,1	0,0
Total	48,6	47,4	3,8	0,2
Masculino				
A	57,6	42,4	0,0	0,0
B	61,2	37,9	0,0	1,0
C	52,4	46,3	1,2	0,0
D	39,2	56,7	4,1	0,0
E	33,3	64,4	2,2	0,0
Total	47,7	50,4	1,7	0,2

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Observando os quadros 23 e 24, nas classes alta e média alta, as moças estão mais próximas da mãe na socialização pela palavra do que as moças das classes média baixa e baixa: na classe A, 71% das entrevistadas dizem conversar “muito” com a mãe e 61,3 % dizem ter uma relação “muito boa” com ela; na classe B, 72,1% delas dizem conversar “muito” e 66,3% dizem ter uma relação “muito boa”. Tal porcentagem cai bastante nas classes D e E: 59,6% das moças

da classe D dizem conversar “muito” com a mãe e 32,6% estimam ter uma relação “muito boa”; na classe E, a porcentagem é ainda menor, pois apenas 48,8% dizem conversar “muito” com a mãe e 38,1% dizem ter uma relação “muito boa”.

Nos grupos focais, a mãe aparece como grande conselheira das filhas. No entanto, não foi raro escutar desabafos de moças das classes baixas, descrevendo a relação como “faltando confiança”. Por sua vez, as moças das classes altas foram mais numerosas a narrar a excelência da relação com a mãe no tocante ao diálogo.

Eu acho que é porque eu sou muito sozinha num tem com quem conversar; eu fico triste porque nem com a minha mãe eu num posso contar porque eu num posso me abrir com ela porque ela num confia em mim nem eu confio nela (Jovem de escola pública).

Meu relacionamento com minha mãe é bacana, ela me escuta e conversa comigo (Jovem de escola particular).

As moças das diversas classes ficam mais tempo no espaço doméstico com suas mães (comparando-se com os rapazes). Mesmo que tal fato não implique necessariamente maior qualidade de palavra (podendo mesmo gerar disputas), ele acaba servindo para construir e fortalecer um “espaço feminino” (em oposição ao “mundo masculino”), com trocas de experiências entre mães e filhas (tanto sobre o dia-a-dia quanto sobre o próprio corpo).

A VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

Metade das moças (51,8%) e dois terços dos rapazes (66,6%) dizem ter presenciado ou sido envolvidos em situações de violência entre membros da família³⁰. O primeiro fato a ser sublinhado é que metade das moças diz nunca ter presenciado ou participado de conflitos no interior da família (48,2%) e apenas um terço dos rapazes faz tal afirmação (33,3%).

³⁰ Os indicadores de violência familiar que utilizamos foram: a) agressão física entre irmãos; b) agressão física entre os pais; c) agressão física entre pais e filhos; d) pais humilhando filhos; e) filhos humilhando pais. Este quadro indica os jovens que já participaram de, pelo menos, uma destas situações. Elas serão comentadas de maneira mais complexa na seqüência do texto.

QUADRO 25

SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA FAMILIAR			
	% Moças	% Rapazes	% Total
Sim	51,8	66,6	59,6
Não	48,2	33,3	40,4

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Podemos observar que o número de rapazes é mais representativo no que tange à participação em situações de violência entre irmãos.

QUADRO 26

SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA ENTRE FAMILIARES					
	Agressão Física entre irmãos (%)	Agressão Física entre os pais (%)	Agressão Física entre pais e filhos (%)	Pais humilham filhos (%)	Filhos humilham pais (%)
Moças	39,6	18,4	25,0	20,3	13,0
Rapazes	54,9	23,3	34,2	21,1	12,6
Total	47,4	20,9	29,7	20,8	12,8

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

O outro aspecto a enfatizar diz respeito ao contraste entre os dados de violência física dos pais sofrida por moças e rapazes: as meninas (25%) sofrem menos agressões físicas dos pais que os meninos (34,2%)³¹.

Parece-nos que os rapazes - criados dentro de um universo simbólico onde a força física é predominante para a afirmação da masculinidade - são socialmente mais propensos a manter relacionamentos (com seus irmãos homens e com seus pais) que utilizem a força física como forma de expressão. Como mostra o quadro 26, 54,9% dos rapazes se declararam envolvidos em situações de agressão física com irmãos, enquanto as 39,6% das moças vivenciaram tal situação. Poderíamos dizer, neste sentido, que os pais educam seus filhos homens no sentido da utilização da força física como *medium* de afirmação pessoal. Por sua vez, as moças são educadas a usar comportamentos que façam menos uso da força física, aparecem como menos predispostas a reagir de maneira violenta com seus irmãos e com seus pais.

³¹ Elas estão no entanto tão expostas à violência quanto os rapazes no tocante à violência moral. As filhas se sentem tão humilhadas pelos pais (20,3%) quanto os rapazes (21,1%) e elas declararam que humilham tanto os pais (13,0%) quanto os rapazes (12,6%).

Esta tendência segue, em parte, o conjunto da sociedade que percebe os atos violentos como característica inata do “macho” e tende a repudiar os conflitos físicos entre mulheres – por sinal considerados como “feios”, enquanto que a briga entre homens pode ser considerada “uma boa briga” ou mesmo “uma bela luta”. As agressões dos rapazes contra suas irmãs tendem a ser severamente reprimidas pelos pais. Pois como diz a máxima popular, “em mulher não se bate nem com uma flor”. As representações de homem que “bate em mulher” são apreciadas como “covardia”, pelo menos no que tange as agressões masculinas contra suas irmãs.

Parece-nos importante frisar que 70,3% dos jovens dizem nunca haver participado de situações envolvendo violência física com os pais. Quando observamos os dados do ponto de vista do gênero, percebemos uma tendência dos rapazes a sofrer mais violência por parte dos pais do que as moças (34,2% e 25,0% respectivamente). Como dissemos, os rapazes são percebidos pelos pais como “mais danados” e necessitando de correções. Alguns deles nos relataram momentos em que recusaram aceitar os castigos impostos pelos pais, demarcando o limite do uso da força física, revidando com a mesma intensidade. Os rapazes são aqueles que mais sofrem violência física por parte dos pais. As moças, por sua vez, são mais poupadas pelos pais, por aparecerem como “mais comportadas” e, sendo educadas para sê-lo, acabam introjetando tal postura.

Parece-nos importante salientar que tais atos de violência na família não foram discriminados e por isso o agente da agressão não pode ser identificado entre pai ou mãe. Nas entrevistas realizadas nos grupos focais³² entretanto, estes dados aparecem relativizados: quem mais apareceu como agressor foi o pai, apesar das mães também despontarem como agressoras.

Com exceção dos casos de agressão entre irmãos, alguns indicadores apontam para uma maior violência física das famílias de classes baixas (sobretudo os indicadores obtidos nos grupos focais e as respostas dadas nos questionários sobre o relacionamento entre pais e filhos que indicam um maior grau de relacionamento baseado no diálogo entre as classes altas). Ademais, somando-se as respostas dadas às diversas questões sobre os diferentes tipos de agressão sofrida pelos jovens que se dizem agredidos, os rapazes e moças das classes baixas revelam estar em lares onde tal violência é mais frequente, como mostra o quadro 27.

³² Nos grupos focais, diante de outros jovens (colegas ou vizinhos), os jovens das classes altas talvez tenham tido um certo pudor de contar violências que nunca deixam o espaço doméstico, nestas classes, para ser debatidas em público. Os jovens das classes baixas estariam, por sua vez, menos preocupados com o fato de expor segredos de “Polichinelo”, que a vizinhança conhece até mesmo porque as casas são próximas o suficiente para que tais correções não passem despercebidas.

QUADRO 27

ÍNDICE DE VIOLÊNCIA SEGUNDO A CLASSE SOCIAL			
Classe social	Soma do tipo de agressão sofrida (*) (a)	Respostas possíveis(**) (b)	Porcentagem em relação à respostas possíveis (***)
A	74 %	246 %	30 %
B	248 %	783 %	32 %
C	240 %	648 %	37 %
D	263 %	672 %	39 %
E	270 %	660 %	41 %

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

- * Aqui foram somadas todas as agressões discriminadas pelos jovens de uma mesma classe (entre irmãos + entre os pais + entre pais e filhos + pais que humilham filhos + filhos que humilham pais). A isto chamamos (a).
- ** Aqui colocamos o número total de respostas possíveis, obtido assim: número de jovens da classe x diferentes tipos de agressão. A isto chamamos (b).
- *** Esta porcentagem é obtida da seguinte maneira: $(a) \times 100 / (b)$.

Vem adicionar-se a este ponto de vista outro elemento: a subjetividade dos agentes para classificar os atos como violentos ou não. Dito de outra maneira, nos grupos focais, os jovens não estão chamando violência os mesmos atos: enquanto rapazes e moças das classes altas estão chamando violência certos atos e castigos (palmadas e tapas), rapazes e moças das classes baixas relataram atos que ocorrem com menor frequência nas classes altas (que por vezes poderiam ser enquadrados dentro do que a lei chama “maus tratos”). Em sentido oposto, aquilo que os jovens das classes altas estão chamando de agressão física, os jovens das classes baixas não registram como tal, visto que convivem em uma estrutura social muito mais próxima do uso da força física, como expressão das relações sociais, do que os jovens das classes altas. O próprio índice de violência citado há pouco parece confirmar tal hipótese.

Deve-se ainda acrescentar que o fato de que tal interpretação pode ainda levantar interrogações sobre o índice de jovens das classes baixas que dizem nunca ter sofrido nenhum tipo de agressão física no interior de suas famílias: a própria definição de violência, variando de classe para classe, levaria os jovens das classes baixas a ser mais “indulgentes” com seus pais, visto acharem “normal” certas correções físicas dentro de um processo educativo. Enquanto grande parte dos jovens aceita as punições morais e físicas impostas pelos pais durante o período de educação, é sobretudo nas classes altas que tais relações são mais criticadas e contestadas; nas classes baixas, as punições, castigos,

“peias” e “porradas” são contestados de maneira menos radical e são usualmente marcados por comentários que tendem a recuperar a imagem piedosa dos pais - e sobretudo da mãe (“ela fez isso para meu bem”, ou então, “eu era muito danado e mereci” etc.). Nas classes altas, a violência doméstica é questionada de maneira mais vigorosa: é aceita até certo ponto, visto que o ideal do diálogo é a representação dominante. Trechos como estes são ilustrativos de tipos de socialização através da palavra e de sua ausência:

Como é sua família?

- *Legal, a gente se entende. Tem briguinhas. Mas, a gente conversa, pode dialogar* (rapaz classe média alta).

- *Eu não vou mentir, lá em casa é difícil, tem briga o tempo todo, a mãe não para de pegar no meu pé, desde cedo ela briga comigo, mas é pro meu bem* (moça, classe baixa).

- *A mãe adverte prá não ficar grávida; explica tudo, tudo; aí você vai e se perde e fica grávida; aí ela bate e você não pode achar ruim; ela falou, mas você foi burra* (moça, classe baixa).

No quadro 28 observamos que, quando perguntados sobre as agressões físicas entre seus pais, os jovens das classes altas são menos representativos, proporcionalmente, do que os jovens das classes baixas: assim, jovens das classes A e B dizem ver os pais envolvidos em agressões físicas em 7,4% e 13,5%, respectivamente, enquanto os jovens das classes D e E o fazem numa proporção de 24,6% e 31,0%, respectivamente. Tais dados devem ser postos em relação com as taxas de aceitação das agressões cometidas entre os pais. Neste caso existe uma adequação da aceitação (ou não) da violência e de seu exercício no universo doméstico em função das classes sociais.

QUADRO 28

Agressão física entre os pais, segundo gênero e classe social			
Classe social	Moças (%)	Rapazes (%)	Total (%)
A	9,7	5,6	7,4
B	13,2	13,5	13,5
C	19,4	21,7	20,6
D	18,4	30,6	24,6
E	26,7	35,2	31,0
Total	18,4	23,3	20,9

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Os jovens das diferentes classes, quando levados a narrar experiências de violência no universo doméstico, estão nos informando sobre fatos semelhantes apenas na aparência: o uso da força física e dos atos considerados pela visão dominante como violentos é narrado de maneira muito mais recorrente entre os rapazes e moças das classes baixas do que entre os rapazes e moças das classes altas. Alguns relatos de jovens de classes baixas expressam uma idéia do universo de disputas ocorridas no interior da família quando classificam os atos violentos. É importante destacar que estes atos não foram relatados por todo o universo de jovens que compõe as famílias de classes baixas. No entanto, deve ser frisado ainda que tais relatos não foram ouvidos em nenhum grupo focal com jovens das classes altas.

Lá em casa tem várias brigas. Meu pai sai dia de sábado e só volta de manhãzinha. Ele tava com outras mulheres. A mãe vai atrás de brigar com as mulheres com quem ele fica por aí. Quando ele chega ele quer matar ela. Ele quebra as coisas tudinho dentro de casa. Um dia desses ele rebolou a televisão no meio da rua, sangrou a mãe todinha. Só não matou a mãe por causa de dois policiais que ia passando. Ele ficou com medo e soltou a mãe. Mas se ele não tivesse visto esse policial ele tinha matado minha mãe. Eu vou falar aqui, eu não gosto muito dele não, ele só quer viver batendo na gente . (Jovem escola pública)

Meu pai só vivia brigando com minha mãe. Era faca! Eu me metia no meio, porque se não fosse eu, minha mãe ou pai já tinha morrido. Uma vez eu cheguei no desespero e eu ia me matando. Eu ia pegar uma faca e acabar comigo, porque eu não agüentava mais aquelas brigas. Meu pai só queria bater na minha mãe, era a maior baixaria do mundo. O meu irmão mais velho ia se pegando com meu pai, ia matando ele, por causa da minha mãe. Aí minha mãe abandonou meu pai e ele foi morar sozinho. (Jovem escola pública)

Em um dos Grupos Focais com jovens de escola pública, quase todas as moças tinham um caso para contar de violência entre os pais. Alguns dos relatos contam como os irmãos foram envolvidos e como a força física, as armas e as pancadas foram usadas. Tais relatos são interessantes por nos fazerem perceber a construção social de formas diferenciadas de ser e estar na família, que, mesmo criticadas pelas moças, indicam visões de família e de relacionamento familiar transmitidas pelos pais, colaborando para construir universos de percepções sobre o que é violento e não é. Ou seja, o violento aqui é percebido não através de palmadas, privações de ir a festas ou saídas, mas associado a ações que radicalmente atentam contra a integridade física do oponente.

Vocês passaram por uma situação de violência na família?

- *Eu acho que eu fui criada na violência porque eu via eles brigarem; aí eles se separaram; aí que parou mais. Mais eu acho que eu fui criada com a violência dos dois.*

- *Na minha família também.*

- *Eu também.*

- *Meus pais também.*

Alguém quer contar como foi?

- *Faz tempo. Ele já foi embora. Ele batia nela. Até meu irmão quebrou a clavícula do meu pai por causa duma briga deles. Ele quebrou isso daqui dele com uma cadeirada pra num deixar ele matar ela. Ela é pouquinho, bem pequenininha. Quem salvava ela era só meus dois irmãos.*

E vocês já viveram esse tipo de situação na casa de vocês?

- *Lá em casa num tem isso não.*

- *Lá em casa teve. Olhe, o meu pai pegou o martelo. Ele tava bêbado. Chegou em casa bêbado umas 8 horas por aí; ele pegou o martelo e deu a minha mãe pra tacar na cabeça dele; aí a minha mãe disse: 'eu num vou tacar não'. Eles tavam brigando. Ele pegou e disse: não vai tacar não?' aí ele pegou o martelo e tacou na cabeça dele. Ele tava desesperado. Era encrenca de marido e mulher, aí ele mesmo tacou o martelo na cabeça dele e o sangue espirrando e ele desmaiando. Todo mundo chorando!*

- *Lá em casa também acontece. Quando eles discutem eu saio de casa. Quando eu chego lá fora eu tenho tanta raiva deles.*

- *Lá em casa só teve uma vez, quando meu pai bebia, né? Botava muito boneco e a mãe tava operada, muito nervosa; aí num sei o que aconteceu mas ela pegou um pauzinho e ela começou a bater nele e num conseguia acertar. Aí ela pegou uma cadeira e pef na unha dele. A unha dele foi parar eu num sei nem aonde; e cortou assim que dava pra gente ver os ossos só por causa da pancada" (jovens de escola pública)*

A humilhação de pais pelos filhos ou dos filhos pelos pais tende a ser um pouco maior entre as classes baixas que entre as classes altas. Os filhos que se dizem humilhados pelos pais relatam sobretudo situações em que são

menosprezados nas suas potencialidades ou ainda quando percebem os pais expressando desconfianças (“não confiar” como eles dizem), duvidando da integridade dos amigos, da seriedade dos namorados (e da virgindade das filhas), do uso ou não de drogas etc. Alguns relataram que os pais chamam seus parceiros (namorados e amigos) de “vagabundos”, deixando entender que acompanhar-se por eles é ser como eles.

Parece-nos importante concluir esta parte da análise, lembrando que tanto as entrevistas realizadas como o próprio questionário indicam que os jovens de Fortaleza, em sua grande maioria, não se dizem envolvidos em situações de violência doméstica. Isto vale para os jovens de sexo feminino e masculino, em todas as classes sociais.

A FAMÍLIA COMO LUGAR DE SEGURANÇA E DE DIÁLOGO

O diálogo e as trocas de experiências, através da palavra, aparecem, como ressaltado, como oposto à violência. Os “conselhos” são um bom exemplo de trocas de experiências. É preciso lembrar que a família aparece para os jovens como a instituição mais importante e é certamente onde eles se sentem mais seguros: 80,2% dos jovens se dizem seguros em casa (contra os 19,8% que dizem o contrário).

QUADRO 29

OPINIÃO SOBRE SEGURANÇA DOMÉSTICA	
Sim	Não
80,2 %	19,8 %

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Nas famílias - seja através do diálogo, através da observação de atos, seja ouvindo conselhos - os jovens são socializados para o mundo em que vivem. Os temas que mais abordam são exatamente aqueles que consideram mais importantes para sua inserção no mundo do dia-a-dia.

Assuntos como a própria “família” (onde o jovem passa a maior parte do tempo) e o “futuro profissional” vão ser temas de conversas com os pais (49,6% e 42,1% dos jovens dizem conversar “muito” com seus pais sobre tais temas). Outros temas que aparecem de maneira recorrente nas conversas entre pais e filhos estão ligados às “relações com os amigos” (28,2% falam “muito” e 49,4% falam às vezes”) e com a “violência” (30,4% falam “muito” e 44,1% “às vezes”). Para os pais, estes dois temas aparecem muito ligados, pois os amigos tanto podem ser canais que levem os filhos para o “bom caminho”

como para o “mau caminho”. Os pais, nem sempre com sucesso, tentam desta maneira influenciar o tipo de amizade que os filhos devem ter.

QUADRO 30

ASSUNTOS DISCUTIDOS COM OS PAIS			
Assuntos	Muito (%)	Às vezes (%)	Nunca (%)
Escola	33,8	48,9	16,7
Namoro	18,0	43,6	37,7
Sexualidade	11,5	35,7	52,0
Drogas	21,8	35,6	42,1
Problemas econômicos	28,1	42,2	29,1
Relação com amigos	28,2	49,4	21,8
Política	10,9	36,6	51,8
Esporte	21,2	39,5	38,7
Futuro profissional	49,6	35,5	14,2
Relação com a família	42,1	45,2	12,2
Religião	27,3	44,8	27,3
Violência	30,4	44,1	25,0

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Nos Grupos Focais a “violência” apareceu como tema recorrente de conversas entre pais e filhos e todos dizem viver em “um mundo violento”, onde não se pode “vacilar” e onde é preciso ter “cuidado com as amizades” dos filhos. A temática amigos, violência e horários é finalmente um dos pontos centrais de conversas, nem sempre amenas. Nos grupos focais foi, inclusive, desenhada a figura da mãe que chama seu filho ou sua filha para dar conselho sobre o tipo de amigo que deve ou não frequentar, sobre a hora de chegar em casa e os perigos da vida fora das fronteiras do lar.

Alguns temas, no entanto, são ditos como “nunca” abordados pelos jovens quando conversam com seus pais. A “sexualidade”, a “política” e as “drogas”, segundo os jovens, são temas que fazem parte do interdito.

Poucos são os jovens que dizem conversar regularmente com seus pais sobre estes temas: verdadeiras “terras desconhecidas” para muitos. Conforme o quadro 30, 52,0% dos jovens dizem “nunca” conversar com seus pais sobre “sexualidade”; 51,8% dizem o mesmo sobre a “política”; 42% sobre “drogas”. Apenas 11,5% dos jovens dizem falar “muito” sobre “sexualidade” e apenas 21,8% sobre “drogas”. Parece-nos ir na mesma lógica o fato de um terço dos jovens dizerem “nunca” falar com seus pais sobre “namoro”, apesar de este tema aparecer de maneira mais recorrente “às vezes” (43,6%) do que sexo, drogas e política.

Nos Grupos Focais, os jovens das classes baixas dizem que raramente conversam com seus pais sobre namoro. Alguns ressaltam que aprenderam sobre o assunto através da televisão, da escola ou com os amigos. Alguns rapazes relataram que este tema era evitado pelos pais, o discurso mais radical foi: “se eu falar disso em casa, eu apanho”). Vejamos esta fala:

Eu gostaria de falar com meus pais sobre relações sexuais. A gente tem que falar sobre isso. Têm vezes que eles correm pra num falar. A gente aprende mais em aula, pela televisão, pelo sistema de tevê. Quando a gente tá sabendo vai falar com os pais e eles dizem: ‘tu aprendeu isso aonde?’ Aí eu respondo: ‘no meio da rua’. A gente pede pra ela explicar e ela não explica. (jovem de escola pública).

O sexo é um desses assuntos tidos como tabu. Os próprios pais têm dificuldades em abordá-lo. Os jovens acabam recorrendo aos amigos e à escola em busca de esclarecimentos. As drogas fazem parte destes temas interditos, envoltos em mitos e tabus. Os pais por vezes buscam conversar sobre sexo e namoro, entretanto, os jovens podem entender como intromissão indevida em seu universo pessoal. Os pais também tentam falar sobre drogas, mas o seu desconhecimento e a sua ignorância do assunto levam-nos a dizer coisas imprecisas ou já melhor conhecidas pelos jovens.

Como veremos na parte seguinte, sobre as regras familiares, os temas da violência são recorrentes em todas as classes e orientam parte da conduta dos pais quando “prendem” os filhos em casa. As relações com os amigos são também muito abordadas, haja visto que os pais estão sempre incentivando a aproximação dos filhos de certos conhecidos e advertindo sobre a amizade com desconhecidos. Nos grupos focais, os jovens disseram que os pais sempre orientam sobre os cuidados a ter com a “violência” e a importância das “boas amizades”.

A FAMÍLIA E A DIVISÃO DE PAPÉIS: REGRAS PARA RAPAZES E MOÇAS

Um dos aspectos que marca muito o discurso de rapazes e moças são as regras impostas dentro de casa. Para a grande maioria dos jovens, um dos principais problemas de relacionamento entre pais e filhos encontra seu mote e sua expressão nas disputas familiares em torno das regras sobre o relacionamento com amigos, a pertença a grupos, o namoro e a sexualidade e, sobretudo, ápice do controle e do conflito, os horários de retorno depois de uma saída do lar (para a escola, uma festa, uma visita etc.).

Nos grupos focais, uma das queixas freqüentemente apresentada pelos jovens contra seus pais era exatamente a “falta de confiança” que estes têm em

relação aos amigos. Os jovens se dizem ofendidos pelo comportamento dos pais: ou seja, por estarem todo o tempo querendo saber com quem eles estão, o que estão fazendo, aonde vão e, sobretudo, a que horas voltam.

Por sinal, aí se encontra um dos grandes espaços de ambigüidade no comportamento dos jovens: ao mesmo tempo que eles reclamam contra a atitude vigilante dos pais, eles atribuem uma legitimidade a tal atitude, dizendo-a para o “bem” do filho e que sabem que os pais só estão tentando protegê-los.

Mas, contra quais perigos os pais tentam proteger os filhos? Um dos discursos mais recorrente dos adultos e dos jovens entrevistados durante nosso levantamento de dados refere-se ao perigo expresso na figura do “outro”. Em sua forma mais elementar, a figura deste outro - que assusta e contra quem se erguem os muros e se afixam grades nas janelas - toma forma nas pessoas que não fazem parte da família e dos amigos íntimos, ou seja, daqueles que não pertencem ao lar.

De maneira geral, a segurança, como indicamos há pouco, situa-se antes de tudo no lar, pelo menos na sua forma imaginária, pelo fato de que parte dos atos considerados violentos ocorrem dentro do próprio lar. É no lar que os jovens dizem se sentir seguros. É na família que eles mais confiam. Os pais também reforçam este ideário, ampliando a ideologia da família como porto seguro, tendo sua concretização na casa como universo protetor contra as agressões oriundas da rua.

Com efeito, é na rua que parecem se encontrar a grande maioria dos perigos e fantasmas contra os quais os pais tentam proteger seus filhos. Assim, as drogas, a violência, as agressões contra o físico e a moral (sobretudo das moças), parecem estar delineadas nas representações dos pais no espaço que começa onde termina o âmbito doméstico.

As regras domésticas servem para organizar o funcionamento da casa, bem como para gerenciar as incursões dos jovens fora do lar. Elas nos parecem reveladoras tanto da maneira como os pais socializam os filhos para o mundo doméstico, atribuindo funções e deveres diferenciados a rapazes e moças, quanto da forma como tal socialização começa a atribuir lugares sociais distintos no universo público para o masculino e o feminino. O espaço público é exatamente aquele representado pelas famílias como o oposto do doméstico, da segurança e da proteção, no qual estaríamos vulneráveis aos riscos da violência.

Para os pais, a cidade de Fortaleza, apesar de percebida como sedutora, bonita e cheia de atrações é, ao mesmo tempo, representada como uma cidade perigosa, onde os assaltos, agressões e furtos podem ocorrer. Como diversas outras grandes cidades brasileiras, o espaço público é visto como “mundo cão”: espaço da falta de leis ou com leis perversas, onde a polícia aparece como ineficiente para conter os “marginais” e garantir a segurança pública (ou onde

tal polícia é vista como polícia bandida e corrupta), onde a vida não está garantida e protegida como no lar. A fala destas mães ilustra um pouco este medo constante que o morador de Fortaleza tem fora de casa:

Hoje a cidade oferece tudo de bom, na nossa época não existia isso não. Mas a gente pensa no lado ruim. Eu sou uma mãe que não deixa eles saírem muito não. Também não gosto de prender de mais não pois tenho medo daquele ditado que diz: 'quem muito prende quando solta vai fazer o que não deve'. Eu tenho uma filha de 17 anos, ela... coitadinha... no mês ela vai uma vez no show. É uma cidade que traz muito lazer e que dá muita coisa boa. Agora a gente tem que saber com quem vai e ter os cuidados...

Eu parei de ir nas reuniões do colégio do meu filho porque são à noite. Eu jamais vou sair daqui à noite pra ir lá no centro da cidade, onde eu morro de medo até da minha sombra. Do centro da cidade eu tenho medo até de dia, imagine à noite. Quem vai na reunião agora é o pai

Meu filho tem 14 anos e só sai comigo. É final de semana, praia, clube. Pra sair só o pai vai deixar e buscar.

Em todas as classes, a grande maioria dos lares tenta manter os filhos dentro de casa o maior tempo possível, no que diz respeito ao tempo de permanência diária. Tentam, ainda, adiar o momento em que eles começarão a sair de casa desacompanhados. As regras que os pais vão construir dentro de suas casas para tentar represar a inexorável saída de casa dos filhos vão variar em função das classes sociais. A grande diferença nos pareceu provir sobretudo da maneira como as estratégias de manutenção dos filhos é feita nas diferentes classes sociais.

Poderíamos afirmar que parece existir nas classes baixas uma constante luta dos pais para manter os filhos dentro de casa. Isto, entretanto, pode ser visto como contraditório se opusermos, em princípio, a maior liberdade que estes dão aos filhos. Os jovens são sempre lembrados dos perigos da rua, principalmente para as mulheres. De maneira geral, os pais vão impor regras bastante rígidas, com horários firmes tanto para as moças quanto para os rapazes. Estes últimos romperão mais rapidamente o cerco criado pelos pais em torno das fronteiras da casa do que suas irmãs. Nas classes baixas, os pais (e sobretudo as mães) sofrem muito com a saída de casa dos filhos, que eles percebem como o início do envolvimento dos filhos com o mundo perigoso (violência, drogas, álcool, gravidez etc.). A "confiança" é um conceito muito usado nas classes baixas e ele é construído mais em torno de certos sinais de boa conduta, expressos por ações, do que pelo diálogo propriamente dito (embora

muitos jovens tenham relatado situações de conversas com seus pais, também).

A minha mãe ela não deixa eu conversar com ninguém. Meu irmão nem me deixa sair. Só me deixa sair às vezes, no Domingo pra mim ir na pracinha. Já ele sai e fica brincando. Na hora que eu quero sair eles dizem: 'passe pra dentro! Você não pode tá aí não'. Aí eu digo pra mãe: 'mãe, porque a senhora solta mais meu irmão que eu?' E ela responde: 'porque o homem pode sair, pode ficar, pode namorar. E você não, porque logo que você começa a namorar já pega logo um bucho'. Ela diz desse jeito! Por causa disso a minha mãe não me deixa sair. (Moça de classe popular)

Os pais dão mais liberdade e “afrouxam a linha” à medida que os filhos mostram “responsabilidade” na escola ou ajudando voluntariamente nas tarefas domésticas etc. De maneira geral, o quadro descrito pelos jovens indica que os pais percebem que seus filhos são dignos de confiança, à proporção que eles vão assumindo responsabilidades na manutenção do lar e da própria existência.

É importante dizer que as regras da vida doméstica nas classes baixas são menos precisas para os garotos, pois eles começam mais cedo do que as meninas a ter as fronteiras de sua mobilidade ampliadas pelas incursões ao campinho de futebol, à pracinha e à própria esquina da rua ou da vila. Eles estão mais desobrigados do deveres e tarefas de ordem doméstica. Por outro lado, as tarefas fora do mundo doméstico são em geral atribuídas aos rapazes. São criadas expectativas segundo as quais eles devem prover o sustento familiar.

O fator econômico portanto é decisivo nas saídas dos rapazes de casa. Quando eles começam a arranjar dinheiro, realizando pequenos trabalhos, sua margem de manobra vai sendo acrescida de um novo horizonte, o do mercado impessoal de trabalho. Para muitos pais, o sinal da “confiança” no filho será dado pela contribuição que ele vai trazer (“meu filho dá todo dinheiro que ele ganha em casa”) ou então pela sua volta ao lar depois da execução da tarefa (“ele só sai pra trabalhar, ele só não volta pra casa quando não pode”).

É necessário acrescentar que nas classes baixas muitos rapazes vão pouco a pouco rompendo com as regras do espaço doméstico, ganhando um liberdade de ausentar-se da casa como um fato consumado ao qual os pais vão ter de se adaptar. Um jovem relata como isto ocorreu em sua família:

O pai e a mãe queriam que eu chegasse tal hora dentro de casa mas eu sempre quebrava essa regra. Eles diziam: 'João, você tem de chegar 10 horas'. Aí eu chegava meia noite, chegava no outro dia, eu não tava nem aí. (Rapaz, classe popular)

Nas classes altas, as palavras de ordem são o diálogo e a “confiança”: os pais tentam negociar com os filhos as saídas e vão aos poucos construindo

com eles estas regras. Os filhos devem “conquistar” esta confiança dos pais, especialmente através do cumprimento do horário proposto (ou imposto). Como vimos, o diálogo é muito presente nestas relações e nos pareceu que uma das condições para que o jovem das classes altas consiga seu passaporte para as saídas pacíficas do lar negocia-se em torno da idéia de que o filho e a filha, em especial, “contem tudo” para os pais (principalmente para a mãe). Este testemunho ilustra a construção da relação de “confiança”:

Lá em casa é assim, eles não soltam muito mais também não prendem muito, exatamente o meio termo. Tipo assim, não tem hora prá chegar, mas também num pode sair sem avisar. Quando tem algum problema eu converso com a minha mãe (Jovem de escola particular).

Lá em casa ninguém pode esconder nada de ninguém. Só num pode esconder. O que vale é a confiança. Eu sempre chego a hora que quero (Jovem de escola particular).

Esta noção de “contar tudo” está muito presente entre os jovens e parece-lhes até um indicador da manutenção de boas relações com seus pais a partir do momento em que começam a descrever o que fazem fora do lar, com quem o fazem e como o fazem. A recíproca é verdadeira e os pais (mais uma vez, particularmente as mães) também parecem marcar a “boa relação”, a relação de “confiança”, quando o filho “conta tudo” o que fez, “não esconde nada”. Um bom indicador de confiança para os pais é a narrativa feita pelo jovem da proposição (por outro jovem) de transgressão de alguma regra do lar (fumar, drogar-se, alcoolizar-se, “transar” etc.), que é prontamente recusada. O fato de contar que foi “tentado” é percebido pelos pais que ele tem um “bom diálogo” e “confia” neles. A postura de recusa de transgredir a regra é, por sua vez, percebida como sinal de que o jovem está “maduro” e pode ganhar mais liberdade para ir mais longe e por mais tempo.

De maneira geral, independentemente da classe social, os rapazes são duas vezes mais representativos do que as moças no que tange a “poder voltar para casa quando querem” (42,7% para os homens contra 19,2% para as mulheres), conforme os dados da pesquisa. Podemos dizer, ainda, que os rapazes das diversas classes sociais têm mais liberdade de movimento do que as moças. Entre os rapazes, a condição de classe tem pouca influência na percentagem de respostas (apesar de, como vimos, os comportamentos semelhantes serem explicados por motivos diferentes). As moças da classe A são proporcionalmente três vezes mais significativas do que suas congêneres da classe E ao dizerem “poder chegar em casa a hora que querem” (29,0% contra 9,5%, respectivamente). Elas negociam com as mães tais saídas e estão em um ambiente mais alforriado das classificações do espaço público como espaço

masculino e do espaço doméstico como esfera feminina. Estas meninas da classe alta contam um pouco de suas saídas:

minha mãe e o meu pai são maior limpeza deixa eu voltar na hora que eu quiser.

eu volto cinco horas da manhã, volto a hora que quiser por que lá em casa num tem disso. Meus pais confiam muito. Eu conto tudo que faço pra eles.

Enquanto nas classes A e B quase o dobro dos rapazes dizem poder voltar para casa a hora que querem em relação às moças destas mesmas classes, esta proporção sobe bastante e a diferença entre o percentual dos rapazes das classes D e E em relação às moças de sua classe social tende a se distanciar. Essa moça indica em sua fala a diferença de tratamento que os pais das classes baixas dispensam a garotas e garotos:

A minha mãe ela solta mais o meu irmão do que eu. Meu irmão sai num dia e chega dois ou três dias depois. Eu não, se eu sair sete horas lá pras oito horas eu já tenho que tá em casa. Eu escapulo. Eu dou dinheiro pra vizinha pra que ela diga pra mãe que eu cheguei cedo. Eu dou dois reais e digo: ‘mulher tu diz que eu cheguei tal hora’. Aí ela aceita (jovem de escola pública).

Essa fala é interessante por indicar as muitas estratégias usadas pelos jovens (principalmente as meninas) para burlar o cerco imposto pelos pais. Quando os jovens estão respondendo que seus pais não permitem que cheguem em casa a hora que querem, isso não significa que efetivamente eles se submetam a tais regras todo o tempo.

As diferenças mais marcantes encontram-se na relação que rapazes e moças vão poder entreter com o sexo oposto. Tanto nas classes baixas quanto nas classes altas, os rapazes também parecem ter mais liberdade para descobrir e manter uma vida sexual do que as moças. Ouvimos várias frases sobre os “cuidados” que meninas devem observar com as “investidas” masculinas, visto que em “homem não pega”. As meninas ficam sempre magoadas com estas percepções da liberdade masculina e das restrições que sofrem, mas muitas acabam concordando com os pais.

As meninas têm mais dificuldades para começar a namorar enquanto os rapazes são incentivados pelos pais a começar mais cedo. As meninas dizem ter dificuldade para trazer os namorados em casa e que muitas vezes preferem começar a namorar fora de casa para evitar conflitos com as mães, e, principalmente, com os pais.

Quando perguntados sobre a possibilidade de trazer o namorado(a) para manter relações sexuais em casa, os rapazes e moças das diferentes classes têm permissões diferenciadas dos pais para fazê-lo ou não. A grande

maioria das moças declararam não ter essa liberdade. Observamos, entretanto, que este índice é mais recorrente entre as moças das classes baixas (9,5% na classe E) do que entre as moças das classes altas (3,8% na classe B), conforme atestam os dados analisados.

Este dado é interessante, pois mostra a ambigüidade de situações em que se encontram as moças das classes baixas, as quais, ao mesmo tempo que se dizem menos livres para sair de casa a hora que querem (em relação às moças das classes altas), acabam tendo mais liberdade para viver sua sexualidade dentro de casa. Este dado ganha todo seu sentido quando lembramos que o medo dos pais com a gravidez das moças de classes baixas acaba por encontrar um fundamento prático, na medida em que parte delas, segundo constatado nos grupos focais, acaba engravidando. Nos Grupos Focais, encontramos algumas moças que já moravam com os companheiros, seja na casa dos pais dele seja na casa da mãe delas. Algumas outras, ainda, depois de terem filhos entram - apesar de terem uma idade considerada socialmente como de um jovem - no mundo adulto, com direitos sexuais como os adultos, podendo desta maneira ser visitadas por seus amantes sob o teto familiar. Isto não significa que moças das classes altas não tenham uma vida sexual ativa (como veremos adiante). Significa, apenas, que ela não é vivida no espaço doméstico.

Em todas as classes sociais, os rapazes são mais ou menos um quarto a poderem ter suas namoradas ou amantes em seus quartos. Os pais são complacentes com a vida sexual dos rapazes e incentivam-na. Alguns rapazes relataram como foram iniciados sexualmente pelos próprios pais em prostíbulos. Os rapazes (24,0%) têm a permissão de manter relações sexuais em suas casas em contraposição a apenas 5,7% das moças.

Outro sinal de distinção alcançada pelos rapazes em detrimento das moças é dado pela possibilidade de dirigir carro sem carteira de motorista. Chegam a 22% o número de rapazes de classe A que declararam obter essa permissão.

Alguns rapazes das classes altas contaram, nos Grupos Focais, como foram incentivados pelos próprios pais a começar a dirigir e de como seus pais subornaram os policiais com garrafas de uísque e dinheiro. Esse trecho de entrevista com rapazes de escolas particulares revela um pouco da visão acerca da lei:

E todos vocês já dirigiram sem carteira?

Eu dirigia. Minha mãe me deu um carro quando eu tinha 16 anos.

Com quantos anos?

Com 16, 17. Meu irmão menor já acabou com três.

Mas, como é que é se a polícia pega vocês?

Aí prende e você suborna. Você diz: 'vamos tomar um cafezinho ali'.

Você já fez isso?

Não, mais tem muito amigo meu que já fez .

Como é que é?

O guarda lhe para pede teu documento, aí você diz: ‘rapaz eu num tenho não’, aí ele chega assim e diz: ‘aí, como é que a gente ajeita?’ Aí você pega 100 reais, bota junto com o documento escondido e tá resolvido.

E com você, já aconteceu?

Já. O cara me parou perguntou se eu tinha documento e eu disse que não tinha, e o documento do carro eu também num tinha. Aí ele disse: ‘me dê o telefone do seu pai’. Depois de 20 minuto ele chegou pra mim e disse ‘pode ir embora que eu já liguei pro seu pai’, e aí veio me seguindo e me trouxe até em casa. Meu pai deu uma grana pra ele.

Eu também já vi, foi com meu irmão. Ele foi pego porque ele dirigia sem carteira. Dois policiais vieram deixar ele aqui. Aí eles saíram com úsque, saíram com carteira de cigarro. A maioria dos policiais são corruptos, a maioria.(jovens de escola particular)

Quando os jovens destas classes explicam a corrupção, nos exemplos citados, não percebem que não existem corruptos em si mas uma relação corrupto/corruptor e que nesta relação eles ocupam um dos pólos. Nos exemplos citados, eles foram socializados não somente a não respeitar certas leis como a aprender como contornar os problemas ligados ao não respeito às normas. As moças, mesmo que dirijam sem carteira menos do que os rapazes, com frequência estão no carro com seus namorados (sem carteira), com o aval de seus pais.

O uso de drogas em casa foi pouco relatado pelos jovens em geral. A grande maioria deles diz que os pais não permitem que se droguem em casa, cinco rapazes e uma moça interrogados na pesquisa por questionário disseram poder consumir drogas em casa.

Quanto ao álcool e ao cigarro, os índices são bem maiores. Estas drogas não são percebidas como droga pela maioria dos jovens, apesar de o cigarro começar a despontar como droga (ou pelo menos como nocivo à saúde) para a maioria dos jovens das classes altas.

QUADRO 31

PERMISSÃO PARA CONSUMO DE ÁLCOOL EM CASA (% de respostas SIM)		
Classe social	Rapazes	Moças
A	36,1	25,8
B	37,5	17,9
C	21,7	13,6
D	25,5	13,4
E	23,1	11,9
Total	28,2	10,7

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

No caso do álcool, seu consumo entra na lógica da “confiança”. Ou seja, mais ou menos um terço dos pais das classes altas permite que seus filhos bebam em casa, na esperança de que “beber socialmente” seja uma atitude apreendida em casa. Os pais preferem que os filhos bebam sob seus olhos em vez de fazê-lo na rua. Em todo caso, é necessário dizer-se que a grande maioria dos pais, em todas as classes, não permite que seus filhos bebam álcool em casa. A noção de “confiança” acaba sendo também um liberador do uso do álcool em casa para as moças das classes altas (43,7%, somando as classes A e B), enquanto suas congêneres das classes populares representam somente 25,3%, somando as classes D e E, conforme o quadro 31.

QUADRO 32

PERMISSÃO PARA FUMAR EM CASA (% de respostas SIM)		
Classe social	Rapazes	Moças
A	13,9	3,2
B	11,5	10,4
C	15,7	7,8
D	22,4	14,4
E	28,6	13,1
Total	18,9	10,7

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

O cigarro é menos tolerado nas classes altas e inversamente mais aceito nas classes populares, tanto para rapazes como para moças. Isso ocorre sobretudo pelo fato de o cigarro ser percebido como mais nocivo nas classes altas do que nas classes baixas. Podemos perceber que os rapazes (18,9%) têm o direito de fumar em casa, contrariamente às moças, com somente 10,7%.

CAPÍTULO III

ESPAÇOS INSTITUCIONAIS DE SOCIALIZAÇÃO

A ESCOLA

A outra grande instituição socializadora na nossa sociedade é a escola. A cidade de Fortaleza conta com um número cada vez maior de jovens, na faixa etária de 14 a 20 anos, que freqüentam a escola, seja ela pública ou particular. Mesmo os que hoje estão fora da escola passaram, em quase sua totalidade, por ela um dia.

A maioria dos jovens entrevistados está estudando atualmente, ou seja, 78,1% dos entrevistados (ver quadro 33), contra 21,8% que não mais estudam (ver quadro 34). Eles estão divididos de maneira equivalente entre os serviços particulares e públicos (48,7% e 51,2%, respectivamente):

QUADRO 33

ESCOLARIDADE/SISTEMA DE ENSINO			
Tipo de Ensino	Nº	%	Casos válidos (%)
Público	355	50,7	51,2
Particular	338	48,3	48,7
Não se aplica	1	0,1	0,1
Total de casos válidos	694	99,1	100,0
Não responderam	6	0,9	
Total	700	100,0	

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Os rapazes e moças que não estão na escola alegam diversas razões para isso, sendo que em primeiro lugar aparece o trabalho como razão do abandono da sala de aula (28,2%), seguido pela falta de desejo (21%) e pela ausência de vagas (10,3%). Algumas jovens dizem ter parado porque tiveram filhos - ou estão grávidas - (6,6%), alguns por não mais conseguirem pagar as mensalidades (4,6%) e outros ainda por terem encontrado problemas de violência na escola (3,5%).

QUADRO 34

Motivos alegados para a evasão escolar		
Principal Motivo	Nº	%
Não gosta	41	21,0
Está trabalhando	55	28,0
Não conseguiu vaga	20	10,3
Não consegue pagar a escola	9	4,6
Tem (ou está esperando) filhos	13	6,6
Por causa da violência	7	3,5
Problemas familiares	11	5,6
Terminou o 2 grau e parou	9	4,6
Outras razões	24	12,3
Não responderam	6	3,3
Total	195	100,0

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Uma boa parte dos jovens não permanece na escola por motivos financeiros: de um lado, por não mais poderem manter-se na escola (4,6%) e de outro por terem entrado no mercado de trabalho para satisfazer necessidades de sobrevivência (28,2%). Somando-se as duas razões apontadas, podemos dizer que um terço dos jovens se evade da escola por motivos econômicos.

A ESCOLA E SEU TRABALHO DISCIPLINADOR

Como instituição de socialização e em especial dada a representação dominante do papel da escola em nossa sociedade, é cada vez maior o número de pais que esperam que a vida escolar do filho seja um complemento da educação recebida no lar, ou mesmo que a escola venha a diminuir as “carências” da educação recebida em casa. *Vários profissionais da educação, pais e alunos* descrevem a escola como um local de formação da criança e do adolescente. Não foi raro ouvir dos adultos o desejo de uma escola capaz de transmitir valores e maneiras de ser.

Parece-nos importante aqui retomar o debate sobre a neutralidade de valores e de maneiras de ser e estar na sociedade. Como dissemos, não existe uma maneira correta ou errada, há sim formas hegemônicas de expressão dos valores que tendem a perpassar o conjunto dos grupos da sociedade, com maior ou menor intensidade em função da proximidade em que se encontra o agente social das posições dominantes.

Costumamos atribuir à escola a função de socializar as gerações que a

ela chegam - ou seja, esperamos que a escola desenvolva um processo educativo que se encontra na realidade muito para além do aprendizado de técnicas e saberes e situa-se, sob um caráter de neutralidade, no âmbito da transmissão de valores dominantes.

A escola não legitima os valores e maneiras de ser que o indivíduo traz de casa e transmite símbolos homogeneizados para todos que a ela chegam, como se tais símbolos fossem neutros e como se todos dividíssemos de maneira homogênea o mundo simbólico por ela produzido. Para alguns, os códigos da escola (fala, linguagem, comportamento, maneiras de ser e estar, visão de mundo etc.) estão muito próximos dos códigos que eles aprenderam em casa na *prima* educação: são essencialmente aqueles oriundos das classes altas ou das classes médias, que têm aquilo que o senso comum chama de “educação de berço”; para outros, sobretudo nas classes baixas, os códigos da escola aparecem como novidade e diferem em parte ou totalmente dos códigos que trazem de casa: nem tanto teoricamente, pois a mídia, a igreja etc., servem de correia de transmissão destes códigos, o que faz com que o indivíduo não chegue totalmente destituído destas informações. No entanto ele carrega consigo uma falta prática de manuseio destes códigos, ou seja, desconhece praticamente como utilizá-los, visto que não teve contato recorrente com sua prática na educação recebida no lar. Sobre estes indivíduos a escola desenvolve aquilo que Pierre Bourdieu (1998) classificou de *violência simbólica*.

Isto ganha concretude quando a escola diz e mostra maneiras de ver o mundo, que são arbitrárias, mas que foram legitimadas pela dominação simbólica exercida pelas classes altas. Por outro lado, ao criticar e recriminar as maneiras de ver o mundo, de ser e estar que o indivíduo está trazendo de casa, a escola realiza uma violação de símbolos, uma violação de maneiras de ser, de estar no mundo, que foram apreendidas dentro de casa (e até aí pensadas como corretas e sagradas - pois aprendidas com pai e mãe). Muitos percebem tal processo violento como missão, civilizadora da escola; outros chamam de papel disciplinador da escola; outros ainda falam da função de ensinar “boas maneiras” e “bons modos”. Veremos adiante como existem resistências e dificuldades, colonizações e contra-colonizações, indo da escola em direção às classes baixas e, em sentido oposto, das classes baixas em direção ao espaço normalizador da escola.

Nesta parte do trabalho vamos nos ater principalmente à vida escolar dos rapazes e moças que estão na escola: a) do ponto de vista das visões de escola que vão sendo apontadas durante o levantamento dos dados; b) da óptica das atividades que são desenvolvidas na escola e em torno das sociabilidades aí criadas; e c) sobre a violência na escola. Como na parte anterior, uma leitura será feita, usando-se o viés do gênero; a leitura de classe será complementada

aqui sobretudo por uma leitura do tipo de rede onde está inserida a escola: pública ou privada. Este recorte nos permitirá perceber a maneira como alunos e alunas, de escolas públicas e das escolas particulares da cidade constroem espaços de atuação diferenciados.

VISÕES DE ESCOLA: UM NOVO LAR

Durante as entrevistas, tanto junto aos grupos focais com alunos, quanto nos grupos focais com pais e educadores, uma das visões mais estruturadas que nos foi desenhada, retrata a escola como um segundo lar, ou ainda a escola como continuação da família. Essa percepção deste espaço público, como espaço doméstico, ou pelo menos feito espaço intermediário entre o totalmente privado e o totalmente público.

Se, por um lado, dizemos que a escola está sendo percebida como um lar pela grande maioria dos entrevistados, por outro, não estamos dizendo que este lar é visto da mesma maneira por todos. Ademais, não obstante o fato de ela ser imaginada como uma segunda família, tal família não tem as mesmas funções para todas as classes sociais, nas diversas representações produzidas na escola pública e na escola particular.

Enquanto na rede particular a escola é percebida pelos educadores e pelos pais de alunos como dando continuidade ao trabalho educativo iniciado em casa, na rede pública os educadores e boa parte dos pais esperam que a escola “corrija” uma educação começada em casa que é percebida como inadequada aos códigos dominantes do conjunto da sociedade. Essa nos pareceu uma primeira dicotomia na visão de escola, que é produzida pelo conjunto da sociedade: a) de um lado, uma aparente homogeneidade na percepção da escola, que equaciona através de uma igualdade a escola e o lar; b) de outro, uma radical divisão nas percepções do papel da escola-lar na educação dos jovens e adolescentes das diferentes classes sociais, indo desde a função de cimentar o adquirido em casa no pólo das classes altas até assumir a função corretiva de paliar uma educação percebida como insuficiente ou mesmo errônea.

Nas escolas públicas, uma das grandes preocupações dos educadores e mesmo dos pais é disciplinar o comportamento dos jovens. Isso traduz-se essencialmente na tentativa de transmissão de comportamentos que se substituam a maneiras de ser percebidas na escola como violentas e na transmissão de “bons modos” (não “falar alto”, não “cuspir no chão”, não falar quando outro tem a palavra, não fazer barulho etc.). Existe uma dinâmica muito forte e consciente por parte dos professores e da sociedade em geral que mobiliza parte do trabalho educativo realizado sobre as classes baixas nesta direção. Paralelamente a tal trabalho educativo, existe uma não menos forte e

dinâmica, esta bem menos consciente, que percebe a educação como uma transformação de valores, maneiras de ser e de estar na sociedade, impondo como neutras e únicas possíveis, aquelas produzidas pelas classes altas que, apesar de arbitrárias, são percebidas - de maneira inconsciente - como naturais e verdadeiras.

O discurso de alguns professores de escola pública nos parece ilustrativo destas dinâmicas sociais de imposição de um arbitrário cultural sobre os jovens das classes baixas, referindo-se ao papel de “civilização” e “pacificação dos violentos”, que podemos separar didaticamente (pois foi feito de maneira uniforme) em três momentos:

MOMENTO 1: descrição da família das classes baixas como fora da norma, violenta e violentadora e, por isso, produtora de indivíduos violentos.

A família está esfacelada, o pai sai para um lado, a mãe para outro, o irmão para um outro. Existe uma grande violência. Quando se fala na violência, ela não está só na escola. A violência está no mundo e começa dentro de casa.

Quando eu falo na agressividade não é só em pancada. A agressividade vem da palavra. A maneira como eles falam entre eles é agressiva. Eles acham o máximo essa maneira de falar. Eles se agridem com palavras. A comunicação é agressiva. No falar já tem agressividade. Talvez esta agressividade esteja acontecendo bem dentro de casa. E ele traz para a escola.

MOMENTO 2: descrição do papel da escola como nova família ou novo lar, capaz de ressocializar os indivíduos (pedida inclusive pelos próprios pais dos alunos);

Eu acho o seguinte: hoje a escola tá tendo um papel de família; hoje a escola é que tá tendo o papel de trabalhar esse aluno, como se fosse sua família. É muito comum chegar as mães aqui e dizerem: ‘por favor professora, resolva, resolva o problema do meu filho, porque eu não tenho mais condições; eu passo o dia trabalhando e o pai foi embora’. A escola tá perdendo o referencial de escola: o professor é enfermeiro, psicólogo, é pai, é mãe.

Para a maioria dos alunos a escola passa a ser o lar deles, porque até mesmo sem horário de aulas eles estão na escola. Porque eles sentem a ausência da mãe em casa. A escola tem todo o aconchego para receber o aluno e ele se apega à escola e faz com que a escola seja o lar dele. Hoje em dia é assim. Tem a merenda, tem tudo. Tem amor da direção, tem amor do professor. E é melhor que ele fique na escola. Os próprios pais acham que é melhor eles estarem aqui do que em casa. Em casa

eles ficam sós, não tem pai, não tem mãe. O que eles vão ter no meio da rua? É violência, é droga, é a prostituição. E na escola não. Os próprios pais acham que ele tá guardado.

A educação em questão é a educação da escola em detrimento daquela recebida no lar. Outro ponto relevante neste discurso é como se escorrega quase imperceptivelmente da casa para a rua e ambas ficam associadas à prostituição e à violência. A escola aparece nos discursos como um novo lar (o lar familiar não é representado como suficientemente forte para segurar o jovem das tentações da rua), e sobretudo, como um lar mais positivo: enquanto em casa não tem pai nem mãe (ou seja, ordem, disciplina e amor), a direção da escola e os professores aparecem como cheios de amor e paciência para ouvir os problemas e violências domésticas e transformar o aluno (que chega mal educado de casa).

Tem dias que chega aqui menino chorando. Aí lá vai eu conversar: é uma briga com a mãe, um não sei o que com um colega. Não somos somente professores que dão aulas, somos muito mais.

O que atrai os meninos para a escola? Eles encontram companheirismo no professor, o que eles não encontram em casa.. Eu tenho alunos que conversam comigo e eu pergunto assim: ‘você conversa isso com sua mãe?’ e eles respondem: ‘Deus me livre professora, eu apanho, se eu conversar isto eu apanho’. Então você precisa trabalhar primeiro o pai dele pra trazer uma solução pro aluno.

MOMENTO 3: o resultado deste trabalho de inculcação de novos valores é apresentado; o professor não deve se restringir a passar os conteúdos formais (saberes e técnicas) mas, “educar”, ou seja, transformar, ensinar a ter “bons modos”, a não ser “agressivo” etc.

Nós professores nós confundimos o que é liberdade. Você pode chegar pra um aluno e bater um papo. Mas na sala de aula eu não admito desrespeito. Eu sou altamente autoritária dentro da minha sala de aula. Por exemplo eu não admito apelidos. A melhor coisa do mundo é a gente ser tratado pelo próprio nome.

Existem alunos que já são da casa. Já se nota um trabalho que foi feito na escola. Ao longo do tempo é feito um trabalho na escola. A escola é uma saída; a escola ainda é uma saída. Dá pra notar a diferença entre quem já está e quem está chegando. Existem fases de adaptação.

É uma questão de boas maneiras. Eu acho que nós temos de educar os alunos, ensinar boas maneiras. Um aluno que não dá um bom dia, um boa tarde, arrasta a cadeira, faz barulho, é como se ele não tivesse

sentimentos. É como se ele não fizesse parte desse mundo. É tudo questão de valores. Você tem que mostrar boas maneiras.

Nenhum aluno sai da escola sem aprender nada. Na vida ele usa esse aprendizado. Ele não aprende só matérias. Ele aprende a conviver com amigos. Ele aprende a se comportar. É um eterno aprendizado. Eu não falo só em matérias, eu falo em geral. A escola não tem de ensinar somente as matérias ela tem de ensinar em tudo.

Depende do que você chama aprendizado. Não adianta manter conteúdo formal. (pais de aluno)

Estes testemunhos mostram o professor de escola pública lidando com jovens que precisam ser “educados”, como se a educação que eles trazem de casa não fosse boa (como se houvesse em si uma boa educação). Os professores insistem em não permanecer ligados naquilo que é o menos arbitrário (ou seja, as técnicas, que eles chamam de “matérias” ou “conteúdo formal”). A sociedade de um modo geral (e a escola de maneira particular) está perpassada pelos valores dominantes que percebem cada vez mais sua função e papel como de uma verdadeira conversão dos jovens, mudando seus valores, sua educação, seu modo de ser e sua maneira de estar em sala de aula, esperando com isso que rompam com uma maneira de falar, sentir, apreciar o mundo aprendida em casa, fazendo-os outros e contando que serão outros no mundo - diferentes da maneira como chegaram na escola, diferentes de seus pais, diferentes do mundo de onde vêm.

Nas classes altas, a escola também é percebida como “lar”, “casa”, “família”. A ideologia da escola como segunda família, continuação da casa, tem, no entanto, implicações radicalmente diferentes destas citadas até aqui, e está assentada em princípios que não são os mesmos. Nas classes altas, a educação é vista antes de tudo como a educação distribuída na família biológica, a educação dada pelos pais e no caso limite na educação trazida ao indivíduo pela família extensa. A escola é representada como uma instituição complementar, que vai solidificar o trabalho iniciado no lar e confirmar a educação recebida dos pais. Os pais aceitam a educação escolar na medida em que ela corrobora o que se aprende no lar.

Não foi raro em Fortaleza ouvir pais de classes altas culpar a escola dos filhos por comportamentos que eles estimam não serem condizentes com o aprendido em casa (fumar, dizer palavrões, mentir etc. são atitudes que, quando iniciadas, são com freqüência imputadas à escola; podem ser tomados como exemplos de frases deste tipo “já está aprendendo o que não presta na sua escola” ou “é para você aprender estas bobagens que eu pago tão caro?”). A

fala desta professora de escola particular (que também é mãe de aluno de escola particular) ilustra tal representação:

A escola socializa o aluno. Ela ensina o aluno a aprender mas ela não educa como em casa. Eu acho que a educação é a caseira mesmo e a da vizinhança. O colégio mistura o aprendizado.

Neste caso, há uma postura inversa relativamente à educação proposta na escola e a educação recebida no lar e no meio ambiente. É como se o aluno da escola particular incorresse no processo inverso que o aluno da escola pública: sua educação “correta”, “boa”, corre o risco de ser prejudicada pela quantidade de informações que são oriundas das salas de aula e do contato com outros alunos.

Quando os pais estão dizendo família, eles estão pensando em um ambiente de trocas de idéias, diálogo, de conhecimento do aluno por parte dos professores e vice-versa. A escola deve poder favorecer o desabrochar de certas potencialidades sociais do filho, que o ambiente restrito do lar não permite. Ele tem possibilidades de encontrar seus iguais e com eles construir relações sociais menos egoístas que aquelas construídas no lar (que funciona em torno do filho nas classes médias e altas).

A antítese deste modelo é representada pelas “grandes escolas” ou “escolas empresas”, o grande “mal necessário” pelo qual passam aqueles que podem pagar. É como se durante os três últimos anos de vida escolar o aluno que tiver pretensões de adentrar a universidade tivesse que por aí passar, deixando de ser uma pessoa (com nome, problemas e desejos), para tornar-se um número e uma provável estatística de sucesso quando aprovado no vestibular.

Quando os pais estão falando de uma escola-família ou escola-lar, eles estão dizendo através desta categoria todo o desejo de manter os filhos dentro de um sistema de diálogo entre professores e alunos e não em uma empresa com suas regras de produtividade medidas através do exame. Principalmente eles esperam poder influenciar a educação dos filhos, conversando e participando das reuniões da escola, conhecendo e sendo conhecidos por diretores e professores. Estas mães ilustram o conceito de “escola-família”

Eu cobro demais do colégio. Aquilo que eu vejo de errado eu vou na direção e reclamo; eu reclamo demais. Acompanho reunião. Eu tô lá o tempo todo. Quando tem qualquer coisa lá no colégio eu vou, arrumo. Na festa de São João eu passo o dia lá botando bandeirinha, eu ajudo mesmo. Mas pra reclamar eu tô lá reclamando. A participação dos pais é muito importante.

Eu faço o seguinte, quando tenho um problema eu vou conversar com o professor. Pra essas reuniões eu não vou. Tem gente demais falando

ao mesmo tempo. No final não resolve o problema de ninguém.

A escola dos meus filhos é legal. Por isso ainda não tive coragem de por numa escola para o vestibular. Minha filha já pediu pra ir. Quando chegou na hora H eu caí fora. A escola dela eu acho que é uma continuação do lar. Eles mesmos dizem que a escolinha é a continuação da família. Eles estão sempre ali. Eles pregam muito você ser caridoso, humano, ajudar seus irmãos. Antes da aula começar eles rezam. Todo mundo é conhecido. Eu converso com a tia, converso com outra, converso com tudinho, é uma família.(mães de aluno)

Se tivéssemos que desenhar um modelo explicativo para tais perspectivas, poderíamos dizer que, nas séries iniciais, os filhos vão para pequenas e médias escolas, onde o aprendizado não está ainda direcionado para o vestibular, mais para o desabrochar de outras potencialidades. Por sinal, tais potencialidades requeridas tampouco fazem parte (como na escola pública) de um currículo de matérias obrigatórias, mas estão em torno de valores dominantes (que o aluno aprenda a “ser ele mesmo”, a “decidir”, a “criar”, ou seja, uma série de qualidades que serão requeridas mais adiante para aqueles encarregados de administrar e gerenciar; além disto, uma série de potencialidades ligadas à estética dominante vão ser desenvolvidas nestas escolas de elite: música, pintura, artes etc.). Para algumas famílias da classe média, este tipo de escola acaba tendo por função (como na escola pública) suplantando algumas expectativas educacionais que os pais não se vêem com potencialidades de transmitir para os filhos. Com o aval dos pais, as escolas acabam transmitindo uma série de capitais (cultural, escolar, social) que aqueles sabem que são valorizados na sociedade e que eles não sozinhos capazes de transmitir.

A VALORIZAÇÃO POSITIVA DA ESCOLA

Dois terços dos rapazes e moças do sistema de ensino de Fortaleza consideram-no “bom” (69,4%), conforme quadro 35. Este dado varia um pouco mais, quando apreciado do ponto de vista do tipo de escola de onde fala o aluno: alunos de escola pública consideram o ensino “bom” em 53% dos casos contra 89,1% dos alunos da rede particular que aplicam tal conceito a sua escola. (Ver quadro 36)

QUADRO 35

AVALIAÇÃO DO ENSINO	
Avaliação	%
Bom	69,4
Regular	24,6
Ruim	5,7
Não Respondeu	0,3
Total	100

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Observamos que os alunos da rede pública são mais representativos, no que tange a considerar o ensino que recebem como “regular” (36,6%) ou “ruim” (10,4%) do que os alunos da rede particular (9,5% e 1,4%, respectivamente), conforme demonstra o quadro 36. Alguns alunos da rede particular, em alguns colégios considerados como “de elite”, por sinal, nos fizeram saber que estranhavam a pergunta sobre a possibilidade de o colégio ser regular ou ruim; para eles não havia possibilidade de tal opção e lhes parecia claro que o colégio era “ótimo” (“como, bom?, este colégio é ótimo!”); tanto que 89,1% optaram pelo item “bom”. Começa a ficar clara uma distinção que os alunos das redes públicas e privadas começam a fazer do tipo de ensino que recebem e, como veremos adiante, do lugar que devem ocupar no mundo.

QUADRO 36

AVALIAÇÃO DO ENSINO POR ESTABELECIMENTO			
Conceito	Ensino Público (%)	Ensino Particular (%)	Total (%)
Bom	53,0	36,6	10,4
Regular	89,1	9,5	1,4
Ruim	69,6	24,7	5,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Sublinhamos o fato de que metade dos alunos da rede pública consideraram suas escolas como “boa”. Por sinal, esse depoimento foi mais do que ratificado nos grupos focais: rapazes e moças das escolas públicas dizem-se satisfeitos com a educação que recebem. Dizem-se satisfeitos com a escola e com os professores. Neste item, sua apreciação do professor aproxima-se bastante da apreciação feita por alunos da escola particular: em ambos os casos, a relação com os professores é considerada “boa” pela grande maioria - mesmo que o

grau de satisfação com a relação seja bem maior entre os alunos das escolas particulares.

QUADRO 37

RELACIONAMENTO COM OS PROFESSORES			
Conceito	Ensino Público (%)	Ensino Particular (%)	Total (%)
Bom	77,6	21,1	1,3
Regular	87,4	11,2	1,4
Ruim	82,3	16,4	1,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Devemos chamar a atenção, no entanto, para o pequeno índice de insatisfação com a relação entre professor e aluno, que foi considerada “ruim” apenas por 1,3% dos entrevistados, na rede pública e 1,4% na rede privada.

Nos grupos focais, os alunos se dizem em geral “satisfeitos” com a escola que lhes é oferecida. Tal satisfação é enfatizada pelos alunos das escolas públicas. Quando relatam suas experiências de escola narram fatos, que seriam inconcebíveis para parte dos alunos das escolas particulares, como corriqueiros. Pareceu-nos relevante de que alguns grupos focais com alunos de escolas públicas tenham sido propostos pela direção da escola para serem realizados durante o período das aulas (que não estavam acontecendo porque o responsável pela matéria ainda não estava dando aula e os alunos estavam sem professor naqueles horários). Tais fatos seriam dificilmente percebidos como “normais” por alunos de uma escola particular que pagam e esperam receber um serviço como contrapartida pelo dinheiro desembolsado.

Tal dinâmica ainda não foi imposta entre nós, de maneira efetiva, pela representação do imposto como forma de pagamento do serviço que se está recebendo. Nos grupos focais, os alunos das escolas públicas costumam apresentar seus professores, a merenda escolar, a direção da escola - o fato mesmo de terem uma escola - quase como um favor que lhes é feito. Os alunos das escolas particulares em geral têm uma péssima imagem do sistema público, que difere da imagem que tal sistema ganha entre alunos que efetivamente o utilizam. Alguns rapazes e moças de escola particular entrevistados apontam a escola pública como uma punição anunciada pelos pais, caso eles não tenham sucesso escolar. Tivemos ocasião de entrevistar, ainda, alguns jovens que hoje estudam em escolas públicas e vieram para elas depois de fracasso nas particulares: o castigo recebido pelo “fracassado” foi ter de integrar a rede pública.

Os alunos das escolas públicas oriundos das classes baixas não têm dúvidas

quando perguntados sobre a qualidade das escolas particulares, que eles indicam como ótimas. Eles não as percebem como espaço de aprendizado ao seu alcance; a escola particular é o local onde estuda “o filho de papai”, ou “o filho do barão”. Tal visão que tende a perceber o particular como o local da excelência não implica uma visão obrigatoriamente negativa da escola pública: ela pode não ser a escola do rico, mas é a escola a que se tem acesso e que aparece como uma escola boa ou aceitável para a grande maioria dos entrevistados.

É interessante notar que as classes baixas começam a perceber a escola, mais do que as classes altas, como um canal de mobilidade social. Todos estes discursos são produzidos atualmente sobre a educação como impulsionadora para uma nova sociedade e uma nova vida: “só a educação transforma esse país”, “sem a educação eu não sou ninguém”, “escola para todos” etc. A tendência de associar escola e ascensão social parece começar a povoar os discursos das classes populares. Há uma reprodução do discurso dominante de que estudar é a coisa certa e que quando se tem ocasião de estudar, deve-se aproveitá-la.

Comparada à família, a escola recebe média inferior do conjunto dos jovens.

QUADRO 38

NOTA MÉDIA ATRIBUÍDA ÀS INSTITUIÇÕES	
Escola	Família
3,5	3,9

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

No entanto, quando desagregamos as notas dadas por classe social, podemos perceber que as notas dos rapazes e moças das classes baixas tendem a ser um pouco mais elevadas para a escola e um pouco menos para a família. Nas classes altas temos o resultado inverso: as notas da família aumentam e as notas da escola diminuem.

QUADRO 39

AVALIAÇÃO DA ESCOLA, SEGUNDO A CLASSE SOCIAL						
Classe Social	Notas					Nota Média
	1	2	3	4	5	
A	1,4%	7,4%	38,8%	34,3%	17,9%	3,5%
B	5,7%	11,0%	30,6%	33,9%	18,6%	3,4%
C	5,3%	18,2%	24,1%	26,8%	25,2%	3,4%
D	14,4%	13,9%	20,6%	19,0%	31,9%	3,3%
E	11,2%	11,8%	19,2%	23,7%	33,8%	3,5%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Embora as médias da escola sejam muito parecidas em todas as classes (em torno de 3,5), a nota máxima tende a agregar mais jovens nas classes baixas do que nas classes altas: na classe A, apenas 17,9% dos jovens deram nota 5 à escola, enquanto que 33,8% dos jovens da classe E deram igual nota à escola. Em relação à instituição família, acontece um fenômeno diferente e as médias por classe são mais heterogêneas. Nas classes A e B, a família ganha média 4,0 e nas classe D e E, sua média cai para 3,7.

Não podemos esquecer de que os jovens das classes A e B são sobretudo usuários das escolas particulares (as exceções ficando por conta dos que estão em universidades públicas), enquanto que os jovens das classes D e E freqüentam em sua grande maioria as escolas da rede pública. Frisamos tal situação pois isto parece indicar uma tendência dos jovens das escolas públicas a valorizarem mais a escola a que têm acesso do que os jovens das classes altas.

Como mencionado, os jovens das classes altas acham suas escolas “ótimas”. No entanto, ao emitir suas notas, têm como referência outras instituições - como a família (lembremo-nos, os jovens estão dando notas a várias instituições ao mesmo tempo neste item do questionário) - o que faz com que relativizem a nota que vão atribuir à escola.

Parece-nos que para as classes baixas a escola acaba recebendo um maior apelo ideológico quando se trata de projetar perspectivas de futuro promissor do que a própria família.

Não estamos aqui supondo que haja uma maneira “correta” de ser na sociedade e muito menos uma maneira “correta” de educar os filhos. Porém, a escola como grande instituição de socialização, realizando seu trabalho de inculcação de maneiras “corretas” de perceber e estar no mundo social (ou seja, transmitindo e reproduzindo os valores e maneiras de ser e estar dominantes na sociedade, quer dizer, os valores e maneiras de ser e estar dos grupos dominantes) acaba transmitindo, inclusive, uma maneira de perceber a família e a própria escola. *Freqüentemente, os filhos das classes baixas acabam recebendo informações e formações na escola que contradizem o que recebem na própria família, criando uma situação de dúvida quanto ao comportamento correto a manter no mundo: o recebido em casa ou o recebido na escola.*

Tal ação de inculcação de novos valores e maneiras de ser da escola pode ainda ser medida através de dois outros dados. Quando perguntados sobre o principal fator para se atingir o sucesso, os jovens apontam em peso para a opção “esforçando-se nos estudos e no trabalho” e isso independentemente da classe social. Mesmo que possamos observar maior número percentual dos jovens das classes altas que fazem opção por esta idéia, pode-se perceber que ela é bastante difundida:

QUADRO 40

Fatores apontados para atingir sucesso social						
Classe social	Esforçando-se nos estudos e no trabalho	Sendo esperto/com malandragem	Tendo boas relações com pessoas influentes	Sendo honesto e dedicado	Ter nascido em família com boas condições financeiras	Total
A	72,7%	1,5%	7,6%	15,2	3,0%	100,0%
B	77,4%	2,4%	1,9%	14,9%	3,4%	100,0%
C	70,4%	0,5%	5,4%	13,5%	10,2%	100,0%
D	62,2%	1,5%	3,6%	24,5%	8,2%	100,0%
E	57,6%	1,7%	6,2%	25,5%	9,0%	100,0%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Pareceu-nos, também, revelador o fato de os jovens das classes baixas serem muito mais representativos do que os jovens das classes altas a acreditar que a escola tem um papel importante em suas próprias formações. Observemos o quadro 41: enquanto 23,1% dos jovens da classe A e 24,6% dos jovens da classe B dizem que a escola é o que mais influencia para tal formação, 44,8% de rapazes e moças da classe D e 32,6% da classe E dizem o mesmo, ou seja, aproximadamente o dobro dos jovens das classes baixas põe suas expectativas na escola como fator de formação (e aqui a palavra formação tem um valor positivo).

QUADRO 41

O que mais influencia na formação dos jovens, segundo as classes						
Classe social	Escola	Família	TV	Religião	Turmas	Total
A	23,1%	41,5%	18,5%	1,5%	15,4%	100,0%
B	24,6%	43,3%	14,8%	1,5%	15,8%	100,0%
C	31,1%	41,8%	7,9%	4,5%	14,7%	100,0%
D	44,8%	38,1%	6,2%	2,6%	8,3%	100,0%
E	32,6%	38,6%	6,8%	6,8%	15,2%	100,0%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

De maneira inversamente proporcional, os jovens das classes altas dão maior crédito à família em se tratando de formação do que os jovens das classes baixas (parece até que os números estão retratados em um espelho invertido). Enquanto na classe A eles são 41,5% a apontar a família e 43,3% na classe B, tais porcentagens tendem a cair, à medida que olhamos para as classes D (38,1%) e E (38,6%).

No que diz respeito aos assuntos de conversa entre pais e filhos, a escola é um dos temas privilegiados. Em todas as classes e independentemente *do*

sexo do jovem, conversar sobre a escola com os pais aparece como um tema freqüente (entre as classes altas, sobretudo) ou pelo menos ocasional (nas classes baixas). No entanto, tanto entre os mais ricos quanto entre os mais pobres, a escola agrega um dos maiores índices, com equivalentes somente entre os temas sobre o “relacionamento familiar” e o “futuro profissional”.

Entre as classes baixas, o tema de conversação “escola” é o que tem o menor índice de “nunca converso” entre os temas propostos aos jovens tanto entre rapazes como entre moças.

Podemos, em conclusão, dizer que a escola aparece como representação positiva, tanto para as classes altas como para as classes baixas, como um dos locais mais destacados na sociedade. As classes altas continuam utilizando a escola como instituição da reprodução dos lugares sociais, por onde se deve passar para legitimar as posições de dominação ocupadas na sociedade. A ideologia da “meritocracia” (que supõe que os lugares sociais são ocupados em virtude unicamente do mérito, como se não houvesse correlação alguma entre o fato de ser “bem nascido” e ocupar os postos de trabalhos mais cobiçados dentro de uma sociedade) tem na escola um de seus pilares mais fortes e serve com muita eficácia às classes altas: ela é assunto de conversa entre pais e filhos; os pais tendem a investir nas trajetórias escolares dos filhos, seguir seus trabalhos e vida escolar etc.; enfim, as famílias das classes mais altas passaram por esta escola, conhecem-na e orientam o percurso de seus filhos.

As classes baixas, por sua vez, aceitam cada vez mais o discurso que apregoa à escola a redenção de todos os males sociais e tendem a exaltar o papel da escola, sobretudo da escola a que têm acesso, ou seja a escola pública, por pior imagem que ela possa ter entre as classes altas. Os jovens valorizam esta escola e tendem mesmo a atribuir-lhe um papel semelhante e mesmo superior ao esperado da família, quando pensam em estratégias de ascensão social. Apesar de conversar com seus pais sobre a escola, de ouvir conselhos sobre esta instituição, de ser interpelados por suas famílias no sentido de aproveitar a ocasião de estudar, de certa maneira, estão muito mais sós na trajetória escolar do que seus homólogos das classes altas, haja vista que seus pais desconhecem a escola que os jovens freqüentam (por não terem tido, em sua maioria, acesso ao sistema de ensino).

EXPECTATIVAS SOBRE A ESCOLA E A PROFISSIONALIZAÇÃO

Os alunos das redes pública e privada demonstram uma certa convergência de opinião no que diz respeito ao que esperam da escola. Quando questionados sobre o papel da escola, suas respostas são muito semelhantes, com uma pequena diferença apenas na atribuição do trabalho de construção

de uma visão crítica do mundo (79,5% dos alunos da rede pública concordam com este papel; já 88,4% dos alunos da rede particular expressam a necessidade de uma escola com uma visão mais crítica).

QUADRO 42

Opinião sobre o papel da escola		
	Ensino Público (%)	Ensino Particular (%)
Estimular uma visão crítica	79,5	88,4
Preparar para a profissionalização	97,5	97,5
Disciplinar	93,1	94,4
Orientar o aluno para a vida	97,5	97,9
Preparar para o vestibular	98,1	98,9
Preparar para formar cidadão	97,5	98,6

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Nos grupos focais, tivemos respostas muito parecidas com estas. As duas respostas que mais surgem nestes grupos, às quais rapazes e moças passam tempo propondo e discorrendo, estão ligadas tanto à profissionalização quanto ao vestibular, e isso independentemente de tratar-se de um tipo de escola ou de outro. Todos dizem querer ir para a universidade e a maior parte dos jovens aspira à profissões e cursos universitários mais prestigiosos (direito, medicina, engenharia etc.)

As grandes diferenças começam quando as questões são aprofundadas. Os jovens das classes baixas são bem mais modestos em suas aspirações. Começam pouco a pouco a revelar sonhos bem mais próximos das trajetórias profissionais das classes sociais das quais são egressos. Vejamos esses dois momentos de uma mesma entrevista com jovens de escola pública:

MOMENTO 1: os jovens respondem livremente sobre seus sonhos para o futuro profissional.

O que vocês esperam para o futuro de vocês?

- *Estudar bastante e me formar em enfermeira*
- *Terminar o supletivo, fazer um cursinho e fazer medicina, que é audácia, né? Fazer vestibular pra medicina, ser médico, Ter minha vida independente financeiramente, socialmente.*
- *Eu quero terminar meus estudos e ser doutora. Quero ser pediatra.*
- *Eu quero terminar meus estudos e me formar em advocacia (começa a rir), lutar pelo direito de quem merece.*
- *Eu queria terminar meus estudos e me formar em engenharia e ajudar minha família.*

MOMENTO 2: um pouco mais adiante na entrevista os mesmos jovens falam sobre perspectivas imediatas de trabalho:

Alguém aqui trabalha?

- Não! (diversos jovens dizem que não mas que tencionam começar)

Em que vocês vão trabalhar?

- Eu vou trabalhar em casa de família como sempre, né? Coitadinha! Mas quando eu passar de ano, fizer o segundo grau, vou fazer um curso de balconista...

- Quando eu crescer eu quero ser aeromoça.

- Para ser feliz é importante trabalhar, ganhar muito dinheiro, ganhar dois salários..."

Enquanto as primeiras falas demonstram uma capacidade de imaginar o futuro de maneira muito próxima daquilo que é mais prestigioso em nossa sociedade, já neste discurso podem, no entanto, ser encontrados alguns elementos que traem o discurso como sonho descolado das condições objetivas: o riso e a palavra "audácia" - ser médico é um sonho muito audacioso. De toda maneira, é no momento em que são confrontados à realidade imediata que os sonhos começam a desmoronar: empregada doméstica ("coitada" é o julgamento que se impõe, pois sonhava poucos momentos antes em ser médica e agora é confrontada com o que lhe espera)! O mais interessante quando falamos das possibilidades objetivas, no entanto, é que a tentativa de libertação de um destino profissional nada encantador de empregada doméstica já não está situada na medicina ou na enfermagem, mas em concluir o segundo grau e fazer um curso de balconista. Quando exprimindo a felicidade financeira, esta indica um horizonte de possibilidades dificilmente aceitável por um aluno de escola particular: dois salários mínimos.

Alguns professores de escola pública confirmam a falta de expectativa em relação à universidade por parte de seus alunos. Eis alguns exemplos de auto-exclusão, socialmente construída por estes alunos e relatados por seus professores:

Professor: *Você quer ir para a universidade?*

Aluno: *Não professor, nem tanto.*

Eu tenho aluno que tem auto-preconceito. Alguns me escrevem: 'tia, eu sei que eu não vou passar não, eu sou burra mesmo, eu vou morrer burra'. Sua auto-estima está em baixo.

Alguns me dizem que são incapazes de chegar a fazer faculdade. Outros me perguntam se não é muito caro, etc.

Teve um levantamento na minha 5ª série, a respeito de quem gostaria de continuar até a 8ª série. A maioria disse que queria. Eu disse que queria viver para ver. Depois perguntamos quem queria fazer o 2º grau e foi diminuindo a quantidade. Depois perguntamos quem queria fazer faculdade e aí diminuiu ainda mais.

Nessa faixa aí dos 14, 16, 17 anos nenhum aluno está pensando em chegar à faculdade. Nenhum deles. Sobretudo as meninas. Pra elas o namorado é tudo. Pra elas o importante é casar. Elas têm uma carência grande afetiva. A realização delas é casar. Se pudessem casar com o namoradinho de 14 anos elas já estavam casando. O menino querem é trabalhar. É o reflexo de dentro de casa. Na minha sala não tem nenhum que diga 'eu vou continuar pelo menos até o 2º grau. Ah, eu vou é trabalhar'; eles não têm poder aquisitivo mesmo.

Quando comparamos esse nível de expectativas com o de alunos de escolas particulares - e sobretudo de alunos de escolas particulares das classes A e B - podemos perceber claramente uma outra predisposição para o mundo universitário e a vida profissional. Quando falam de sua carreira universitária e profissional, estes jovens não duvidam um segundo quando afirmam que vão cursar medicina, direito ou engenharia. Conhecem de cor as cotações para entrar em tal ou tal outro curso, sabem quais os cursos que empregam ao seu termo etc. Para a maioria dos rapazes e moças destas classes o vestibular e a universidade são o destino lógico e poucos são os que têm a audácia de não se imaginar dentro de tal sistema. Quando muito, reclamam de suas escolas por acharem-se saturados de informação sobre vestibular (“na minha escola de cada 15 palavras 30 são sobre o vestibular” ou então “meu colégio não dá instrução, dá só o conhecimento que você precisa pra passar no vestibular”). O relato deste rapaz de 15 anos, que conta sua escolha pelo Curso de Química, pareceu-nos emblemático do tipo de estratégia universitária e profissional posta em prática nas classes altas e bem diferente dos sonhos há pouco relatados por garotas e garotos de classes baixas:

Eu quero fazer química. Eu gosto! Em tudo o que você faz hoje, em todos os setores tem química. Plástico é química e tudo tem plástico: tinta, gasolina, uísque, tudo é química; e eu me identifico com inventar, com bolar as coisas; gosto muito. As pessoas falam muito no agora, dão exemplo de odontologia, direito, medicina.

Fazer engenharia civil, hoje, aqui, já tem muito engenheiro e químico num é essas coisa toda, num tem essa concorrência toda; daqui uns cinco ou seis anos a refinaria vai chegar no Pecém aí vai precisar de químico, porque se num tiver cearense químico aí vão trazer de São Paulo, do Rio Grande do Sul, de onde for. Se eu fosse fazer direito, daqui a cinco anos quando eu tiver me formando já vai Ter muito advogado, juiz num sei não, eu penso assim eu procuro pensar no futuro pra quando eu escolher, escolher um negócio certo. Além do mais eu queria ser engenheiro, eu acho que é porque meu pai é

engenheiro. Eu olhei minha concorrência: na minha prova específica a gente tem química e matemática. Em matemática eu não sou muito bom não, só passo com nota 7 ou nota 7,5. É pouco para os outros cursos mas dá pra fazer pra química.

Eu também fiz esse negócio aí de 'empresário para o futuro.

O que é isso ?

É tipo uma associação, assim como o SEBRAE. Você faz de conta que é um jovem empresário no colégio. É um programa assim que ensina o jovem, a montar empresas e depois ajudam a administrar a empresa.

Na escola?

Na escola.

Todo mundo faz parte?

Não, primeiro a gente faz um teste. Se passar entra, eu fiz na época. Participei durante dois anos. São 50 vagas e tem umas 100 pessoas interessadas, aí faz umas aulinhas e classifica os melhores.

Aqui, o futuro candidato avalia suas chances como advogado, médico, engenheiro, juiz, e calcula suas notas para as possibilidades, e escolhe, discutindo com o pai (também engenheiro), suas probabilidades de acesso ao curso e à profissão. A situação é bem outra, diferente daquela descrita por alunos de escola pública, que auto excluem de certos lugares sociais, referindo-se a eles apenas como sonho. Neste último caso, este jovem conta ainda seu treinamento para futuro empresário (e não balconista como na trajetória anteriormente descrita pelo jovem de escola pública).

A socialização para o mundo adulto e profissional é intensa na família e sobretudo na escola. O conjunto da sociedade vai pouco a pouco transmitindo para a geração seguinte os lugares sociais que lhe cabem. Claro que não estamos aqui pensando em reprodução social de maneira mecânica mas, muito mais, numa tendência dos jovens a absorver as possibilidades objetivas do mundo que lhes circunda, transformando tais possibilidades em desejos subjetivos, ou seja, transformando, aos poucos, o mundo exterior, com sua dinâmica, em horizonte interno de possibilidades.

Os dois casos aqui apresentados são interessantes na medida que deixam perceber como a sociedade transmite para sua juventude os lugares sociais compatíveis com seus dotes sociais (ou seja, os diversos capitais culturais, econômicos, sociais etc, isto é, os diversos dotes sociais capazes de serem usados como um capital na economia do mundo em que vivemos). Enquanto uns sonham com a medicina, o direito e a engenharia, seu mundo imediato não é povoado por ninguém que tenha estado numa universidade, e o tipo de

profissionalização alcançada, só raramente, ultrapassa o subemprego e os empregos modestos (a idéia de fazer um curso, ser balconista, ganhar dois salários e escapar da sina de empregada doméstica demonstra um pouco do horizonte de possíveis).

No outro extremo, a possibilidade de ir para a universidade é algo que não é posto em causa, a dúvida gira em torno do tipo de curso que se espera fazer. A família participa da tomada de decisão, não só de maneira explícita mas, sobretudo, de forma implícita, induzindo as escolhas. A escola freqüentada está toda direcionada para tal etapa (“de cada 15 palavras ditas, 30 são vestibular”). No currículo destas escolas não se encontram aulas de “técnicas comerciais” mas, a possibilidade de aprender brincando a ser administrador ou gerente de uma grande empresa, encontrando verdadeiros administradores e gerentes de empresas de verdade.

Quando perguntamos nas escolas públicas e particulares sobre o papel da escola e sobre os conteúdos dados em sala pelos professores, obtemos respostas muito semelhantes dos alunos de ambas as redes. Há um pouco mais de densidade nas respostas dos alunos da rede particular, no entanto, a grande maioria dos alunos da rede pública tem recebido informações semelhantes àquelas dadas aos alunos da rede particular.

QUADRO 43

Lembrança de temas abordados nas escolas		
	Ensino Público (%)	Ensino Particular (%)
Violência	62,4	75,8
Desigualdade/discriminação social	61,4	77,9
Dificuldade no aprendizado	75,2	69,8
Namoro/sexualidade	57,9	75,4
Desemprego/mercado de trabalho	67,5	80,4
Respeito/dignidade/liberdade	77,2	81,8
Racismo	59,5	69,1
Discriminação sexual	50,8	60,0
Drogas	75,9	88,4
Problemas familiares	46,0	57,5
Política	54,3	71,2
Esporte/lazer	76,2	81,8
Meio ambiente/ecologia	74,6	78,2

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Não parece que o quadro sobre os temas curriculares meça a intensidade de vezes com que tais assuntos são abordados nas escolas públicas e particulares: o fato que de metade a quatro quintos dos alunos indiquem que eles aparecem

na sala de aula parece um bom indicador, não da frequência com que tais temas aparecem, mas da capacidade dos alunos de reter o conteúdo do que é abordado em classe ou mesmo de ter como representação que tal tema é abordado em classe e a partir dessa representação indicar que ele de fato o foi.

Em quase todos os temas os alunos das escolas particulares se dizem mais informados do que os alunos das escolas públicas, apesar de que, como escrevemos, a grande maioria destes últimos também tenha acesso às mesmas informações. Parece-nos que os alunos estão indicando por aí que tais temas devem ter sido abordados em sala.

O único tema em que os alunos das escolas públicas dizem receber uma quantidade maior de informação é sobre “dificuldade no aprendizado” (75,2% para rede pública e 69,8% para a rede particular). Podemos cruzar tal informação com o que dizem os professores das escolas públicas e particulares quanto ao rendimento de seus alunos (“satisfatório” e “insatisfatório”) e quanto à qualidade (“bom”, “regular” e “ruim”) do ensino que os professores pensam que a escola onde ensinam está transmitindo para estes alunos, segundo o tipo de rede (pública e particular) na qual trabalham.

QUADRO 44

Avaliação do rendimento escolar do aluno		
	Professor de Escola Pública	Professor de Escola Particular
Satisfatório	50,5%	70,6%
Insatisfatório	49,5%	70,6%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Os alunos das escolas públicas são mais significativos a declarar dificuldades no aprendizado. Isto é corroborado por 49,5% dos seus professores que acham seus rendimentos “insatisfatório”³³ (enquanto apenas 29,4% dos professores da rede particular fazem tal afirmação sobre seus alunos). (Ver quadro 44).

Já no quadro 45, observamos que apenas a metade dos professores das escolas públicas considera o ensino de suas escolas como “bom” (55,8%); 40,8% o consideram “regular” (enquanto 91,2% dos professores das escolas particulares

³³ Segundo a Secretaria de Educação do Estado do Ceará, vinte por cento dos alunos matriculados nas séries destinadas aos alunos de 7 a 14 anos (do ensino público) são alunos de mais de 14 anos. Isto nos parece um bom indicador do “atraso” escolar dos alunos da rede pública na faixa etária de nossa pesquisa.

consideram o ensino que transmitem como “bom”). A escola pública parece estigmatizada por não ter um ensino de qualidade e de não ter alunos que respondam às expectativas dos professores. Parece comum que neste item os alunos de tal escola digam ser mais informados do que os alunos da escola particular.

QUADRO 45

Avaliação do ensino oferecido na escola		
	Professor de Escola Pública	Professor de Escola Particular
Bom	55,8 %	91,2 %
Regular	40,8 %	8,2 %
Ruim	3,4 %	0,6 %
Total	100,0%	100,0%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Os temas da atualidade também estão em evidência na escola: “droga”, “respeito”, “dignidade” e “liberdade” (ou seja, cidadania), “esportes” e “ecologia” estão entre os mais citados, tanto entre os alunos da rede pública quanto da rede particular.

Ainda observando o quadro 43, o tema “desemprego/mercado de trabalho” aparece entre os mais citados na escola particular (porcentagem de mais 80%), mas não é representando com a mesma intensidade na escola pública (67,5%). Parece-nos que a própria situação de exclusão na qual vive boa parte das pessoas das classes D e E de nossa Cidade não leva os jovens a perceber o conteúdo da escola como estando adaptado a ajudá-los a romper com o ciclo de desemprego e subemprego no qual estão inseridos. Nas classes altas, o tema vestibular em si já parece ser um indicador satisfatório de que suas escolas estão tratando de inseri-los no mercado (enquanto que falar de universidade para alunos da rede pública nem sempre lhes soa como preocupação com o desemprego ou com o mercado mas, muito mais, com a realização de um sonho improvável).

Existem ainda os temas que são pouco registrados pelos alunos, como “problemas familiares” ou “discriminação sexual”. Alguns alunos da escola pública reclamaram da ausência de informação sobre a sexualidade na escola (“acho que devia ter uns vinte minutos para falar sobre sexo, sobre doenças, essas coisas assim; nas aulas de ciência a gente só fica falando de planta”). A “política” aparece entre os menos citados pelos jovens das escolas públicas (54,3%) e entre os temas “médios” (71,2%) dos alunos da rede particular. Isso

nos surpreende, haja vista a margem de manobra dos professores de escola pública em relação à censura que sofrem os professores das escolas particulares (além de tradicionalmente os professores de escola pública terem uma maior tradição de engajamento político do que os professores de escola particular). Mais uma vez nos parece que o quadro 43 mede mais a disposição do aluno de falar de um tema do que a frequência com que tal tema é efetivamente abordado em sala de aula.

A LÓGICA INFORMAL DA ESCOLA

A escola aparece como um dos grandes espaços de sociabilidade para os jovens de Fortaleza. Além de estudar na escola, os jovens indicam várias outras atividades neste espaço de convivência diária. Mais ou menos um terço dos jovens indica o espaço da escola como local onde praticam esportes, encontram amigos e namoram (ou “ficam”).

Namorar, “ficar” ou “esqueimar” são atividades de iniciação à vida sentimental e sexual bastante comuns na escola. Apenas 34,5% dos jovens dizem “nunca” realizar uma destas três atividades no espaço da escola.

QUADRO 46

Frequência de namoro no interior da escola			
	Escola Pública	Escola Particular	Total
Sempre	24,6%	29,0%	26,7%
Nunca	37,5%	31,1%	34,5%
Às vezes	37,9%	39,9%	38,8%
TOTAL	100%	100%	100%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Grande parte dos jovens da cidade de Fortaleza nesta faixa etária encontra-se, durante um dos três turnos, no espaço escolar, de certa maneira, fora do perímetro estritamente coordenado pelos pais. Para muitos deles, esta situação é uma primeira ocasião de liberdade, sobretudo no que concerne a estas experiências sentimentais. Somadas as percentagens de jovens que dizem “às vezes” e “sempre”, encontramos 65,5% dos jovens que encontram seus parceiros na escola. Muitos jovens contam aos pais que se estão relacionando com alguém (ou apenas que ficaram) na escola; no entanto, para uma boa parte, esta ocasião de encontrar um parceiro entre os colegas da escola pode aparecer como a possibilidade de transgredir regras que dificilmente conseguem dentro de casa - pelo menos no início da adolescência. Algumas meninas

contaram, nos grupos focais, que para elas a escola é um espaço onde puderam começar a namorar, longe dos olhos vigilantes dos pais; o exemplo da “árvore do amor” é bastante idílico e conta como estas meninas de escola pública encontraram um lugar, longe dos olhos paternos, para namorar:

“Como é a escola de vocês?”

É massa.

Por que?

- Porque eu tenho alguns amiguinhos: as vezes tem um “esqueminha” de noite. Lá tem uma roda assim: é a roda do amor. Tem uma roda assim bem grande, e tem uma árvore no meio. Também chamam de ‘árvore do amor’. Todos no colégio chamam assim.

- Eu nunca fui não.

- Dentro do colégio, na hora do recreio nós vamos.

- Não, eu num vou mentir, eu só fui lá uma vez.

- É escuro.

E como é?

- A gente vai pra namorar, ou pra ficar.

- Ai! Eu fui pra lá com meu namorado claro, por causa da minha mãe, porque ele num gosta muito da minha mãe, nem minha mãe dele. Todo mundo mente; se eu vou ficar com o cara no colégio a minha mãe chegar e descobrir...ai, ai, ai. Mas se ela perguntar eu digo: mãe eu num tava lá não, eu tava estudando a senhora pode confirmar. (jovem de escola pública)

Por mais que meninas e meninos digam que conversam “tudo” com os pais (sobretudo os das classes altas), a escola continua sendo um espaço social - muito protegido - para que realizem certas rupturas controladas das normas impostas pelos pais, amparados pelos novos pares. As relações homem/mulher ganham na escola um caráter novo, pois, pela primeira vez, de maneira sistemática, encontram-se jovens do sexo oposto que não estão ligados nem a grupos de parentesco nem a grupos de vizinhança. Por outro lado, sobretudo para os jovens de classe alta, encontram-se rapazes e moças desconhecidos com a certeza de que se estão entre iguais.

Outra atividade muito citada entre os jovens é a prática de esportes. A maior parte de nossos entrevistados diz praticar esportes no colégio: “sempre” (35,2%) ou “às vezes” (34%). Apenas um terço deles diz “nunca” (30,8%) praticar esportes dentro dos muros da escola.

QUADRO 47

Frequência de prática esportiva na escola			
	Escola Pública (%)	Escola Particular (%)	Total (%)
Sempre	31,2	39,6	35,2
Nunca	37,2	23,7	30,8
Às vezes	31,6	36,7	34,0
TOTAL	100	100	100

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

No entanto, os jovens das escolas públicas são mais numerosos que os jovens das escolas particulares a dizer “nunca” realizar nenhum esporte (eles são 37,2% contra 23,7% da escola particular). Nos grupos focais, os jovens das escolas particulares indicam suas escolas como um dos locais privilegiados para a prática de esportes. Esta situação é verdadeira, na medida em que se está falando de adolescentes que nas escolas particulares ainda não estão nos últimos dois anos antes do vestibular; à medida que se vai aproximando deste rito de passagem as atividades esportivas dentro da escola tendem a diminuir, caindo muito, em particular no último ano.

Vários jovens da rede pública expressaram o desejo de maior abertura da escola para atividades esportivas. A idéia por eles apresentada seria de uma maior ocupação da escola no turno no qual eles não estão estudando, usando para isso o mote do esporte.

A atividade praticada pelos jovens mais indicada nesta pesquisa foi “encontrar os amigos” com quem costumam sair. A escola torna-se um local onde o jovem pode construir amizades que não foram planejadas pelos pais e onde ele pode cultivar por conta própria tais relações sociais. Por sinal, quando o aluno deixa de frequentar o espaço da escola, vê restringirem-se bastante seus momentos de sociabilidade. Muitos dizem gostar de sua escola mais pelo fato de poder encontrar os amigos do que pelo fato mesmo de estudar.

Porque tem muita menina e é fácil de fazer amizade, eu ia pro colégio num era nem por causa do estudo era por causa das meninas aí com o tempo eu me acostumei a ir, no dia que eu não ia era ruim de mais em casa. (jovem de escola pública)

Encontrar com seus amigos preferidos na escola é a atividade mais citada por todos os jovens. Apenas 17,8% dos jovens dizem “nunca” encontrar sua turma dentro da escola. Na parte sobre os grupos (e “tribos”), exploraremos mais ainda a construção da identidade juvenil a partir destes momentos de socialização e de sociabilidade. Podemos, no entanto, dizer: dentro da escola,

parte significativa das grandes amizades que marcam esta fase da vida (que será lembrada por estes indivíduos como a juventude) será construída.

Existe, no entanto, uma diferença na utilização deste espaço na construção da sociabilidade pelos jovens das classes altas e classes baixas. O fato de a escola nivelar radicalmente seu público faz com que os jovens se encontrem entre pares, entre iguais. Para os jovens das classes altas, a violência como perigo é percebida na figura do “outro” (o outro é a pessoa da periferia, o negro, o “mal vestido” etc. e é expressa através de palavras extremamente segregacionistas como “os pobres” ou mais eufêmicas, como “mistura” - “naquela festa tinha muita mistura”: querendo indicar por aí a diversidade de pessoas de classes sociais diferentes (conforme a parte sobre “violência”). Nesse sentido, a escola particular realiza, através de suas tarifas, uma operação de filtragem das classes que a ela tem acesso; isso cria uma situação de relativa tranquilidade³⁴ para os pais e para os alunos. As amizades são tecidas pelos jovens e incentivadas pelos pais. Esta mãe de classe alta ilustra a lógica: *A gente coloca num colégio bom. Por quê? Por causa das amizades boas.*

A minha filha adora a escola. Eu acho que é onde ela mais brinca. Ela tem muitos amigos. Eles se telefonam. Se convidam pra aniversários. Essas coisas (mãe de aluna de escola particular).

Um quinto dos jovens indica ainda a participação em grupos de jovens religiosos ou outras atividades ligadas ao sagrado, dentro do espaço da escola. Tanto nos grupos focais quanto nos questionários, muitos assinalaram a escola como local de manutenção dos laços religiosos.

QUADRO 48

Frequência de práticas religiosas na escola			
	Escola Pública (%)	Escola Particular (%)	Total (%)
Sempre	19,9	22,6	21,2
Nunca	43,8	36,7	40,5
Às vezes	36,3	40,7	38,3
TOTAL	100	100	100

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Mais de 50% dos jovens destacam participar “sempre” e “às vezes” de algum tipo de atividade religiosa dentro da escola. O número dos que dizem

³⁴ O perigo sempre vem de fora da escola. As drogas, por exemplo, são passadas pelo “pipoqueiro”; as guanges estão “esperando no portão” etc.

fazê-lo é um pouco maior nas escolas particulares e atribuímos tal afirmação ao caráter religioso assumido por parte das escolas da rede particular da cidade de Fortaleza (muitas das quais pertencem a ordens religiosas como Maristas, Jesuítas, Assumpcionistas, Dorotéias etc.).

Conforme os dados da pesquisa, os jovens participam de maneira muito acanhada de atividades artísticas (como teatro ou coral, 78,2% dizem “nunca” participar dessas atividades) ou político estudantil³⁵ (56,5% dizem nunca participar destas reuniões).

Mais da metade diz “nunca” ter participado de atividades de “solidariedade” no interior da escola. Todos esses dados variam de maneira quase insignificante em função das classes sociais.

Escola: espaço de violência?

Os dados quantitativos não parecem indicar índices de violência que reforcem um sentimento generalizado de medo. Podemos ainda dizer que não encontramos nos questionários respostas muito diferenciadas em relação às perguntas que fizemos a alunos da rede pública e da rede particular. A grande maioria dos alunos entrevistados, quando perguntados sobre seu envolvimento com alguns indicadores da violência, diz “nunca” ter estado envolvido nestas situações.

O uso de drogas teve maior frequência entre alunos de escola pública, pelo menos em se tratando de jovens que usaram droga ocasionalmente (5,7%, contra 1,1% na escola particular); quando se tratou de jovens que se dizem consumidores mais costumeiros, a tendência inverteu-se e os jovens da escola particular foram mais numerosos a responder que usavam drogas “muitas vezes” (2,1% contra 1,3% dos jovens das escolas públicas). Em todo o caso, a grande maioria dos jovens das duas redes diz “nunca” ter experimentado drogas (93% na escola pública e 96,8% na escola particular).

³⁵ Alguns comentários mais consistentes serão tecidos no capítulo sobre cidadania. Podemos dizer que inicialmente nos grupos focais os jovens dizem nunca participar destas atividades, no entanto muitos acabam por se lembrar de terem manifestado pelo direito à carteira de estudante ou terem pedido em passeata o afastamento do ex-presidente Fernando Collor.

QUADRO 49

Freqüência do envolvimento com drogas						
	Muitas Vezes (%)		Às Vezes (%)		Nunca (%)	
	Escola Pública	Escola Particular	Escola Pública	Escola Particular	Escola Pública	Escola Particular
Uso de Drogas	1,3	2,1	5,7	1,1	93,0	96,8
Venda de Drogas	0,6	0,7	1,9	0,7	97,5	98,6

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Podemos supor um número um pouco maior de jovens que se drogam em relação ao número de respostas encontrado: primeiro, pela dificuldade mesmo de assumir diante de um estranho (o entrevistador) que você é usuário de uma substância altamente estigmatizada como a droga; e segundo, pela forte probabilidade dos jovens não terem associado o álcool às drogas e por isso não terem computado tal informação em suas respostas. A venda de drogas, tampouco foi dita por um número expressivo de rapazes e moças, tendo a grande maioria deles dito “nunca” ter vendido drogas (97,5% na escola pública e 98,6% na escola particular).

As brigas entre galeras e turmas, como demonstrado no quadro 50, aparecem com uma freqüência um pouco maior do que aquela apresentada pelos outros indicadores. Mesmo se menos de 2% dos entrevistados das escolas particulares e públicas diz ter estado envolvido de maneira frequente com brigas entre turmas e galeras (1,8% e 1,6% respectivamente), um número mais consistente de jovens diz ter estado nestas brigas de maneira esporádica (6% e 10,8% respectivamente). Isso condiz com os testemunhos ouvidos nos grupos focais, ou seja, mesmo se a grande maioria dos jovens diz “nunca” ter estado envolvida nestes conflitos, eles são muito recorrentes, levando-os a temê-los e por muitas vezes de os haver presenciado. Por sinal, tais conflitos têm índice muito semelhante ao das “ameaças” sofridas pelos alunos da parte de seus colegas: por volta de um décimo dos alunos diz ter sido ameaçado por um colega dentro do espaço da escola.

QUADRO 50

Frequência de envolvimento em situações de violência						
	Muitas Vezes (%)		Às Vezes (%)		Nunca (%)	
	Escola Pública	Escola Particular	Escola Pública	Escola Particular	Escola Pública	Escola Particular
Ameaças	3,2	2,5	12,4	11,2	84,4	86,3
Briga entre turmas/galeras	1,6	1,8	10,8	6,0	87,6	92,2

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Nas escolas particulares, obtivemos a indicação de um caso de gangue. No entanto, quando pedimos aos jovens que caracterizassem o que estavam chamando de gangue, um descreveu como um grupo de “seis ou sete caras”, que “pichavam” a escola no “ano de 92”; que aprontavam a “maior confusão”, “falavam palavrões” e até “mijavam nos banheiros fora das privadas”. Outro destacou que um dos participantes dessa gangue puxou uma faca e ameaçou um aluno.

Os rapazes que relatam tais histórias dizem que gangues funcionam apenas um ano. É importante destacar o fato de que essas imagens perduram e circulam fomentando um clima de tensão entre os alunos. Cria-se um misto de temor e respeito, e, sobretudo, uma imagem prenhe de valores negativos sobre as gangues.

Estamos em situações bem distintas daquelas referidas por alunos de escolas públicas, quando relatam suas experiências com turmas e gangues. Ganham destaque, neste sentido, as ações dos grupos chamados de gangues na periferia e a frequência de suas atuações. Aqui alguns exemplos:

Eu estudava lá no Parque São José. Nós estávamos na sala de aula e de repente começou. Começaram a jogar pedras. Nós corremos. A gente pensava que tavam destruindo a escola. Eram os marginais jogando pedra. Nós passamos foi tempo com medo. Caia pedra lá dentro em tempo de bater na gente. Eles nem querem estudar nem deixam a gente estudar. Eles destróem as coisas. Eles pulam os muros, quebram os banheiros, picham tudo. (jovem de escola pública)

Semana passada teve uma briga aqui na escola. Parece que tinha uns alunos querendo matar os outros. Veio policial. Foi preciso todo mundo ir embora porque veio a polícia e eles ficaram correndo por aí armados. Eram gangues. Era gangue contra gangue. São gangues do próprio colégio. Quando não acontece dentro do colégio aí é lá fora, na pracinha. Aqui a noite é uma coisa horrível. (aluno de escola pública)
 O que fica mais claro é que não se está falando do mesmo fenômeno.

Pode-se até dar o mesmo nome, mas as ações são outras. As implicações também não são as mesmas. Enquanto esses relatos são lembrados nas escolas das classes altas como episódios isolados e que serviram para enriquecer o anedotário, nas escolas públicas tais fatos são mais corriqueiros, criam climas de insegurança constante. Levam mesmo a que os alunos acabem por habituar-se com eles e os incorpore ao dia-a-dia escolar. Não que deixem de ter medo, mas que acabem por conviver com o medo cotidiano, naturalizando-o.

O conflito mais comum entre os alunos das escolas de Fortaleza parece ser aquele dos bate-bocas e das discussões. Estes nem sempre são apenas entre alunos e, vez por outra, têm no outro pólo da relação um professor, um funcionário ou mesmo alguém da direção da escola.

QUADRO 51

Frequência de envolvimento em situações de violência						
	Muitas Vezes (%)		Às Vezes (%)		Nunca (%)	
	Escola Pública	Escola Particular	Escola Pública	Escola Particular	Escola Pública	Escola Particular
Discussões e Bate-bocas	12,0	12,6	38,8	43,0	49,2	44,4

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Vale salientar que metade dos jovens diz “nunca” ter estado envolvido com “discussões e bate-bocas”. Aproximadamente 12% dos alunos dizem ter estado “muitas vezes” envolvidos nestes bate-bocas e três vezes mais alunos dizem que “às vezes” participaram destes conflitos (38,8% dos alunos da escola pública e 43% dos alunos da escola particular).

Aqui nos encontramos, mais uma vez, diante do que parece marcar a diferença entre os dados quantitativos e qualitativos quanto à violência, pois os alunos ouvidos nos grupos focais, novamente, contam muito mais conflitos e discussões nas redes públicas do que nas redes particulares, tanto entre alunos como entre professores e alunos.

Como podemos perceber através do quadro 52, há grande representatividade de jovens que dizem “nunca” terem sido agredidos fisicamente (83,1% na rede pública e 87,0% na rede particular) e próximo da totalidade, os alunos dizem “nunca” terem sido agredido sexualmente (99,4% na rede pública e 98,5% na rede particular).

QUADRO 52

Frequência de envolvimento em situações de violência						
	Muitas Vezes (%)		Às Vezes (%)		Nunca (%)	
	Escola Pública	Escola Particular	Escola Pública	Escola Particular	Escola Pública	Escola Particular
Agressão Física	1,6	2,5	15,3	10,5	83,1	87,0
Agressão Sexual	0,3	0,4	0,3	1,1	99,4	98,5

As agressões físicas foram mais frequentes na rede pública, levando em conta as pessoas que se disseram agredidas “às vezes” (15,3% contra 10,5% na rede particular), visto que a percentagem de pessoas que se disseram agredidas com “muitas vezes” é maior na rede particular (2,5% contra 1,6% na rede pública). O número de pessoas que se disse sexualmente molestado³⁶ (entre “muitas vezes” e “às vezes”) é inferior a 1% dos entrevistados - 6 pessoas no total).

Estamos aqui diante de um quadro bastante homogêneo no que se refere à violência, onde tivemos pouca variação nas respostas dadas nos questionários por jovens das redes públicas e particulares. No entanto, o trabalho de coleta de dados através de entrevistas nos grupos focais mostra uma realidade bem mais matizada, com tons diferenciando vigorosamente as escolas da rede particular daquelas da rede pública.

Primeiramente, nos parece importante frisar que o que as pessoas estão chamando de ato violento ou ação violenta não tem os mesmos significados nas duas redes, pelo menos do ponto de vista dos alunos. Quando perguntados sobre a violência, os alunos da escola pública dão respostas muito semelhantes aos alunos das escolas particulares. No entanto, quando começam a contar o dia-a-dia da escola, lembram de momentos que dizem violentos, envolvendo pancadas, armas e agressões. Muitas são as situações que começam aos poucos a aflorar e a história contada por um começa a puxar outras histórias. Vejamos algumas histórias de violência na escola pública:

³⁶ O único caso de jovem molestado sexualmente a ser relatado nos grupos focais não tem relação direta com os colegas ou com os funcionários da escola, mas com a vizinhança da escola. Trata-se de alunas de uma escola pública que assim contam seu caso: “Nós fazíamos educação física às seis horas da manhã. Um dia uma menina vinha pra aula e um homem agarrou ela. Ela ficou gritando e o vigia foi socorrer ela. Quando o vigia chegou o homem saiu correndo. Aí a gente falou que não ia mais fazer física. Ficamos com medo sabe? Mas voltamos. Aí outra vez uma menina ia pra aula e um homem de bicicleta parou em frente dela e pegava e ficava mostrando as coisas pra menina, em cima da bicicleta, sabe? Aí a menina ficou morrendo de medo. A gente ficou morrendo de medo.”

Um dia vim aqui fazer a matrícula. Já era quase no meio do ano. Quando eu entrei no colégio rasgaram minha blusa e eu fiquei só de bermudas.

Alguns alunos vivem se pegando no pátio. No bebedor se tem alguém bebendo água chega um e taca a cabeça do outro na parede.

Eu só briguei uma vez no colégio. Briguei com um amigo meu. Ele deu um murro perto dos meus seios e eu reagi. Taquei a cadeira nele pois fiquei muito nervosa. Eu fiquei me tremendo porque não consegui bater mais nele pois ele correu. Eu queria pegar ele e a professora não deixou. A professora me segurou. Eu não gosto de brigar no colégio. Apanha no colégio e quando chega em casa apanha de novo.

Quando eu estudava no outro colégio tinha dois meninos brigando por causa de um cigarro. Um queria fumar e o outro não deixava. Aí começaram a brigar, era violência pra todo lado. Tinha um que tava com um punhalzinho deste tamanho. Queria dar uns furos no outro. O diretor não podia fazer nada. Ele só dizia assim: 'não posso fazer nada'. Nós não podia separar porque era arriscado ele furar nós também. Nós chamamos a polícia. Algemaram eles, conversaram e depois soltaram.

Em 1996 teve uma brincadeira que os professores chamavam de 'corredor da morte'. Os professores denominavam assim. Tinha uns alunos de um lado e uns do outro. E quem passava no meio levava porrada. Depois a direção conseguiu acabar.(jovens de escola pública)

Como os alunos declararam nos questionários, eles não foram, em sua maioria, agredidos. No entanto, quase todos eles presenciaram ou conhecem outros alunos que foram espancados. Neste sentido, existe uma naturalização das situações de violência que passam a ser percebidas como corriqueiras e já não assustam, nem criam grandes impactos. Quando falaram do “corredor da morte”, os alunos insistiram em dizer que eram a direção e os professores que assim denominavam certas “brincadeiras”.

Alguns professores, falando sobre o que os alunos estão chamando de diversão e brincadeira, não hesitam em classificar tais atos como violentos. Seus depoimentos são interessantes, mormente porque mostram um mesmo ato de um ponto de vista diferente. As brincadeiras de “tacar cabeças na parede”, “trocar socos e pontapés” podem ser consideradas por outros não como relações sociais amistosas mas como “agressões”. Uma professora relata uma dessas experiências que indica com bastante nitidez as diferenças de interpretação de um mesmo gesto:

Olha, você pode retratar este negócio da violência no recreio. Pega

um recreio aqui na semana, de 1ª a 4ª série. De que eles brincam? Só de murro, de bater mesmo, ou de corredor da morte. Só brincadeira pesada. Não se vê mais criança brincando. Aquilo não é brincadeira não.(professora de escola pública)

Chamamos atenção para o fato de que a grande maioria dos jovens das escolas diz não ter sofrido agressões. Ou seja, não sofreram o que eles classificam como agressão: uso de facas, punhais, cadeiradas etc. No entanto, quando confrontamos na análise o ponto de vista predominante sobre violência em nossa sociedade, podemos supor que alguns atos que, fora da escola, teriam sido considerados como atos violentos, passaram despercebidos pelos alunos durante sua resposta ao questionário (e teria sido lembrado como brincadeira e não como agressões, por exemplo: o “corredor da morte”, empurrar a cabeça de alguém na parede enquanto se bebe água etc).

Nos Grupos Focais, registramos apenas raramente fatos como os que foram relatados há pouco, por alunos de escola pública (envolvendo facas, punhais ou socos e ponta-pés durante os recreios). Relatamos aqui alguns casos de violência física na escola particular. No entanto, sua marca maior é de serem citados pelos alunos como fatos isolados e atípicos. Eles falam que já viram cenas de agressão física, no entanto, elas foram exceções durante o percurso escolar.

Uma vez eu vi uma confusão com canivete. A gente era pequeno. Tinha um ganguezinha lá no (Colégio) Batista. Tinha um cara lá, o Fulano. Quando ele chegava no colégio todo mundo se escondia. Quando ele pedia dinheiro o cara tinha que dar. Tinha um amigo nosso que conhecia eles e foi falar com ele, para que ele parasse com isso. Aí o cara puxou um canivete e apontou pra ele. Ele ameaçou meu amigo. Mas eles não chegaram a brigar. Durante todo o tempo em que estive na escola eu vi umas três cenas assim. Mas nunca chegou a ter briga.

Esse ano teve um menino que deu um murro no outro, mas acho que foi só. As meninas nunca brigam. De pancada mesmo eu nunca vi. (jovens de escola particular)

Por outro lado, o que apareceu como fato violento nos discursos feitos por pais e alunos das escolas particulares está muito ligado às “normas rígidas” da disciplina. Este discurso foi produzido por alunos que estão nas chamadas “grandes escolas”.

A pressão “psicológica” no ano que precede o vestibular nas “grandes escolas” também é indicada como ato agressivo e foi bastante citada pelos alunos das classes altas. Nessas escolas, os alunos têm sentido sobretudo o peso do anonimato e a responsabilidade de passar no vestibular. Estas falas

ilustram algumas situações consideradas como violentas por esses alunos:

É uma pressão psicológica tão grande que você tem que passar! Você passa ou você passa ou você passa. Se você não estudar chega a ficar com a consciência pesada. Por exemplo, se um dia você não estudar você se diz: 'meu Deus, eu não estudei hoje, foram dois concorrentes na minha frente'. Você fica se dizendo: 'perdi 30 pontos na prova de matemática, perdi 30 pontos'. Eles nos deixam com a impressão que a escola é só pra isso, pra preparar a gente pro vestibular. A gente parece que só serve pra isso (aluno de escola particular).

Quando nos inclinamos para as respostas dadas por educadores ou alunos das classes altas, nos damos conta de que eles também estão falando de violência. Em alguns casos, dizem mesmo ter sofrido mais violência do que os alunos das escolas públicas. Chamamos a atenção para o fato de que a visão dominante em nossa sociedade tende a eufemisar ao máximo as relações sociais, ou seja, as relações de dominação tendem a não passar (ou pelo menos passar menos) por formas físicas. Assim, quando os alunos da rede particular estão falando de violência, com frequência, estão fazendo referência a atos completamente diferentes daqueles citados por alunos das escolas públicas.

Estes relatos ganham toda sua significação quando lidos juntos com os relatos de violência dos alunos das escolas pública. Os alunos das escolas particulares navegam em um ambiente social muito mais alforriado dos embates físicos do que seus homólogos das classes baixas.

Os alunos das escolas públicas, por sua vez, parecem reproduzir na escola um pouco da maneira de ser aprendida no lar. Parece que põem em prática maneiras de apreciar e julgar o mundo escolar, bem como modos de agir na escola aprendidos na vida doméstica e para a vida doméstica. Não se pode deixar de relacionar a frequência e a forma dos acontecimentos que se dão nas escolas públicas com as histórias de violência vividas na família (relatadas anteriormente). Parece-nos que os alunos das escolas públicas vêm de posições sociais em que atos considerados pela visão dominante como violentos são naturalizados e passam despercebidos como violência.

Não se pode dizer que todos os alunos de escola pública usem de expedientes considerados violentos. Tão pouco se pode dizer que famílias de classe baixa usem de atos ditos pela visão dominante como violentos. No entanto, pode-se afirmar que tanto jovens de famílias das classes baixas quanto alunos das escolas públicas têm maior contato com situações classificadas como violentas. Pode-se ainda considerar que estes tendem a naturalizar certas situações que os jovens das classes altas podem perceber como atos violentos.

Uma das primeiras produções de sentido elaborada pelos grupos

dominantes em nossa sociedade é atribuir uma essência violenta aos jovens e às famílias das classes baixas, bem como à escola por eles freqüentada. A análise sociológica não pode contentar-se em indicar “os violentos”, mas analisar as estruturas simbólicas que caracterizam um ato como violento, buscando uma compreensão e o sentido a este atribuído.

CAPÍTULO IV

JUVENTUDE E CAMPO SOCIAL DA VIOLÊNCIA

...um policial chega e dá na minha cara, eu num posso dar na dele... se eu ver um idiota na minha frente, eu meto a mão na cara dele pra descontar o que o policial fez comigo (jovem de torcida organizada).

A violência é um fenômeno cada vez mais presente em todos os espaços e setores sociais, não sendo “estranha e sequer passageira”. A violência é percebida como estando em todos os cantos, como estando difusa (Adorno, 1994). A juventude está quase sempre no centro dos debates, ora pensada como agente de violência, ora como vítima a experimentar-la no próprio corpo (Diógenes, 1998).

O fato de que a violência desencadeia na ordem dos sentimentos sociais uma perturbação que outros fenômenos não poderiam tão facilmente provocar não é tão decisivo para nossa argumentação, porque genérico, se tomado fora de um contexto histórico e cultural. Interessa-nos mais pensar a constituição de um campo de conflito social, envolvendo uma diversidade de discursos, por vezes antagônicos, por vezes aliados, que se amalgamam em torno da forma extrema de poder e de conflito que é a violência, capturando-a e dando-lhe sentido. Por exemplo, quando se fala na sociedade brasileira em “agenda social”, e se aponta para a relação entre a juventude e o campo social das relações de violência, como um dos pontos centrais dessa agenda, estamos diante de um produto de um campo de conflito. Somos levados a trabalhar sobre os problemas sociais de um modo crítico para que não aceitemos todos os seus pressupostos e todos os seus preconceitos, pois aquilo que é tomado como problema social é fruto de uma luta social pelo estabelecimento de uma pauta de problemas e pela definição da verdade dos problemas. O problema social (ou, no caso, o conjunto de discursos dominantes sobre a violência e a juventude) é uma construção simbólica entre coletividades, não é algo dado, estático, é uma realidade dinâmica que comporta um conflito de visões e, por vezes, a subordinação de muitas visões a uma única, mesmo que temporariamente.

O modo de ver a violência não é independente dos processos sociais violentos, não podemos apreender a violência sem levar em consideração os discursos e as idéias sobre a violência, pois o que é violento em uma sociedade não o é em uma outra. E não esqueçamos que, para Oswald de Andrade “as idéias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas” (Cândido & Castello 1981:71) Cada sociedade tem um modo de conceber sua própria

violência e a violência das outras sociedades. Muitas vezes o modo de conceber a violência passa por uma estigmatização de certas categorias de pessoas, que passam a ser vistas como portadores do mal.

Quando, então, relacionamos juventude e o campo social da violência, pretendemos pensar a violência como uma categoria sociológica que nos abre a possibilidade de compreender o mundo social em geral, e em particular, o mundo da juventude (DaMatta, 1982). Partimos assim de um ponto de vista crítico e relativista. Se o problema da violência é quase sempre apreendido de um ponto de vista moral, teremos que deter nosso olhar e abrir nossos ouvidos para essa moralidade, pois ela é parte integrante do fenômeno. Então, não custa nada e só temos a ganhar se desenvolvemos uma consciência sociológica de nossa sociedade, porque, inclusive, essa consciência já é um elemento integrante das sociedades industriais contemporâneas, é um elemento de longa permanência no interior da Nação-Estado moderna.

Por sua vez, as ciências sociais propõem que nenhum discurso é capaz de dar conta de forma definitiva de um problema humano. Existem, porém, aqueles discursos que reivindicam tal absolutismo; com o agravante de que tal tipo de discurso tende a exigir para si as prerrogativas do conhecimento total do fenômeno, isso porque seu objetivo e o seu papel são, respectivamente, o de obter um lugar dominante no espaço social para os grupos que o portam e o de contribuir para a mudança ou para a reprodução da ordem social.

JOVENS: VÍTIMAS PREFERENCIAIS

Muitos jovens são vítimas ou agentes da violência, entretanto, mesmo os que não se envolveram diretamente, relataram inúmeros casos por eles presenciados ou tomaram conhecimento que aconteceu com um amigo, um vizinho, um parente. Assim, alguém sempre tem uma história para narrar.

A violência não é estranha à juventude, ela está presente no cotidiano, sem subterfúgios. Esta proximidade banaliza o comportamento violento, torna-o trivial. Furtos, roubos, assaltos, estupros, agressões físicas, vingança, homicídios... Os jovens independentes das classes sociais e do gênero têm sempre uma narração a fazer:

O meu pai vinha na rua, dentro do carro, daí ele ouviu uma pancada. Na hora que ele parou, que ele olhou pro vidro, aí tinha um mirim, o que? De 12 anos mais ou menos, menor do que eu, né. Daí, deu um tiro nele sem ver nem pra quê. Meu pai só fez olhar pro lado e ele atirou. Aí, não tinha razão, não levou nada, não roubou nada, atirou por maldade, né. Aí, até hoje eu fico perguntando: “como é que as pessoas

fazem isso?" (jovem de escola particular)

Aí ele foi, eu sei que no meio do caminho, o Vicente, o finado Macedo e a Núbia, e a mulher do Macedo, pegaram ele, seduziram ele, pegaram ele né, aí levaram ele, aí ele tava com uma dívida de 90 cruzeiro, aí 90 cruzeiro, ele passou pra um real, aí era, era 9 real, 9 real, aí deram umas paulada nele, na cabeça dele, mataram nas pedrada (jovem infrator).

Evidenciamos que somente os jovens de classe média e alta relataram casos de violência provocados por pessoas, na maioria jovens, que praticam algum tipo de arte marcial, principalmente os lutadores de jiu-jitsu, que sempre agem com extrema violência, sobretudo em festas. Podemos deduzir que esses lutadores de jiu-itsu estão concentrados nas classes média e alta, visto que freqüentam os mesmos lugares e festas dos jovens que relatam esse comportamento violento.

- Tem jovem que sai com um grupo qualquer só pra brigar.

- Pessoal do jiu-jitsu, geralmente eles fazem pra arrumar confusão.

- É o que eles fazem saem em grupo só pra brigar.

- Junta uns dez assim ai ninguém vai bater neles (jovens de escola particular)

Às vezes se o cara é forte, se ele pratica alguma arte macial, alguma coisa ele já se deixa no limite pra qualquer besteirinha ele já se mostrar violento pra impor (jovem de escola particular).

Apesar de considerarem que alguns lutadores se utilizam da arte marcial para ser violentos, alguns jovens acham que é importante aprender uma arte marcial para a defesa pessoal. Cria-se um relação entre o medo e a busca de meios de defesa. O medo é um sentimento social capaz de mobilizar uma verdadeira histeria coletiva em busca de armar-se contra o outro. Assim, cria-se uma visão, que chamamos de pessimista, das relações sociais em geral.

- Eu conheço pessoal do jiu-jitsu, uns são arrojados e outros não. Os outros ficam na dele.

-Tem uns que fazem mesmo só pra ter uma defesa pessoal. Como eu acho, eu acho massa, jiu-jitsu! Eu sou louca pra fazer, eu acho que é só pra ter uma defesa pessoal. E eu vou fazer (jovem de escola particular).

A preocupação com a defesa pessoal é resultado da violência cotidiana,

pois todos se sentem vulneráveis. A gratuidade da violência assusta e provoca medo nos jovens.

A gente anda muito nas ruas, né, tipo assim: no centro da cidade, a gente anda no centro da cidade e lotado de gente, a gente andando e tudo encolhido, bate no outro aí o cara já quer brigar, a gente pede desculpa e o cara ainda quer brigar. Acha que a gente tá errado, né, o cara pede desculpa e ele ainda quer brigar (Jovem integrante do movimento Hip Hop).

- Ah! É muito é briga, em shows...

- É por besteira, basta olhar e... (Jovem de escola particular).

Por causa que você anda nos cantos, qualquer canto de Fortaleza aqui, se você olhar demais prum cara, se for um bicho de periferia, se o cara tiver armado: “Qual é!” Se for um bicho playboy, se ele tiver armado porque playboy também anda armado. E hoje em dia se você andar num canto e o cara dizer: “ Ei, bicho! Qual é!” Se tu olhar pro cara com raiva, a violência tá crescendo muito mesmo (jovem skatista)

O medo é comum na fala da juventude. A gratuidade da violência para eles é uma realidade, a violência provoca medo, eles sabem que existe a possibilidade de ser agredido a qualquer momento e em qualquer local.

E a violência, ela não tem hora pra acontecer não. Eu tô cabreiro, com medo de ir pra casa mais tarde porque o ponto de ônibus é uns 50 metros lá de casa, aí 50 metros ninguém pode...tem que rezar e sair pro cantinho da parede (jovem integrante do movimento Hip Hop).

Sei lá, o cara pode chegar lhe dar uma surra e se morre ali morre no meio da rua, você ser assaltado, eu acho que isso é que deixa a gente com medo (jovem de escola particular).

O medo é maior ainda quando o indivíduo já passou por alguma experiência de violência. Tanto jovens como adultos que viveram uma situação de violência ficam traumatizados, e isto é mais evidente principalmente, na fala dos pais:

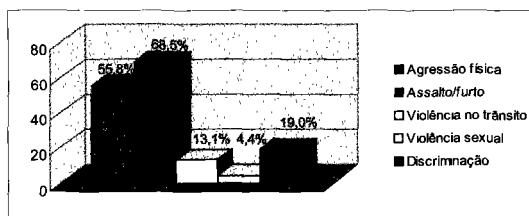
Ele não sofreu nada, a carro já apareceu, mas ele tá tão traumatizado, que ele não saiu ainda com o carro, entendeu? Ele tá assim... já hoje a minha filha disse: “Não Sérgio, a vida continua. A gente dá Graças a Deus que você tá bem, não ter sofrido nada. Não reagiu... (pai de jovem).

Ele passou o dia sem comer, eu passei uma semana péssima porque todo dia eu me lembrava dos mínimos detalhes, eu começava a chorar. Eu comecei a desconfiar de todo mundo, foi triste! É horrível! (mãe de jovem).

Alguns espaços sociais são percebidos pelos jovens como o lugar, por excelência, da violência. Para eles, os lugares do lazer são quase sempre violentos, como por exemplo, o estádio de futebol e os bailes *funks*: “em baile *funk* eu não iria nem por decreto” (jovem de escola particular).

Quando tomamos os jovens vítimas de violência, temos que levar em conta as diferenças existentes entre as classes sociais e gênero em termos quantitativos e qualitativos. É significativo o índice de agressão física e assalto/roubo que foram vítimas os jovens de Fortaleza, conforme gráfico abaixo.

GRÁFICO 08
INCIDÊNCIA DE VIOLÊNCIA



Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Os jovens integrantes das classes populares são vítimas preferenciais da violência em três dos itens do quadro 53 e 54. Excetuando-se os itens vítima de “Assalto/furto” e vítima de “Violência no trânsito”, que são os que mais concentram vítimas entre os jovens das classes dominantes, os outros itens sempre apresentam, tanto para homens como para mulheres, uma maior quantidade de vítimas nas classes D e E, se somadas, do que entre A e B, se somadas.

QUADRO 53

Vítima de violência segundo a Classe Social – Feminino												
Tipo	Classe A		Classe B		Classe C		Classe D		Classe E		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Agressão física	8	53,3 ³⁷	20	37,7	20	34,5	20	51,3	23	54,8	91	44,0
Assalto/furto	12	80,0	46	86,8	39	67,2	21	53,3	18	42,9	136	65,7
Violência no trânsito	2	13,3	11	20,8	8	13,8	3	7,7	3	7,1	27	13,0
Violência sexual	1	6,7	3	5,7	2	3,4	3	7,7	8	19,0	17	8,2
Discriminação	2	13,3	9	17,0	9	15,5	6	15,4	9	21,4	35	16,9
Total	15	7,2	53	25,6	58	28,0	39	18,8	42	20,3	207	100,0

Percentuais baseados nos 207 casos válidos.

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

Notemos que os homens vêm sendo proporcionalmente mais vitimados do que as mulheres. Como podemos perceber nos quadros 53 e 54, 49,2% das jovens responderam que já tinham sido vítimas das violências indicadas, enquanto 68,4% dos jovens do sexo masculino foram vitimados nos casos listados³⁸.

QUADRO 54

Vítima de violência segundo a Classe Social – Masculino												
Tipo	Classe A		Classe B		Classe C		Classe D		Classe E		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Agressão física	15	51,7	43	59,7	34	59,6	42	65,6	48	84,2	182	65,2
Assalto/furto	23	79,3	57	79,2	42	73,7	46	71,9	30	52,6	198	71,0
Violência no trânsito	4	13,8	12	16,7	7	12,3	7	10,9	7	12,3	37	13,3
Violência sexual	0	0	0	0	2	3,5	2	3,1	1	1,8	5	1,8
Discriminação	5	17,2	11	15,3	14	24,6	16	25,0	13	22,8	59	21,1
TOTAL	29	10,4	72	25,8	57	20,4	64	22,9	57	20,4	279	100,0

Percentuais baseados nos 292 casos válidos.

Fonte: pesquisa direta UNESCO/Fortaleza, 1999

³⁷ A tabela deve ser lida da seguinte maneira: a) 53,3% é referente às 8 moças da classe A que dizem ter sofrido uma agressão física, de um total de 15 que dizem ter estado envolvidas em alguma das situações aqui discriminadas; b) o total em coluna (N.º) diz respeito ao número de jovens que diz ter sofrido algum destas agressões e não à soma da coluna, que comporta múltiplas respostas; c) o mesmo deve ser observado em relação às porcentagens que indicam uma relação entre o N da coluna com seu valor total, assim 7,2% indica a relação entre 15 (número de moças da classe A que sofreu alguma agressão) e 207 (número total de moças que respondeu afirmativamente a alguma destas questões).

³⁸ Essas porcentagens dizem respeito à relação entre o número total de moças da amostra (420) e o número delas que diz ter sofrido algum tipo de agressão (207); o mesmo raciocínio foi utilizado para o cálculo da porcentagem para os rapazes: 427 rapazes compuseram a amostra e 292 responderam sobre agressões.

Antes de adentrarmos com maior profundidade na problemática das turmas, geralmente estigmatizadas pela noção de violência, tentaremos visualizar o problema das armas. Os jovens tem como principal atividade “a conversa” (como nos foi relatado nos grupos focais), e a conversa é uma atividade percebida como contrária ao uso da violência. A grande maioria dos jovens respondeu negativamente à pergunta “Você anda armado?”, como mostra o quadro 55.

QUADRO 55

Sexo		Portar armas		
		Sim	Não	Total
Total Feminino	N	6	413	419
	%	1,4	98,6	100,0
Total Masculino	N	17	390	407
	%	4,2	95,8	100,0

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Do total da amostra, aproximadamente 4,2% dos jovens do sexo masculino andam armados contra 1,4% das jovens. Estes dados confirmam as falas encontradas nos grupos focais que tendem a apresentar os rapazes como os responsáveis por conflitos interpessoais quando as armas são utilizadas. Chamamos a atenção para o fato de que é possível ainda que os jovens tenham omitido o fato de andarem armados por não confiarem no entrevistador.

Nos chamou a atenção também foi o fato de que a maioria dos jovens afirmou não participar de nenhuma turma ou grupo. 62,1% dos jovens responderam negativamente à pergunta “Você participa de algum grupo ou turma?”, e 37,9% responderam que sim, conforme quadro a seguir. Pode haver nessa questão algum tipo de influência sobre as respostas - o fato de que andar em galera ou “gangue” é visto como algo negativo, até mesmo por aqueles que efetivamente andam em galeras e rejeitam a classificação gangue sobre a qual a polícia militar vem realizando um forte investimento repressivo no Estado do Ceará, até mesmo utilizando grupos especializados no “combate” às gangues.

QUADRO 56

		Participação em grupo ou turma			
			Sim	Não	Total
Classe Social	Classe A	N	35	32	67
		%	52,2	47,8	100,0
	Classe B	N	100	110	210
		%	47,6	52,4	100,0
	Classe C	N	70	116	186
		%	37,6	62,4	100,0
	Classe D	N	55	141	196
		%	28,1	71,9	100,0
	Classe E	N	57	120	177
		%	32,2	67,8	100,0
Total		N	317	519	836
		%	37,9	62,1	100,0

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

A grande maioria dos jovens das classes D (71,9%) e E (67,8) afirmou não participar de grupos ou turmas. É preciso ler esse dado dentro do contexto da “periferia” de Fortaleza, onde o estigma em torno do jovem que participa de galera ou gangue se faz presente pelas classificações que socialmente são usadas e não só pela polícia para designá-lo: “vagabundo”, “marginal”, “maconheiro”, “gangueiro”. Assim, para o jovem de periferia assumir-se de um grupo ou de uma turma é correr o risco de ser “misturado” com aqueles jovens que se agrupam em galeras e gangues, principalmente ligados às torcidas de futebol e aos bailes *funks*.

Quando afirmamos, a partir dos relatos dos jovens, que a atividade mais corriqueira da juventude em geral era a da conversa, não estávamos excluindo os jovens que participam de turmas ou grupos. A maioria desses jovens, em todas as classes sociais, reúne-se com a turma ou grupo principalmente para conversar, depois para se divertir e em terceiro lugar para namorar, paquerar ou “ficar”.³⁹

Os jovens entrevistados nos grupos focais que admitem sair com suas turmas ou grupos para brigar com outras turmas ou grupos são uma minoria. Isso não quer dizer que grupos que saem para conversar, namorar, torcer para seus times de futebol etc. não possam se envolver em brigas. As brigas surgem em contextos diferentes para aqueles grupos de jovens que vão para os lugares

³⁹ Estes aspectos foram analisados no capítulo I, especificamente relacionados ao Quadro 13.

para brigar, como eles mesmos se classificam. O entendimento dos diversos contextos e situações nos quais surgem brigas e “confusões” entre os jovens merece uma atenção especial.

Tão múltiplas como as trajetórias e experiências da juventude também são suas percepções da violência. Os jovens, quando perguntados sobre o que entendem por violência, além de não responderem à questão de modo direto, acabam se reportando sempre aos contextos específicos de suas vivências e de suas idéias. Violência é algo que não pode ser definido independente dos tipos que possamos criar para pensar a violência. Isso porque a violência é variada, há vários tipos de violência.

A violência existe de várias maneiras, né, a social, a violência até mesmo o racismo, porque é uma violência, você agredir uma pessoa por que ela é negra, por que é homossexual, bissexual, isso é uma violência (jovem de escola pública).

Os jovens classificam a violência de diversas maneiras: violências “físicas”, “morais” e “psicológicas”. Com a violência física, “a gente fica mais sensibilizado (...) porque é uma coisa mais instantânea” (Jovem de escola particular). A “violência moral, ela é uma coisa que vai matando o cara devagarinho, a violência mesmo brutal de pancada e porrada assusta mais, eu acho porque é uma coisa instantânea” (idem).

Pudemos perceber que os jovens fazem relações entre muitos aspectos da violência. Os jovens sugerem que há em muitos setores da juventude e da sociedade brasileira uma expectativa positiva com relação à conduta violenta. É como se houvesse em muitas circunstâncias conflituosas uma espécie de valorização social do comportamento violento. Assim, muitos jovens seriam levados a assumir uma conduta violenta na sociedade por pressão, ou como eles preferem dizer, “incentivo” da própria sociedade.

Há uma relação entre “revolta” e violência que não deixa de ser feita pelos jovens. Há um sentimento de revolta que pode alimentar um comportamento violento. “Eu acho que é porque uns têm as coisas e outros não têm, acho que é mais revolta” (Aluno de escola particular). Uma revolta que causa confusão na cabeça da pessoa. “Eu acho que a violência começa quando a pessoa está com muito problema, a cabeça começa a embarçar” (idem). Revolta que pode nascer na família, que pode ser “herdada” da família, dos pais, das mães etc.

A violência também se liga à televisão já que os meios de comunicação de massa veiculam imagens da violência, desenvolvem mensagens para a juventude que são importantes na formulação das idéias que os jovens fazem da sociedade e da violência e, segundo os jovens, chegariam até a influenciar os seus comportamentos: “Acho que na televisão passa muito filme de guerra,

violência, armas” (aluno de escola particular); “Eles vêm o exemplo da televisão que passa gente roubando, matando, aí eu acho que eles...” (aluno de escola pública).

A “falta de Deus” é tida como um elemento que cria a violência:

É a falta de Deus na vida das pessoas, né (...), quem tem Deus, quem conhece a Deus, é praticamente assim, a violência é um fruto das coisas, como a gente já falou, das coisas mundanas, violência é um fruto do mal (jovem carismático).

Viveríamos numa sociedade muito competitiva, onde os laços de solidariedade entre as pessoas e os grupos sociais se encontrariam enfraquecidos.

Se você é aquela pessoa egoísta e quer tudo para si, não quer renunciar, isso acaba gerando um conflito, acaba gerando uma violência. Seja uma violência espiritual, seja uma violência psicológica, seja uma violência física. E eu acredito assim, a pior violência não é aquela física, é aquela psicológica (...) Se você tem Deus no coração, você sabe renunciar. (jovem carismático).

Isso levaria às discriminações que uns praticam em relação aos outros. A discriminação social, racial, enfim, de qualquer tipo é pensada como um importante fator da violência.

É como se diz. Acho bater violência. Discutir: violência. É discriminação, é violência. O racismo é violência. O preconceito é violência. Até o amor. Tudo é violência para mim. (...) É porque têm pessoas que pegam à força. Não é uma violência? Na cabeça deles lá é amor...é psicopata, né? (jovem dependente de químicos).

É como se as relações de reciprocidade entre os diversos grupos e setores que compõem a sociedade brasileira estivessem sempre ameaçadas pela desigualdade social e pelo modo discriminatório que os grupos mais fortes tratam os grupos mais fracos, pois há a idéia de que a violência é algo que se exerce do mais forte para o mais fraco, tanto é que a pessoa que se esconde atrás de um caco de vidro ou de um revólver num semáforo seria justamente aquela que não “pode” roubar.⁴⁰

⁴⁰ Há a forte tendência de pensar que na sociedade brasileira a violência não é um elemento estranho. A sociedade brasileira seria violenta, na sua composição social entre classes e grupos sociais, no conjunto desigual de oportunidades de carreira e de significação que oferece aos membros dominados da população. Enfim, a própria história do Brasil seria uma história violenta. O governo exerce violência no espaço social. E essa relação entre governo e violência não é só percebida quando se tomam as instituições policiais pelo governo. Principalmente, quando estamos falando dos setores excluídos de direitos que compõem a sociedade brasileira.

Os jovens elaboram de diversas maneiras a relação entre violência e desigualdade sócioeconômica. “Se não existe mercado, eu acho que isso é uma violência, ao mesmo tempo que é uma falta de respeito”, a “falta de trabalho” gera violência (Jovem de escola particular). “Ter o direito, se eu for procurar um emprego, eu não ter que procurar muito, a sociedade me proporcionar...” (jovem skatista). E “a violência, ela se torna assim tão ampla, porque o descaso da sociedade já é uma violência” (educador de organização governamental). “...aqui no Brasil tem recurso, mas eles não sabem dividir” (jovem de escola pública). A violência se liga ao fato de que “uns têm as coisas e outros não têm, acho que é mais revolta” (jovem de escola particular). Vale lembrar que, na parte quantitativa da pesquisa, 73% dos jovens concordaram com a afirmação proposta de que “a violência em Fortaleza é consequência do desemprego”.

QUADRO 57

DESEMPREGO E VIOLÊNCIA

	SIM	NÃO	TOTAL
A violência em Fortaleza é consequência do desemprego	73%	27%	100%

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Assim, a grande maioria dos jovens respondeu que a violência está relacionada com as “desigualdades sociais” (85%), com “a falta de emprego” (80%) e com a “impunidade” (80%) (Quadro 58). Isso demonstra que a representação dos jovens imputa a violência antes de tudo às mazelas sociais do país.

QUADRO 58*

MOTIVOS ALEGADOS DA VIOLÊNCIA

Motivo da violência	% com relação ao número de casos válidos
Há muita desigualdade social	85,0
Há falta de emprego	80,0
Existe impunidade	80,0
Há falta de cultura e educação	77,6
A polícia é agressiva	74,4
Há muita gente do interior	21,3

* Respostas referentes a questão de múltipla escolha

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Em alguns casos porém, os jovens falam de “instinto” para explicar por que as pessoas se tornam violentas com as outras. Alguns pais entrevistados lembraram de um tema antigo, mas que ainda encontra lugar em suas

explicações, o tema das “taras hereditárias”, como os distúrbios que as pessoas herdam dos seus antepassados. Mas, um ponto mais forte em suas explicações é o de associar a quebra da unidade familiar e a ausência de diálogo na família como um elemento de violência. Além disso, as incertezas das famílias quanto à regulação da vida de seus filhos, a dificuldade em estabelecer limites à liberdade e o excesso da liberdade podem gerar um dilema que se aproxima das fronteiras da violência.

Afinal, a quebra de valores é pensada, segundo os jovens, pela sociedade como algo violento. Uma sociedade não admite ter seus dogmas e normas mais caros quebrados sem reagir a isso e sem classificar aqueles que quebram os valores como violentos. Por outro lado, a imposição de uma cultura, a imposição de uma vontade, a ausência do direito de escolha são espécies da violência. Impor uma verdade ao outro é pensado como um ato de violência.

Violência gera violência, isso é senso comum. Porém, não reagir violentamente em algumas ocasiões pode ser uma abertura para um outro tipo de violência. Pode-se ser chamado de “mole”, de “frouxo” etc. De certo modo, onde não há relação de amizade, ou seja, no espaço social geral, das relações gerais da sociedade brasileira, o contato entre uns e outros sempre é marcado por uma grande desconfiança e incerteza quanto à atitude que irá tomar o outro frente a nós. É como se pudéssemos entrar em guerra a qualquer minuto com o outro que nos é desconhecido. Já com os conhecidos, também podemos entrar em guerra, como é o caso da guerras entre as galeras. Toda relação social pressupõe um conhecimento do outro, quase sempre esse conhecimento é estereotipado, generalizante. O conjunto de estigmas que existe entre os diversos grupos que compõem a juventude é um elemento que produz “confusão”, “briga” e disputas dos mais variados tipos. Principalmente, pela idéia de que a falta de respeito entre os grupos e entre as pessoas é um motor da violência.⁴¹

O “violento é o violentado” e assim por diante. A violência “não é só aquele negócio de chegar lá e dar uma porrada, eu estou sendo violento. Também tem a violência psicológica” (jovem de escola privada). Se o baile *funk* é visto como um lugar onde “só é porrada mesmo”, isso não quer dizer que seja o único lugar da violência, até porque violência não é só “porrada”. Assim, pode-se abstrair dizendo:

...a nossa história é gerada sob a violência, quando a gente foi colonizado capturaram nossos índios, eu acho que isso é uma forma de violência, tipo você impor uma cultura, uma vontade, um jeito de ser e

⁴¹ Veremos no Capítulo VI a centralidade da noção de “respeitar e ser respeitado” na perspectiva de “ser cidadão”.

qualquer coisa desse tipo é uma violência, porque você está impondo o que você acha que é certo, sem dar ao outro o direito de escolha, os índios não tiveram, os negros não tiveram, sei lá que mais que veio aí: não tiveram, né. Hoje em dia a violência, a falta de perspectiva, o mercado de trabalho, por exemplo: a gente vai terminar a escola ano que vem, 2, 3 anos, sei lá, e o que espera pra gente, a gente vai terminar de estudar, vai fazer vestibular pra quê? Se não existe mercado, eu acho que isso é uma violência ao mesmo tempo que é uma falta de respeito (jovem de escola particular) . .

Várias foram as situações de violência descritas pelos jovens, nas quais estes aparecem como agressores. No discurso dos informantes, aparecem diferentes versões sobre a violência praticada por eles. Assim, em algumas situações, o ato violento surge como forma de defesa, em outras, como uma atitude impensada diante de uma provocação; em outros momentos, como atitude para proteger os amigos ou os mais fracos, ou pode emergir sob o signo da revolta contra a violência de um sujeito mais forte, ou contra o modelo de sociedade vigente, ou ainda, para sobreviver à situação de exclusão social.

Apesar das diferentes versões sobre a conduta violenta, esta aparece quase sempre como uma resposta positiva, como a única e necessária forma de resolução de conflitos.

Foram muitas as manifestações de violência descritas nos grupos focais. No entanto, é possível a construção de uma classificação dessas manifestações, até para uma melhor compreensão do fenômeno da violência relacionado ao mundo juvenil. Dessa forma, elegemos três situações, nas quais agrupamos as manifestações que aparecem nos grupos focais: assaltos e roubos; proteção e justiça; e conflitos entre pares.

Assaltos, furtos e roubos surgem como manifestações de violência presentes especificamente no grupo de jovens identificados como adolescentes infratores, com pouco ou nenhum vínculo familiar, que tem nas ruas o espaço de moradia, circulação e sobrevivência. Assim, os grupos focais de adolescentes infratores e de dependentes de drogas foram os que explicitaram o assalto e o roubo como manifestações de violência.

(...) pedindo dez, vinte, e comprava um pouco pra mim comê, aí fui andando, andando, aí teve um dia eu que os meninos começaram a me chamar, pra mim roubar, aí nesse dia eu roubei, depois me chamaram pr'eu fazê um arrombamento, eu fiz um arrombamento, que eu levei 2000 cruzeiro (adolescente infrator).

A primeira vez que eu roubei foi com um grupo de menores. Não tinha nenhum de maior. Aí eles pegaram e mandaram eu roubar com gogó

de garrafa, com vidro. Isso lá na 13 de maio, a gente só rouba mais é mulher, a gente não rouba homem não. Aí ele pegou e disse: “Chega aí e manda ela passar o dinheiro que ela tiver. Manda ela dar nenhum pio não.” Aí eu peguei, quebrei o gogó e fui lá na 13 de maio ali, na universidade. Aí eu peguei, passou um carro, passou vários carros e eu com medo, né. Aí quando passou um carro assim, eu vi uma mulher. Aí eu peguei: “Bora rapaz, passa o dinheiro todinho!” Eu botei o vidro na garganta dela, aí eu disse assim: “Bora, passa o dinheiro todinho!” Ela pegou e rebolou o dinheiro assim, 50 reais, aí eu peguei e fui simhora. Quando eu comecei a roubar relógio, eu fui batalhar com o Jorge, que era irmão do Ismael, o menino que me trouxe pra cá. Ele disse: “Bora roubar!” “Eu não sei roubar não, macho! Não sei roubar relógio não, só sei roubar fazendo assalto.” Aí ele disse assim: “Já que tu não sabe roubar, tu vai nos cordão, porque os cordão são mais fácil.” Aí eu pegava e roubava cordão, aí me acostumei a roubar, assaltar... (adolescente dependente de drogas).

Os adolescentes dependentes químicos diagnosticam que a sua situação é proporcionada por sua entrada precoce no mercado de trabalho, aos 7 ou 8 anos de idade. A volta da casa para o trabalho vai se tornando cada vez mais rara; o primeiro contato com as drogas se dá nesse contexto, próximo passo é o roubo e o assalto.

(...) Eu morava no Pirambu, morava junto com a minha mãe, ajuda a minha mãe, eu tinha uns 9 anos, ajudava muito a a minha mãe (...). Apanhava dos meninos da rua e sempre trabalhava: vendia picolé, vendia bombom, vendia tapioca e dava um dinheirinho pra minha mãe e o resto eu ia gastar com besteira (Jovem dependente de drogas).

Eu comecei a sair de casa quando eu tinha 8 anos. Eu vendia bombons na rua pra mim ajudar minha mãe e comecei isso daí em 91, aí foi até 94. Em 94 eu comecei a andar no terminal de Parangaba. Eu fiquei vendendo bombom lá, aí depois proibiram. Aí eu peguei e comecei a dormir na rua, fumava cigarro também, só fumava cigarro. Aí eu fiquei na rua e depois eu deixei pra lá e fiquei dormindo nos terminais. Aí eu me envolvi com drogas e comecei a roubar também e foi seguindo até 96. Aí quando foi no meio de 96, antes do meio de 96, eu fui pro centro, pra igreja da Sé. Aí lá eu conheci o albergue que é onde ela trabalha (jovem dependente de drogas).

Os adolescentes infratores colocam o roubo e o assalto como meios de suprir as necessidades de alimentação, vestuário, consumo de drogas. É

importante destacar que essa parcela da juventude não se considera excluída dos bens produzidos e nem está imune aos apelos de *marketing*. Como diz Diógenes, “a experiência das gangues e galeras torna-se assim um modo de ‘inclusão’ social às avessas cujo passaporte é a violência e a marca cultural é o território” (1998:32). O roubo surge como meio de acesso aos bens e de negação de um “destino” de exclusão social radical, pois ser consumidor na sociedade capitalista é uma condição *sine qua non* de cidadania.

Continuo, pra mim... pra mim comprar os meus sapatos assim, uma coisa assim... que eu tô ajuntando pra eu comprar presente de Ano Novo, de Natal né que (...) sem roupa né, aqui tem comida, dá tudo mas... (adolescente Infrator, respondendo a pergunta se continua roubando).

Excetuando os adolescentes dos grupos focais de dependentes e de infratores, não houve relato em nenhum dos outros grupos de roubo e assalto como manifestação.

Ganham destaque determinadas atitudes violentas por parte dos jovens como atos que visam a proteção de amigos ou de pessoas consideradas mais fracas. Neste sentido, podemos falar de uma solidariedade entre os jovens que tem expressão no campo da violência.

Foi bastante significativo o argumento de que muitos jovens se envolvem em briga para defender um amigo. Este argumento esteve presente em quase todos os grupos focais. Esta relação de proteção ao amigo é identificada mesmo nos que não pertencem a turmas grandes, sendo percebida como um valor importante na amizade.

Pra mim não é mais esse esquema de time ou pedaço de pano não. É porque você saiu com um cara, ele é seu amigo, você tá com ele, você tem que brigar por ele. No caso se você sai prum canto com um amigo, aí alguém insulta com ele sem ter nada a ver, aí o cara vai quebrar ele e você não vai deixar, eu me meto por ele (jovem do movimento hip hop).

Quando tem briga assim, eu gosto de ver briga, mas eu não tenho coragem de me meter. A não ser que seja com um amigo meu, aí pronto, eu não tô nem vendo, pode sair qualquer murro, mas eu tô lá no meio pra tirar. (...) tem um amigo brigando a gente vai e ajuda ele, né (aluno de escola particular).

Nas turmas das galeras e torcidas organizadas, a proteção é ainda mais forte. Nestes grupos, a solidariedade é “instituída” pelos seus membros. Aquela turma que não “agüenta” ou abandona um membro é desconsiderada pelos outros jovens:

- E também quando fazia os enxame, deixava a gente na fogueira.

- Não era fiel aos amigo, não era fiel aos amigos. Aqui, é um por todos e todos por um (jovem de torcida organizada).

A turma ou a galera também tem como função proteger os seus membros da violência, e, nesse aspecto, a violência é utilizada para impedir a violência como num processo de círculo vicioso. A segurança dos jovens é garantida pela permanência na turma, andar sozinho ou sair de um grupo pode representar um perigo.

Eu do mesmo jeito também: mexeu com um, mexeu com todos (jovem de galera)

Assim eu só me arrependo muito de ter me metido com essas coisas, ah macho porque se desfazer dessas coisas é muito difícil, que a richa é, bem dizer, fica pra sempre, mas tanta coisa... Eu sou doido pra ser, pra andar em todo canto, às vezes sair com as meninas e tudo às vezes num posso nem sair, nem nada, porque sou sujo (...) O medo que eu tenho é de me matar, sei lá de me arrebentar, assim de me espancar. Mas é o mesmo jogo que rola, a gente tem medo e eles também tem medo da gente, aí eu não posso ficar andando sozinho, de boqueira (jovem de torcida organizada).

Independentemente de pertencer a uma turma, ou de andar sempre em grupos, os jovens consideram legítimo o uso da violência para a proteção de um amigo. A defesa violenta do colega é vista como atestado de amizade. Dessa forma, a violência adquire contornos positivos de solidariedade entre os pares.

A violência surge também para reparar injustiça, bem como para proteger pessoas impossibilitadas de se defender da violência por serem mais fracas. Por exemplo, no caso de roubo ou surras injustas. Os jovens que estão inseridos no campo da delinquência também são portadores desse *ethos*, no qual é preciso defender os injustiçados e as vítimas dos mais fortes.

Porque tinha umas vezes lá, que quando a gente ia dar umas voltinhas por lá, pra ir comprar alguma comida pra gente, aí tinha um deles dos grandes que pegava os pivetes que era daqui, aí metia a sola e tudo. Até que um dia desse daí, tomaram a comida dum pivete acolá que ele foi buscar o almoço, aí tomaram a comida dele, aí a gente fomos lá resolver, aí trouxemos a comida e ainda demos uma porrada no cara pra ele se tocar (jovem infrator).

Uma vez pegaram um ali no campo e deixaram ele pelado, do jeito que ele nasceu. Roubaram a bicicleta, roubaram a carteira, deixaram ele

nú! Nós fomos atrás, ainda encontrei uma bicicleta, ainda deram um mói de chibata neles. Nós fomos ali na delegada... (aluno de escola pública).

A polícia, além de ser vista como violenta, e portanto não confiável, também é percebida como relapsa: “não adianta, os policiais em vez de tá vigiando, eles vai é namorar” (Jovem de escola pública). Subsiste a confiança à própria população, a expectativa depositada nos “civis” é tão grande, que, quando não há uma reação e enfrentamento da violência, a revolta marca os depoimentos:

Mas ninguém ajuda. Quando eu cheguei na esquina, eu disse: “meu Deus, a minha filha!” Que eu dizia: “Ele mata essa criança!” Do jeito que ele tava, eu digo: “Ele tá drogado!” Os olhos dele ninguém via o branco não. Eu digo: “Ele tá drogado!” E o meu ódio, a minha revolta, era que ninguém tinha me ajudado, ninguém faz nada, ninguém lhe ajuda não (pai de jovem).

A política de segurança pública é considerada ineficaz, o que faz com que os jovens e adultos considerem legítimo o uso da violência para se proteger e única forma de zelar pela sua segurança e a de outrem, embora muitos, por medo, se neguem a intervir diante de roubos, assaltos ou conflitos diversos.

A manifestação da violência por parte dos jovens atinge preponderantemente os próprios jovens, o que um jovem do Movimento *Hip Hop* chamou de “guerra dos jovens”. Quantas vezes já assistimos noticiários de adolescentes mortos em confrontos de gangues? Ou de jovens presos em brigas de torcidas organizadas?

O conflito entre turmas existe e tem maior visibilidade. Entretanto, não ocorre apenas nas galeras ou torcidas organizadas, pois acontece também entre outros tipos de grupo e entre jovens que não estão decisivamente inseridos em grupos ou turmas. Em todos esses confrontos, nota-se a incapacidade da juventude de solucionar seus conflitos sem a utilização de atitudes violentas.

Mesmo pertencendo à mesma faixa etária, o que poderia facilitar o diálogo, é comum o conflito entre os jovens. Embora os jovens conversem bastante, como foi visto no tópico anterior, esse diálogo mormente ocorre dentro do grupo, não havendo uma interação com outros grupos. Este comportamento gera um conflito entre os grupos exógenos, e a fala é substituída pelo ato violento, que se constitui como a única linguagem entre os grupos:

As ‘cross’ chegam aqui, quebram coisas. Porque aqui quando a gente precisa fazer manutenção das coisas, cada um dá tanto, aí se reúne aqui numa tarde aí começa a montar obstáculos e tudo. Agora quando a gente pede contribuição a eles, eles não dão. Por isso que a gente

também não deixa eles andarem nos nossos obstáculos (...) Eles quebra os obstáculos e a gente quebra eles (...) O skate aqui é mais velho, assim que fizeram essa quadra aqui era praticamente nossa. Aí eles vem de gaiato, porque eles tem a quadra deles ali (jovem skatista).

Teve um jogo do Time B⁴², mas o que num era Torcida Time A, não. Aí ia ter jogo do Time A no Castelão, aí nós ficamos no Terminal da Lagoa esperando os bicho da Torcida 01 chegar, aí quando eles chegaram nós metemos a chibata (jovem de torcida organizada).

A violência entre os pares surge também vinculada à demarcação de territórios. Os jovens ocupam um espaço, onde um determinado grupo ou turma se considera o dono do “pedaço”, fronteiras geográficas são erguidas e ultrapassá-las representa um perigo:

... então tem outros meninos em outras praças que gostam de ir pra cá, mexer com os meninos daqui, aí então os meninos daqui metem a chibata, então é por isso que é chamado de território, eles não podem passar pra cá e a gente pra lá (jovem infrator).

É, mas até dentro também, começa dentro com alunos de dentro, conhece os colegas e se outro aluno não estuda lá no mesmo bairro, é do outro bairro, qualquer coisa assim, só porque o outro é do outro bairro, aí cria uma rixa, aí os outros começa a botar na cabeça de outros amigos dele, aí e pega, pega ele lá fora (...) Se for do outro bairro, que não for considerado por nós, aí sofre (jovem de torcida organizada).

O medo provocado pelo “loteamento” da Cidade por grupos juvenis, no caso das gangues, é um dos motivos alegados por jovens que abandonaram a escola. Segundo pudemos observar na pesquisa de campo, é expressivo o número de jovens que deixaram de estudar alegando as gangues como razão para tal desistência. Este “loteamento” não ocorre apenas entre bairros diferentes, pois dentro do próprio bairro ocorrem os conflitos:

O Antônio Carlos falou sobre setor H e o setor G, as áreas aonde a gente mora, né. O mais trágico disso, é o quê? O começo das brigas das gangues, porque lá... Há um tempo atrás eu morava no setor H, sabe? no setor H, naquela roda de amigo, naquele bate-papo e tal, não sei o quê. Aí eu sempre perguntei: “Macho, por que foi que começou

⁴² Os nomes dos clubes foram substituídos pela palavra Time A e Time B.

essas tetras entre o setor H e o setor G?” Aí os caras começa a falar: “ Não macho, é porque tinha uma gang aqui grande, aí se dividiram. Aí começou a brigar, uns falavam uma coisa, um queria pichar num lado da cidade, outro queria pichar no outro lado. Aí não se entendiam as duas, aí se separaram. Aí começaram aquelas brigazinhas, começaram a riscar a pichação do outro, aí foi começando e tá do jeito que tá.” É violência gerando violência (jovem participante do movimento Hip Hop)⁴³.

A violência entre os jovens sucede também fora dos grandes grupos juvenis (galeras, turmas, gangues). Os confrontos violentos se realizam ocorrem também entre grupos pequenos, em especial de amigos que saem juntos para se divertir. Nesse aspecto, as festas aparecem como local privilegiado de brigas entre de grupos exógenos:

(...) Não isso eu e um amigo meu (...) Com uma turma muito grande, mais num tinha chegado acertar murro em ninguém não tava de longe assim (...) Começa muita briga da maneira de dançar sabe, um vai aí se esbarra no outro aí se enfesa, aí começa a brigar, assim porque é muito lotado aí fica pulando começa muita briga assim também (jovem de escola particular).

Destacamos também os conflitos entre jovens pertencentes ao um mesmo grupo. A violência endógena, porém, é mais difícil de sobrevir em vista da solidariedade interna dos grupos, embora se possa efetivar, apesar da insistência de negar esse tipo de confronto no próprio grupo:

- O que importa é o amor ao “Time A”

- A torcida do “Time A” é uma só (...) Uma só, uma comunidade (jovem de torcida organizada)

(...) ele tava me devendo, tá ainda me devendo né, aí ele tava ainda no SOS aí ele pegou, jogou o lençol em mim, aí, “meu irmão tu num vai parar de brincadeira não, aí ele, começou a dizer lá, discutir(...) foi, aí eu peguei, aí, eu mandei ele dormir né, ainda fiz o bom, mandei ele dormir(...)” aí ele me empurrou, aí quando ele me empurrou, aí eu dei um chute nele né, pra ele parar aí quando eu dei um chute nele, aí ele caiu no chão, aí ficou lá, aí chegou aqui, aí falou (jovem infrator).

Outro tipo de conflito violento envolvendo pares acontece em razão das tensões nas relações interpessoais dos jovens e a incapacidade de resolver

⁴³ Antônio Carlos é um nome fictício, bem como de qualquer outro informante que apareça neste documento.

essas agitações através da palavra, pois os jovens se mostram inábeis ao diálogo. Assim, a solução de um conflito somente é passível de solução através da agressão física:

Eu já briguei duas vezes, porque a menina ficou com o meu namorado (jovem de escola particular).

Foi que tinha um menino de minha sala, que ele não se entendia com outro de outra sala, e aí eles viviam se estranhando no corredor, aí uma vez...era tipo assim, interclasse que ia ter, sabe? Aí era o pessoal da minha sala, com o pessoal dessa outra sala. Aí pronto, eles aproveitaram o jogo pra arranjar confusão. Bem dizer, foi todo mundo expulso... (jovem de escola particular).

É comum o relato de jovens que se envolveram em brigas com outros jovens. Entretanto, esse confronto violento entre pares é visto por eles como algo que deveria ser evitado. A briga é percebida como negativa. Porém, o diálogo é inatingível de se realizar em virtude da provocação e fechamento do outro para o diálogo. O outro – novamente - é sempre o portador da violência. Diante de provocação injusta e de uma agressão física, o único meio de “solucionar,” ou reparar tal agressão, somente é possível através de uma resposta igualmente violenta.

Eu já, por causa que a menina veio com a maior ignorância pro meu lado, certo? Ela não gostava de mim, então, ela não chegou pra mim pra conversar, ela foi logo querendo dar na minha cara... eu tentei conversar com ela, mas ela não quis ter um diálogo, aí foi o jeito a gente ir pro lado da porrada, não teve jeito, né, não teve nem como evitar, não teve (aluno de escola pública).

(...) Aqui já chegou acontecer coisa comigo lá fora, mas sabe por que foi que rolou mesmo, mas eu tava evitando tudo, mas o cara deu um soco na minha cara aí eu não aguentei mais, aí começou, mas se ele tivesse levado na conversa eu nunca tinha partido pra... (jovem de escola pública).

Outro fator que concorre para que o conflito interpessoal seja resolvido a partir de atitudes violentas é a expectativa positiva da sociedade em relação à violência, quer por parte de pessoas das classes populares, média ou alta. No Ceará é comum ouvir os pais falarem que os filhos que apanharem na rua serão também surrados em casa (Barreira, 1998). Essa expectativa positiva da violência como forma de solução dos conflitos interpessoais é percebida negativamente pelos jovens, embora eles assumam as evidências de que, diante dos “incentivos”, é praticamente impossível solucionar problemas sem a utilização da força:

- *O pessoal incentiva vai, vai.*
- *Fica dando corda.*
- *É errado.*
- *É errado.*
- *O pessoal num separa, faz abrir a roda.*
- *O liso beer fest ai ele pega uma mesa e vup vira a mesa ai começa a briga (jovem de escola particular).*

É. “... Você é muito mole.” Foi isso que aconteceu. A menina passou por mim, eu olhei só pra ela, aí a amiga dela disse assim: “Maria, isso vai ficar assim criatura?!” Aí ela pegou, foi lá, foi botar o dedo na minha cara, eu não agüentei ela botar o dedo na minha cara aí eu tive que revidar, né. Eu detesto violência, eu detesto esse tipo de coisa, eu não gosto, eu não gosto. Mas, nem todas as pessoas evitam, né, tem gente que adora uma confusão...(jovem de escola pública).

Só porque ela vinha e na hora que ela passou, a menina soltou uma piada. Ela não gostou, virou, e deu um tapa na menina. A menina saiu puxando os cabelos dela e saíram na escada, rolando. Aí, engraçado, é que todo mundo fica olhando e não tem um cristão que tenha coragem de ir lá, separar e dizer que aquilo que elas estão fazendo é feio e tal. Fica todo mundo olhando e aplaudindo (...) “Vai, vai!” (jovem de escola particular).

Nos confrontos violentos entre os pares, observamos, além do argumento de que o outro é o portador da violência e da expectativa social positiva da violência, a justificativa da revolta como motivo para a prática da violência contra o outro. O jovem vítima de uma violência cometida por alguém visto como mais forte e, portanto, contra alguém para quem é impossível uma reação, “se revolta” por sentir-se incapaz ante a violência sofrida. O desamparo alimenta a revolta contra alguém reconhecido como mais fraco ou como um “igual”.

Por exemplo, um policial chega e dá na minha cara, eu num posso dar na dele... se eu ver um idiota na minha frente eu meto a mão na cara dele pra descontar o que o policial fez comigo (jovem de torcida organizada).

(...) De tanto eles serem espancados pelos pessoal do meio da rua, pelos policiais que num tão fazendo nada e eles espancam e eu acho que é assim, até comigo mesmo, quando a gente tá se falando com uma

coisa que a gente não se dá de bem, ele partem logo pra agressão, pra porrada, pra negócio de quebrar, de matar, acho que isso tudo influi também que eles passaram na rua né. É a revolta na hora, sei lá, que eles se lembram, alguma coisa assim, isso aí influi também na vida deles (jovem infrator).

(...)o pessoal de baixa renda mesmo, eles já são discriminados por natureza em todas as todas as maneiras, já onde eles vão, o que eles compram, onde eles andam, tudo tal, isso já vai gerando a revolta já, você já nasce naquele meio, que a revolta que já parte do pessoal que mora ali, você nasce naquele meio, que você já cresce aprendendo a se revoltar, e a condição social da pessoa coopera pra isso aumentar (jovem de escola particular).

Falar em “guerra dos jovens” não é um exagero, principalmente ao ouvirmos as suas falas nos grupos focais, bem como ao olhar os resultados dos dados estatísticos. Nossos jovens informantes descrevem inúmeros casos de violência sofridos por eles. Em cada grupo focal, sempre encontramos jovens vítimas de violência. Seguindo o percurso do capítulo anterior, não abordaremos a violência familiar, na escola, nas turmas, bem como não enfocaremos a violência policial. Esta terá um tópico específico, bem como as experiências decorridas do lazer, mormente das festas e bailes *funks*.

Foram muitos os casos de furto, roubo e assalto descritos pelos jovens pesquisados, independentemente da classe social. A maioria já foi assaltada ou roubada, embora seja mais comum o relato desse tipo de violência entre os jovens de classe popular. Quanto ao gênero, tanto homens como mulheres são vítimas de furtos, assaltos e roubos, apesar de muitos jovens considerarem que a mulher está mais exposta ao furto e ao roubo: *É mais perigoso para a mulher porque o homem tem mais como se defender*, e como vimos, existe a escolha proposital para assaltar as mulheres:

Olha em pleno centro da cidade a gente passa com um cordão, eu passei com um cordão eles tomaram, tomou que isso aqui meu passou uma semana ferido (jovem ligada à arte).

Eu estava andando com um disco na rua e o cara mandou eu parar e lhe dar o dinheiro, mas eu também acho que eu provoque. Eu tinha um monte de moeda de um centavo e dei pra ele de uma por uma, eu tinha umas 15. Aí eles me mandaram sentar eu disse que não ia sentar que ia embora, ele tocou um canivete aqui, ele fez... quase que entra, não sei porque não entrou. E outra vez por alguma confusão apontaram um revólver pra mim (jovem de escola particular).

Como podemos observar, o assalto e o roubo são uma experiência pelas quais muitos jovens já passaram. O uso de armas é observado por esses jovens (canivete, revólver, gargalo de garrafa) e, em alguns casos, a vítima desse tipo de crime sofre diversas vezes o mesmo ritual e pagam o “dízimo” da violência:

Já tentaram me assaltar, toda vida que eu passava era o mesmo ladrão e eu tinha que dar dinheiro a ele toda vida, ficavam dizendo que era o dízimo que eu tinha que dar a ele para poder eu passar. Se eu não pagasse ele me ameaçava com qualquer coisa, minha reação era dar o dinheiro para evitar de levar uma facada, uma coisa assim (jovem de escola particular).

Aí lá vai a gente pra trás duma placa, quando ele leva, ele pega era um gogó de garrafa sabe, ele quebrou a garrafa, aí ele encostou ele disse: “bora, passa tudo” (jovem homossexual feminino).

Os adolescentes dependentes de drogas e os infratores entrevistados relatam casos em que sofreram violência decorrente de um comportamento violento que eles praticaram. Nesse caso, os policiais e transeuntes são os principais agentes da agressão física. Outros delitos, como a pichação, também são punidos com espancamento e tortura.

Eu já vivi 2 meses arreado numa cama, foi uma pisa grande que eu levei, por causa de um revólver. Eu levei uma pisa grande e fiquei 2 meses só tomando mastruz com leite (...)Eu roubei o revólver e vendi (jovem infrator).

Aí começamo a pixar, pixava assim, a casa mais bonita que nós achava, ela assim, toda de branco, aquela ali pronto, pixava... aí teve um dia que nós já fumo pego, aí mandou nós limpar o muro da casa todinha, era apanhando e alimpando, só assim de baixo de pêia, cada pintada assim era na sola do pé... “pá”, a pessoa assim “aiii... por favor num faça isso não... (jovem infrator).

É importante destacar o fato de que não apenas os transeuntes aplicam uma “punição” aos “menores de rua”. Os policiais militares são em muitos casos citados, violadores da lei. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) que no próximo ano completa dez anos de promulgado, continua a ser desrespeitado pelos policiais militares, principalmente no que se refere aos adolescentes infratores. O ECA não deixa dúvidas: os adolescentes flagrados cometendo um ato infracional devem ser apreendidos para que os Juizes da Infância e da Adolescência apliquem a medida socioeducativa que vai desde a advertência até a perda da liberdade, dependendo da infração cometida.

A gente acaba presenciando todo tipo de violência. Espancamento é uma coisa quase que diária. A gente percebe que os meninos tem um pavor muito grande dos policiais, né, dos soldados, dos guardas. Eles morrem de medo porque às vezes até mesmo quando eles não estão fazendo nada, eles passam por lá, passam próximos e puxam o cabelo, dão uma paulada, cacetada. É uma coisa que a gente tem visto muito de um tempo pra cá, eles tão cortando vidros da cola, né, e colocam na cabeça dos meninos ou seja, eles aparecem todo sujo de cola (educador de organização governamental).

Foram muitos os relatos de jovens que sofreram violência física provocada por grupos ou turmas. Destacamos as agressões que ocorrem também contra jovens não envolvidos em turmas, que andam sozinhos ou em grupos ocasionais, facilitando a agressão por parte das grandes turmas.

Foi quando pela madrugada me pegaram onde eu morava (...) Um "mói". Aí começaram, só era eu e mais três pessoas e aí não teve jeito, ainda levei uma pedrada, um rapaz levou um chute e o outro uma paulada (jovem de escola pública).

Briga de gangue, assim, de gangue contra a outra, sabe? Aí nós saímos tudo correndo, porque num dava. Nós tava tudo desarmada e elas com gilete, punhal, negócio de garrafa. Aí entramos na casa de uma vizinha aí fechou a porta e elas ficaram fazendo ponto (elas e as outras lá), esperando a gente sair (jovem de galera).

É em função da violência praticada por grupos que muitos jovens justificam a importância de andar em grupo ou em turma, pois, como há pouco mencionado, a solidariedade é uma garantia. Assim, o grupo funciona não apenas como referência para a construção de identidade para os jovens, mas também exerce a função de garantir a segurança.

Independentemente da classe social e do gênero, muitos jovens descreveram situações que presenciavam em momentos de tiroteio, embora a maioria das situações envolvendo tiroteio tenha ocorrido envolvendo homens e jovens da classe popular. Entretanto, é importante frisar que também houve depoimentos de mulheres e de pessoas pertencentes às classes média e alta.

No clube do IPEC na Cidade dos Funcionários ai um tumulto né, a polícia tava batendo nuns e noutros, aí quando menos espera vem uma bala pega na minha perna ai eu caio no chão. Agora ninguém sabe se foi a polícia (jovem de galera).

Na hora que começou, eu tava do lado, sentada, conversando. Eu tava mais pro lado, dançando com um amigo meu, aí eu fiquei: "Valha

minha Nossa Senhora”. Quando a gente menos espera, o tiro. Aí meu amigo: “Baixa, baixa...!” Aí lá vai eu baixando e olhando, na hora que olhei...só tava eu e meu amigo na roda assim. Aí, né, todo mundo correndo com medo... (jovem de escola particular).

Os jovens descrevem várias situações em que presenciam adultos e jovens portando armas de fogo, usadas como forma de intimidação e algumas vezes como ameaça:

A gente tava numa parada de ônibus e a gente tava perto de um carro, tava eu e meu irmão e um amigo, e de repente por algum motivo, o pneu do carro começou a secar e o dono do carro, que era muito ignorante, achou que foi a gente que tava secando o pneu do carro, aí deu um tapa no nosso amigo a gente saiu correndo e ele puxou um revólver, só idiotice mesmo (jovem de escola particular).

Eu nunca sofri violência não, só um amigo meu, foi só assim uma ameaça, ele mexeu com a mulher do cara assim, aí ela foi falar com ele, ele só fez mostrar assim o revólver: “Cuidado não! Aqui leva é bala o negocio é serio!” (jovem de escola particular).

Além dessas situações pontuais, os jovens consideram a discriminação social, racial e sexual como uma violência, enquadrando-a como “violência moral”. É relevante destacar nas experiências desse tipo de violência simbólica o fato de que ela não ocorre apenas com o outro, pois alguns já sentiram na pele algum tipo de discriminação:

É, aí aí as pessoas foram pra lá, aí ficaram três no banco, aí eles perguntaram assim “vocês vieram comprar quantas coisas?” Aí nós dissemos viemos comprar várias coisas só que é a prestação, “onde é que vocês moram?”, aí começaram a fazer pergunta a disseram “esse lugar que vocês moram é favela” ou é assim bairro mesmo completo, não é favela, “pois então fique ali quando todo mundo sair eu atendo vocês” (jovem ligada à arte).

(...) A gente desceu até na frente da Reitoria, quando a madamezinha vinha na frente da gente, viu 3 garotinhos assim, puxava a bolsa pro lado, fingia que ia atravessar a rua e tal. Agora mesmo, tá com 2 horas, em frente a Reitoria ali. Eu vejo que isso é uma forma de discriminação (jovem do movimento Hip Hop 2).

A discriminação decorrente da posição que o indivíduo ocupa na estrutura de classes é percebida pelos jovens de todas as classes sociais. São vários os signos utilizados para a discriminação social, mas os principais são:

o local de moradia (Aldeota ou “favelal”)⁴⁴ e capacidade de consumo comumente percebida pelo tipo de roupa que se usa.

Aí uma vez a gente tava indo pra boate, tava com a minha roupa pô, normal né, aí a menina “pô tua roupa é massa, muito legal mesmo, gostei né!” Aí, obrigada. “Mas cara, se tu põe uma Zoomp, e depois colocar uma Fórum, vai ficar mais massa ainda”, entendeu aí?! (jovem homossexual feminino).

O rico discrimina muito o pobre e a polícia também. porque se a polícia passa numa viatura na Aldeota, nesses bairrozinhos onde só tem playboy, “Ah! Não vamos nem parar não, que só mora gente boa!” Se desce na periferia, tem 2, 3 na calçada, mesmo com o livro do colégio na mão, ele desce, “Mão na parede vagabundo!” Vai lá, passa a mão no bolso da pessoa, não tem, “vão simhora vagabundo!” (jovem integrante do movimento Hip Hop).

Há também a discriminação que os jovens sofrem por participarem de uma turma, pois passam a ser reconhecidos pela roupa e postura adotadas, melhor dizendo, pelo estilo assumido pela turma. Este estilo a torna identificável, fazendo-a mais vulnerável em casos de repressão e de discriminação.

O único lugar que eu sou considerado mesmo é no meu gueto, é na minha área e não dou valor andar nesses lugares assim, Aldeota, Iguatemi, shopping...eu sei que nunca vou ser considerado andando nesses lugares, eu gosto de andar do meu jeito fundão lá embaixo, bonel na cabeça, brinco na orelha, eu nunca vou querer me vestir com uma calcinha apertada, uma blusinha baby look, um cabelo cortado normal, a gente gosta de usar um corte no zero (Jovem integrante do Hip Hop).

- E isso porque a torcida organizada ela é abrangente, você encontra numa torcida organizada componentes de várias classes sociais, desde a classe A até...

- Classe A é que a gente diz play boy.

- E na cabeça desses policiais entende, é pra eles a palavra torcida organizada tá relacionada com gangue, então (...)

- Tem sempre aquela discriminação.

- Eu, eu. Eu sofri por causa da camisa, da camisa que eu tava usando (diálogo de jovens integrantes de torcida organizada).

⁴⁴ Aldeota é o nome de um bairro considerado de classe alta e o nome desse bairro é utilizado para categorizar a moradia em bairros ricos.

A discriminação contra homossexuais foi a mais citada pelos jovens dos grupos focais. Embora a maioria diga que “cada um tem a sua escolha”, os jovens assumem também a postura de preconceituosos. Dessa forma, os homossexuais são discriminados praticamente por todos os setores da sociedade. A violência “moral” é uma experiência pela qual jovens homossexuais já sofreram. E as agressões não se restringem à violência simbólica:

Eu eu acho que a gente sofre a violência não só carnal, de carne, mais a violência verbal também né? Eu acho que a violência já tive uma vez, uma vez eu tava na na praia, aí a gente, tipo é a violência verbal que resulta no preconceito né, sai da praia com a menina aí os caras assim de longe “ei sapatão” não sei quê, falando esse tipo de coisa né, eu considero isso como violência também (jovem homossexual feminino).

Segundo o gráfico 08, 19,0% dos jovens relataram que foram vítimas de discriminação, cujos agentes estão assim distribuídos:

QUADRO 59
AGENTE DA DISCRIMINAÇÃO

Agressor	Nº de respostas	% Casos válidos
Desconhecidos	78	81,3%
Colegas	76	79,2%
Bandidos	40	41,7%
Policial	25	26,0%
Outros	24	25%
Parceiro Sexual	18	18,6%
Familiares	15	15,6%

Casos Válidos: 96.⁴⁵ Não Responderam: 3

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Observamos que, na representação dos jovens, em sua maioria, são discriminados por pessoas desconhecidas (81,3%). A discriminação, conforme experiências de violência sofridas pelos jovens aqui relatadas, advém de um imaginário estigmatizante dos jovens, ditos “perigosos” por andarem em turmas ou residirem em bairros da periferia. Jovens considerados “diferentes” ou “imorais” como os homossexuais também são fortemente violentados pela discriminação, chegando à violência física, como afirma uma moça:

⁴⁵ A análise desse quadro refere-se não a amostra geral de jovens pesquisada, mas a 96 jovens que responderam a questão.

... chegaram a espancar uma amiga já, espancaram ela, quebraram 2 costelas dela e o nariz dela porque ela era homossexual (Jovem homossexual feminino).

Numa margem um pouco menor aparecem os agentes conhecidos, ou melhor os “colegas”, relembrando a discussão sobre a violência cometida pelos “pares”. 79,2% dos jovens afirmaram sofrer discriminação violenta por parte de colegas, o que nos faz perceber que o envolvimento interpessoal, tanto traz solidariedade, amizade, como também conflitos e discriminação.

As pessoas consideradas como “bandidos”, vem em terceiro lugar, com 41,7%, não sendo tão representados como agentes de discriminação quanto os “desconhecidos” e os “colegas”.

Observamos que os familiares são os menos cotados como agentes de discriminação (15,6%), demonstrando confiança ou mesmo uma certa parceria na família.

Assim, concluímos que a discriminação para com os jovens que responderam essa questão ocorre tanto por pessoas estranhas que os discriminam antes mesmo de conhecê-los quanto pelos pares que, apesar de conviverem com eles, também os discriminam pelo fato de também fazerem parte da sociedade que discrimina o diferente. Vale ressaltar que essa conclusão baseia-se numa quantidade pequena de jovens que responderam à questão (apenas 96). Assim, podemos concluir também que a discriminação não correspondeu às preocupações dos jovens pesquisados com a intensidade que podemos perceber noutras questões relacionadas à violência. Por indiferença, medo ou desconfiança no entrevistador, essa questão foi desvalorizada pelos entrevistados.

A juventude relaciona, além da discriminação, o uso de drogas com a violência, achando que determinados comportamentos violentos somente ocorrem graças ao uso de drogas.

É piorar, com certeza. Principalmente por causa dessas drogas... Tem vários órgãos, tem vários institutos de combate às drogas, mas ainda não é o suficiente, não é... (jovem de escola pública).

Eu batia nas pessoas que iam saindo na rua, porque eu tava com a droga na cabeça. E eu ia, eu batia nas pessoas na rua, não tava nem aí (jovem dependente de drogas).

Há uma parcela de jovens que percebe as drogas de forma diferente (principalmente a maconha), relacionando droga à diversão e não à violência.

Eu já experimentei drogas, mas eu acho que não...e quando eu saio eu penso mais pela diversão. Se for pra beber, vamos em frente, né, agora vamos saber curtir (jovem skatista)

Tem gente que fuma maconha pra caramba, que vive pra fumar maconha, que planta a bandeira, que fuma de manhã, de tarde, de noite, mas que trabalha, que estuda, que tira boas notas, que tem senso. Agora tem um pessoal aqui, num tem capacidade de se concentrar, deixa de assistir aula pra fumar maconha, você chama pra fazer um trabalho o cara não vai porque vai fumar maconha, que num sabe nem ler, perde o senso... (jovem de movimento estudantil).

Para alguns o grande problema não é a droga em si, mas como o jovem se relaciona com as drogas (no caso, a maconha). Outro aspecto que destacamos é a percepção que a juventude tem das drogas, considerando como tal não apenas os entorpecentes proibidos pela lei, mas também as drogas que são legalizadas, como o cigarro e as bebidas alcoólicas:

A droga que eu experimentei é fornecida pelo Estado, né, que é álcool e o cigarro. Porque se você for experimentar outros tipos de drogas, você vai ver que só muda a lombra, tá entendendo? Mas é tudo lombra, cara! É tudo droga! (jovem skatista)

O governo, ele bate muito sobre... em cima da maconha, cocaína, do crack. Mas eles não vêem uma droga que é até mais perigosa do que a maconha, o crack e a cocaína (...) É a bebida. Bebida, cigarro, tudo isso é uma droga que é legalizada hoje em dia (jovem de escola pública).

Esse olhar da juventude, essa visão crítica sobre o cigarro e a bebida alcoólica é muito importante até porque ele nega um pensamento corrente na sociedade de que as drogas seriam apenas entorpecentes comercializados ilegalmente: cocaína, crack, maconha, LSD e outras drogas proibidas por lei.

E essa visão é mais relevante ainda, principalmente diante do fato de que, praticamente em quase todos os grupos focais, os jovens afirmam que tomam bebida alcoólica, variando somente a constância e o tipo de bebida. Assim, os jovens de classe média e alta consomem mais *whisky*, *vodka*, licor e cerveja, enquanto os de classe popular consomem cerveja (mais raramente) e cachaça.

- *Socialmente, de domingo a domingo.*

- *É alcoólatra já, esse aí!*

- *Uma dose de manhãzinha só pra... (jovem de torcida organizada).*

Quando eu chego em casa, quando eu tô viajando, trabalhando, só bêbo final de semana. Mas quando eu tô parado em casa, aí, de vez em quando, eu vou ali, tomar uma com os amigos (jovem de galera).

O consumo de bebidas também independe do gênero. As mulheres também afirmaram consumir bebidas alcoólicas. Há uma expectativa positiva

em torno da bebida alcoólica tanto por parte da turma como da família. Muitos adolescentes declaram que bebem na presença dos pais:

- *Assim teve só uma festa que eu fui mais o meu pai.*

- *Sempre final de ano, uma cerveja, um champagne.*

- *É com a família toda.*

- *Não assim quando eu vou a festa com meu pai, com o pessoal lá de casa aí eu bebo (jovem ligado à arte).*

Eu sempre saía com uma turma de seus quinze, todos eles bebiam mas eu não bebia, e nunca bebi e também nunca caí pro lado deles, mas eu respeitava, tinha um que disse que ia fazer uma aposta comigo, que um dia eu ia beber, saindo sempre com eles. “Ah! você vai beber, você não vai...” Mas é aquela coisa, queria que eu bebesse, mais eu sempre saía (jovem de escola particular).

A turma também incentiva os jovens a experimentar algum tipo de droga ilegal, enquanto os pais têm um medo muito grande de um filho se viciar em drogas ilegais. Alguns jovens consideram que o estímulo induz os jovens a experimentar a droga, entretanto, outros jovens entendem que se a pessoa “tiver cabeça” ela não se envolve:

- *Tem muito menino desse que fica fora do colégio, fumaram pela primeira vez por influência. Tava todo mundo fumando, aí ela não queria sair excluída ou ele. Aí...*

- *Aí depende da cabeça de cada um, se você tiver uma boa cabeça, não interessa, pode tá tomando Fortaleza inteira, se você não quiser, você não pega. Eu acho assim (jovem de escola particular).*

Além de enfrentar a discriminação, o jovem dependente químico também se depara com uma imensa solidão, a presença de amigos é reclamada, e os que contam com um grupo de amigos sentem-se mais seguros para enfrentar a dependência:

Eu não procurei ninguém, porque ninguém quer conversar com um drogado, e isso é uma coisa que às vezes, a gente pra poder parar entendeu, de usar drogas, a gente precisa do apoio dos amigos, de um ombro pra tá ali te ajudando, lhe dando conselhos, “olha isso é errado, isso é certo, você tá acabando com você” tá entendendo? (jovem homossexual feminino).

E o movimento Hip Hop foi como...nessa parte das drogas, o movimento

Hip Hop foi como uma clínica. Porque enquanto eu tava envolvido com o pessoal do movimento Hip Hop, aquela vontade de usar drogas tava esquecida. O tempo que ia passando eu ia esquecendo. Aí quando eu me engajei mesmo no movimento Hip Hop, as drogas foi passando, as brigas. Então foi uma reviravolta mesmo (jovem integrante do movimento Hip Hop).

O consumo das drogas também é facilitado pelo tráfico, no caso das drogas ilegais, e no caso das bebidas alcoólicas, ao desrespeito ao ECA, que proíbe a venda de álcool a menores de idade, e o incentivo dos adultos, inclusive os próprios pais.

A escola é um dos pontos de consumo de drogas mais citados pelos jovens. Este consumo acontece dentro dela ou nas suas imediações. Percebe-se que o uso de drogas no interior da escola pública é maior do que nas escolas privadas.

Tem umas mangueiras lá pracolá, aí eles passam, uma turminha todinha, que eu não vou citar nomes (...)Eles passam com a turminha todinha. Eles passam lá pelo meu irmão, sabe o que eles fazem? Eles dizem assim: Fulaninho, me dá um papel pra gente fumar um baseado ali!” E sai na maior, fumando na frente de todo mundo, seja lá quem quiser que veja, eles não estão nem vendo. É tudo natural (jovem de escola pública).

No meu caso, quando eu fazia o 1º grau o pessoal cheirava cola dentro da escola, come cola branca, esmalte, o pessoal cheirava muito, esse tipo de coisa (...) Dentro da escola e em frente à escola, tinha a gangue dos pessoal briteiro que fumava e tal.

Assim, eu pelo menos eu fui saber que as pessoas estavam usando drogas, eu fui saber no 2º ano... eu estudava numa classe que tinha ar-condicionado, e que de repente certos dias ficava uma catanga e a gente sem saber o que era, aí que a gente ficou sabendo... (jovem de movimento estudantil).

JUVENTUDE E POLÍCIA

As relações entre as instituições policiais e os jovens são marcadas pela mútua desconfiança e pela violência. Os policiais pensam a sociedade e realizam suas atividades de vigilância e controle sob a lógica da dominação territorial do Estado. É neste ponto onde policiais e jovens, em geral, entram em conflito. Os jovens costumam circular pelo espaço urbano, seja em seus bairros, seja

por toda a cidade, dependendo de suas posições diferenciadas na estrutura social. Quando, então, os jovens em circulação “se encontram” com as patrulhas da polícia militar e da polícia civil, seria melhor dizer que eles são “achados” pelos policiais. A polícia, por vezes, gosta de se pensar como agente de “combate” à criminalidade. Todavia, a polícia exerce funções bem mais amplas de controle social. E no cotidiano da cidade, os policiais põem em exercício suas práticas punitivas, disciplinares e estigmatizantes, quase sempre extrajurídicas. Os policiais se referem aos jovens que encontram nas ruas, durante o policiamento ostensivo, função específica da polícia militar, a partir de categorias estigmatizantes, principalmente, a categoria de “vagabundo”⁴⁶.

Os jovens dizem claramente que não gostam do policiamento da cidade, porque o policiamento “desrespeita muito”, discrimina:

Quando passamos com a camisa da “Torcida Organizada” param a gente... agridem, botam o pé na cara (...) na definição dos policiais, eles acham o quê? Que ali na torcida organizada são os marginais, gangues, (...) eles tratam a torcida como se fosse uma gangue. E isso porque, porque a torcida organizada ela é abrangente, você encontra numa torcida organizada componentes de várias classes sociais, desde a classe A até, classe A é que a gente diz playboy, e na cabeça desses policiais entende, é pra eles a palavra torcida organizada tá relacionada com gangue, então tem sempre aquela discriminação. (jovem de torcida organizada).

Os jovens são revistados, agredidos, roubados, extorquidos, humilhados e perseguidos pelos policiais. Segundo o relato dos jovens que sofreram algum tipo de agressão por parte da polícia, a situação de agressão mais comum é a “revista” (79,1%⁴⁷) Os que não responderam à questão não estão excluídos de terem tido algum tipo de contato com policiais, em “batidas”, em revistas ou em outras situações. A pergunta do questionário frisava o sentido de ter “problemas com policiais”. Nem todos traduzem aqueles contatos como problemas com policiais.

⁴⁶ Nossa hipótese é de que o contexto de uso do termo “vagabundo” é bem mais amplo do que o contexto de uso específico dos agentes policiais.

⁴⁷ Esses 79,1% referem-se apenas aos jovens que sofreram algum tipo de agressão por parte da polícia, ou seja, 239 jovens. É importante sublinhar que estes 239 representam apenas 26,6% dos jovens pesquisados. A grande maioria dos jovens da amostra (76,4%) não relatou este tipo de situação.

QUADRO 60*
PROBLEMAS COM POLICIAIS

Tipo de problema	% com relação ao número de casos válidos
Revista	79,1
Agressão	37,7
Humilhação	34,3
Por estar alcoolizado	13,4
Extorsão	12,1
Roubo	11,7
Por andar armado	8,8
Outros	7,9

*Respostas referentes a questão de múltipla escolha

Número de casos válidos = 239.

Não responderam = 657.

Os jovens de classes populares, em sua maioria, consideram que os policiais são agentes de discriminação social. Nos grupos focais, eles citam a situação de revista na qual eles se encontram quase sempre envolvidos com policiais. Eles chamam revista de “baculejo”: *“Baculejo é a revista, é a busca de arma. Dão carreira na gente”*(jovem skatista). O bacurejo não é uma mera revista, envolve provocação, humilhação e algum tipo de agressão física, por vezes, podendo ser qualificada de espancamento e tortura.

Pra polícia...no caso da polícia tem que mudar muita coisa, ó! Porque tem canto que você vai, a polícia pra dar busca de arma em você, ela pede. Aqui não. Ela chega: ‘Bora! Escora na parede!’ Dá logo um baque e pronto. Não precisa nem dizer assim: ‘Por favor, encosta na parede!’ Chêga logo dando uma mãozada por causa dos trajés das pessoas, só pela veste. Se fosse pra mudar, tinha que todo mundo morrer e começar tudo de novo. Porque não adianta mudar a polícia e o governo do Estado, ir lá e dar o toque pro comando geral. Não, (a ordem é) tem que bater por causa que é pobre! Tem que meter a porrada! (jovem skatista).

As ações policiais atuam no sentido de obter um controle sobre a circulação das pessoas em geral, levando em conta, como nenhum outro agente o levaria tão diretamente, os signos distintivos entre os membros das classes sociais brasileiras. O uso da categoria “vagabundo”, durante o policiamento ostensivo, não serve apenas para designar os jovens que circulam pela cidade, serve também para agir violentamente sobre seus corpos e mentes.

Chegaram 6 policiais do GATE⁴⁸, paludão...Tudo baixinho, tudo paludão, só na bomba, né. Chegaram perto de mim, olharam assim pra mim: “Tem quantos anos, bicho?” Eu olhei pra ele: “Tenho 16”. Eu tinha 15. “Eu tenho 16”. Ele olhou assim pra mim: “Vá pra casa, se não quiser levar um bocado de porrada!” (risos) Eu, uh...É por aqui! (risos). Eu já tinha visto todos os 6, batendo num bem pertinho de mim, eu o que? Pegou o beco...(risos) (jovem de galera).

A polícia é sentida e percebida pelos jovens como sendo um agente de violência como também de reforço aos preconceitos sociais: “Os policiais que se dizem segurança, né, abusam do poder”.

Sábado passado no Pinheiro, passando aquela música do Pe. Marcelo Rossi, num sei o quê dá assim com a mão né, parou a pilha, parou tudo, parou tudo... todo mundo lá dançando, com a mão pra cima, cantando no seu lado. O que foi que os policiais fizeram? Estavam tudo lá fora, entraram tudo pra dentro, saíram quebrando todo mundo(...) derrubaram outro no chão que ficou desmaiado... isso num é pra policial fazer. (...) Olha aqui esse arranhão, é de chicote, aqui, chute, (...) e quase quebra meu dente. (...) Eu sofri por causa da camisa, da camisa que eu estava usando. Ele tá cheio de chicotada aqui.// Eles dizem: pára aí vagabundo, na boca dele. Ou então vai falando, é da “Torcida Organizada?” é meninozim, puf (imitando o som de um murro) é o que eles fala, é da “Torcida Organizada” é meninozim, puf, puf, puf! Só isso. Bate, ou então prende. Prende e bate, se for possível bota tudo no presídio... se for possível rasga a camisa, que é o orgulho da gente, rasga, tá nem vendo, rasga mesmo. (jovem de torcida organizada).

A violência policial acaba acirrando os conflitos entre os jovens na periferia da Cidade. A violência da polícia produz mais violência entre os jovens. “Por exemplo, um policial chega e dá na minha cara, eu num posso dá na dele... se eu ver um idiota na minha frente, eu meto a mão na cara dele pra descontar o que o policial fez comigo”. Mais uma vez, surge uma idéia muito presente no pensamento dos jovens de que a violência está ligada diretamente à discriminação, tanto é que “se a discriminação acabar, a violência acaba. Acabar com discriminação entre os ricos e os pobres” (Jovem de torcida organizada).

Os jovens nos grupos focais confirmam aquilo que os dados quantitativos

⁴⁸ Esses 79,1% referem-se apenas aos jovens que sofreram algum tipo de agressão por parte da polícia, ou seja, 239 jovens. É importante sublinhar que estes 239 representam apenas 26,6% dos jovens pesquisados. A grande maioria dos jovens da amostra (76,4%) não relatou este tipo de situação.

nos apontaram: os policiais roubam dos jovens.

Sabe o que é que eles fazem também, tiram relógio, cordãozinho, dinheiro na carteira, eles tiram, e depois os ladrão é a gente que é jovem e que anda nisso, os ladrão é nós. Ó, no meu caso eu vinha da festa certo, o policial me parou, perguntou quanto é que eu tinha pra dá a ele pra liberar...(…) Os primeiros que são ladrão é eles (jovem de torcida organizada).

Os jovens da classe alta relatam poucos confrontos com a polícia, entretanto, citam os homens da segurança privada como os principais agentes da agressão física, principalmente os seguranças de festas, de clubes, de casas de *show*.

*Apanhei do segurança (...) Não porque no Mucuripe na boate⁴⁹, o segurança é arrogante, num sabe conversar tratar algum problema, aí começa a gritar assim com a pessoa, aí a gente num gosta, aí vão fazer *enxame* (jovem de escola particular).*

Os jovens se revoltam com as arbitrariedades cometidas pela polícia contra eles. Essa revolta pode acirrar os conflitos entre os grupos de jovens envolvidos e a polícia. A polícia insiste, sem admitir publicamente, em se fazer temida e para isso utiliza de recursos extrajurídicos de punição social. Por enquanto, o acesso do Estado às camadas jovens da população é construído prioritariamente pela via policial. As instituições policiais “convivem” mais com os jovens do que outros setores do Estado que poderiam desenvolver políticas menos repressivas e autoritárias.

⁴⁹ Trata-se de uma boate num bairro de classe alta e com características para o consumo das classes altas.

CAPÍTULO V

O ESTILO JOVEM FAZENDO A DIFERENÇA: VALORES

Já ressaltamos que trabalhar a juventude de Fortaleza exige entrar no labirinto da diversidade de suas experiências e visões de mundo, bem como de suas inserções nos diferentes espaços sociais. Nesse labirinto, discutiremos aqui a dimensão do mundo vivido dos jovens, a partir da discussão sobre os seus valores. Os jovens projetam no mundo suas avaliações a partir de suas representações e práticas cotidianas.

Que juventude? Que valores?

A sociedade moderna traz em sua rede de símbolos a juventude como um marco de renovação social, como diz Hobsbawn (1995), “a juventude é a revitalização da sociedade” por trazer consigo toda uma transformação de valores.

A categoria juventude tem como máxima o caráter de provisoriedade, ou seja, remete a uma fase onde os indivíduos desenvolvem, principalmente, o valor mudança. A riqueza dos códigos juvenis pode ser vislumbrada pelo peso que a juventude exerce sobre nossa sociedade, não deixando de lembrar que não há uma única juventude. Segundo Lèvi e Schimidt (1996),

... a juventude é efetivamente o momento das tentativas sem futuro, das vocações ardentes mas mutáveis, da 'busca' (...) e das aprendizagens (...) incertas, sempre marcadas por uma alternância de êxitos e fracassos. (1996: 12, 13)

Os valores juvenis se manifestam através de várias formas simbólicas, que compreendem um universo de práticas sociais específicas. O mundo jovem expressa um misto de positividade e negatividade no contexto social: é o depositário das esperanças, e carrega a marca do movimento-mudança promovendo e inflexões na ordem social. Isso vem sendo um discurso generalizado pelos estudiosos da juventude, que dedicam a ela a capacidade de fazer revolução cultural e, de certa forma, estabelecer novos símbolos e lançar valores próprios, que acabam ao mesmo tempo dando sentido a determinadas épocas.

Assim, de geração para geração, novos valores vão sendo incorporados e revistos ou mesmo invertidos de acordo com a experiência de quem os vai receber. A juventude dos anos 90, no Brasil, defronta-se com a inovação do mundo tecnológico, da globalização das informações, do consumismo exacerbado, da mundialização das crises econômicas, crescimento da violência

ao lado da pobreza e do desemprego. Isto vem influenciando a configuração de novos estilos de cultura jovem que, como analisado por Zaluar, “transformou os jovens parcialmente em consumidores de produtos especialmente fabricados para eles” (1997:40)

Os jovens fortalezenses estão construindo paralelamente aos valores sociais gerais, valores especificamente juvenis. O trabalho é um dos valores fundamentais, em torno do qual os jovens pensam sua vida e seu futuro. A busca pelo trabalho aparece como uma possibilidade de realização pessoal. E quando os jovens se remetem ao futuro, permitem-nos visualizar aquilo que estabelecem como seu campo de positivities.

A juventude é presumida socialmente a portadora do futuro e, por isto, precisa se enquadrar no mundo adulto com responsabilidade, preparo e dignidade. Como, então, mostrar-se apto para a entrada neste novo mundo? Quais são as intenções dos jovens para o alcance desses objetivos? O primeiro passo, como vimos, é estudar; o segundo, como veremos a seguir, é trabalhar.

A idealização profissional e o mundo do trabalho parecem marcar o universo juvenil como a necessidade de sentir-se alguém, de mostrar-se capaz de entrar no mundo adulto e a possibilidade de realizações várias, dentre elas o poder de constituir uma família e de possuir bens materiais.

O trabalho tem um valor central para a nossa sociedade. Estudo e trabalho formam o duo perfeito de valores usados para, de certa forma, demarcar a identidade de um indivíduo.

O número de jovens que trabalha é bastante significativo. A maioria pertence às classes baixas mostra o quadro 61.

QUADRO 61

Experiências de trabalho segundo as classes				
Classe Social		Sim	Não	Total
Classe A	Nº	23	43	66
	%	34,8%	65,2%	100,0%
Classe B	Nº	62	146	208
	%	29,8%	70,2%	100,0%
Classe C	Nº	73	113	186
	%	39,2%	60,8%	100,0%
Classe D	Nº	98	98	196
	%	50,0%	50,0%	100,0%
Classe E	Nº	109	68	177
	%	61,6%	38,4%	100,0%
Total	Nº	365	468	833
	%	43,8%	56,2%	100,0%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Dentro do mundo do trabalho surgem as razões pelas quais os jovens trabalham: para o seu auto-sustento ou para o sustento da família. De imediato, notamos que, nas classes baixas, o sustento da família, pelo salário, é bem representado indiscriminadamente entre homens e mulheres, haja vista que o valor do trabalho, nessas classes, é mais do que uma profissionalização - é uma necessidade.

Apesar de termos um número significativo de jovens no mercado de trabalho, isto parece apresentar duas faces: a de realizações futuras e de reconhecimento social, e a da inserção no mundo adulto de forma simbolicamente violenta, pois entra no mercado de trabalho cedo quem não possui condições financeiras de se manter somente na escola, o que acarreta uma visão diferenciada de trabalho no interstício das classes sociais. Observamos, a partir das entrevistas em alguns grupos focais de alunos de escolas particulares, que os pais proporcionam viagens para o Exterior a passeio ou até mesmo para estudarem, e para estes, o trabalho muitas vezes se liga a realizações pessoais, mesmo que o fator econômico apareça:

eu pretendo ir morar na Itália isto é, estudar fora e fazer uma formação legal, pra voltar e usar aqui mesmo, sei lá montar minha própria empresa, ser independente”/ “É comunicação social, ser independente, meus pais vão trabalhar pra mim arranjar minha vida e eu vou ter que me sustentar (jovem de escola privada).

Enquanto isso, em alguns grupos focais de escola pública ou grupos localizados na periferia, como é o caso do Movimento Hip Hop e galeras, a visão de trabalho passa a ter um conteúdo bem mais voltado para a sobrevivência. Nesta fala de um dos integrantes do movimento Hip Hop, percebemos uma significação muito ocasional de trabalho para um jovem da periferia:

O jovem está procurando um emprego e sua classe, sua cor faz com que ele seja discriminado, as palavras que a sociedade diz para ele é sempre recriminando ele, dando a entender que ele é um marginal e que ele não deve procurar o que ele queria mesmo, sonhar o que ele queria, pegar um caminho mais fácil, fazer outros caminhos, que é esse o caminho mesmo que é tão perverso com os jovens, de querer mesmo ter uma vida como adulto, amadurecer, isso é o que a sociedade faz mesmo querendo que as pessoas tenham um individualismo econômico, querendo crescer mesmo, ter um objetivo, mas simplesmente (...) ela é fechada, ela só quer que a pessoa cresça economicamente, não a parte espiritual, por que eu acho que cada um de nós devia ter nosso consentimento de querer as coisas... (jovem integrante do Movimento Hip Hop).

Neste trecho, temos toda uma representação de exclusão que nos permite averiguar o quanto é um momento conflituoso para um jovem de classe baixa “crescer e aparecer” na sociedade. O reconhecimento social é buscado de forma dolorosa. Muitas vezes essa busca destrói sonhos e desejos:

...Já pensou ser uma atriz e ganhar o Oscar? Taí aquele menino que era engraxate, ele ganhou o globo de ouro, e agora tá concorrendo ao Oscar. É tem que sonhar alto. A minha mãe fala assim, menina para com isso teu pai tem lá condições de te dar isso, pois no momento meu pai não pode me dar nada disso (jovem artista).

O trabalho está ligado à garantia de futuro, à condição de uma identidade normalizada, e, por fim, ao momento de entrada no mundo adulto.

Entre os jovens fortalezenses, a religião é, também, uma instituição muito valorizada. No conjunto das instituições mais acolhidas pela juventude de Fortaleza, a Igreja ficou em segundo lugar na classificação dos jovens como portadora de confiança. Os entrevistados atribuíram nota média de 3,6 para a Igreja, perdendo esta somente para a instituição família, que ficou com 3,9, enquanto a escola ostenta a posição de 3º lugar, com nota média de 3,5.

QUADRO 62

Nota média das instituições		
Família	Igreja	Escola
3,9	3,6	3,5

Fonte: pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

A presença de jovens em grupos religiosos nos dá a dimensão de que existem aqueles que consideram os preceitos religiosos como de grande importância para a sua formação, embora a Igreja já não se expresse ou não interfira com tanta autoridade na vida dos jovens.

VISÕES E VALORES

A visão de mundo juvenil é uma construção sujeita a constantes ambigüidades e limitações. Os valores especificamente juvenis fornecem a inteligibilidade da categoria juventude. Mas que valores são estes? Como eles podem ser trabalhados?

Segundo José Machado Pais,

os valores não devem ser tomados apenas enquanto valores valendo, mas também enquanto valores sendo – pois só assim percebemos o que

valem e para quem, isto é, só desse modo entendemos em que medida os valores aparecem como produto de divisões objectivas... São estes 'valores sendo' que se podem sedimentar em 'verdadeiros valores', próprios de determinados universos culturais, de entre os quais se destacam os geracionais e cujas descontinuidades terão que ver com diferentes níveis de adesão substantiva, por parte de distintas gerações... (1998:20).

O jeito de ser jovem exprime de antemão um valor que diz muito para a expressão de uma diferenciação. Aqui podemos enumerar diversos pontos que compõem este “jeito de ser”: a linguagem, o modo de vestir, as preferências musicais, os lugares que costumam frequentar, as turmas ou grupos com quem andam, o que gostam de fazer, como pensam determinados assuntos, como costumam agir diante de determinadas situações, hábitos de consumo, convivialidade, intimidade etc.

Um modo de viver bem retratado pelos jovens, como direito, se traduz nessa fala:

Direito do jovem é curtir, também estudar/ Direito de curtir a vida (jovem de escola pública)

Existe uma valoração a respeito das chamadas “curtições”. As curtições se dão de formas diversas, expressando-se nas festas, nos passeios, nas brincadeiras, enfim, curtir a vida assume várias definições que dependem do contexto utilizado.

Nesses espaços de curtições, é que podemos identificar as verdadeiras preferências jovens, as quais passam por um processo de distinção identificada pelas especificidades dos grupos, ou seja, existem formas múltiplas de inserção, que vão dar um carácter típico a cada grupo de jovem, pois as curtições estão, na maioria das vezes, diretamente ligadas a algum tipo de valores de crença, ideologia, ou até mesmo de classe social. As curtições, vistas como locus de manifestações juvenis por eles mesmos, não foge a essa regra, embora exista toda uma época comum a grupos jovens, fenômenos que os atinjam fazendo parte desta ou daquela classe social. Por exemplo, enquanto há jovens que fazem da curtição um direito essencial, há outros que pensam de outra forma: *os jovens são relaxados, eles querem ganhar tudo, eles querem que dêem tudo pra eles* (jovem de escola particular).

Os jovens geralmente demonstram uma superposição ao mundo adulto com seus códigos e símbolos. Esses elementos se desmancham em valores, em busca de afirmações que são postas em prática como elementos de interação nos diversos segmentos jovens da sociedade.

Podemos visualizar os códigos e símbolos juvenis a partir da linguagem,

dos sonhos, do comportamento, dos mitos, das trajetórias dos grupos, do modo de vestir, enfim, de tudo o que caracteriza um estilo, que se faz autêntico e marcante, muitas vezes até chocante do ponto de vista normativo-cultural, por que a cultura da gente é a gente que faz mesmo... o negócio da gente aqui não é se igualar a playboyzada e nem seguir os padrões que a sociedade impõe... (jovem skatista).

uma vez quando eu usava piersing. Eu tinha 20 piersens espalhados no corpo, aí eu passava e o pessoal era se afastando. Já fizeram até o sinal da cruz na minha frente, quando passei em frente uma senhora, a senhora fez o sinal da cruz e a outra abriu a boca e arregalou os olhos. (jovem skatista).

Esta não é uma forma generalizada de estilo jovem, mas “chocar” pode se considerar um valor, que certos grupos utilizam para se definir e se afirmar de modo mais contundente. É o caso de grupos como os skatistas e o Movimento *Hip Hop*, ambos com um estilo parecido, no sentido de vestir, falar, andar se auto-afirmar como grupos conscientizadores. Esse estilo diferente, especialmente em se tratando do modo de falar e vestir com roupas frouxas, é visto pela sociedade de forma negativa, o que é representado por eles como vantagem, já que afronta. Para eles, é a partir do afrontamento com normas estabelecidas que podem pregar sua filosofia de existência baseada num conteúdo ético e solidário. Como analisa Diógenes, “a busca da diferença, o desejo de impactar, de provocar contrastes, marcas definidoras de ‘existência social’ é o que parece mobilizar a juventude nos anos 90. Movimentos punks, darks, funks, torcidas organizadas, dos carecas do subúrbios, do skin heads, do hip hop organizado, dentre outros, parece mobilizar de forma mais visível, a atenção e a tensão juvenil dos anos 90 .” (1998:103).

Outros grupos usam diferentes formas de afrontar, traduzidas em manifestações de violência física. A forma de afrontamento à sociedade utilizada pelos grupos *Hip Hop* e skatistas não deixa de ser agressiva, mas assume uma expressão simbólica que atinge os costumes tradicionais. Porém, não há uma conotação tão negativa como a violência física propriamente dita. Este é o caso de grupos reconhecidos por valorizar as brigas violentas como forma de manifestação mais propícia. Aqui se enquadram as galeras e as torcidas organizadas:

eu já andei com a galera aqui da (...)... ainda ando. Mas agora já enjoiei mais. Não tava dando certo, não. Faz mal pra mim, pra onde eu saía tinha briga! (...) já morreu um bocado dos meus amigo, lá também (jovem de galera).

Nós somos os mais respeitados, em Fortaleza...o pessoal considera os mais violentos, que a gente é mais violento(...) por que na TUF tem muito filho de papaizinho⁵⁰ (jovem de torcida organizada).

Atualmente, há grande preocupação com esses dois grupos por parte de setores como a imprensa e o sistema de segurança pública, os quais, com o primeiro, a vigilância é cerrada, inclusive, na tentativa de abrandar a situação de violência, o fim dos bailes funks; e para o segundo, o reforço policial nos estádios para a segurança de mulheres e crianças, pois esses são os lugares de lazer preferidos desses grupos.

Nos grupos focais, os jovens descreveram esses lugares com uma certa descontração, fazendo muitas vezes com que certas atitudes fossem até teatralizadas e outras expressas em discussão entre os membros de cada grupo. As galeras, por exemplo, descreveram as aventuras para se chegar a um baile *funk*, como algo extremamente divertido, já que perigoso. O fato de cerca de oitenta jovens ter que passar um determinado período de tempo dentro de um caminhão baú/furgão, se locomovendo de um lugar para outro em Fortaleza, para chegarem no baile *funk* sem serem flagrados pela polícia, as cenas de violência nessa trajetória, o enfrentamento tanto com a polícia como com outras galeras na viagem e no próprio baile, se transformam em formas específicas de divertimento, valores deste grupo, formas de expressão da própria existência do grupo.

Entretanto, existem também valores que se expressam de maneira contrária aos descritos. Trabalhamos com grupos que demonstravam total aversão às galeras e às gangues, por conta dos bailes funks, os quais são reconhecidos como o lugar onde a violência se manifesta:

...pra mim funk é maior paia! O cara vai prum baile aí vai brigar, querer matar, essas coisas...(jovem skatista).

Baile funk eu não iria de jeito nenhum. Por que lá só dá porrada mesmo. O pessoal só vai pra porrada. É pedir pra apanhar. O que é que tem lá, porrada, bebida, drogas, encontros de gangues...(Jovem de escola privada).

Eu já fiz parte de gangue, principalmente assim de sons, de funk, já frequentei muito e era uma coisa que não tinha graça da pessoa entrar e bater no próprio irmão uma briga sem motivo, enquanto poderia

⁵⁰ Filho de papaizinho significa que é alguém pertencente às classes alta e média alta. Linguagem pejorativa, geralmente designa um preconceito da classe baixa em relação às classes média e alta.

juntar muitas pessoas, muitas gangues e lutar por um propósito, como correr atrás de escola pra gente mesmo, trabalho... (jovem integrante do Movimento Hip Hop).

Mas pra mim quem faz a violência é a comunidade, porque... isso que ele falou aí. Baile funk pra mim é uma coisa que gera mais violência, esse negócio de lado B, lado A, porrada... eu odeio funk, eu odeio de coração... (jovem dependente de drogas).

As gangues e galeras, e algumas vezes, as torcidas organizadas passam a ser alvo de sérias críticas por não estabelecerem um modo “sadio” de diversão. Porém, não se excluem de um mundo juvenil que busca uma vida significativa e que se mostra jovem nas modas que fazem o estilo juvenil dos anos 90. Não de uma forma *light*, como afirma um jovem entrevistado, mas de uma maneira que serve para estabelecer as imagens que jovens fazem deles mesmos e de outros como pertencentes a uma mesma época, assumindo valores tão destoantes e por um objetivo tão comum: a singularidade.

Outro valor defendido pelos jovens, e apresentado em termos de expressão, é o uso de gírias, o que não é nenhuma novidade, mas se torna uma forma de comunicação nova, uma maneira de renomear as coisas, de maneira jocosa, e como uma tentativa de não imitar o mundo regrado. Exemplo de gírias faladas nos grupos focais, como avacalhar, curtir, baco, escarrada, doidinho, esquema, maior paia, enxame, trampar, picárdia, maior mentira, é show, rolar sentimento, enfim uma série de palavras que são incorporadas ao linguajar cotidiano desses jovens, muitas vezes sendo somente compreendidas por eles.

As relações de amizade também são muito importantes para os jovens. Muitos buscam a amizade na constituição de turmas. Entretanto, nem sempre o grupo a que pertencem forma o elo necessário ao convívio e camaradagem fundamentais para se ter amizade.

...eu posso fazer parte do movimento estudantil(...), mas eu não tenho eles como a minha turma por que eu não me identifico com eles...apesar de que eu convivo com eles e eles fazem parte do mesmo movimento com que eu faço, entendeu (jovem de movimento estudantil).

... a gente tem muitas turmas pra falar a verdade, mas a turma mais constante é a nossa, a gente. Mas de vez em quando sai com o pessoal do curso de inglês, sai com o pessoal do colégio também... (jovem de escola privada).

Junto às relações de amizade, colocamos em evidência as relações amorosas em seu modo de constituírem-se como um valor para o jovem contemporâneo.

As relações amorosas para os jovens se traduzem em “ficar” e “namorar”.
FICAR – o que significa ficar?

...ficar é namorar com ela só um dia só passa uma noite se beijando, conversando (jovem de galera).

Ficar é uma coisa de momento/... você sai, conhece alguém e fica com essa pessoa e... E nunca mais (jovem de escola privada).

...ficar, eu fico com uma pessoa aqui, amanhã eu nem te conheço. Os jovens de hoje faz isso, não quer nada sério/ tem gente que fica com uma pessoa e nem sabe o nome (Jovem de escola privada).

...ficar é só aquela coisa mais preocupada apenas pra ter aquele prazer de ter ficado com aquela pessoa... (jovem cadete da polícia militar).

Definida pelos próprios jovens, “ficar” é uma relação de corpos, sem o intermédio do ato sexual que tem curto período de duração. Ficar é o trunfo dos jovens na conquista de uma pessoa. Quem consegue ou conseguiu ficar com alguém que já tenha despertado um sentimento (atração, desejo, ou mesmo um olhar mais picante) pode estar caminhando para o início de uma relação mais duradoura, o namoro. Mas, o contrário também pode acontecer, como dito pelos jovens, pois muitas vezes as pessoas mantêm o contato corporal e sequer ficam sabendo uma do nome da outra. Neste tipo de relação, pode-se dizer que houve um certo frisson, mas não “rolou sentimento”, ou seja, houve atração sexual que logo diminuiu, aparecendo o desinteresse.

O NAMORO: o que é o namoro?

O namoro é com uma pessoa que tem maior afinidade, é uma coisa mais séria / namoro é saber conviver mais tempo com uma pessoa, não pensando só o lado sexual, pensando só em estar do lado dela (jovem cadete da PM).

...o namoro é a evolução do ficar...primeiro fica com a pessoa e depois namora (jovem de escola privada).

O namoro já toma um sentido mais ligado à seriedade, um envolvimento construído, uma relação de conhecimento dos envolvidos, muitas vezes nascido do FICAR, como é o caso de um casal do Movimento *Hip Hop*. Eis a fala do rapaz:

eu acho que ficar, ela já falou bem dizer tudo, por que ficar para mim é isso, é momento, minutos de amor e não meses e dias...o namoro vem a partir do momento que a pessoa vai convivendo com a pessoa e começa a gostar, se acostumar... o ficar pode transmitir um

relacionamento mais profundo...com o tempo começa a gostar nem que a pessoa more lá no inferno da pedra...o ficar, como dizer, é as portas pro namoro.

A juventude tem um espaço bem demarcado na sociedade. Seus hábitos e visões de mundo ilustram isto de forma concreta. O saber jovem e o ser jovem transpõem as mais variadas formas de interpretação de mundo. Dentro dessas formas, temos um ponto de fundamental importância para os jovens: a sexualidade.

A sexualidade humana é uma verdadeira teia de vivências pela busca do prazer. Ela pode ser vivida de várias formas, pelo corpo, pela mente. As dimensões do prazer sexual transcendem as fronteiras do mundo moral, e isso acarreta um conflito entre padrões morais de aceitação, de valores e ânsia de vida num mundo mítico.

Como a juventude é um veículo de novos valores, a sexualidade passa a ser outra forma de confronto com os padrões sociais gerais. Podemos verificar isto a partir das manifestações sexuais dos jovens, da curiosidade em relação aos problemas sexuais, dos cuidados e métodos de prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis e gravidez, enfim uma série de assuntos que há algum tempo se revestia de tabus. Isto ocorria muito por conta de uma falta de liberdade de expressão, que começava no espaço interno da casa e tampouco poderia se estender à rua com naturalidade, como hoje vivenciamos.

Dado esta mudança, a pesquisa tentou abordar a sexualidade juvenil, não como uma forma de saber as preferências sexuais dos jovens, mas como uma tentativa de captar a liberação sexual através da pertença ou não, ao mundo dos sexualmente ativos. De acordo com a pesquisa quantitativa, o percentual de jovens que mantêm relações sexuais é significativo. Vejamos:

QUADRO 63

Sexo		Masculino		Feminino	Total
Experiência Sexual	Sim	Nº %	284 63,8%	132 29,3%	416 46,5%
	Não	Nº %	161 36,2%	318 70,7%	479 53,5%
Total		Nº %	445 100%	450 100%	895 100%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Percebemos que 46,5% responderam que já tiveram relações sexuais, sendo 63,8% do sexo masculino e 29,3% do sexo feminino. Dessa forma, são

as mulheres que mais optaram pelo item “não” - 70,7%.

Nos grupos focais, o número de homens que já tiveram relações sexuais é também superior ao de mulheres, embora muitas vezes as mulheres se sentissem mais soltas para falar sobre sexo.

Podemos, ainda, de acordo com esses dados, verificar no quadro seguinte, com que idade os jovens mantiveram as primeiras relações sexuais:

QUADRO 64

Idade da primeira relação sexual, segundo a classe social							
		Até 12 anos	13 a 15 anos	16 a 18 anos	19 a 20 anos	Total	
Classe A	Nº %	3 8,6%	20 57,1%	11 31,4%	1 2,9%	35 100,0%	
Classe B	Nº %	4 4,3%	57 62,0%	31 33,7%	-	92 100,0%	
Classe C	Nº %	3 4,0%	45 60,0%	26 34,7%	1 1,3%	75 100,0%	
Classe D	Nº %	15 14,6%	58 56,3%	28 27,2%	2 1,9%	103 100,0%	
Classe E	Nº %	11 13,9%	41 51,9%	26 32,9%	1 1,3%	79 100,0%	
Total	Nº %	36 9,4%	221 57,6%	122 31,7%	5 1,3%	384 100,0%	

Fonte: pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Muitos jovens tiveram a sua primeira relação sexual bem cedo, ainda na adolescência, pois, como vimos, em todas as classes, na faixa compreendida entre 13 e 18 anos é onde houve mais respostas sobre as primeiras experiências sexuais. Este é o período das descobertas, da mudança física tanto no homem quanto na mulher. Os garotos se preparam para se tornar “homens” e as meninas para se tornar “moças”⁵¹. Estas já começam a sua idade de fertilização, o corpo passa a ser mais vigiado, passando a ser mais regradas pela família e mais perseguidas pelos rapazes.

Essa iniciação na vida sexual mais cedo nos leva a perceber uma mudança significativa no setor moral, o qual sempre se empenhou na lógica da repressão que ainda se reproduz socialmente, mas que, já há algum tempo, vem sofrendo alguns rebates. Apesar das mudanças, ainda um percentual

⁵¹ Moça, principalmente no Nordeste, pode ter dois sentidos: tanto pode se referir à idade, como sendo uma pessoa jovem; como pode significar que uma mulher ainda é virgem.

significativo de jovens escolheu responder não ter tido relação sexual ainda.

Além dessa reflexão sobre a iniciação sexual conduzida pelos dados quantitativos, outras questões sobre sexualidade envolveram uma preocupação relativa aos métodos contraceptivos e atitudes face à AIDS. Nos grupos focais, tentamos algumas vezes questionar sobre os parceiros sexuais, homossexualidade e virgindade.

Tornou-se comum a preocupação com o que a mídia denominou de “sexo seguro”. A denominação sexo seguro aparece como forma de campanha de prevenção à AIDS, mas passou a ser uma designação a todas as formas de prevenção a doenças e também à gravidez, especialmente na adolescência. Em relação a isto, os jovens foram questionados sobre que preocupações eles tinham ao manter relações sexuais.

QUADRO 65

SOBRE O QUE MAIS PREOCUPA OS JOVENS NAS RELAÇÕES SEXUAIS

		Masculino	Feminino	Total
Aids	Nº	221	86	307
	%	78,6%	62,8%	73,4%
Gravidez	Nº	44	48	92
	%	15,7%	35,0%	22,0%
Nenhuma	Nº	16	3	19
	%	5,7%	2,2%	4,5%
Total	N	281	137	418
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Ambos os sexos se preocupam mais com AIDS, com 73,4%. Com gravidez, apenas 22,0%. Mas, são os homens os que mais demonstraram preocupação com AIDS. As mulheres se preocupam mais com gravidez do que os homens.

Nos grupos focais, a comprovação foi a mesma dos questionários: a preocupação com AIDS vem em primeiro lugar, a gravidez em segundo e muitas vezes foram citadas outras doenças sexualmente transmissíveis – DST’s, que são as populares gonorréia, sífilis e condiloma venéreo (crista de galo).

Quanto aos métodos preventivos e contraceptivos, selecionamos também dois blocos: um em relação à gravidez e outro em relação à AIDS. Perguntamos sobre o uso da camisinha, de pílulas anticoncepcionais, da tabelinha e do ato sexual (coito) interrompido. Vejamos o resultado:

QUADRO 66

Cuidados preventivos com a gravidez				
		Masculino	Feminino	Total
Usa camisinha	Nº %	241 54,4%	63 14,0%	304 34,0%
Toma ou sua parceira usa comprimido anticoncepcional	Nº %	25 5,6%	60 13,3%	85 9,5
Usa tabelinha	Nº %	1 ,2%	3 ,7%	4 ,4%
Interrompe o ato sexual	Nº %	4 ,9%	1 ,2%	1 ,7%
Não pratico ato sexual	Nº %	3 ,7%	5 1,1%	8 ,9%
Nenhum	Nº %	14 3,2%	13 2,9%	27 3,0%
Não se aplica	Nº %	155 35,0%	305 67,8%	460 51,5%
Total	Nº %	443 100,0%	450 100,0%	893 100,0%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Em relação à gravidez, os rapazes parecem confiar mais na camisinha como forma de contracepção (54,4%), contra apenas 14,0% das entrevistadas. Uma parcela de mulheres optou pelo item sobre pílulas anticoncepcionais (13,3%), contra 5,6% dos rapazes. Os dados em relação ao uso de tabelinha e coito interrompido tornam-se ínfimos, demonstrando que os jovens procuram sentir-se mais seguros nas relações sexuais, através de métodos mais bem comprovados cientificamente. O percentual elevado de “não se aplica” deve-se ao grande número de jovens que respondeu não ter tido relações sexuais ainda.

Por classe social, temos a seguinte configuração:

QUADRO 67

Cuidados preventivos com a gravidez segundo as classes							
Classe social		Classe A	Classe B	Classe C	Classe D	Classe E	Total
Usa camisinha	Nº	30	72	49	77	53	281
	%	44,8%	34,6%	25,5%	39,3%	29,9%	33,7%
Toma ou sua parceira usa comprimido anticoncepcional	Nº	3	13	25	19	18	78
	%	4,5%	6,3%	12,5%	9,7%	10,2%	9,4%
Usa tabelinha	Nº		1		1	2	4
	%		,5%		,5%	1,1%	,5%
Interrompe o ato sexual	Nº		3			2	5
	%		1,4%			1,1%	,6%
Não pratico ato sexual	Nº			2	2	4	7
	%			1,0%	1,0%	2,3%	,8%
Nenhum	Nº	1	4	8	8	6	23
	%	1,5%	1,9%	4,0%	4,1%	3,4%	2,8%
Não se aplica	Nº	33	115	106	89	92	435
	%	49,2%	55,3%	57,0%	45,4%	52,0%	52,2%
Total	Nº	67	208	185	196	177	833
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Os jovens da classe A (44,8%) usam camisinha, e 4,5% tomam pílula anticoncepcional, revelando o alto grau de interesse pela camisinha. Nesta classe, não apareceu ninguém usando a tabelinha ou interrompendo o ato sexual, que são os métodos mais inseguros no tocante à prevenção contra a gravidez. Na classe B, 34,6% usam camisinha; 6,3% tomam pílulas, ainda aparecendo uma parcela de 0,5% que prefere a tabelinha e 1,4% que interrompe o ato sexual, também revelando muito mais interesse pela camisinha. Na classe C (25,5%) optaram pela camisinha e (12,5%) pelo uso de pílulas. Na classe D, 39,3% dos jovens usam camisinha, 9,7% preferem o uso de pílulas e 0,5% faz a tabelinha. Os jovens da classe média baixa demonstraram ter clareza da importância e necessidade do uso da camisinha. Na classe E, 29,9% dos jovens dizem fazer uso da camisinha, enquanto 10,2% responderam tomar pílulas anticoncepcionais; 1,1% usam a tabelinha e 1,1% interrompem o ato sexual.

Os jovens de ambos os sexos e classes sociais estão, senão se prevenindo, ao menos sabendo dos riscos que oferecem as irresponsabilidades nas relações sexuais, tanto no tocante à gravidez, quanto às doenças que podem levar à

morte precoce. E, como a AIDS aparece em primeiro lugar na lista de preocupações, procuramos saber até que ponto essa preocupação ocupa a consciência jovem, quais os critérios usados para a prevenção, o que eles pensam. Vejamos os resultados nos quadros a seguir, cujo enunciado é: “com relação à Aids, qual a sua opinião sobre as afirmações que vou ler?” Para essa questão, selecionamos três opções para análise.

1) Você concorda com a seguinte afirmação?

QUADRO 68

Não me preocupo, pois só tenho/terei relações com pessoas conhecidas				
		Concordo	Discordo	Total
Masculino	Nº	108	334	442
	%	24,4%	75,6%	100,0%
Feminino	Nº	84	364	448
	%	18,8%	81,2%	100,0%
Total	Nº	192	698	890
	%	21,6%	78,4%	100,0%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Neste item, a conscientização prevaleceu, pois o número de discordâncias relativo a essa proposição considerada ingênua, em se tratando de AIDS, foi bem maior, mostrando também uma diferença relativamente pequena por sexo. Das entrevistadas, 81,2% discordam da proposição; enquanto isso, 75,6% dos homens também discordam. Isso se confirma nos grupos focais quando ouvimos alguns jovens fazerem afirmações do tipo:

De vez em quando é que eu me previno, né, pra num... mas só as pessoas que ninguém pode se confiar, né? Essas pessoas fácil demais. Tem pessoas que é fácil, né? Essas pessoas que é fácil, né? Essas pessoas que é fácil é que tem doença, aí tem que se prevenir. Só isso mesmo (jovem de galera).

O que dizer sobre as pessoas fáceis? Quem são elas? Na representação desse rapaz são as que fazem parte dos grupos de risco.

2) Você concorda com a seguinte afirmação?

QUADRO 69

Transo/transarei usando ou se o parceiro usar camisinha				
		Concordo	Discordo	Total
Masculino	Nº	408	34	442
	%	92,3%	7,7%	100,0%
Feminino	Nº	409	38	447
	%	91,5%	8,5%	100,0%
Total	Nº	817	72	889
	%	91,9%	8,1%	100,0%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza,1999

Neste quadro, o número de concordância quanto ao uso constante de camisinha com qualquer pessoa confirma o resultado do quadro anterior. 91,9% dos jovens concordam em transar, e até mesmo os que ainda não transaram, somente com o uso da camisinha. A opinião de homens e mulheres é praticamente a mesma. E somente 8,1% discordam do uso do preservativo nas relações sexuais. O depoimento a seguir reforça um pouco mais esse resultado.

Tem meninas que tão lá implorando: umbora, umbora! Aí o cara tá dizendo: 'não eu tô sem camisinha!...por que ela não tá querendo camisinha? Os outros aperreiam e ela tá aperreando pra não usar?. Aí o cara deve pensar: Então não foi só comigo! Eu acho que não vai ser só comigo não...Ela deve já ter feito com outro. Ela pode ter feito com outro sem camisinha.. Ter recebido ou então contaminado o parceiro com algum vírus... (jovem do Movimento Hip Hop).

O próximo quadro diz respeito à auto-confiança, ou seja, da possibilidade da certeza de ser ou não capaz de afirmar a autoconfiança a partir da pertença ou não aos grupos de risco.

3) Você concorda com a seguinte afirmação?

QUADRO 70

Não me preocupo, pois não estou nos grupos de risco				
		Concordo	Discordo	Total
Masculino	Nº	99	341	440
	%	22,5%	77,5%	100,0%
Feminino	Nº	91	357	448
	%	20,3%	79,7%	100,0%
Total	Nº	190	698	888
	%	21,4%	78,6%	100,0%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza,1999

O quadro nos mostra que a autoconfiança não é tudo. Existe mesmo uma série de dúvidas em relação ao outro. E isso é muito positivo na medida em que a relação sexo-AIDS não é uma questão unilateral. Pelo contrário, envolve indivíduos capazes de inúmeros atos e aptos a reconhecer suas capacidades. Além disso, essa autoconfiança pode soar como preconceituosa. O velho ditado “nunca vai acontecer comigo, por que eu sou sadio, e não ando me misturando”, ou mesmo : “AIDS é coisa de homossexual e de prostituta”, não estão mais na ordem do dia. Os jovens em questão estão demonstrando isto, quando 78,6% discordam de não se preocuparem por não estarem nos grupos de risco. E a preocupação fica bem distribuída entre ambos os sexos, no item “discordo”, com uma pequena diferença, aparecendo as mulheres (79,7%) um pouco mais preocupadas que os homens (77,5%). A idéia de que qualquer um pode ser vítima e transmissor, de que não existe cor nem opção sexual, já é uma prevenção, o que pode ser mais seguro.

A pesquisa não procurou trabalhar mais detalhadamente a sexualidade, no entanto, fizemos grupos focais com grupos homossexuais, por serem vítimas de uma violência simbólica, que é o preconceito por conta da sexualidade.

Mesmo assim, não podemos deixar de enfatizar que a sexualidade vem sendo vivida de uma forma mais infrene, pois os papéis vêm sendo assumidos com afinco ainda mais cedo. O sexo sai dos livros e da televisão e passa a ser vivido realisticamente nos corpos. Mesmo com repressão, atualmente se pode dizer que o sexo não é mais para ser descoberto depois do casamento, assegurado pelas leis civis e religiosas. E que, além disso, pode-se notar um senso de responsabilidade.

Enfim, alguns valores juvenis foram aqui descritos para uma tentativa de identificar os impulsos de singularidade do mundo jovem, não somente como um agente atraído para o eixo da “anormalidade”, mas como um agente que cria e recria modos de vida, buscando muitas vezes até uma afirmação de capacidades, de poder na sociedade. É o jovem como detentor do poder renovador, o jovem como cavador de novidades, de contestações, de reversão do coletivamente imposto e interessado em fazer a diferença e ser reconhecido por esta diferença.

CAPÍTULO VI

O ESTILO JOVEM FAZENDO A DIFERENÇA: CIDADANIA E EXPECTATIVAS

Sabe-se que na sociedade brasileira a cidadania não se realizou como valor central, não traçou “mecanismos democráticos” que possibilitassem a participação sociopolítica e interação das pessoas num espaço público de entendimento, nem os direitos mínimos do cidadão garantidos em qualquer regime que se pretende democrático (Velho, 1996).

Entretanto, o que se faz necessário é chamar a atenção para a relação entre a cultura autoritária e a cultura juvenil que, se por um lado, apresenta seus valores descolados e criativos, por outro lado, está integrada aos “valores” dominantes de individualismo e autoritarismo da sociedade brasileira que, por sua vez, não fez valer a cidadania e a justiça (ALMEIDA, 1995).

Dessa forma, a análise da cidadania, a partir da representação dos jovens, está relacionada aos valores sociais instituídos pela sociedade e aos valores criados e recriados pelos diferentes grupos juvenis, numa relação de integração/desintegração da instituição social.

Como definir cidadania? Poderia relacioná-la a direitos civis e políticos dos cidadãos? Serviços do Estado como educação, saúde, habitação? O que pensam os jovens nos seus diferentes estratos e espaços?

A primeira idéia que antecede a noção de direitos e deveres, refere-se ao “respeito”, resumido na expressão “respeitar a si, respeitar o outro e ser respeitado”.

De acordo com as entrevistas dos grupos focais, essa frase é quase uma “lei” estabelecida no discurso dos jovens, com especificidades em torno das diferenças de classe e das diversidades dos grupos de jovens pesquisados.

Eu acho que é o lema: respeitar para ser respeitado (...) Eu acho que a pessoa tem seu espaço né, a pessoa respeita sua opinião, seu espaço, acho que isso é um tipo de respeito (Jovem de escola pública).

Respeitar também. Tem que respeitar, primeiramente. Você tem que respeitar...

Às vezes eu digo, a gente mesmo. Se a gente não se respeitar, quem é que vai respeitar a gente? Primeiro a gente tem que respeitar a gente mesmo (jovem de escola pública).

A mesma idéia perpassa o grupo dos skatistas, acrescentando o respeito ao espaço de moradia de si e do outro, espaço cuja relação é de amor, de alegria, haja vista ser um espaço de lazer, de prática do seu esporte, o skate, e de laços de amizade, embora muitas vezes transfigurados pelo desrespeito de outras turmas. O importante é respeitar todos os espaços para que o outro não venha mexer consigo.

Ele precisa se respeitar, respeitar sua quebra⁵² e a quebra dos outros caras. Tipo assim (...) eu moro num bairro, aí meu bairro já é uma quebra pra mim. Se eu sair pra cá... eu moro na Granja, se eu saio pra cá pro Conjunto, eu tenho que respeitar o Conjunto porque já é outra quebra. Assim, eu crio respeito de mim e respeito dos outros. Ninguém vai mexer comigo (jovem skatista).

Nessa mesma linha aparece o Hip Hop:

Primeiro lugar, eu acho que pro jovem ser respeitado, é preciso ele dar respeito, certo? Se ele quer respeito, certo? Ele tem que dar respeito. Pra um jovem ser respeitado ele tem primeiro que saber respeitar. Se ele respeita uma pessoa, ele é respeitado. Mas sempre tem esse caso do pobre, o pobre por educado que seja, se chegar num bairro de classe média... na vista deles ali... aquele, não tá vestido bem, aquele ali não tem educação, aquele ali, não é instruído a entrar em local que tenha muito movimento, não é respeitado, porque isso aí também, se... o rico chega num canto, é bem respeitado, é bem recebido. O pobre não, é menos respeitado.

Grupos ligados ao movimento estudantil também expressaram seus valores de cidadãos, a partir da idéia do caráter e da honestidade, como o lugar do respeito.

Eu acho que uma coisa, pra ser respeitada, eu acho que ela precisa ser uma pessoa humana, uma pessoa honesta... principalmente em questão de caráter, da honestidade e alguns quesitos mais né, gostar de... agora, na sociedade tem que ter dinheiro, tem que ter status, tem que ter poder, tem que ter carro, tem que ter o diploma de alguma coisa (jovem do movimento estudantil).

O lema do respeito vai se aprimorando em cada discurso com mudanças de classe, de inserção em grupos e espaços sociais distintos. A mesma noção

⁵² Quebra é a denominação do espaço das tribos, que se refere tanto ao bairro, local de moradia, como ao espaço da praça, lugar do lazer e da prática do esporte. Na citação, o jovem cita dois bairros de Fortaleza, Granja Portugal e Conjunto Ceará, que são vizinhos geograficamente e próximos em laços e desenlaces entre as tribos. É uma derivação também do popular “quebradas”, ao referir-se a espaços longínquos e irregulares.

do respeito é trabalhada por segmentos de jovens de poder aquisitivo mais elevado. Respeitar e ser respeitado é o ideal, mas, para conseguir algo na vida, é necessário se impor e ter dinheiro. Quando se perguntava “o que é necessário para o jovem ser respeitado”, a idéia do respeito como ideal continuava, mas em primeiro lugar deve vir o indivíduo:

...ele mesmo se respeitar, né, pra depois respeitar os outros. Mas acima de tudo é ele mesmo se respeitar.”(Jovem de escola particular)

“Eu acho assim, a gente tenta construir nosso espaço, a gente tenta ganhar e alguma coisa assim, mas o que é fundamental, uma coisa mais importante é você respeitar, se você quer respeito você tem que se dar respeito, porque se você já foi na avacalhão, ninguém vai te respeitar, porque já vão chegar em ti em ar de badalação (jovem de escola particular).

A questão do ter através do dinheiro e da boa aparência também persiste. Os jovens aparecem como revoltados diante de um país sem expectativas do ter para a maioria da população ou como perfeitamente integrados no cinismo da sociedade do ter, do consumo desenfreado. A resposta surgia de imediato: **Dinheiro!**

A essa resposta imediata, há a ressalva da revolta, da angústia e da incerteza do não ter, que se traduzia pelos cochichos, comentários e gestos que demonstravam, nas entrevistas, a ambigüidade do pensamento: respeito é o ideal, mas para ser mesmo respeitado é preciso o dinheiro.

A pessoa tem que ser duas coisas, tem que ter duas aparências, precisa se adaptar ao ambiente que ela se encontra, se está num forró, tem que ser forrozeiro, se estiver na praia tem que ser surfistão. Se a gente tiver uma aparência boa já é meio caminho. O dinheiro é o principal, porque com o dinheiro você compra uma roupa bonita, corta o cabelo (jovem de escola particular).

Já quando se trabalha com jovens infratores, inseridos em gangues, a idéia do respeito, apesar de continuar no binômio respeitar e ser respeitado, acresce-se do uso da força e da conseqüente autoridade para impor respeito, o que é mais real para eles:

Por exemplo, pra ele saber, pra mim respeitar ele, ele tem que me respeitar também, mas isso não existe não, nós jovens, vamos dizer assim, tem que ser autoritário, o jovem tem que ser valente e tem que mostrar que é homem porque se não os outros nem... como eu disse, ninguém tira brincadeira comigo não, quando ele chega pra mim, brinca dum jeito assim, pronto, quando falta respeito a mim, pronto, a minha força é maior do que a dele, aí eu vou e tome! Dou uma porrada nele. Eu digo, me respeite que eu respeito você também, aí se num respeitar,

nós vamos se embolar (jovem de gangue).

No geral, concluímos que a juventude se baseia em duas espécies de respeito: o ser e o ter. O ser traduz-se na idéia do respeito a si, algo extremamente positivo, do ponto de vista psicológico e social, onde se busca a auto-estima e o valor de si mesmos, tão importante para si como para a vida do indivíduo em sociedade. Além disso, o ser aparece como o ideal do respeito ao outro antecedendo até o respeito individual, pois só se é respeitado quando antes se respeita o outro. A esse ideário surge também do consumo, do dinheiro, com nuances de classe, mas a idéia do caráter também ressurgia nas falas. Respeitar-se no sentido de ser alguém na vida e de se impor como ser humano livre, com sua forma de pensar e viver no seu espaço, seja através do ter, seja através do ser, seja ainda através do ser violento para impor respeito, no caso excepcional dos jovens envolvidos em gangues e outros grupos violentos. Respeitar o outro para ser respeitado parece ser a fórmula ideal para conseguir relacionar o ter e o ser. Tem que ter dinheiro, mas também tem que ter caráter. Embora pareça ser ideal, nota-se que, na perspectiva da maioria dos jovens, essa é uma busca real.

Os profissionais demonstraram uma certa desconfiança dos jovens quando estes especulam sobre a capacidade de serem respeitado, visto que consideram que existem uma baixa auto-estima entre os jovens.

Você tem que ter auto – estima. Se você dizer: “Ah! Eu sou burra mesmo. Ah! O meu apelido...” Como tem um na minha sala, o apelido dele é “chibata”. E ele acha isso legal. É legal agora, mas quando ele sair daqui, ele estiver no centro, aí um grita: “Oi, chibata!”. Ele não vai gostar, tá entendendo? Eu sempre falo isso pro: “se respeite! Você gosta desse apelido?” Ele diz: “Não professora”. Eu digo: “Então, não deixe”, diga: “Olha cara, eu não gosto desse apelido, eu me sinto mal”. Se respeite pra aprender a respeitar, pra ser respeitado... (educador de escola pública).

Para tanto, os professores afirmam conversar com os alunos sobre a auto-estima, o respeito/desrespeito, com os quais é possível ter dignidade.

Já os educadores de rua afirmam que o que os jovens pensam em relação ao respeito vai de encontro à idéia de ter aparência como forma de serem respeitados. Por trabalharem, em sua maioria, com meninos infratores, dependentes de drogas, meninos que vivem na rua, eles percebem a necessidade dos jovens se impor pelo modo de se vestir, pela aparência física e pela força, como forma de se sentir mais forte, de garantir autoridade, de se impor ao outro e, então, se sentirem respeitados.

...a visão deles vem a questão do que tem, como muitos colocam: “só vale aquilo que tem. Se eu tivesse muito dinheiro, eu garanto como eu seria respeitado (educadores de OG).

Em relação aos meninos, o respeito, o que a gente vê, de relação aos outros meninos, é isso mesmo, é a questão da aparência, a questão duma roupa, a questão dum calçado, é a questão de como ele se mostra pro outro, se ele faz mais coisa, É a questão até às vezes, do domínio que um tem sobre o outro, né, aí a questão do respeito vai surgindo. Da liderança que uns exercem sobre os outros, às vezes um porque é mais forte, é mais alto do que o outro. Então, eles dominam os outros e isso faz com que os outros menores respeitem eles (educador de OG).

Já os pais desenvolvem a idéia de respeito como um ato de imposição dos próprios jovens, de direito de ser respeitado para que ele também possa respeitar, mas também falam em responsabilidade, em tarefas como meio de aprendizagem mas também como um ato de amor, em relação ao respeito. Quando questionados sobre o que é preciso para um jovem ser respeitado....:

Ele se impor...

A gente respeitar as idéias deles. Você dá amor a ele, eu acho que ele... ter respeito à criança, ela vai aprender a respeitar também e ela vai ser respeitada... A criança sem amor, ele é o que? Ela não presta, ela é grosseria, ela é revoltada.

E outra coisa, você desenvolve na criança a responsabilidade, atribuindo a ele tarefas, sabe? Ou então deixando que ele resolva determinados problemas. Aí ele aprende a resolver, ele enraíza os próprios valores da gente, né, dos pais (pai de aluno).

A idéia do respeito pareceu ser muito significativa para os jovens, sendo uma das primeiras noções do que é cidadania. No discurso dos jovens, o significado do respeito em relação à cidadania vai se esclarecendo a partir do cruzamento com outros conceitos relacionados a essa temática, como o preconceito, a liberdade e não liberdade dos jovens, a idéia da perspectiva e do direito ao trabalho e ao lar, a noção de direitos e deveres, enfim, uma série de conceitos e expectativas da juventude no que se refere à cidadania.

O preconceito, a liberdade, as perspectivas de vida, os direitos e deveres dos jovens são conceitos que têm significados próprios e que são elaborados de variadas formas, a partir da sua visão de mundo e dependendo do contexto em que vivem. A citação seguinte torna-se um gancho para o entendimento da relação entre esses conceitos, especialmente em relação à noção de preconceito:

Eu acho que se acabasse mais com o preconceito, isso é respeito, se acabasse com o preconceito que nós temos. Nós temos preconceito sim, porque todos nós estamos falando aqui, mas se vocês verem um veado passando, ninguém vai ficar calado que eu conheço. Todo mundo começa a xingar. Eu acho que o racismo, o preconceito... temos que

ter respeito pelo próximo (jovem de escola pública).

O preconceito se cruza com o respeito, quando se questiona: como os jovens podem trabalhar a noção do respeito, se também demonstram preconceitos entre si e com os outros nas mais diversas formas? Ou melhor, como se fala em respeito ao outro e, ao mesmo tempo, se é preconceituoso em relação à sexualidade, à homossexualidade, à raça, à classe social etc?

Há várias concepções do que seja preconceito. Entretanto, a mais comum é em relação à homossexualidade, que fornece uma idéia geral do preconceito entre os jovens, especialmente contra homossexuais. A este seguem o preconceito de raça e de classe, o preconceito contra grupos de jovens infratores (meninos de rua, gangues etc) e o preconceito em relação ao modo de vestir da juventude.

Percebe-se que a juventude se posiciona frente ao preconceito de forma contraditória e até ambígua. Seu discurso e sua reação às perguntas sobre raça e sexualidade, classe social, entre outras, demonstram uma certa revolta contra os preconceitos, quando, em sua maioria, afirmam não ter preconceitos: *eu não tenho não, quem quer viver a vida dele siga como deus* (jovem de escola pública).

Essa forma solta e livre de pensar pesa sobre o outro. O preconceito geralmente pertence aos outros que os incentivam a ter preconceitos, especialmente em relação aos homossexuais:

Se eles tiver (referindo-se ao homossexual) na frente de uma ruma de motim (muita gente reunida), aí eles começam a mangar, pra que os outros fiquem rindo também (jovem de escola pública).

Entretanto, os valores humanos e a idéia de respeito ao outro, ao diferente, ressurgem nas falas dos jovens, numa demonstração real de não preconceito:

Eu não gosto não, quando eu vejo maltratando as pessoas, os homossexuais. Você tem que respeitar, né, eles também são humanos, eles têm seu trabalho, têm família, têm tudo e a família deles também amam muito eles (jovem de escola pública).

Ou na fala de um grupo de dependentes de drogas, que retoma a idéia do respeito como alvo do tratamento igualitário entre as pessoas:

Eu acho normal homossexual, não acho coisa de outro mundo não. Porque do jeito que a gente quer respeito, eles quer também. Do jeito que a gente quer carinho, eles também quer. Dum jeito e de outro a gente tem que... uma pessoa discrimina a gente, também não quer que discrimine ele. Também é gente normal, que nem a gente, ser humano de carne e osso, que nem a gente (jovem dependente de drogas).

E, ainda, no discurso de uma jovem homossexual, que sente o preconceito

de perto, mas reclama a falta de respeito a sua condição, afirmando que ninguém precisa ter medo que ela também vai saber respeitar quem não é homossexual:

Tem o homossexualismo, algumas pessoas têm preconceito né, como eu mesmo disse no início dessa pergunta, que tem amigos que descobre que a gente é homossexual e continuam sendo aquelas amigas, e outras se afastam, que pensam que você vai agarrar ela, que vai cantar ela, tem nada a ver, isso é questão de respeito, se você é minha amiga, sabe que eu sou homossexual, você não é pô! Eu vou lhe respeitar pra caramba! Não tenha a mínima dúvida disso (jovem homossexual).

Essas citações retratam um valor construído a partir da idéia de cidadania, embora, muitas vezes, de forma inconsciente. Essa idéia, além do respeito, ressuscita a noção de igualdade, quando se refere ao homossexual como uma pessoa comum, com seu trabalho, com sua família, convivendo numa relação de amor como deveria ser toda família. Vejamos como o quadro 71, de certa forma, responde a essa leitura, aprofundando-a. A pergunta era: “como você classificaria os seguintes fatos. Observemos apenas os casos válidos em cada item, primeiro em relação ao homossexualismo e depois em relação aos outros itens.

Quadro 71

Classificação de fatos de violência					
Fatos		Não grave	Grave	Muito grave	Total
Humilhar homossexuais	Nº	87	521	228	836
	%	10,4%	62,3%	27,3%	100,0%
Matar um homossexual	Nº	15	146	674	835
	%	1,8%	17,5%	80,7%	100,0%
Humilhar uma prostituta	Nº	69	557	209	835
	%	8,3%	66,7%	25,0%	100,0%
Matar uma prostituta	Nº	12	120	704	836
	%	1,4%	14,4%	84,2%	100,0%
Matar uma criança	Nº	3	54	779	836
	%	0,4%	6,5%	93,1%	100,0%
Matar um mendigo	Nº	3	71	762	836
	%	0,4%	8,5%	91,1%	100,0%
Matar um mirim	Nº	53	206	575	834
	%	6,4%	24,7%	68,9%	100,0%
Matar um bandido /marginal	Nº	173	259	402	834
	%	20,7%	31,1%	48,2%	100,0%

Fonte: pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Esse quadro mostra que 89,6% , somando os casos grave (62,3%) e muito grave (27,3%), consideram que a afirmação “humilhar homossexuais” é um fato de gravidade, sendo, portanto, preconceituoso, mas ainda 10,4% classificam como não grave, o que significa uma parcela pequena em termos de preconceito, porém ainda persistente. Quando se leva o preconceito ao máximo que é matar a vítima do preconceito, cresce o número dos que não concordam com a afirmação: somando os casos grave (17,5%) e muito grave (80,7%), resulta que 98,2% da população entrevistada não se associa à idéia de matar o homossexual. A idéia da morte como pena ainda é considerada grave no campo da moral e do preconceito.

Os Grupos Focais atribuem o preconceito geralmente ao outro e poucos assumem que os têm, enquanto os números revelam que a grande maioria não tem preconceito com homossexuais, apesar de uma parcela revelar que tem preconceito.

Muitos dizem que não têm preconceito, desde que o homossexual “permaneça longe”. Se “chegar perto”, aí sim, não só o preconceito existe como também vem acompanhado da discriminação violenta. Neste sentido, a sexualidade está dada, se homens e mulheres não se comportarem como tal, é porque eles são doentes. As seguintes falas retratam bem o preconceito de alguns:

Eu tenho preconceito contra sapatão, veado, eu tenho preconceito. Se o cara nasce homem, ele vai querer ser mulher! Eu acho muito errado! Também a mulher querer ser homem, eu sou contra isso. Eu não quero nem perto de mim não (jovem de grupo religioso).

Tem aqueles veados que ficam na dele, eu nem acho nada não, tenho nada contra não... Mas têm aqueles veado que fica se enxerindo, aí eu não agüento não (jovem de torcida organizada).

O quadro 71 é interessante para fazer a leitura de outros preconceitos, como “humilhar prostitutas”/ “matar uma prostituta”; “matar um mendigo”; “matar um mirim”; “matar um bandido/marginal”. No mesmo raciocínio de somar os casos grave e muito grave, observamos que 91,7% dos jovens responderam que é grave e muito grave humilhar uma prostituta e 98,6% responderam que é grave e muito grave matar uma prostituta.

Neste caso, tanto os Grupos Focais como os quadros fazem uma leitura parecida. Enquanto uma parcela pequena não aceita a prostituição, ressaltando grupos religiosos carismáticos, a maioria acredita ser consequência das desigualdades sociais que envolvem as mulheres.

A partir de um ponto de vista menos comum, alguns jovens sugeriram a prostituição como um trabalho qualquer, independente da necessidade, o ser humano é livre para escolher a sua profissão, o seu modo de viver...

Eu vejo dessa forma, assim... cada pessoa tem um... um dia desses passou num programa, uma mulher que transava com 100 homens numa noite (risos) Mas ela disse que gostava daquilo, ela disse que gostava, entendeu? É muito homem! Mas ela disse que achava gostoso. Ela disse que fazia isso não que ela tivesse precisão, mas sim porque ela gostava. E outros, inclusive, que já se prostituíam por precisão, não que elas quisessem, certo? Aí, a mulher pegou e perguntou assim: “Quer dizer que trabalho honesto não tem, né? Aí ela pegou e disse assim: “Olha, isso aí é trabalho honesto sim, se prostituir é uma maneira de se viver.” É uma maneira que cada pessoa escolhe, eu acho que cada pessoa escolhe seu modo de viver do jeito que gosta, que se sente bem... (jovem de escola pública).

A essa interpretação, foi interessante indagar se os rapazes concordavam com isso, ao que um aluno respondeu:

A respeito da prostituição, eu acho que isso cabe a cada um resolver se vai se prostituir ou não, isso fica a mercê da pessoa... (jovem de escola pública).

Essas últimas citações são menos comuns. Entretanto, os jovens apresentam uma forte tendência à liberdade, à busca de viver conforme seus desejos e visão de mundo, como único caminho para a cidadania.⁵³

Os grupos trabalharam mais a falta de oportunidades de emprego, falta de apoio da família, necessidade, o fato de já ter uma criança e precisar sustentá-la. Quando alguém respondeu que a prostituição é uma falta de vergonha, muitos criticaram e logo responderam:

Falta de vergonha não, depende da ocasião de cada pessoa. É precisão às vezes, até.(...) A família não apóia (referindo-se a ficar grávida solteira), aí elas não conseguem outro trabalho melhor, aí pronto, é o jeito se prostituir. (jovem de escola pública)

Eu acho que depende da necessidade de cada um, né. Porque tem mulheres que engravidam e não tem como sustentar o filho, aí o único jeito é se prostituir. Eu acho que a ocasião faz o ladrão, né? (jovem de escola pública).

Esse ditado popular é imediatamente refutado por alguns grupos religiosos que têm a ressalva do corpo como “templo de Deus” que não pode ser profanado e, portanto, a questão da pobreza não pode ser usada como desculpa:

⁵³ Essa questão da liberdade e da busca de viver conforme os anseios dos jovens será trabalhada a seguir, quando das definições propriamente de cidadania feitas pelos jovens.

Eu acho que teria uma maneira da pessoa sobreviver sem a prostituição. Não é uma coisa assim, necessária pra sobreviver... Vão vender bombom na rua, faxina existe pra quê? Pra você trabalhar. Se você: “Ah! Mas se eu não tiver estudo, eu não consigo arranjar emprego numa fábrica.” Vai trabalhar numa casa de família. Mas você destruir o seu templo, destruir o seu corpo, se vender por dinheiro! Porque a sua vida, o seu corpo, você não cobra, não há dinheiro que compre você (jovem de grupo religioso).

Nota-se que, além da crença religiosa, essa fala é entremeada por um discurso que aposta na moral do trabalho, na representação de que existe oportunidade de trabalho para todos, só que alguns não procuram essas oportunidades. Quando se diz “faxina existe para quê?”, percebe-se uma forte conotação de classe, sendo a faxina um trabalho para pessoas necessitadas, pobres. Essa entrevista foi realizada com jovens pertencentes às classes alta e média alta.

Apesar dessa conotação encontrada nesse grupo, segmentos de classe alta e média também concordam que a necessidade é o grande fator que leva à prostituição. Entretanto, sua ressalva tem relação com os problemas financeiros, ponto culminante em várias falas desses grupos. Além da necessidade, representam a prostituição como um campo lucrativo para as mulheres, o acesso mais fácil a uma renda melhor do que o próprio trabalho:

É porque ela precisa. Ela trabalha como recepcionista, certo? Aí ela ganha, vamos dizer que ela ganha 220 reais, ela faz tipo... Não, é que elas procuram a prostituição, porque elas sabem que vão ganhar mais dinheiro de que como recepcionista, uma coisa assim, né (jovem de escola particular).

Não, tem essa questão da necessidade, mas também tem, a sociedade valoriza o que você tem, né, o que você mostra que é. A sua roupa, o lugar que você frequenta, pra tudo você precisa de dinheiro. Elas se prostituem por causa disso (jovem de escola particular).

Os dados dos questionários e dos Grupos Focais revelam que o preconceito com homossexuais e prostitutas ainda é trabalhado no campo da moral, mas um outro tipo de preconceito é crescente na sociedade, o preconceito violento com os chamados “agentes da violência”, o “mirim” e o “bandido/marginal”, é trabalhado no campo da violência propriamente dita.

Ainda, em uma leitura do quadro 71, privilegiando a classificação “não grave” para comparar os casos em que se envolve a moral e os casos em que se envolve a violência, podemos constatar: na linha que consta “matar um mendigo”, 0,4% responderam “não grave”. Entretanto, quando se lê “matar

um mirim”, 6,4% classificam como não grave. Um número preocupante, se levarmos em conta a relação “mirim” e criança. Se prestarmos bem atenção ao quadro da classificação não grave em relação a matar, verificaremos a postura preconceituosa e violenta em relação ao mirim que, mesmo sendo uma criança, não é tratada como tal, pois em “matar uma criança”, apenas 0,4% respondeu que não é grave. Verificaremos também que essa resposta em relação ao mirim só perde para “matar um bandido/marginal”, resposta também extremamente reveladora de preconceito violento, pois representa 20,7% dos entrevistados.

Esses dados em relação ao “mirim” e ao “marginal” revelam que a sociedade tem um forte apelo para a punição física das pessoas consideradas como agentes do “mal”. Independentemente de serem crianças ou adultos, se eles são os responsáveis pelo mal, pela violência, devem pagar com a punição e até com a morte.

Podemos concluir também que o homossexual e a prostituta não são diretamente agentes da violência, pois afetam apenas a moral, enquanto os “mirins” e os “bandidos”, além da moral são os agentes diretamente responsáveis pela violência e, portanto, alvos do preconceito levado ao extremo pelo desejo de punição de morte.

A estes acrescenta-se também o racismo, como um preconceito menor entre a juventude. Começamos até pela citação de um jovem: *Eu acho que racial tá diminuindo... e de uma jovem: Eu acho que tão começando a aceitar também* (jovem de escola particular).

...pelo que eu conheço aqui meus amigos não tem não. É todo mundo na paz (jovem de escola pública).

Embora os jovens continuem afirmando que existe esse tipo de preconceito, geralmente ele é associado a um preconceito bem mais discutido entre os jovens, aquele que associa a raça negra à pobreza e à discriminação social, chegando ao ápice da associação negro e violência:

Eu acho que existe preconceito entre os jovens porque a maioria é de racismo, entendeu? Que é as pessoas negras. Ficam dizendo: “Esse cara é um preto! Deve ser ladrão!” Tipo assim: se passar um preto perto de ti, uma pessoa, as senhoras já esconde a bolsa com medo. Eu acho que isso é uma palhaçada! Não tem nada a ver. Como se fosse acontecer com preto, podia ser um branco também, um amarelo (jovem do Movimento Hip Hop).

Veja-se que a maioria dos jovens ao ser indagada, sobre a condição inferior de vida dos negros em relação à população branca, responderam que a explicação disso relaciona-se com a discriminação e o preconceito com os negros. A questão é: “escolha uma opção que explique o porquê de os negros,

em geral, viverem em piores condições do que os brancos”. Vejamos essa questão por classe social:

QUADRO 72

		PRECONCEITO ÉTNICO SEGUNDO AS CLASSES				
Classe Social		O preconceito e a discriminação que exigem contra os negros	Os negros não aproveitam as oportunidades que tem para melhorar de vida	Ambas as opções	Nenhuma das opções	Total
Classe A	N %	52 77,5%	4 6,0%	6 9,0%	5 7,5%	67 100,0%
Classe B	N %	162 77,5%	2 1,0%	25 12,0%	20 9,5%	209 100,0%
Classe C	N %	127 68,6%	6 3,2%	26 14,1%	26 14,1%	185 100,0%
Classe D	N %	121 62,1%	15 7,7%	29 14,9%	30 15,3%	195 100,0%
Classe E	N %	98 56,3%	27 15,5%	23 13,3%	26 14,9%	174 100,0%
Total	N %	560 67,5%	54 6,5%	109 13,1%	107 12,9%	830 100,0%

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

A juventude diz não apresentar um grande preconceito contra os negros e tem uma explicação coerente para a diferença de tratamento entre negros e brancos.

Conforme os dados deste quadro, mais da metade da população entrevistada, 67,5% acredita que a explicação refere-se ao preconceito e discriminação que há contra os negros. Os dados não divergem muito entre as classes. Entretanto os estratos sociais mais elevados, classes A e B, ambas com 77,5%, são os que mais afirmaram esta explicação, seguidos da classe média, com 68,6% e das classes populares, D e E, com 62,1% e 56,3%, respectivamente.

No geral, 6,5% acreditam que “os negros não aproveitam as oportunidades que têm para melhorar de vida”. Isto revela que uma pequena parcela é preconceituosa em relação aos negros.

Entretanto, as duas opções seguintes também são reveladoras do posicionamento da juventude frente a questão dos negros. Ainda uma parcela de 13,1% optou por “ambas as alternativas” e 12,9% optou por nenhuma

alternativa. A primeira se posiciona dicotomicamente, pois, ao mesmo tempo que demonstra a consciência de que é a sociedade, com seu preconceito e discriminação, o motivo das condições piores de vida dos negros, tem também um apelo para a explicação mais fácil, do “tanto faz”, revelando a falta de compromisso. A segunda é o não posicionamento propriamente dito. Os jovens não sabem explicar ou tem outras explicações. O fato é que, se somarmos essas duas opções, resulta que 26,0% da juventude não se posicionou de forma a explicar a questão dos negros pelo preconceito e discriminação social. Boa parcela da juventude ser menos preconceituosa, entretanto, uma parte prefere não se posicionar de forma clara.

Muitos jovens atribuem mais esse tipo de preconceito aos adultos. Ao ser questionada se existe preconceito entre os jovens, uma grande maioria tende a responder que sim, mas afirma também que os preconceitos são mais frequentes no mundo adulto. Essa observação vale tanto para jovens de estratos mais elevados como para os de classe baixa. Vejamos os dois casos:

Existe. Meu pai não gosta de negro e nasceu um filho da minha cor (jovem morena). Minha vó era outra, ela odiava negro, nasceu 5 filhos homens, 5 negros.

Mas tem uma tia minha, a tia Fátima. A filha dela, ela pode casar como um aleijado, com o que quer que seja, mas se ela se casar com um negro, ela mata a filha dela (jovem de escola particular).

Eu acho que os adultos têm mais preconceito do que o jovem, os adultos. Eu acho que o jovem não, porque a gente vive com ele.

Não sinto não, eu acho normal. Só com os adultos. Os adultos acham que os negros... eles pensam que é marginal, negros. É policial. Uma vez tava lá na parada do ônibus, sabe? Eu e mais dois colegas meu. Eu tava arrumado com os meus colegas, os policial foi chegando pra mim, pediu os documentos de mim, mas não pediu dos meus colegas que tava lá. Isso é preconceito, não é não? Eles tão sempre em cima, só se for com negro, os policial (jovem dependente de droga).

Este depoimento é de um jovem negro que se ressentido do preconceito dos adultos e especialmente dos policiais, mas é uma opinião compartilhada por outros do grupo que são brancos:

Eu não entendo como uma pessoa... pode ser adolescente, adulto. Eu não entendo como é que uma pessoa chega... por exemplo: uma pessoa é nega né, a pessoa chega e diz: “macho, por que tu tem essa cor? Por que tu é assim?” Eu não entendo como é que uma pessoa tem coragem de chegar e chamar uma pessoa dessa cor, por quê? Ele não é de osso,

ele não é igual a essa pessoa? (jovem dependente de droga).

Agora, o preconceito em relação aos pobres e marginais ou quando, geralmente vem associados pobres/marginais é bem mais discutido pelos jovens, além de ter sido eleito o maior preconceito da sociedade em geral, por mexer com o fator econômico e com a aparência das pessoas:

Os jovens de poder aquisitivo maior, em especial, consideram muito a questão financeira. Quando indagados sobre se existe preconceito entre as pessoas e os jovens, a resposta vem de imediato. Observemos esse diálogo:

Aluna: Existe. Principalmente condição financeira(...) Financeira é o fator principal. Principalmente na sala, na minha sala pelo menos, assim, todo mundo se conhece. Mas tem o lado só os plays...

Aluna: ... na sua sala só tem os cu doce, Mas na minha não. Na minha sala tem os normais, na da ... são os revoltados...

Aluno: Mas a questão financeira é a pior coisa. A diferença é quando...

Pergunta: Então é econômica...

Aluno: É econômica. Eu duvido que um playboy vai se envolver com uma menina de periferia. Nunca, nunca!

Aluno: Nenhuma menina. Principalmente uma menina, ela nunca vai se envolver com um cara pobre. Nunca! Principalmente isso (jovem de escola particular).

Nesse diálogo, observa-se o viés do econômico perpassando o discurso como ponto fundamental que produz desigualdade e, conseqüentemente, o preconceito de classe. Seja atribuindo o preconceito aos jovens, seja atribuindo à sociedade em geral, a questão econômica e, principalmente, a da aparência são essenciais:

O pessoal vai muito pela aparência. Se você for sair de bermuda ou chinela, pensam logo, “olha o marginal, olha o surfistão”. Hoje depende da aparência, se você chega na loja bem vestido, sem dinheiro no bolso, vão logo lhe atender, mas se você chega mal vestido, cheio de dinheiro no bolso, atendem mal (jovem de escola particular).

Agora, nos grupos de classe baixa como os de escola pública da periferia, grupos de infratores e as “tribos”, o fator econômico também aparece, mas com outra conotação, com forte tendência à revolta:

O preconceito existe. Nós aqui, nossa turma aqui já tem preconceito. Uns dizem, olha ali, bando de vagabundo, marginal fazendo tudo que não presta... o pessoal malda muito da juventude, se a gente veste uma calça frouxa, uma roupa frouxa, chapéu, uma blusa grande, o pessoal critica mesmo... (jovem de galera).

Existe forte relação entre o visual do jovem, ou seja, o modo como ele se veste, a sua cor, a sua condição na escala social e o fato de participar de turmas envolvidas ou não em situações de infrações. O fato de vestir roupa frouxa, usar boné, andar em turma e ainda ser negro já é um forte indício para ser alvo do “preconceito visual”, como afirmou um jovem skatista e um jovem dependente de droga:

Existe muito preconceito visual, entende? De cor nem tanto, por causa que você é negro aqui, mas se você andar bem vestidinho, você é um cara considerado. Agora se você é branco e você anda todo fogação, você é malandro, é maconheiro, é funkeiro” (jovem skatista).

A gente sente preconceito de roupa, de cor né. Você tá com a roupa melhor do que a minha, aí tem uma patota de amigos ali conversando, e eles ficam falando da minha roupa e da minha cor. Eu já passei, já ouvi eles falando, comentando sobre a minha roupa. Eu se fiz que não tava nem olhando. Nem ouvi, passei foi direto. Isso é preconceito, isso aí (jovem dependente de drogas).

O fato de serem pobres revela a consciência de pertença social nos segmentos mais baixos da sociedade que, por sua vez, são alvos fáceis do preconceito. A associação entre pobreza e violência feita pela sociedade é, para os jovens pobres, um tratamento diário que lhes é oferecido.

O preconceito contra os pobres existe muito, muito, muito grande mesmo!!! Um tempo desse já roubaram uma mulher ali...É só isso que rola aqui, todo mundo pensa que é aqui que roubou, alguém daqui. Aqui é uma instituição que abriga menino de menor, né. Eles pensam que vem da rua... só porque vem da rua, esse preconceito de rua, eles pensam que todo mundo daqui é ladrão, marginal. Todo mundo pensa que a gente fuma droga, fuma maconha aqui dentro. Todo mundo pensa isso, mas só que não é verdade, porque não pode rolar isso, ele que é monitor aqui, ele sabe disso (jovem dependente de drogas).

Há grupos de jovens, especialmente aqueles ligados à arte, como os skatistas e o *Hip Hop*, que apresentam ter uma visão de mundo com características de criticidade em relação às distinções de classe. Geralmente se referem aos ricos como “*playboys*”, linguagem muito comum entre outras parcelas de jovens. São grupos que criticam também o preconceito de pobres contra pobres. No caso do grupo *Hip Hop*, que ressalta a cultura juvenil através da música, o rap e do desenho, o grafite, esse tipo de preconceito contra os pobres associados à violência é representado como discriminação que vem de uma parcela da sociedade sem consciência de que a violência também vem de cima, das autoridades políticas e de segurança que, por sua vez, são acusados

de roubar muito mais que os meninos de rua:

Preconceito existe muito, como citaram, a discriminação ocorre muito mesmo... esses caras, esses playboyzinhos, esses caras do centro da cidade e tal, da aldeota. Esses caras. Que até pessoas que moram na periferia, que tem o poder aquisitivo maior do que outras pessoas, querem passar por uma, querem humilhar a pessoa e tal...

Porque como tem uma letra de rap nossa... que não é só o menino de rua que rouba, o poder, política e no Brasil quem não rouba?

O preconceito tá mais assim, no lado pobre, o rico discriminando o pobre. O rico discrimina muito o pobre e a polícia também, porque se a polícia passa numa viatura na Aldeota, nesses bairrozinhos onde só tem playboy, se a polícia passa lá: "Ah! Não vamos nem parar não, que só mora gente boa!" "Se desce na periferia, tem dois, três na calçada, mesmo com livro do colégio na mão, ele desce: "Mão na parede vagabundo!" Vai lá passa a mão no bolso da pessoa, não tem, "vão simhora vagabundo!" (jovem do Movimento Hip Hop).

São grupos que, através de sua arte, trabalham a cidadania, a partir da valorização do indivíduo e, principalmente, do jovem considerado "marginal", além da valorização da cultura local contra a cultura trabalha nos padrões dominantes da sociedade.

A partir dessa análise do preconceito de classe, é interessante comparar com a explicação da juventude em relação à pobreza. O que pensam os jovens sobre os pobres, por que as pessoas são pobres? E, de uma forma mais específica, como pensam os jovens nas diferentes classes?

QUADRO 73

EXPLICAÇÕES ATRIBUÍDAS À POBREZA SEGUNDO AS CLASSES

Qual a melhor alternativa que explica por que das pessoas serem pobres		Classe A	Classe B	Classe C	Classe D	Classe E	Total
Não se esforçam o suficiente	Nº %						
Não tem educação	Nº %	10 14,9%	38 18,1%	23 12,4%	31 15,9%	19 10,9%	121 14,5%
Por vontade de Deus ou do destino	Nº %	2 3,0%	8 3,8%	6 3,2%	29 14,9%	21 12,0%	66 7,9%
Porque não conseguem trabalho	Nº %	12 17,9%	38 18,1%	34 18,4%	41 21,0%	52 29,7%	77 21,3%
Porque não há terra no campo	Nº %	2 3,0%	1 0,5%	4 2,2%	5 2,6%	6 3,4%	18 2,2%
Ausência de política do governo	Nº %	25 37,3%	56 26,7%	45 24,3%	32 16,4%	25 14,3%	183 22,0%
Não tiveram oportunidades	Nº %	9 13,4%	51 24,3%	59 31,9%	42 21,5%	36 20,6%	197 23,7%
Outros	Nº %	3 4,5%	1 0,5%	1 0,5%	2 1,0%		7 0,8%
Total	Nº %	67 100,0	210 100,0	185 100,0	195 100,0	175 100,0	832 100,0

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Nos grupos focais, o preconceito contra os pobres é mais explicado e sentido por jovens das classes baixas.

Já nos questionários, os dados tornam-se mais claros e distribuídos em termos de classes. Observamos que, no geral, a opção que teve mais destaque foi “não tiveram oportunidades”, com 23,7% dos entrevistados, reforçando a concepção da falta de chances tão comentada nos grupos focais.

Distribuindo entre as classes, percebemos que a classe média é a que mais explica a pobreza pela falta de oportunidades, pois 31,9% dos entrevistados da classe C assim responderam, seguida da classe média alta, como a classe B, onde 24,3% também optaram por este item. Depois vêm as classes baixas, D e E, com 21,5% e 20,6%, respectivamente, que escolheram este item.

Em segundo lugar nas respostas gerais, vem a opção “ausência de política do governo”, com 22,0%, demonstrando que uma parcela da juventude culpa o governo pela pobreza. As classes altas, A e B, lideram com 37,3% e 26,7%, respectivamente: a classe média representa 24,3% e as classes populares, 16,4% e 14,3% para D e E.

A terceira opção escolhida pelos jovens, “por que não conseguem trabalho” (21,3%), é a mais próxima da realidade das classes baixas, que lideram com 29,7% na classe E, e 21,0% na classe D. A ênfase na falta de trabalho também foi questionada nos grupos focais. O trabalho é valorizado e concebido como a ponte para as oportunidades de uma vida mais livre e promissora, naturalizando a via tradicional da população de conseguir uma vida mais digna pelo trabalho.

A falta de educação vem em quarto lugar, com 14,5%, retratando também um ponto importante para a explicação da pobreza. Desta vez, os números não são tão diferentes entre as classes, mas há um dado novo. Estrato da classe média alta, B, lidera com 18,1%, logo seguida pela classe D, representada pela classe média baixa, que temos considerado no texto também como classe popular, com 15,9%, demonstrando que as classes baixas também consideram a falta de educação como um fator da pobreza.

Outras explicações foram menos escolhidas. Entretanto, há um dado que chama a atenção: o item “por vontade de Deus ou do destino”, onde 12,0% da classe E e 14,9% da classe D, ainda relaciona a falta de oportunidades a Deus e ao destino, como forma de explicação da pobreza, enquanto nas outras classes a percentagem é mínima. Quando os pobres falam de si, tentando explicar sua condição, revelam, ao mesmo tempo, um forte contato com a realidade injusta, sendo capaz de explicá-la pela falta de trabalho e de oportunidades, e um conformismo com sua condição, explicando-a pela vontade de Deus ou do destino e não por condições concretas.

Enfim, se observarmos bem os casos válidos de maior destaque, estes se referem a opções ligadas à idéia da falta de cidadania como um valor não trabalhado pela sociedade brasileira, uma sociedade que relegou as oportunidades de vida e os mínimos direitos do cidadão, especialmente o direito de trabalhar.

Os dados revelam que a juventude sabe explicar a pobreza com base na ausência de cidadania, de trabalho, de educação e, principalmente, de política do governo que garanta os mínimos direitos.

É possível relacionar isso a um outro conceito de cidadania, segundo Hannah Arendt (1991), que é exatamente a oportunidade de pertença ao espaço público do discurso, onde as pessoas têm oportunidades de participar, não só dos bens e serviços que o Estado deve oferecer, mas também oportunidade de

falar, de interagir pública e politicamente. É o conceito de Gilberto Velho: *a noção de cidadania imbricada à consolidação de um espaço público onde indivíduos interagem e negociam politicamente* (Velho, 1996:14).

Com todos os valores ora discutidos em relação aos preconceitos e, em especial, ao de classe, com todos os percalços e à sua maneira, esses dados retratam que a juventude, com seu modo de ver e viver suas opções, suas táticas e ações que passam pela religião, família, escola, música, arte, esporte e violência, enfim, pela sua cultura, tem representações fortes do que é cidadania. Dessa forma os jovens demonstram ser, apesar da ambigüidade que lhes marca, candidatos à negação do preconceito e aceitação do outro como diferente e como cidadão.

SINAIS E CÓDIGOS: EXPRESSÕES DE CIDADANIA

Diante das considerações anteriores, podemos buscar o significado de cidadania trabalhado pelos jovens, para além de definições baseadas somente na noção de direitos e deveres civis e políticos; direitos que, muitas vezes, se resumem no direito do cidadão de escolher seus “representantes”, de votar e de se deixar representar por eles nas decisões do País, sendo excluído da participação e da negociação direta nas decisões políticas do Brasil. (Santos, 1994)

A cidadania, de certa forma, não é definida teoricamente. A juventude manifesta sinais, códigos, modos de ver e agir sobre suas vidas, que expressam cidadania. Para definir cidadania, os jovens geralmente associam os direitos básicos, especialmente o trabalho, porque garante a possibilidade do consumo, ao prazer de viver fazendo o que se gosta. “Isso é uma liberdade”:

Trabalhar e ter o seu modo de viver do jeito que quer, isso é uma liberdade, seu espaço. Você viver... pelo menos eu gosto de viver, gosto de fazer o que eu gosto, eu não, ligo o que a pessoa pense, a gente não faz isso. Porque... não, eu gosto de fazer o que eu me sinto bem... (jovem de grupo religioso).

É a primeira noção de liberdade que os jovens passam, o direito à liberdade, seja nos grupos de classe média ou baixa, quando expressam a luta pela libertação da prisão dos pais ou uma liberdade no seu sentido de luta para conseguir o espaço próprio, para fazer o que gosta. O trabalho é algo almejado como o lugar das oportunidades de conseguir esse espaço, especialmente entre as classes baixas. A educação, o lar, também, são alvos de busca para os jovens, valores que retratam o que pensam sobre direitos e deveres:

Ele tem direito de estudar, de ser respeitado. Ele tem dever de trabalhar, conseguir o dinheiro dele, fazer as coisas dele.

Minha mãe diz assim: “você é muito nova pra trabalhar!” Mas eu quero trabalhar, pra mim depender só de mim mesma. Porque meu pai lá em casa, é muita gente pra dá de comer e só ele trabalha. Então eu quero ser independente pra mim trabalhar, pra mim comprar as coisas pra mim e pra minha mãe. Eu acho que os deveres deles é a gente fazer as coisas de casa, pra depois fazer as de fora (jovem de escola pública).

Essa fala é de uma jovem de classe baixa, o que demonstra, comparando-a a outras falas, em questão de gênero, que as mulheres se referem bem mais aos deveres como deveres domésticos, baseados na regra estabelecida de que as mulheres é que devem fazer as “coisas de casa”. Enquanto isso, uma jovem de classe média também busca o valor do trabalho do lar e do lazer, e especialmente da educação, como uma ponte para o sucesso, mas não se refere aos deveres domésticos:

Primeiro lugar é o estudo, ó! É. E ter uma boa profissão.

Direito: divertir, estudar, educação, saúde...Estudo e saúde é essenciais, porque com o estudo a pessoa vai se fazer na vida, saúde é essencial, né. Dever é não deixar a oportunidade do estudo passar... É o tipo da coisa, sem estudo, o que você faz sem o estudo? Nada. Você não sabe sair do canto (jovem de escola particular).

Numa sociedade de consumo, em que as oportunidades de emprego são escassas, isso parece ser idealismo. Todavia, a juventude expressa escapes, formas de enfrentar a falta de oportunidades e aproveitar as que aparecem, maneiras de ultrapassar a rotina e a mesmice, que se traduzem em ações diversas.

Alguns jovens encontram na violência e suas manifestações uma válvula de escape para a tensão da rotina e o enfrentamento do dia-a-dia, dos direitos negados, diante da insistência de uma sociedade baseada no consumo, no ter e na valentia como imposição de autoridade e forma de valer o respeito.

Alguns jovens, pertencentes a instituições que abrigam meninos, mesmo sem demonstrar uma definição clara de direitos e deveres, se reportam à realidade ambígua em que vivem, do “dentro” e do “fora” da instituição. Para cada lugar buscam se afirmar:

Na instituição -

Se a gente dormir no quarto, nosso dever de fazer, merendar na cozinha, depois lavar, depois lavar as cadeiras... (jovem infrator).

Fora da instituição -

Da porta pra lá, meu dever é, rapaz, é um dever que eu tenho é de, eu

roubar pra mim drogar, um dever que eu tenho lá fora, porque se eu não roubar em num me drogo, pois é...(jovem infrator).

Com um tom de revolta, reafirmam sua condição de meninos de rua, cujo “dever” é furtar e roubar para ter o “direito” de se drogar. Sua noção de direitos e deveres está diretamente relacionada à sua condição de viver na rua, e na instituição com suas regras de comportamento.

A forma de escapar de outros jovens é a própria integração à vida comum no trabalho, no lar e na escola, na busca do lazer, sejam os pertencentes às classes baixas, sejam os de classe média, como percebemos ao observar os valores do trabalho, do lar, da educação e do lazer.

A pessoa tem que cuidar da profissionalização, tem que se capacitar, fazer cursos e eu acho que o pessoal está saindo muito, show, festa todo dia (jovem de escola particular).

Mas, também, falam no lazer, na busca de diversão:

Tem que ter diversão, mas se ele não pode, acho que ele fica até assim, vai se divertir como pode (jovem de escola particular).

Elegem o direito ao lazer e ao prazer como o principal, seguido das afirmações de integração a vida cotidiana do cidadão:

Direito né, curtir a vida, e os deveres, fazer as coisas de casa (jovem de escola pública).

Em termos de lazer, encontramos grande parcela da juventude que se entrega mais à festa como o lugar do prazer ou da fuga dos problemas, embora, algumas vezes, esses espaços conquistados pelo mundo juvenil sejam alvos também de confusões, brigas, enfim, de violência.

E há, ainda, aqueles que se refazem como pessoas, que passam a exercitar a cidadania com maior rigor, pensando nos direitos e deveres individuais e coletivos, quando se associam a grupos, sejam os mais diversos: grupos ligados a arte, como o Hip Hop; ao esporte, como os skatistas, grupos de jovens religiosos, de movimentos sociais, enfim, grupos que reclamam uma vida socialmente significativa, baseados numa sociabilidade juvenil que, para além da violência, buscam o respeito, os valores humanos e sociais, a dignidade e a imposição de sua condição de jovens.

Eu acho que o direito de um é o direito de todos. Cada um tem seu direito de viver e andar como a gente quer, sem ter opressão. Os deveres fica tipo a mesma coisa, cada um tem seu dever, cada um faz cumprir seu dever (jovem skatista).

A dignidade de uma pessoa, ter o direito de viver com dignidade, que são os direitos básicos pra cada pessoa... o direito à moradia, o direito

à saúde, à educação, ao lazer, à cultura. O direito de ter direito, que isso hoje estão cada vez mais tirando, a gente ter o direito que inclusive é garantido por uma lei que foi feita por uma minoria, mas que essa minoria quer tirar da gente esse direito. Eu acho que passa muito por uma questão até ideológica, a partir do momento que a gente tem a dimensão dos nossos direitos, e aí que eu coloco muito essa questão de a gente ter o dever também de ir atrás dos nossos direitos, que eu acho que é o nosso dever crucial, nosso dever maior é de buscar, saber buscar, procurar até a dimensão dos direitos que a gente tem, porque parte muito daquela história, que o direito que eu tinha também é o direito do meu companheiro que tá ali do lado, e que, se ele também tem o direito, eu tenho o dever de respeitar o direito dele (jovem de movimento estudantil).

São grupos juvenis que, por se identificarem como “tribos” e/ou movimentos organizados, se mostram mais conscientes da noção de direitos e deveres, quando, com suas especificidades e a seu modo, exigem da sociedade, dos governantes, espaços para os jovens viverem em condições dignas. Essas exigências se traduzem na busca das oportunidades sociais, como o direito ao estudo e ao trabalho, à moradia, à saúde, bem como na busca de viver com liberdade no seu espaço próprio, no seu dia-a-dia, com os próprios conhecimentos.

Assim, no que se refere a direitos e deveres, os jovens se posicionaram de três formas diferentes: a forma *normalizada* de ser cidadão passivo definida pelo Estado; a forma *consciente e democrática* de que são cidadãos aptos a ter direitos e deveres e também habilitados a interagir com os problemas sociais e negociar com o Estado; e por último, a maneira criativa, pela qual, independentemente da consciência cidadã, buscam conquistar o próprio espaço. Essas três dimensões podem aparecer separadas, entretanto, são imbricadas.

A primeira é a postura natural embutida na idéia do cidadão obediente às leis, trabalhador, honesto, mesmo que a lei seja uma realidade longe demais para um jovem, principalmente quando envolvido em infrações, mas ainda é vista como o que deve ser certo. Além disso, o cidadão é o portador de documentos e de direitos e deveres, especialmente em relação à escola e ao trabalho, que devem ser proporcionados pelo Estado. O trabalho é visto tanto como um direito como um dever.

Ser cidadão é ter um trabalho digno, não fazer coisas erradas, não ficar furtando, não ficar fazendo coisa contra a lei, né (jovem infrator).

Hoje em dia, os direitos e deveres que o jovem deve ter, envolvendo a questão da cidadania, né, eu acho que todo jovem de hoje deveria ter

uma escola certo? Uma boa educação. E como dever, certo? Eu acho que todo jovem deveria trabalhar. Eu acho que o jovem, adolescente nessa época, ele deveria reservar um expediente para o trabalho, certo? Porque assim, era uma forma de afastar mais ele das ruas, da violência, da criminalidade (jovem integrante do movimento Hip Hop).

Outra forma de ser cidadão é possuir documentos:

Quando eu fui tirar minha identidade eu senti a sensação que tava virando um cidadão, sabe? Tendo um documento eu ia ficar importante, porque eu tinha um documento, né? (jovem dependente de droga).

O ter documentos é ressaltado mais por jovens que sentem bem de perto o preconceito de classe, pelo sentimento de não pertença à sociedade, por serem marginalizados pela condição de pobres, meninos de rua, ou pela inserção em turmas juvenis violentas ou não, mas marcadas pelo estilo de roupa e forma de falar. São jovens que sentem de perto o preconceito nos olhares das pessoas e, bem mais, se sentem alvos dos policiais. Ainda em relação a possuir documentos que garantam a cidadania:

Eu não tinha nenhum documento não, eu tirei aqui o registro, a identidade. Eu acho legal pra caramba! Agora eu vou ser gente, eu tenho o documento, tudinho, coisa que eu não era. Antigamente eu andava sem documento, sem nada lá, agora eu vou andar, isso é que é bom. A sensação que você tem é que quando a polícia pegar, agora tem um documento pra mostrar (jovem dependente de drogas).

Cidadão é aquele que não é surpreendido pela polícia para ser revistado, e, principalmente é aquele em quem a polícia não bate, porque cidadão não é alvo da polícia, pelo contrário, é quem denuncia o alvo, ou seja, é quem incrimina o chamado “bandido”. No íntimo, os jovens nessa condição desejavam ser cidadão.

A segunda forma aparece mais em grupos organizados, movimentos juvenis que, geralmente, se reúnem em torno da discussão dos problemas ligados a arte, em busca de ações mais voltadas para a superação desses problemas, como a falta de oportunidades, a violência etc. Esses grupos, ordinariamente relacionam a noção de direitos como a educação e o lazer com a idéia de luta, de conquista por esses direitos, visto que estão conscientes da não garantia por parte da sociedade e das autoridades políticas. Os deveres ultrapassam os civis e políticos, na noção de que é dever do cidadão se organizar e lutar, enfim, exigir seus direitos. É a idéia de participação política como um fator essencial para a cidadania.

Eu acho que o jovem tem direito à educação, direito ao lazer, direito à

saúde. Agora os deveres, zelar pelo que tem, se tiver ele tem que zelar, se ele não tiver ele tem que lutar. Por exemplo: se você é um grupo de jovens e na sua comunidade não tem uma praça, você quer que tenha uma praça. Se reúna com outros jovens, faça um comitê, faça uma mesa redonda, faça um abaixo-assinado e vá lá na câmara dos vereadores, vá pedir! Vá lutar pelo que você quer! A gente tem direito, mas se eles não dão, a gente tem que ir atrás, da melhor maneira possível (jovem de grupo religioso).

Os jovens com essa tendência que poderia ser classificada como mais crítica percebem que os direitos não são dados, devem ser buscados e, inclusive, criticam o sistema político brasileiro em relação ao sistema de outros países, ao refletir sobre um dos direitos principais demonstrados em suas falas, que é o direito à escola e ao trabalho. Criticam a precariedade do sistema e a falta de oportunidades para o jovem conciliar trabalho e estudo, o que consideram fundamentais para o bom desenvolvimento da pessoa em todos os sentidos, inclusive como meio de retirar os jovens da violência e do mundo do crime.

... o estudo é tão precário de um jeito, que o cara vai pensar assim, "eu vou trancar o dia todinho, à noite eu vou pro colégio". Aí o cara pensa assim, quando chegar no colégio chega de cabeça quente... aí o cara fica naquilo, o dever dele é estudar e trabalhar. O cara vai trabalhar e o estudo é precário. O cara não tem material didático, pra pessoa pesquisar, pra pessoa aprender, aí... passa o dia todo trabalhando, vai estudar. Aí não dá! Eu digo que o dever do adolescente é estudar primeiro, ter uma base bem legal mesmo, aí você se prepara, pra depois entrar no mercado de trabalho. Mas tipo assim, se a pessoa passa o tempo todinho estudando, trabalha, estuda... Aí terminei todinho, tô com tudo na mão, vou atrás de um emprego. "Ih! Cara, tu tá velho! Tu ficou velho demais, tu não vai arrumar emprego não!" É que na maioria das indústrias, fábricas, a maioria dos empregos quer pessoas novas, por isso que a pessoa, que às vezes os jovens se ocupa. Trabalha, ou trabalha ou estuda? Fica naquela pergunta, ou fica estudando ou fica trabalhando. Quando eu falo que o jovem deve estudar e trabalhar, certo? (...) existem países aí, certo, por aí afora que tem bolsas pro aluno estudar, em cima do que ele está estudando, ele tá ganhando ali. Um salário, meio salário, pra ele se manter. Fazendo curso! Aprendendo! Os cara tão ganhando dinheiro pra estudar. Tá entendendo? É muito diferente...(jovem integrante do movimento Hip Hop)

A terceira é a forma criativa, na qual os jovens, através de uma

sociabilidade própria, com seus códigos e valores, sabem que os direitos são limitados, que as portas lhes são fechadas e apresentam sinais que revelam uma maneira própria de pensar e viver a cidadania. Essa forma tende a adaptar as outras duas, visto que os jovens, de um de um modo ou de outro, estão integrados à sociedade em que vivem e, ao mesmo tempo, tendem a desintegrar-se dela, porque percebem na pele ou na consciência que são cada vez mais alvos do preconceito, da violência, da falta de oportunidades, enfim, da falta de cidadania e, por isso, são também rebeldes. Mesmo assim, é preciso fazer valer o ideal do direito e do dever, do não preconceito, o ideal da liberdade de viver a própria condição juvenil, seja pelos caminhos normais da escola e do trabalho, seja pelo caminho da procura, da batalha, da rebeldia, do conhecimento de cada dia, da forma escolhida de viver bem o dia a dia:

Eu acho que nós jovens, é mais essa coisa mesmo da descoberta do mundo novo, da rebeldia que a sociedade não compreende, que os pais querem reprimir... é essa coisa de você se descobrir enquanto pessoa, eu acho que é mais isso, da rebeldia, da cultura de você se colocar, enquanto uma, deixar de ser criança pra cuidar dos seus pais, pra achar uma pessoa...(jovem do movimento estudantil).

É assim, como por exemplo: Eu gosto de sair, aí tem gente que vem e diz assim: "Tu sai demais, não pára em casa." Eu gosto de sair, eu gosto de conversar, certo? Eu gosto de beber minha cervejinha, isso é uma coisa que eu gosto de fazer. Tu acha que eu vou deixar de fazer por causa das pessoas que fica me julgando? Eu não vou não. Cada pessoa escolhe o seu jeito de viver (jovem de escola pública).

Bem, o direito é ter o direito de respeitar, ter o direito de se for procurar um emprego eu não ter que procurar muito, a sociedade me proporcionar. Pra mim os dever, eu queria liberdade total. Mas dever, só os dever que o estado impõe, né (jovem skatista).

A idéia de liberdade e de viver do jeito que escolher persiste na leitura dos jovens. Liberdade total é não dever nada a ninguém, nem aos pais, nem às autoridades, nem a sociedade em geral, como no caso dos jovens de classe média que buscam bem mais se libertar "da prisão" em que os pais os colocam, e viver conforme gostam, saindo, buscando seus espaços. Enfim os jovens em geral buscam a liberdade de fazer o que gostam, seja através do lazer normal, do lazer violento, ainda por meio da arte e do esporte, da participação em turmas etc. A idéia da cidadania criativa é muito mais trabalhada por jovens inseridos em "tribos", turmas, que, organizadas ou não, contabilizam mais códigos e valores de uma sociabilidade juvenil enraizada no espaço que

constroem, seja o local de moradia e de lazer, a praça, o clube, enfim, o espaço construído. Esse espaço, mesmo destituído de bens e serviços mínimos ou mesmo odiados quando extrapolam em “guerras” e violências entre turmas, é valorizado como o espaço juvenil.

Nos Grupos Focais, os professores sugeriram que os jovens são mais adaptados àquela primeira forma de cidadania, muito ligada à idéia dos direitos civis e políticos, ou seja, os diretos à escola, à saúde, à moradia, que devem ser garantidos pelo Estado e, especialmente, o direito de votar.

Os educadores também disseram que os jovens conceituam a cidadania a partir da noção de direitos e deveres, e o direito se confunde com os direitos básicos que se confundem com os direitos sonhados, muito referidos pelos meninos que têm relação problemas econômicos, visto que percebem que são destituídos de direitos:

Os meninos tem o desejo de nível, a questão financeira é muito ampla, vem da questão de se vestir bem... os meninos ...a minha maneira de pensar começa muito pela questão da moradia, ter direito de entrar numa escola, ter direito de entrar em qualquer repartição e ser respeitado, né, ter direito de ir a um posto de saúde. Muitas vezes os meninos colocam que não são atendidos, porque já são tachados, porque sabem que é filho de fulano, sicrano, né? (educador de escola pública).

Para outros educadores, os meninos têm noção de direitos e deveres a partir da participação, quando a própria instituição é capaz de reunir os meninos e envolver-lhes nos problemas, a fim de discuti-los e resolvê-los. Além dos problemas, eles discutem a própria cidadania individual e coletiva:⁵⁴

Toda semana tem uma reunião com os meninos. A gente coloca o assunto da semana, que tem que ser resolvido e cada menino dá... fala o que ele pensa a respeito, e dá seu parecer... Tem uma votação, a maioria é que ganha né. A gente procura fazer isso pra envolver o menino... pra responsabilizar o menino com a entidade, com a vida própria dele... pelo menos os meninos daqui já sabem pensar suficientemente para dar um voto que correspondam ao que eles pensam.

Também aqui nós temos uma parceria muito boa com o movimento

⁵⁴ Uma observação aqui é importante. É posta por um educador de uma ONG, que abriga jovens dependentes de drogas, muito bem conceituada em Fortaleza. Portanto, essa situação é uma exceção em termos de realidade dos meninos que vivem em instituições de menores. Entretanto, é interessante frisá-la para percebermos que existem experiências concretas em que os meninos podem vivenciar e construir cidadania. Essa referência é confirmada pelos meninos que também foram entrevistados, mostrando que participam das reuniões, que opinam e decidem sobre os próprios problemas.

relacionado a meninos de rua... E aqui dentro nós temos uma parceria muito boa com o núcleo de base, que é uma organização onde esse organiza os membros. Dentro dessas reuniões é discutido muito a questão da cidadania, do individual e do grupo como um todo. Ele se saem muito bem. Tem uns dez meninos no grupo de base daqui, entra, discutem meso ótimo. O jornal, eles assistem o jornal e falam o que acham, e eu acho muito interessante, sabe? (educador de escola pública).

E quanto à política, o que os jovens estão pensando? É entendida como um meio de luta por direitos? Como estão sua participação e engajamento em manifestações políticas? Podemos perceber que a maioria dos jovens, independentemente de classe social e dos grupos onde são inseridos, demonstraram certa aversão à política e aos representantes da política, fazendo uma relação direta entre política e políticos.

A política hoje em dia num vale nada pra mim, num vale uma merda, a política... Nem sei não, esse negócio de política, eu num entendo não, nem quero entender porque é só um quebra-cabeça pra gente, o que é doido? (jovem de galera).

É tudo muito sem futuro esse negócio de política. Só tem é roubo! Eles gostam é de roubar. Político, é só roubo. Eles não participam, eles só participam nos votos. Só querem é ganhar voto. E não mudam nada... (jovem de escola pública).

Não, eu não acredito nesse negócio não. Porque pra mim, política, aquele grupinho ali, tudo ali acontecendo. Você acha que vai ter um que vai ficar vendo todo mundo tirar as coisas e ficar só olhando? (jovem de escola particular).

Política... a gente acha que nem existe mais política, porque quem tá aos poucos se apoderando do Brasil, o nosso país é os Estados Unidos cara, daqui a pouco o Fernando Henrique não existe mais, não existe mais presidente pro Brasil não... Burocrática, eu acho que nem pode chamar mais de política, sei lá, é um jogo muito sujo, muito roubo, tudo, tudo de ruim, muito junto, uma coisa muito... (jovem homossexual feminina).

Contra essa negação da política estão os jovens ligados ao movimento estudantil. Deixam claro o conceito filosófico e a postura política e partidária que se traduzem no discurso e na ação do militante político.

Assim, eu acho que a política, o ser humano, acho que é um ser político, então, acho que o ser humano por ser racional e sociável, ele naturalmente exerce a política. E o que é a política? É você lutar pelos seus interesses, pelos seus direitos, e o que eu acho uma das principais

obrigações do ser humano é o exercício da política, que é o exercício do convívio, é o exercício do aprimoramento, não só do indivíduo, mas utilizando individual pro coletivo, utilizando o coletivo para o indivíduo...

A política, ela tá ligada a alguma coisa que só os ser humano tem, que é a coisa do poder de decisão e essa coisa se reflete é nas relações e nas decisões que tem que tomar no dia a dia, que eu acho que sem isso não permitiria o homem a se relacionar com outras pessoas... (jovem do movimento estudantil).

Entre a maioria dos entrevistados, a política é negada. Entretanto, de uma forma confusa, como quem não compreende bem sobre o que está falando, há um posicionamento político nas falas dos jovens. O fato de odiarem e demonstrarem essa aversão é um fato político, visto que apontam o que deveria ser a “boa política”, fazendo comparações inclusive com outros sistemas políticos. E, sendo assim, estão percebendo a realidade da política do País, corrupta e injusta, quando deveria ser capaz, pelo menos, de salvaguardar os direitos básicos, o que não ocorre no Brasil. Será que os jovens são realmente despolitizados ou isto pode ser considerado a demonstração real de uma postura política de não compactuar com a corrupção política do Brasil?

Política pra mim é tudo igual, tá entendendo? Mas é uma desnecessária, mas é uma necessária, porque foi sociedade, foi grupo né. Agora resta saber o jeito que eles cuidam. A gente sabe que aqui é uma merda total, tá entendendo? Porque a política dos Estados Unidos é uma, a política do Brasil é outra. A política dos Estados Unidos pode ser exploração, pode ser o que for, mas tem escola pública boa, tem faculdade pública boa, ninguém pra... tem pobreza lá, mas não é tanto, se o cara quiser trabalhar, o cara trabalha mesmo. Agora, aqui não, aqui político é só sugar, são uns verdadeiros parasitas mesmo. Sugar, sugar e a gente tudo na merda, e eles lá no bem bom. Vão viajar pros Estados Unidos, Canadá, Japão, onde eles quiserem e a gente continua na merda, eles só sugando, sugando (jovem skatista).

Há casos em que, em contraposição a política já estabelecida do País, jovens mais politizados fazem o próprio movimento político, reúnem-se para isso e se consideram politizados pelo próprio movimento. No caso do Hip Hop, a política é desacreditada, mas ainda sentem fôlego para debater sobre o assunto e lutar por uma verdadeira política:

A nossa relação com a política, certo? Nós não acreditamos em partidos... não botamos muita fé na política em geral. Mas nós procuramos depositar nossa confiança naquela pessoa que a gente tá...

que a gente acredita que pode desenvolver um bom trampo numa... num poder executivo, né? Então passou-se campanhas aí, a gente sempre tá encostado da esquerda, certo? Não é acreditando que hoje a esquerda pode resolver a população, pode resolver os problemas do Brasil, de jeito nenhum. Mas a gente procura depositar confiança, geralmente naquelas pessoas que a gente confia, né? Campanhas passadas a gente teve com o Lula, certo? A gente acreditava e achava que ele deveria mudar o Brasil, certo? Entre aspas, deveria fazer algo construtivo, mais pros pobre, né, Então, é o seguinte, a nossa relação com a política é essa, eu não acredito mais na política. É porque a política hoje, pra você ouvir falar em política: “Ah! Todo mundo é ladrão, todo mundo rouba. Não sei o que!” Mas nós procuramos depositar a nossa confiança, certo? Nos políticos que a gente apoiamos, e colocamos lá no poder (jovem integrante do movimento Hip Hop).

A política é uma briga de cachorro grande, tá ligado? É porque tem muito, tem até muito pobre, conhecido da gente... um vereador... Só pelo dinheiro, não quer saber o que acontece, sabe o que o povo precisa, mas ele tá lá pra ganhar o dele. Ele vai pra ganhar o salário dele, morder um pedaço da verba do município e cadê a população... Então é por isso que hoje em dia a gente... eu pelo menos não acredito mais na política, tá entendendo? É um negócio muito difícil, até que eles me provem o contrário... eu pretendo ver o meu país evoluindo, eu pretendo ver o meu país crescer. Eu não vou me desmotivar, não vou desacreditar. Mas que no momento anda muito embaraçado, anda muito difícil! (jovem integrante do movimento Hip Hop).

Observemos o mesmo raciocínio que fizemos com a noção de direitos e deveres, ou seja, existem esses grupos mais conscientes e críticos em relação à realidade política brasileira. São grupos que fazem florir o conceito de cidadania participativa, real na sociedade brasileira. Entretanto, no caso do ódio à política, observemos que, com ou sem consciência, os jovens demonstram uma posição contra o estado da política atual. Com ou sem uma elaboração ou participação mais política, os jovens em geral se posicionam politicamente contra uma forma de fazer política errônea e injusta.

Eu acho que o governo tá fazendo é uma corrupção medonha. Um roubo a carteira de estudantes 4 reais (jovem de escola pública).

Política no nosso país, ela é muito corrupta, muito sem política, porque política já tá dizendo que ele é pra ajudar as pessoas que necessita e as pessoas que não necessita. Então tem muitas pessoas que vão lá pro

cargo, que vão ser nosso presidente, e não faz o correto, e não faz o que é pra ser, então o que é: escolas, postos médicos, é, ajudar o povo da periferia e outras coisas mais... (jovem infrator).

As respostas dos jovens à questão política nos chamam a atenção para a leitura que podemos fazer do entendimento e da participação política dos jovens em relação às classes sociais e ao gênero. Poderemos perceber quem participa mais da vida social e política, quem participa menos e até que ponto essa distribuição por classe e gênero se equilibra no terreno do engajamento político dos jovens. Observemos com muita atenção aos quatro quadros seguintes, que respondem à pergunta sobre os hábitos políticos dos jovens.

QUADRO 74

Sexo		Ler ou assistir ao noticiário sobre política			Total
		Sempre	Às vezes	Nunca	
Feminino	Classe A	19,4%	61,3%	19,3%	100,0%
	Classe B	20,8%	59,4%	19,8%	100,0%
	Classe C	16,5%	63,1%	29,4%	100,0%
	Classe D	11,2%	48,0%	40,8%	100,0%
	Classe E	5,8%	53,5%	40,7%	100,0%
Total		14,4%	56,6%	29,0%	100,0%
Masculino	Classe A	19,4%	61,2%	19,4%	100,0%
	Classe B	35,6%	49,0%	15,4%	100,0%
	Classe C	22,9%	54,2%	22,9%	100,0%
	Classe D	22,7%	43,3%	34,0%	100,0%
	Classe E	14,2%	44,0%	41,8%	100,0%
Total		23,8%	48,7%	27,5%	100,0%

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Este quadro nos mostra que, relativamente à informação ou a querer se informar sobre política via leitura e noticiário, a juventude optou, em sua maioria, pelo item “às vezes”. Mais da metade da população de mulheres, ou seja, 56,6%, só às vezes lê ou assiste ao noticiário sobre política, e 48,7% dos homens estão na mesma situação. Interessante é que, ao distribuir esses números por classes sociais diferentes, percebemos que os números não divergem muito, tanto em relação aos homens quanto às mulheres. Entre as mulheres, observa-se apenas uma diferença de, no máximo, 15 pontos percentuais entre a classe C, com 63,1% das entrevistadas, e D, com 48,0%, que representaram, respectivamente, a que mais votou e a que menos votou nesta opção. Entre os

homens isso também ocorreu, pois a diferença foi de aproximadamente 18 pontos percentuais, entre a classe A, com 61,2% dos entrevistados que mais optaram, e a classe D, com 43,3% dos entrevistados que menos optaram.

Os que “nunca” se interessam pela informação política correspondem a 29,0% das mulheres e 27,5% dos homens no total geral, também números equilibrados. Quando são distribuídos por classes os números crescem nas classes baixas: entre as mulheres pertencentes às classes D e E, a representatividade é maior, com 40,8% e 40,7%, respectivamente e, entre os homens, com 34,0% e 41,8%, para as classes D e E, respectivamente.

Parece-nos que os homens representam a parcela mais informada da juventude ou que, pelo menos, lêem ou assistem aos noticiários políticos. Neste quadro observamos que os homens, apesar de em menor número, são os que mais se informam sobre política. Eles lideram com 23,8% os que responderam a opção “sempre” em relação aos 14,4% de mulheres. Observemos que, com exceção da classe alta, A, com 19,4%, tanto para homens como para mulheres, em todos os outros segmentos sociais, os números crescem no quadro do sexo masculino: classe B, com 35,6% dos homens contra 20,8% das mulheres; classe C com 22,9% contra 16,5%; classe D, com 22,7%, contra 11,2%, e classe E, com 14,3%, contra 5,8% das mulheres.

Quando perguntamos se a juventude conversa sobre política, o que os números revelam?

QUADRO 75

Sexo		Conversar sobre política			Total
		Sempre	Às vezes	Nunca	
Feminino	Classe A	9,7%	67,7%	22,6%	100,0%
	Classe B	10,4%	57,5%	32,1%	100,0%
	Classe C	11,7%	48,5%	39,8%	100,0%
	Classe D	2,0%	38,8%	59,2%	100,0%
	Classe E	4,6%	32,6%	62,8%	100,0%
Total		7,5%	46,7%	45,8%	100,0%
Masculino	Classe A	16,7%	52,8%	30,5%	100,0%
	Classe B	20,2%	58,6%	21,2%	100,0%
	Classe C	13,3%	54,2%	32,5%	100,0%
	Classe D	5,2%	34,0%	60,8%	100,0%
	Classe E	4,4%	34,1%	61,5%	100,0%
Total		11,4%	46,0%	42,6%	100,0%

(45,8%), totaliza 92,5%, representando o desgaste com a política. Entre os homens, os números são parecidos: 46,0% para o item “às vezes” e 42,6% para o item “nunca”, totalizando 88,6%. Mas, é interessante prestarmos atenção nos que “às vezes” conversam, pois é uma parcela significativa que representa aqueles insatisfeitos, mas que ainda, algumas vezes, têm interesse em se envolver na questão política, lembrando mais uma vez, da postura ambígua, de um tipo de dúvida proposital e criativa que a juventude tende a desenvolver. Observemos, então, que dentro dessa parcela da juventude os que tendem mais a conversar às vezes são os de poder aquisitivo elevado: 67,7% e 57,5% nas classes A e B das mulheres e 52,8% e 58,6% nas classes A e B dos homens. Sendo assim, no item “nunca” uma parcela significativa respondeu que nunca conversa, principalmente entre as classe baixas D e E, com 60,8% e 61,5% respectivamente, entre os homens. As mulheres, com 59,2% para a classe D e 62,8% para a classe E.

Assim, a representatividade dos que sempre conversam sobre política é pequena, sendo os segmentos de classe alta que mais conversam. Nesse estrato social, os homens lideram com 16,7% e 20,2% nas classes A e B, respectivamente, com representatividade também na classe média, classe C, 13,3%, contra 9,7%, 10,4% e 11,7% nas classes A, B e C de mulheres.

Os dados revelam que não há grandes diferenças entre os números na distribuição por classe e gênero, que a juventude não tem dialogado sobre política, mas revelam também que são os homens das classes alta e média que mais se envolvem em política. Entre as classes baixas, a aversão à política é mais visível.

Os números também apontam para uma realidade de desigualdade social que faz a juventude cada vez mais se desinteressar por questões sociais e políticas, visto que elas não têm respondido aos seus anseios e que as oportunidades de realizações são cada vez mais distantes.

Relativamente à participação propriamente dita em manifestações políticas, os jovens demonstram uma não participação nos espaços considerados tradicionais, como movimento estudantil, partidos políticos e outras associações políticas, com exceção do Hip Hop, que tem ligação com a esquerda política. Entretanto, um dado curioso é que a maioria dos entrevistados, mesmo descrevendo de forma confusa, já participou ou pelo menos incentivou a luta por carteiras de estudante, fato acontecido em Fortaleza no ano de 1998, quando muitos jovens estudantes se reuniram e saíram às ruas para exigir a confecção e distribuição das carteiras estudantis. Sem entrar no mérito do movimento, porque não faz parte dessa análise, chamamos atenção para o fato de que a maioria dos jovens apoiou ou pelo menos aprovou o movimento, considerando que se tratava de um direito básico para eles, o direito de ter o passe estudantil,

que garante pagar a metade do preço nos transportes coletivos, nos cinemas e noutros espaços de diversão. Quando questionados sobre a participação em manifestações, muitos jovens se reportaram a esse movimento. Há uma descrição densa desse movimento:

Foi pelas carteiras de estudantes. A grande luta dos estudantes né, pela carteira... teve gente que esse ano ainda não recebeu carteira, foram no colégio atrás e não encontraram carteira. Então a gente se reuniu, chamou a Jangadeiro, chamou a Globo⁵⁵, chamou um monte de canto, né, pra passar. Aí a gente foi lá na câmara dos vereadores e os policiais não queriam deixar a gente passar, uma comissão de duas ou três pessoas, eles não queriam deixar passar pra conversar... E a gente se organizando lá, pedindo, enfrentando chuva, sol, sede, e eles nada de querer aceitar a gente né, porque a gente tava lutando lá pelo direito da gente. E eles geralmente dizem assim: "Vocês tem que ter paciência! Porque quando chegar a vez de vocês, vocês vão." É a cara deles dizer quando a gente tá nessas lutas. E se a gente fala alto, a gente grita, eles metem a chibata, atiram pra cima e não querem nem saber, não tão nem aí. Se matar, matou. Aí, quer dizer, se alguns de nós tiver armado, eles vão dizer que foi a gente que matou o outro. Não vão dizer que foi o policial que matou. E na vez que eu fui tava até o Inácio Arruda com a gente, porque ele é sempre de luta, ele sempre vai com a gente com quem vai (jovem de grupo religioso).

Eu já. Da passeata que tava tendo por causa da carteira, teve uma passeata lá na praça (jovem de escola pública).

Eu participei de uma comédia no centro, aí eles passaram em frente ao meu colégio, aí perguntaram quem queria ir. A maioria foi, porque o meu colégio a maioria não é assim, não é muito classe alta, sabe? Estudam lá, porque é barato e vêm do interior. Todo mundo reivindica os seus direitos (jovem de escola particular).

No geral, a participação política dos jovens é também alvo do baixo crédito da juventude. Quanto mais aproximamos "envolvimento/engajamento" da juventude em organizações políticas, mais decrescem os números dos que acreditam na política, revelando, também, como nos grupos focais, o grau de insatisfação e conseqüente afastamento da política e de suas formas de organização. Observemos o quadro seguinte.

⁵⁵ Referindo-se aos canais de televisão TV Jangadeiro e TV Globo.

QUADRO 76

Sexo		Participar de entidades estudantis			Total
		Sempre	Às vezes	Nunca	
Feminino	Classe A	3,3%	29,0%	67,7%	100,0%
	Classe B	2,8%	35,8%	61,4%	100,0%
	Classe C	10,7%	26,2%	63,1%	100,0%
	Classe D	2,1%	22,4%	75,5%	100,0%
	Classe E	11,6%	24,4%	64,0%	100,0%
Total		6,4%	27,6%	66,0%	100,0%
Masculino	Classe A	2,8%	25,0%	72,2%	100,0%
	Classe B	6,7%	21,2%	72,1%	100,0%
	Classe C	2,4%	26,5%	71,1%	100,0%
	Classe D	6,2%	30,9%	62,9%	100,0%
	Classe E	2,2%	27,5%	70,3%	100,0%
Total		4,4%	26,3%	69,3%	100,0%

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

No que se refere à participação política do ponto de vista prático, as organizações próximas da juventude, como o movimento estudantil, estão em baixa. Os que nunca participaram são a maioria, com 66,0% das mulheres e 69,3% dos homens, apresentando uma percentagem relativamente equilibrada em todas as classes. No item “às vezes”, permanece um certo equilíbrio, com 27,6% das mulheres e 26,3% dos homens, sobressaindo-se um pouco mais as mulheres da classe média alta, classe B, com 35,8%, e os homens da classe média baixa, classe D, com 30,9%.

Na pequena parcela que respondeu “sempre”, as mulheres se sobressaíram aos homens por apenas dois pontos percentuais, sendo representada por 6,4% de mulheres e 4,4% de homens.

Quando é mais próxima ainda daquilo que os jovens entendem por política, que é a ligação entre política e partidos políticos, o índice de participação é mais baixo:

QUADRO 77

Sexo		Participar de atividade político-partidária			Total
		Sempre	Às vezes	Nunca	
Feminino	Classe A	-	6,5%	93,5%	100,0%
	Classe B	1,9%	10,4%	87,7%	100,0%
	Classe C	1,0%	12,6%	86,4%	100,0%
	Classe D	-	7,1%	92,9%	100,0%
	Classe E	1,1%	14,0%	84,9%	100,0%
Total		0,9%	10,6%	88,5%	100,0%
Masculino	Classe A	-	2,8%	97,2%	100,0%
	Classe B	-	7,8%	92,2%	100,0%
	Classe C	-	18,1%	81,9%	100,0%
	Classe D	-	6,2%	93,8%	100,0%
	Classe E	-	5,5%	94,5%	100,0%
Total		8,5%	91,5%	100,0%	

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Essa quadro fornece dados bem representativos em relação à participação político-partidárias dos jovens, revelando o alto grau de descrédito para com a instituição partido político. Percebe-se, de imediato, que uma parcela mínima é engajada em atividades político-partidária, somente 0,9%, representada por mulheres.

É ponto comum entre os jovens, independentemente de classe, raça e sexo, a aversão aos partidos políticos e, muito mais aos políticos. Se quisermos mergulhar mais nos dados, perceberemos uma tímida parcela da juventude que respondeu “às vezes”: entre as mulheres, 10,6%, sobressaindo-se as jovens da classe E, com 14,0%, seguidas da classe média, C, com 12,6%, e da classe média alta, B, representada por 10,4%. Desta vez, houve uma exceção para as classes baixas, que demonstraram um certo grau de participação, perdendo apenas para os homens da classe média, que se sobressaíram com 18,1%, enquanto as outras classes mantiveram um percentual baixo. Percebe-se, também, que, embora com um percentual reduzido, as mulheres têm uma participação político-partidária mais ativa. Em relação ao quadro sobre informação política, os homens lideram, mas, em se tratando de participação, as mulheres se sobressaem.

No geral, a grande maioria de mulheres, 88,5%, e de homens, 91,5%,

nunca participaram desse tipo de atividade, com respostas equilibradas em todas as classes sociais.

Se o quadro 76 revelou o afastamento e o descrédito para com o engajamento em entidades estudantis, o quadro 77 revelou muito mais em se tratando de atividade político-partidária, repetindo a fórmula anterior: quanto mais se pergunta pela inserção em organizações representativas da política, e neste caso, os partidos políticos, mais os números crescem em relação ao não engajamento e à aversão à política, ainda mais quando se trata do objeto do repúdio: os políticos.

Assim, percebemos que o grau de desconfiança da juventude em relação à política abala o que eles pensam do sistema brasileiro como um todo. O que seria um regime democrático? O que seria uma ditadura? Até que ponto os jovens se preocupam com esses assuntos?

Observemos o quadro seguinte:

QUADRO 78

	Democracia é sempre melhor que qualquer outra forma de governo	Em certas circunstâncias é melhor ditadura que regime democrático	Tanto faz se o governo é democracia ou uma ditadura	Total
Classe A	76,1%	7,5%	16,4%	100,0%
Classe B	78,6%	7,3%	14,1%	100,0%
Classe C	58,4%	11,6%	30,0%	100,0%
Classe D	44,0%	20,1%	35,9%	100,0%
Classe E	45,2%	17,9%	36,9%	100,0%
Total	58,9%	13,9%	27,2%	100,0%

Fonte: Pesquisa direta UNESCO/ Fortaleza, 1999

Chama-nos a atenção o fato de que, apesar de a maior parte dos entrevistados, 58,9%, haver respondido que “democracia é sempre melhor que qualquer outra forma de governo”, uma parcela significativa, 27,2%, demonstrou não acreditar no regime e respondeu simplesmente que “tanto faz se o governo é uma democracia ou uma ditadura”. 13,9% escolheram a ditadura na segunda opção: “em certas circunstâncias é melhor ditadura que regime democrático”. Se somarmos com os dados da opção “tanto faz”, resulta em 41,1% dos que não dão crédito à democracia brasileira.

As classes baixas são as mais atingidas. É tanto que os dados nos revelam

que são os pertencentes às classes D e E os que menos optaram pelo regime democrático: 44,0% dos entrevistados da classe D e 45,2% dos entrevistados da classe E. Já nas classes A e B, 76,1% e 78,6%, respectivamente, optaram pelo item sobre democracia. Assim, foram as classes baixas que mais optaram por “tanto faz”, 35,9% na classe D e 36,9% na classe E contra 16,4% na classe A e 14,1% na classe B. A classe média atinge os 30,0%, demonstrando também seu grau de insatisfação.

Os profissionais também dizem que a juventude se posiciona contra a política do País, especialmente a política partidária, um argumento também compartilhado por eles. Para os professores os jovens não participam de manifestações políticas, com exceção de alguns que, em sala de aula e na época de eleição, trabalham o voto. Outros consideram os jovens alienados:

Particularmente meus alunos não participam. Mas na época da eleição, muitos deles votam. Eu fiz uma pesquisa aqui, pra saber em quem iam votar, sem persuadir ninguém. Só foi um levantamento. Eu queria dizer que eles tinham que votar conscientes, porque eles estão votando pela primeira vez, eles têm que fazer uma boa escolha, sem interferir, não posso interferir... Mas eles sabem exatamente quando se vai esculhambar o prefeito. Isso eles sabem. Quando falta alguma coisa na escola, a primeira coisa que eles dizem é assim, desculpe o termo: “esse vagabundo, esse ladrão do prefeito não manda nada!” Aí, num instante a política interessa a eles (educadora de escola pública).

Não, ninguém participa. A maioria deles são, a palavra certa é, são alienados. Eles não participam (educador de escola pública).

O fato de os jovens “esculhambarem” as autoridades políticas revela o interesse pela política na fala da professora entrevistada. Essa reação, que alguns chamam de alienação ou falta de interesse político, pode ser interpretada como uma postura política. O fato de estar contra os políticos e de “esculhambar” significa que os jovens não estão concordando com a forma de fazer política do País.

Os pais também se referem à política de forma contrária, participando do ponto de vista da política como o lugar da corrupção. E, em relação aos jovens, consideram que a sua participação política é mais com base na empolgação em tempo de eleição:

Pra mim, política é tipo um vírus, é contaminável. Eu ainda tô pra ver um que seja honesto, não existe. Eu tenho um cunhado que é vereador e eu digo: “Rapaz, pelo menos tu rouba? Roube! Que dê pra tu melhorar de vida. Roube muito!” Porque não tem político honesto! Não tem! Pode entrar honesto, mas logo, logo, ele pega o vírus.

Eles ficam empolgados em dia de eleição. Eles ficam muito empolgados. “Ah! Eu vou torcer...” Aí começam: “Eu vou votar naquele fulano”... aí eu digo: “tu vota como, menino?” É o que eu digo, só (pai de aluno).

Parece, então, que os profissionais e pais posicionam-se e situam os jovens na posição contrária à política, e esta, sendo alvo de interesse/desinteresse, empolgação/aversão, situação que reflete o que vínhamos trabalhando: os jovens têm sua construção sobre o que é política e uma forma própria de participar ou se retirar dela, o que demonstra também o seu posicionamento frente à cidadania.

Enfim, percebe-se que a juventude constrói sua representação de cidadania, não tanto definida no modelo de uma suposta sociedade democrática, baseada nos direitos e deveres do cidadão e na pertença social, mas, muito mais, como valorização da vida, como direito a uma vida digna, igualitária e justa. Isso aparece muito, quando os jovens falam do respeito, dos direitos e deveres da pessoa. É preciso entender que, muitas vezes, essas representações são construídas com base na busca de afirmação dos direitos negados e, assim, as noções de igualdade e justiça são muitas vezes substituídas pela noção de imposição pela valentia, pela violência, para garantir a presença. Não existindo a possibilidade de ter direitos, é preciso fazer valer, nem que seja pela força.

A cidadania é quase nula, limitada como valor objetivo e subjetivo, a partir da garantia de uma vida digna, baseada nos direitos e deveres sociais e políticos e no sentimento de ser cidadão, portador também de liberdade e de felicidade, que toda sociedade deveria fazer valer.

O fato é que, quando falamos de cidadania em relação aos jovens, logo podemos perguntar em relação ao futuro deles, visto que teimamos em buscar um futuro melhor, mais justo, no qual a cidadania seja valorizada, e aí nos perguntamos: que futuro, que cidadania? Se falamos o tempo todo em direitos, deveres e valores, a partir do ponto de vista dos jovens, em que medida eles colocam suas expectativas em relação a um futuro baseado nesses valores da cidadania? Essas perguntas só podem ser respondidas mediante a relação que estabelecemos entre o que pensam os jovens de diferentes estratos sociais e dos diferentes grupos em que eles se inserem no seu dia-a-dia. Assim, os jovens, dependendo da sua inserção na sociedade, exprimem o seu pensamento em relação ao futuro.

O grau de pertença a uma classe tem relação com o grau de pertença ao espaço público que garante a participação ativa do cidadão. O cidadão é aquele que tem os mínimos valores, do trabalho e do lar, como espaço para a dignidade, e é o oposto do menino que vive na rua, por exemplo. Assim, vamos indicar aqui que, para cada pertença nos distintos segmentos sociais, observaremos o

que os jovens pensam do futuro e como lidam com os próprios sonhos. O sonho de realizações é:

... sair da rua, ter um trabalho digno. E que as pessoas me olhem como cidadão, não como um menino de rua, um vagabundo. E que eu tenha a minha casa, viva com uma mulher que eu amo ou como uma mulher que eu possa amar, com meus filhos eternamente (jovem infrator).

A fala de um jovem descreve bem os dois lados da pertença, aqui e lá. Os de lá representam os que pertencem ao mundo social, cuja cidadania é objetivada nas oportunidades naturais de vida com família, trabalho, lar etc. Os que ficam aqui são os que não pertencem a esse mundo feliz. Os de lá são os que têm, são os cidadãos e, portanto, devem ter condições de ajudar os que ficam aqui; estes, por sua vez, vão vivendo... Que expectativas tem esse jovem?

Não viver sofrendo na rua né, sair dessa vida, sair dessa vida né, e essa pessoa que vai escutar essa fita que ajude muito a gente, que a gente tamo na rua aqui, agente, tá certo que lá, eu acho que lá, né nem tanto sofrimento aqui, porque, assim, como parece assim, porque lá, quando é um sofrimento assim, é morte de vez, mas lá, eu acho que eles passam bem né, aonde, pra onde eu tô mandando essa fita aqui, falando aqui e tudo, eu acho que eles passam mais bem do que a gente, porque eles têm né todo dia e nós não, tem dia que tem, tem dia que não tem, tem dia feliz, tem dia que tá ruim, e aí a gente vamos vivendo. Aí eu queria que essa pessoa escutasse, ajudasse mais a gente (jovem infrator).

Há, nessa fala, o suplicar da condição objetiva de “passar bem”, de ter como viver todo dia e não só alguns dias, “tem dia feliz, tem dia que tá ruim”. A expectativa que sobra é ir vivendo nos intervalos dos dias bons e ruins e à espera da ajuda dos de lá, dos que pertencem à vida social. A expectativa de uma vida normal, com uma família e um trabalho, é chamada de sonho:

O que eu tenho de sonho é que desde o início da minha vida e também assim desde o início que vivo na rua, pra mim... eu queria que a pessoa que tem possibilidade, que vai escutar essa fita, que ela ajudasse todos nós. Não só eu que tenho um sonho, todos nós que vive no meio da rua, todas as famílias querem ter um sonho. Então o meu sonho era preservar... ter uma família, que queria que essa pessoa que vai escutar essa fita, desse assim pra todos nós sobreviver, um emprego. Aí sim, iria ser um sonho que iria realizar a nossa vida (jovem infrator).

Essa fala é muito significativa e vai perpassar em várias outras. O sonho é algo que normalmente é de direito de todos: a casa, a família e o trabalho,

mas não é claro para todos, não é acessível para todos. Isto revela que a expectativa dos jovens, em relação à vida futura, está diretamente relacionada ao sentimento de pertença ao mundo social dividido em estratos distintos. Neste caso, há o sentimento e a consciência de pertença às classes baixas, haja vista que basta ter o necessário para *sobreviver*. Já não falam de viver, mas de sobreviver daquilo que os outros possam dar.

O mesmo discurso é retratado pelos dependentes de droga. O sonho do emprego é mais presente, existe com maior esperança, talvez pelo fato de morarem em instituições, onde desenvolvem cursos e oficinas de trabalho.

Eu não tô trabalhando lá fora ainda, né, porque não apareceu uma oportunidade. Vai aparecer uma oportunidade pra mim né? E os mais novos assim de que eu, de menores, ainda, tão se dedicando ainda, primeiro nos estudos, nos cursos. Quando tiver maior, fica mais fácil dele arrumar emprego né, lá fora (jovem dependente de droga).

Entretanto, o futuro é incerto para quem não pertence aos segmentos mais elevados economicamente, para quem não tem acesso ao mercado de trabalho:

Que não tem profissão, essas coisas assim. Que não atinge o mercado de trabalho... não chegou a oportunidade ainda, quando chegar a oportunidade...

E quando vai chegar? Na realidade, o futuro baseia-se no sonho pequeno, no sobreviver através do trabalho e do mínimo necessário, alcançável... Ter uma casa de dois compartimentos é o máximo do sonho da casa própria para ter um bom futuro.

O que eu queria na minha vida era arranjar um emprego... aí juntando meu dinheiro. Quando tiver bem muito, aí vou comprar uma casa pra mim, dois compartimentos pra mim morar. Mais melhor do que morar nessas casa alugada aí (jovem dependente de droga).

As mesmas expectativas perpassam nas várias classes, mas, em que medida cada um é capaz de vislumbrar futuro? Quem dos estratos mais altos pode sonhar com uma casa de dois compartimentos?

De acordo com estas as citações e com as outras entrevistas, podemos perceber que esse vislumbre depende da pertença social, ou seja, como isso ocorre nos grupos de estratos sociais mais elevados e como se dá nas classes baixas?

Além dos meninos infratores, outros jovens das classes baixas têm os mesmos sonhos. São também baseados na busca da trajetória normal de conseguir um emprego e uma família, mas podemos observar que, para cada

nível de pertença, para cada experiência de vida, esses sonhos tem mudanças diferentes. Os meninos de rua são extremamente envolvidos no sentimento da exclusão. Outros jovens das classes baixas como os de escola pública, os jovens de “tribos” e outros têm suas especificidades. Muitos tem a expectativa individual e coletiva baseada no sonho do trabalho e da profissão, mas, ao mesmo tempo, sentem que é um sonho distante:

O meu sonho é terminar meus estudos e me formar em medicina. Mas eu acho que isso não vai ser possível... não sei, eu acho que não. Porque meu sonho mesmo é ser uma dançarina, meu sonho maior é ser uma dançarina. Mas eu acho que não vai ser possível também... (jovem de escola pública).

Entre se formar em medicina e ser uma dançarina, a distância parece a mesma para quem não se sente pertencente a um mundo de oportunidades. Mas, estas falas são acalentadas por grupos de jovens mais envolvidos com a realidade. Esse envolvimento é mesclado pela inserção nos espaços juvenis, quer os lugares-padrão, como a escola, o trabalho e o lar, quer os espaços mais próprios da cultura juvenil do lazer: as praças, as festas, a música e a rua. É também o envolvimento que busca uma consciência em torno da realidade social injusta. Geralmente, o sonho é individual e coletivo para jovens de tribos e para os engajados em movimentos organizados, mas ainda permanece o sentimento de pertença ao espaço ligado à condição de classe. É isto que mais caracteriza a fala dos jovens em relação às perspectivas de vida daqui a poucos anos.

Eu penso realizar meus sonhos, conseguir meu futuro. Quero ter uma família, um emprego muito bom pra sustentar a minha família, conviver com outras pessoas novas, realizar outros sonhos e etc....

No meu futuro eu penso em tentar um vestibular, aí tentar uma faculdade, terminar, conseguir um emprego bom, construir uma família... E deixar rolar, continuar andando de skate, mesmo que eu tenha condições nunca me aplayboyzar. Eu pretendo andar com a galera aqui, que eu gosto muito. Meus filhos vão ser sempre underground, é tocar rock, andar de skate, sempre... (jovem skatista).

Já no movimento estudantil percebemos mais claramente a consciência do individual e do coletivo. Mas, a marca da pertença social também é presente nas falas, ainda mais nesse grupo que demonstra ter consciência da situação de desigualdade em que vive a maioria dos jovens e da população em geral.

Eu queria me sentir bem comigo mesma, ser feliz, entendeu, me sentir bem comigo e com minha família, de amar, de me realizar profissionalmente... então eu quero, é o sonho da maioria dos jovens,

é ter um emprego, um trabalho, um carro, um apartamento... eu quero suportar o dia a dia, se sentir bem comigo mesma, viajar, conhecer a Grécia, Paris, Londres...

Bem, eu espero que o que eu tô acumulando de conhecimento hoje na universidade, ele possa ser um conhecimento útil, entendeu, que a gente possa ser uma contribuição, que eu possa contribuir assumindo esse meu papel de sujeito transformador...

São depoimentos de jovens de classe média, pertencentes à universidade que, em torno do seu envolvimento com a militância política, esperam e lutam por um futuro melhor para todos e concebem assim sua tarefa política. Mas, a sua visão de futuro também tem relação com o fato de pertencerem a uma determinada classe, cujos desejos de trabalho, de ser feliz, de viajar são mais próximos para eles do que para os meninos de rua, os quais, de imediato, sentem-se menos inseridos na sociedade com suas oportunidades e mais insertos no próprio mundo destituído do vislumbre de um futuro promissor. O lar sobre o qual esse jovem fala não é o mesmo daquele referido por um jovem de classe média e alta. O trabalho também não. Enfim, os valores e expectativas de cada um dependem do grau de pertença à vida social.

Assim, os jovens pertencentes às escolas particulares demonstram vislumbrar, com maior determinação e certeza, o futuro que por eles espera.

Eu pretendo ir morar na Itália, isso é, estudar fora e fazer uma formação legal fora, pra voltar e usar isso aqui mesmo, sei lá, montar minha própria empresa, ser independente. Eu acho que é isso que todo mundo quer ser: É legal você trabalhar, mas é muito melhor ser independente, você ter o seu trabalho e viver bem disso, é legal você conquistar mesmo direitinho (jovem de escola particular).

A expectativa pro futuro é tirar a carteira né. Ganhar um carro. E sim, passar no vestibular. Aí depois eu me formar, ter um mercado de trabalho fixo na área que eu quero né, e depois ter uma vida equilibrada (jovem de escola particular).

Também o trabalho é o principal valor, a ponte para uma vida independente, mas a perspectiva é outra, a forma de vislumbrar é acalentada pela viabilidade de oportunidades que lhes são próximas. Os desejos de ser profissionais são mais fáceis de se mesclar com as oportunidades fornecidas pelo mercado de trabalho.

A juventude acalenta os seus sonhos e tem demonstrado lutar por eles. Embora o lugar do cidadão portador de direitos e deveres formais, o lugar da justiça, da participação e da pertença social não seja algo claro e definido para

a maioria dos jovens, a juventude vem montando estratégias e encontrando opções, escavando espaços, criando as próprias oportunidades de se impor frente à sociedade, que não oferece oportunidades de uma vida digna para a maioria da população.

Concluimos, em se tratando da cidadania, dos valores e expectativas, que há um discurso ambíguo, dicotômico entre a juventude. É claro que trabalhamos com especificidades de grupos diferentes e de classes diferentes, mas, no geral, essa característica foi central em suas falas. Assim, os jovens demonstram ter preconceitos diversos e, ao mesmo tempo, reivindicaram para si o lugar do não preconceito, quando o atribuíram mais aos adultos; souberam demonstrar, por um lado, o que são direitos e deveres e, por outro, não conseguiram mostrar como algo claro, visto que sabem que eles existem, que deveriam possuí-los, mas são destituídos das oportunidades de tê-los e, portanto, é preciso conquistá-los; demonstraram, também, não participação em eventos políticos e nas decisões políticas, seja em movimentos, seja na política partidária, mas se inserem em turmas organizadas ou não, integradas ou não à política partidária e a movimentos organizados. E assim, participam da criação de uma sociabilidade instituída pelas incertezas e instituintes de outras incertezas baseadas na vida cotidiana criativa, em termos de táticas para sobreviver, como disse um jovem de rua e para viver com prazer como afirmaram outros jovens, enfim, nas experiências vividas e aprendidas na vida diária, como diz Thompson, no “*habitus de viver*”. Embora as experiências e manifestações de violência também perpassem na sociabilidade juvenil com seus códigos violentos, isso não tem impedido que a sociabilidade seja constituída também com base nos seus valores, na sua forma de ver e pensar o mundo. A cidadania e o futuro são também valores e sonhos em construção, tanto com base nos espaços de cidadania instituídos socialmente, como a escola, o trabalho, o lar, quanto um valor instituinte a partir dos códigos juvenis, dos sentimentos e das experiências vividas em sua riqueza. Assim também Thompson (1981) retratou os valores:

Os valores não são “pensados”, nem “chamados”; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas idéias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e “aprendidas” no sentimento) no “habitus” de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção necessária (Thompson, 1981:194).

Dentro da construção de uma sociabilidade juvenil, os jovens tendem a reclamar o que tentamos definir como cidadania: o lugar da pertença a um

espaço público, onde os indivíduos possam interagir e viver com dignidade, o lugar do direito e do dever, da conquista do trabalho, do lar e dos bens e serviços públicos, e muito mais, o lugar da liberdade e da justiça, do lazer e do prazer de viver em condições plenas. Os jovens, em seus espaços diferenciais, têm encontrado espaço para o diálogo, para a troca de idéias, para a conquista de relações de amizade e companheirismo. É preciso que a sociedade saiba também dialogar com os jovens, saiba minimamente construir relações mediadas pelo discurso e pelo respeito ao diferente, enfim pela via da interação e entendimento que se pode constituir no espaço público da sociedade. É pouco? Talvez, pois estamos mais acostumados a ver relações mediadas não pelo discurso, mas pela violência e pela força, não pelo respeito, mas pela indiferença... Que tal prestarmos mais atenção para a construção dos espaços juvenis?

Percebemos, enfim, que a juventude cria as próprias definições de cidadania – cidadania jovem - expressa em valores e ações, e através de uma forma diferente e, muitas vezes, até exógena de participação e inserção social. Embora tendo trabalhado com grupos de jovens diversos, em termos de classe, religião, sexo, tipos de turmas, e apesar de todas as incertezas da juventude, a idéia de cidadania, no geral, se têm associado à busca de afirmação de coisas negadas, dos direitos negados e de uma busca maior de deslocamento da mesmice e da rotina, em favor da liberdade, da vida.

VISLUMBRANDO HORIZONTES

Falar de juventude é falar de homogeneidade e diversidade. A juventude se compõe de faixas etárias regidas por códigos e critérios próprios de classificação e pelos códigos e critérios do mundo adulto. Sendo assim, divide-se quanto às posições que ocupa e as experiências vividas de acordo com a percepção do que é adequado para esta ou aquela idade.

A juventude se divide e se recompõe a partir das apreensões do como devem ser as relações entre homens e mulheres, igualmente com relação à diversidade de representações que se ligam à percepção das cores de sua pele, de suas origens étnicas e de suas posições de classe.

Os jovens de Fortaleza provêm de lugares diferentes, pertencem a religiões diversas ou a nenhuma. Estão divididos em classes sociais que mantêm entre si relações de poder e de subordinação. Percebem e ocupam o espaço da Cidade, de modo múltiplo. Divergem em opiniões políticas e culturais.

Estes jovens estudam em escolas que se diferenciam em públicas e privadas, além de se diferenciarem em relação às concepções pedagógicas: quanto à qualidade de ensino e quanto à maneira de serem como alunos.

A sexualidade é vivenciada em torno de problemas comuns, como a gravidez, a AIDS, preconceitos sexuais. Namoram, “ficam”, paqueram, rezam, usam drogas, conversam muito e andam em turmas ou sozinhos.

Eles estudam e trabalham, estudam e não trabalham ou simplesmente trabalham. Contribuem ou não com seus ganhos para o sustento do núcleo familiar a que pertencem, ou por vezes, não pertencem a qualquer núcleo familiar, mas a outros tipos de instituição. Moram em casa ou na rua, ou experimentam as duas situações.

Uns encurtam sua permanência no tempo de formação escolar e penetram no mercado de trabalho, prematuramente, em função das suas necessidades econômicas; outros retardam sua entrada no mundo adulto prorrogando seu tempo de formação escolar, por suas condições socioeconômicas.

Podemos dizer que o trabalho infante-juvenil cumpre um papel relevante na exclusão social de milhares de jovens de nossa Cidade, não apenas pelo fato de retirá-los de sala de aula, mas, sobretudo, por ser um dos responsáveis pelo cenário de abandono e delinquência em que está inserida uma parcela da juventude.

Os jovens ocupam os espaços públicos mediados pelo cenário da violência; violência que se apresenta das mais diferentes maneiras: moral, simbólica, física, social, das discriminações sexual, étnica, econômica etc.

Situações experimentadas de violência reproduzem violências difusas

como respostas às agressões, humilhações e desrespeitos sofridos pelos jovens. Especificamente, estas manifestações de violência recaem com maior ênfase nos classes baixas. A polícia aparece como um contraponto destas ações, como geradora e como controladora. Poderíamos dizer que a polícia reflete de uma forma emblemática todas as concepções negativas e estigmatizadas da sociedade diante do mundo juvenil. Neste sentido, boa parte da juventude encontra sua forma de resposta pública, diante desse quadro adverso, pela reprodução da violência. A juventude se tem pautado, assim, nesta relação entre revolta e violência, entre desigualdades sociais e violência.

Não queremos reduzir o mundo de significação juvenil à violência. Ele é prenhe de diferenças e de busca de dia;ogos, desafios e descobertas, partilhas e solidariedades.

Enfim, a juventude é recortada por todas as variantes sociológicas que podemos aplicar ao conjunto de uma população, sendo que se torna mais sensível às oscilações entre o conjunto das oportunidades ofertadas pela sociedade e o conjunto efetivo das oportunidades de realizar uma vida considerada significativa.

Esta pesquisa voltou-se não apenas para os aspectos compreensivos sobre a juventude, a violência e a cidadania em Fortaleza. Também deu relevância às perspectivas dos jovens, seus educadores e pais, no sentido de enunciar, a partir desses atores, propostas que possam iniciar e/ou fortalecer iniciativas, no âmbito da esfera pública, de combate à violência e de afirmação da cidadania.

Percebemos que o fenômeno da violência e os valores que o engendram impõem ao conjunto da sociedade um esforço múltiplo, tanto à sua apreensão quanto ao seu enfrentamento. Propor formas de ações concretas e efetivas de superação do atual e ascendente cenário de violência no seio das relações do mundo social foi, antes de tudo, deparar-se com os espaços de conflito que tecem a engenharia da sociedade atual. Daí a empreitada não ter sido das mais fáceis para os entrevistados, pois isto refletiu o encontro direto de todos não com o fato isolado da violência, mas com a uma totalidade complexa em que ela é artefato direto e ao mesmo tempo sua artífice.

A violência, assim exposta, revela-se não apenas na crueza dos eventos, mas em sua gênese que invade as instituições sociais e as relações cotidianas, em seus microporos, e neste sentido, complexa, exatamente porque se nos revela não apenas como práticas imediatas, mas também mediatizadas pelas representações simbólicas e valores revelados, em suas ambiguidades, nas práticas de seus atores.

As propostas aqui demonstradas carregam consigo esta polifonia não redutíveis em si mesmas. Elas só podem ser apreendidas em profundidade se

tomadas em consideração no campo efetivo das realidades desses sujeitos sociais referidos, onde são criados os principais significados de funcionamento que atribuem ao mundo.

Sob este aspecto, o primeiro campo de significação de construção das propostas de combate à violência é revelador de que qualquer iniciativa não se efetiva ou se esgota apenas no campo das relações individuais, mas está vinculada, fundamentalmente, a mudanças no modo de gestão governamental dos bens coletivos, que constituem o espaço e o patrimônio do que se convencionou chamar de esfera pública. Neste sentido, a violência fundante é genericamente tratada a partir da ausência ou ineficácia das políticas públicas voltadas para garantia de educação básica, saúde, segurança pública *versus* impunidade, direito ao trabalho, moradia, entre outros bens de consumo coletivo, que têm marcado o atual cenário do País, e, em particular, da Cidade de Fortaleza.

Embora demarcado esse referencial, também fica expressa a importância da cooperação de todos, como que anunciando que cada um deve e pode fazer a sua parte, ou seja, sociedade civil e governo, na construção de estratégias de recodificação das práticas de violência no e do mundo juvenil. Do ponto de vista voltado para o papel dos governos e a realidade das crianças, adolescentes e jovens, o sentido das propostas vem sobre o esteio de que há negligência dos governos, principalmente na priorização de políticas voltadas à educação, o que implica acesso precário dos jovens e crianças das classes baixas à educação integral.

A escola aparece sob o signo da ambivalência, como espaço de efetivação e reprodução de relações de violência, ao mesmo tempo como instrumento eficaz de socialização, ressocialização e construção de identidades juvenis. Quando potencializada em sua vocação, a educação integralizadora aparece como possibilidade e realidade de negação das formas degradantes da violência no seio da juventude.

Sua ausência, concebida como produto da negligência do Estado na gestão dos bens coletivos, é representada por outro paradoxo: a rua. Esta aparece como uma das poucas (muitas vezes apontada como a única) opções de espaço de vivência e sobrevivência de crianças e de jovens. É o campo onde se revelam formas mais delineadas de violência, como a estigmatização, a discriminação, e, principalmente, a violência policial sobre essas crianças e esses jovens. Este é, assim, outro campo de construção de muitas propostas, que toma significado pela triste reivindicação para que seja respeitada essa única condição de sobrevivência para muitos, sem que sofram algum tipo de agressão ou discriminação, principalmente da polícia.

Enfim, um outro campo de gênese das propostas está fincado na

valorização da arte e da cultura como construção de outros canais de expressão da juventude, em oposição aos habituais, se entendida violência como uma forma dessas expressões de desencanto vivenciada em seu sentido polifônico pela juventude contemporânea.

A arte, assim, reaparece nas iniciativas experimentadas e ou vislumbradas de uma redefinição da violência como incentivo aos jovens ausentarem-se da rua, sem construir um lugar negado e estigmatizado sobre ela. A arte, neste sentido propositivo, é aqui tratada como um canal de evasão dos sentimentos de indignação, protesto e afirmação positiva da interação de novas sociabilidades de identidades.

O significado deste campo, apontado pelos entrevistados, revela a importância do investimento na arte e na cultura em geral, como uma possibilidade efetiva de resgate da dignidade dos indivíduos e seus desejos positivos, e como um caminho de reconstrução de perspectivas de cada um, feita de modo coletivo.

Tomando-se em consideração o potencial criativo e empreendedor dos jovens, vê-se no modelo atual do ensino fundamental a necessidade de se repensar formas criativas de envolvê-los, através de conteúdos que possam, de fato, abranger integralmente a juventude.

É nesta complexidade de valores e relações que emergiu uma série de propostas, de ações efetivas de combate à violência. Tais proposições surgiram a partir de consulta aos sujeitos da pesquisa, e estão agrupadas a partir de seis eixos temáticos: formação e capacitação profissional, ampliação e criação de espaços de lazer, educação e cidadania, adequação e melhoria do sistema educacional, justiça e segurança pública, e juventude e políticas públicas, relacionadas a seguir:

FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

1. Criar programas de formação e capacitação profissional e de reforço aos talentos dos jovens de Fortaleza, envolvendo as escolas, investindo nas artes, nas diversas modalidades de esportes e na criatividade da juventude.

2. Investir em programas de capacitação ao trabalho e à profissionalização dos jovens, através de cursos e oficinas profissionalizantes, ampliando significativamente programas em curso.

AMPLIAÇÃO E CRIAÇÃO DE ESPAÇOS DE LAZER

1. Criar espaços organizados de lazer na Cidade, destinados aos jovens.

2. Desenvolver atividades, nos diversos bairros, visando à ocupação do tempo, possibilitando a substituição de atividades que impulsionam práticas violentas.

EDUCAÇÃO E CIDADANIA

1. Aumentar o investimento para a produção e veiculação de programas educativos na TV.

2. Realizar campanhas educativas permanentes contra a violência e o uso de drogas, voltadas especificamente à juventude.;

3. Efetivar programas educativos e projetos sociais com vistas a possibilitar um aumento da auto-estima da juventude.

4. Desenvolver campanhas e iniciativas localizadas de esclarecimento sobre as questões juvenis e seus atuais desafios e perspectivas, junto às famílias e às escolas.

5. Assegurar o direito dos jovens de serem respeitados como pessoas humanas, nos diferentes espaços públicos ocupados por eles, para moradia ou lazer, sem que sofram discriminação nem violência física por parte da polícia.

6. Desenvolver programas de ressocialização voltados para a criança infratora, de rua, ou abandonada, adequados às necessidades e aspirações dessas crianças.

ADEQUAÇÃO E MELHORIA DO SISTEMA EDUCACIONAL

1. As Secretarias de Educação do Estado e do Município de Fortaleza devem investir na elaboração de projetos político-pedagógicos, que sejam vivenciados no interior de cada escola, de modo que seja desenvolvido e experimentado um modelo de educação oficial mais integrador e envolvente à vida e ao tempo dos jovens.

2. Governos estadual e municipal devem investir na contratação e em programas de capacitação de pessoal especializado em ações e iniciativas de reforço e desenvolvimento do talento dos jovens, para atuarem diretamente nas escolas e nos programas a eles voltados.

3. Reformular os conteúdos programáticos das disciplinas que propiciem às escolas constituírem-se em espaço de discussão e de repasse dos direitos e dos deveres da juventude.

4. Os governos devem priorizar investimentos públicos na área de educação, como forma de melhorar as condições de vida dos jovens, visando a combater a violência juvenil.

JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA

1. Aumentar o efetivo de policiais na Cidade, principalmente nos bairros, possibilitando maior segurança para a população jovem.

2. Investir efetivamente na capacitação das polícias civil e militar, propiciando-lhes condições de trabalho condignas, possibilitando maior adequação no tratamento humano junto à população.

3. Promover cursos de formação moral e de relações humanas para os policiais, visando principalmente a melhorar o modo de abordagem destes junto aos jovens de periferia.

4. Que o governo estadual efetive ações de moralização das polícias, com a adoção de medidas enérgicas de apuração de desabonadores e punição aos maus policiais.

5. Realizar campanhas e ações coletivas de combate à impunidade.

6. A Justiça deve ser mais eficiente e presente e deve agir, exemplarmente, em todas as transgressões cometidas contra crianças e jovens.

7. Reforço ao poder institucional da Justiça, voltada mais especificamente à criança e ao adolescente.

JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS

1. Criar uma Secretaria de Estado da Juventude voltada para a elaboração, execução e acompanhamento de políticas públicas, que visam à promoção e o desenvolvimento integral das crianças e dos adolescentes.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena W. **Cenas Juvenis**, São Paulo, Scritta, 1994.
- ABRAMOVAY, M. e ANDRADE, C. de. **Grupo Focal**. (Resumo para discussão) mimeo. S/D
- ADORNO, S. **Crime, Justiça Penal e Desigualdade Jurídica: as mortes que se contam no Tribunal do Júri**. In: Revista USP, Dossiê Judiciário, número 21, março/maio, 1994, Págs. 132 a 151.
- ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. **Violência, Identidade e Processos Organizativos: o Forró da Bala como cenário de análise**. Dissertação de Mestrado, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1995.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- BARREIRA, C. **Crimes por Encomenda: pistolagem e violência no cenário brasileiro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.
- _____ et alli. **À Espera da Justiça: assassinatos de crianças e adolescentes na Grande Fortaleza**. CEDECA-CE. Fortaleza: Expressão, 1999.
- BARREIRA, Irllys (coord.). **Os Desafios da Gestão Municipal Democrática: Fortaleza – 1993/1996**. Centro Josué de Castro – Instituto Pólis. Recife/São Paulo:1998
- BARROS, E. R. . Jornal O POVO, **Caderno do Leitor**, pág. 5, 18/04/99.
- BOUDON, R. & BOURRICAUD, F. **Dicionário Crítico de Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- BOURDIEU P. & PASSERON, J. C. “A dominação masculina revisitada”. in: Lins, D. **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papius, 1998.
- BOURDIEU, P. **Meditações Pacalianas**. Oeiras: Celta Editora, 1998
- _____. **A Reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1992.
- _____. **Questions de Sociologia**. Paris: Ed. Lês Editions De Minuit, 1984

- _____. **La Distinction. Critica sociale du jugement.** Paris: Les Editions De Minuit, 1979.
- DaMATTA, Roberto. “As Raízes da Violência no Brasil”, in: PAOLI, Maria Célia e outros. **A Violência Brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1982.
- DAMASCENO, Francisco José G. **Movimento Hip Hop Organizado do Ceará/ MH2O-Ce (1990-1995).** Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1996.
- DIÓGENES, G. **Cartografias da Cultura e da Violência - gangues, galeras e o movimento hip hop.** São Paulo: Annablume, 1998.
- DURKHEIM, E. **De la Division du travail social.** Paris, P.U.F., 1960.
- Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.** São Paulo: Helvética Editorial Ltda, 1992.
- ELIAS, Nobert. **Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991.** São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- JACOBO, J (coord.). **Juventude, Cidadania e Violência: o caso de Brasília.** São Paulo: Cortez Editora, 1998.
- _____. **Mapa da Violência contra Jovens no Brasil.** Rio de Janeiro: Garamond, 1998.
- Jornal O POVO (1999 Fortaleza, 03/01; 11/01; 12/01; e 18/04.)
- LÉVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude (orgs). **História dos jovens: da Antiguidade à era Moderna.** São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- OSWALD de A. in: Candido, A. e Castello J.A. **Presença da literatura brasileira**, 8ª edição. São Paulo, Difel, 1981.
- PAIS, José Machado (org). **Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea.** Lisboa: Gradefráfica, 1996.
- PETER, L. BERGER THOMAS LUCKMANN. **A construção social da realidade.** Petrópolis, Vozes, 1985.

- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.
- THOMPSON, E. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. *Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981*.
- VELHO, Gilberto & ALVITO, Marcos (orgs). **Cidadania e Violência**. **Rio de Janeiro**: Ed. UFRJ: Ed. FGV, 1996.
- WIEVIORKA, M. O Novo Paradigma da Violência. In: **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**. Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP – V. 9, n. 1 (maio de 1997) – São Paulo-SP, FFLCH, 1989. pp. 5-41.
- ZALUAR, A. **Da Revolta ao Crime S/A**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.
- _____ **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UFRJ, 1994.